

Revista *The Bard*

Poesia, arte e música

Ano 5 - Nº 23 - Edição Janeiro e Fevereiro 2024

www.revistathebard.com

MATÉRIA DE CAPA

A História da Pintura

PARTICIPACÃO E DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.



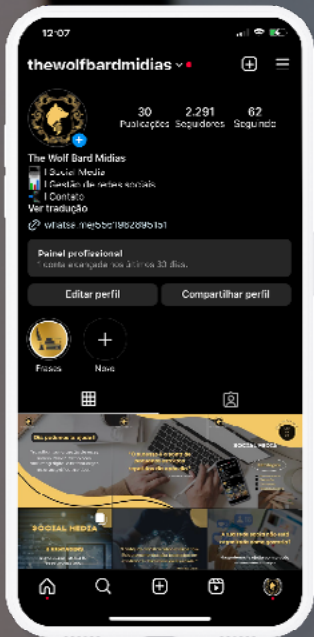
THE BARD
POESIA, ARTE & MÚSICA



ISSN 2764-9768



Está sem tempo para administrar suas redes sociais?



Nós podemos te ajudar com criação de conteúdo e design!



PLANEJAMENTO

Vamos entender o seu negócio, o que você oferece, quais são suas necessidades e onde e quando você quer chegar.



EXECUÇÃO

Utilizamos as melhores ferramentas disponíveis para ir além das expectativas e aumentar suas vendas.



CONVERSÃO

Alguém está procurando pelo seu serviço neste momento. Seja encontrado antes da concorrência.



RELACIONAMENTO

Sua empresa marcará presença na internet, não só para ganhar alguns likes, mas sim aumentar o seu faturamento.

Sobre a Agência The Wolf Bard

A Agência **The Wolf Bard** é um projeto digital qualificado para trabalhar na gestão de redes sociais, design, tecnologia, marketing digital e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

O nosso foco é estreitar a relação empresa/cliente, levando o nosso cliente a um patamar diferenciado dentro do meio digital. Atendemos clientes independentes e empresas de pequeno e médio porte, buscando sempre solucionar as necessidades digitais dos nossos clientes.

Além de acompanharmos todas as fases do seu projeto, desde o planejamento até a implantação, buscamos oferecer um produto final condizente com a qualidade da proposta inicialmente apresentada.

* Promoção do mês de DEZEMBRO 2023

- Planejamento e análise do instagram e facebook
- Gerenciamento de instagram e facebook
- Cartão interativo
- Criação de textos e chamadas persuasivas
- Postagens semanais + stories + reels + videos
- Edição de fotos e vídeos
- Criação de artes gráficas
- Relatório de resultados
- Mini site * (raiz de links)
- Divulgação dos clientes na Revista Internacional The Bard com uma página de publicidade com links.*



Deseja anunciar na Revista?

INSTAGRAM



CONTATO



E-MAIL





the
WOLF BARD
POESIAS FRASES & PENSAMENTOS

PROJETO

Revista The Bard

Poesia, arte e música



2764-9768



revista
THE BARD
POESIA, ARTE & MÚSICA

REVISTA



REVISTA ELETRÔNICA



REVISTA EM 3D



REVISTA EM PDF INTERATIVO

Fundada e idealizada por J.B. Wolf - Poeta, Escritor, Músico e Monarquista, a REVISTA THE BARD® faz parte da iniciativa THE WOLF BARD®, que é um projeto literário e artístico gratuito e sem fins lucrativos. Tendo a sua primeira edição publicada em Setembro de 2020 com edições mensais até Dezembro do mesmo ano, passando a ser publicada bimestralmente a partir de Janeiro de 2021.

Inteiramente gratuita, oportuniza com a sua publicação, as criações plurais, valorizando as artes, reconhecendo a capacidade humana em expor suas ideias, criações e produções em diferentes linguagens artísticas.

A REVISTA THE BARD® está presente em trinta Países e em cinco Continentes: África, Ásia, Europa, Oceania e América, abordando um conteúdo com amplo referencial cultural, estético e artístico em cada uma de suas edições. Possui quarenta e três colunas, com temas livres escritos por escritores, poetas, contistas, músicos, jornalistas, professores, pesquisadores entre outros, cada um expressando a sua arte, contribuindo para a construção e ampliação de conhecimentos dos seus leitores nos diferentes contextos sociais, usufruindo da oportunidade de exercitarem o direito de suas expressões artísticas.

A Revista tem um Site de avançada tecnologia AI e Feed RSS em PDF com acessibilidade para pessoas com deficiências visual e auditiva. Conta com três modalidades de acesso: Revista 3D, Revista eletrônica e PDF interativo com botões (links) direcionados para os sites, blogs, fanpages, perfis de seus participantes.

EQUIPAMENTOS, TECNOLOGIAS E PROGRAMAS



pngtree



ED. JAN/FEV 24

Edições



ED. Nov/Dez 23



ED. JUL/AGO 23



ED. MAI/JUN 23



ED. MAR/ABR 23



ED. JAN/FEV 23



ED. NOV/DEZ 22



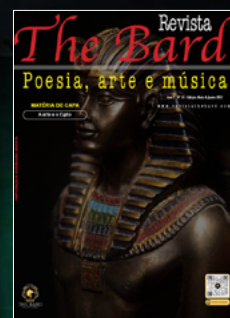
ED. SET/OUT 22



ED. JUL/AGO 22



ED. MAI/JUN 22



ED. MAR/ABR 22



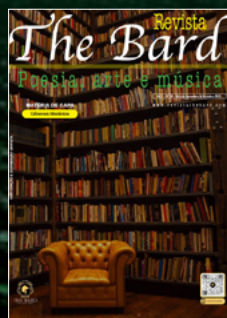
ED. JAN/FEV 22



ED. NOV/DEZ 21



ED. SET/OUT 21



ED. JUL/AGO 21



ED. MAI/JUN 21



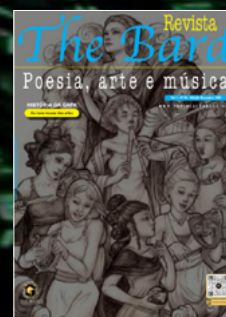
ED. MAR/ABR 21



ED. JAN/FEV 21



ED. DEZ/20



ED. NOV/20



ED. OUT/20



ED. SET/20



Revista Interativa The Bard

Caros leitores, é com imenso prazer que damos as boas-vindas à Revista Interativa The Bard Bimestral de Janeiro e Fevereiro de 2024. Um espaço dedicado à celebração da literatura, arte e poesia. Nossa missão é iluminar mentes, despertar emoções e inspirar a criatividade por meio das páginas desta revista.

Apresentamos o Selo litera-cultural The Wolf Bard com intuito de expandir e contribuir com o mundo das artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional desenvolvido para editoras e escritores. É uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para ter o selo The Wolf Bard.

Espaço dedicado aos nossos apoiadores da Revista que adquiriram o Certificado Impresso de participação.

Nessa edição vem com o tema “A História da Pintura” na Matéria de Capa, mostrando como a criatividade e técnica ao longo de séculos demarcam o movimento desta linguagem artística, por Ana Márcia Diógenes.

Em cada edição, vocês encontrarão uma variedade de conteúdos cativantes e estimulantes como o desafio para nossos leitores descobrirem de qual filme é o texto descrito nessa edição. A Coluna “E aí, qual é o filme?”, escrito por Lauro Henrique. A história será revelada na próxima edição e publicamos também o resultado da edição anterior;

E na seção de Poesia, convidamos vocês a se perderem nas palavras, mergulhando em versos que tocam a alma, despertam reflexões e exploram a profundidade do sentir humano, com os mais variados Poetas e Poetisas do Brasil, como também da Angola, Portugal, Argentina, França, Costa Rica, México, Peru, Bolívia, Chile, Cabo Verde, Panamá, Rússia, Alemanha, Itália, Canadá e EUA;

Além das nossas colunas já existentes nas edições anteriores, temos também “Frases e Pensamentos”, “Contos e Minicontos”, “Crônicas” e “Prosa”, entrevistas com artistas do mundo todo e muita diversidade de arte e literatura para você, leitor, apreciar e compartilhar histórias boas.

Nossa revista conta com muitas novidades para nossos leitores, trazendo de volta algumas colunas como “Coluna Ágora”, por Zenaide dos Santos; “Nossa Literatura-Virtudes poéticas”, por Márcia Neves; “Crônicas Tons do Cotidiano”, por Danyelle Schetine; “Recanto das Culturas Tradicionais”, por Edna Brennan; “Caldeirão Cultural”, por Patrícia Nascimento.

E com mais novidades nesta edição, temos as colunas “Humaniliterar”, por Sueli Lopes; “Mundo Anime”, por Rafael Zimichut; “O grito – A alma poética”, por Pedro Fidelis; “Raízes de Moçambique”, por Dany Amado e “ResilienteMente”, por Adriana Strella.

Estamos apresentando aos nossos colaboradores e aos leitores da Revista The Bard, um projeto digital para trabalhar na gestão de redes sociais, design, tecnologia, marketing digital e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

E para finalizar, fizemos um cantinho especial e exclusivo para artistas literários e artesãos comercializarem suas obras, chamado de “Vitrine The Bard”, prestigiando assim nossos artistas, escritores e poetas participantes; Entre neste mundo da 5ª Arte e aprecie cada poema, texto, conto, imagem, artigo e história contada por diversos artistas, escritores e poetas.

Lu Ferreira



Símbolos & Funções da REVISTA THE BARD



Links internos: Clique para ser direcionado (a) à página desejada.



Voltar ao sumário e a Coluna: Clique para ser direcionado (a)



Tradução: Clique para ser direcionado (a) Para a página traduzida ou Para voltar à página de origem.

Clique aqui

Link ativo : Clique para ser direcionado(a) à plataformas e sites.



Link ativo O Pensador : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Não recomendado para menores de 18 anos, conteúdo erótico.



Link ativo site : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Link ativo Blog : Clique para ser direcionado(a) ao blog referido.



Link ativo Facebook : Clique para ser direcionado(a) ao facebook referido.



Link ativo Instagram : Clique para ser direcionado(a) ao Instagram referido.



Link ativo Youtube : Clique para ser direcionado(a) ao Youtube referido.



Link ativo Twitter : Clique para ser direcionado(a) ao Twitter referido.



Link ativo Tumblr : Clique para ser direcionado(a) ao Tumblr referido.



Link ativo Pinterest : Clique para ser direcionado(a) ao Pinterest referido.



Link ativo para o SITE da Revista The Bard : Clique para ser direcionado(a) aos Posts no site da revista.



Colunista da Revista The Bard

SAIBA COMO PARTICIPAR



Acesse o **EDITAL** da
Revista Internacional
THE BARD
25ª Edição Mai/Jun 2024

Selo Litero-Cultural

THE WOLF BARD



THE WOLF BARD

APOIO LITERO-CULTURAL



A THE WOLF BARD é um projeto nacional e internacional de iniciativa gratuita buscando apoiar as artes e suas expressões literárias, tendo como fundador idealizador e editor chefe, o monarquista, poeta, escritor, músico erudito e compositor, JB Wolf.

Ressaltamos a Revista Internacional THE BARD com participação colaborativa e voluntária publicada e distribuída gratuitamente em três modalidades: PDF Interativo com botões (links de direcionamento), Feed RSS com atualização em tempo real, Revista em 3D para leitura no Site/Portal e Revista Eletrônica com a mais alta tecnologia AI de acessibilidade para deficientes visuais e auditivos.

Multiartística, multicultural e multiliterária, a Revista The Bard está presente em mais de 86 países de cinco dos seis continentes: África, América, Europa, Oceania e Ásia.

No intuito de expandir e contribuir com o mundo das diversas artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional, a THE WOLF BARD dentro de seu projeto social-cultural e literário lança o selo Litero-Cultural desenvolvido especialmente para editoras (Livros, Revistas ou Periódicos, Antologias, Editais de Concursos, Publicações de Eventos Culturais, Crônicas, Coletâneas Literárias); e para escritores (Poetas, Contistas, Romancistas, Antologistas).

O Selo Litero-Cultural é uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de uma maior visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para possuir o selo de aprovação e qualidade THE WOLF BARD.

COMO ADQUIRIR?



INSTAGRAM



WHATSAPP



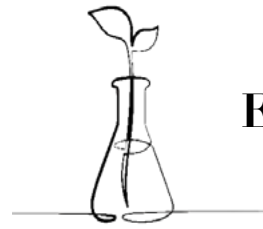


Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

PARCERIAS



EDITORA
VALLETI BOOKS



EDITORA
INVITRO



SITE



INSTAGRAM



INSTAGRAM





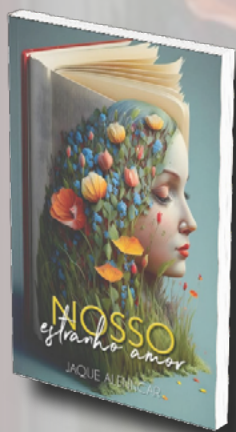
THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL

Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



Jaque Alenncar, natural de Aiuaba-CE, professora, pedagoga, escritora, poetisa, colunista da “Coluna Guia Literário - Revista The Bard”, onde também atua como Diretora de Operações. Graduada em Pedagogia, Letras – Português, pós-graduada em AEE, Curso de Design Gráfico. Atua como professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Andaraí-BA, cidade onde reside desde 2010. Acadêmica Internacional da FEBACLA. Autora da obra “Nosso Estranho Amor” e coautora em diversas antologias poéticas, se dedica à arte e à literatura, sendo esta última sua grande paixão. Seus versos de amor são uma constante em seus escritos, tendo Vinícius de Moraes, como uma de suas principais referências literárias.



"Nosso estranho amor" é uma coletânea de poemas que, como chamadas que ardem e dançam em nossos corações, retratam o amor em suas diversas formas: paixão, saudade, espera e mistério.

Cada poema é uma porta que se abre para um universo particular de emoções e sensações, envolvendo o leitor em um mundo de sonhos e desejos.

INSTAGRAM



EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL



Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



LU NASCIMENTO, nascida em São Paulo sob o manto da primavera de 1986, carrega a dualidade de ser paulista com raízes nordestinas. Unida em matrimônio, é uma entre as cinco filhas de Rose, matriarca cujo nome ressoa em Lu com orgulho. Profissionalmente, Lu é uma talentosa manicure e gestora de seu próprio salão, um oásis de beleza em seu bairro. Contudo, é na poesia que Lu encontra sua verdadeira essência. A paixão pelas letras brotou nas aulas de literatura do ensino fundamental, um universo onde poetas lhe sussurravam segredos literários. Foi ali, imersa em versos, que Lu descobriu sua voz poética.

Sua trajetória literária se destaca com participações em antologias como "A poesia delas" e "Estação Primavera". Em 2021, iniciou um capítulo digital ao criar uma página no Facebook, onde seus poemas reverberam em almas sedentas por inspiração. Lu, uma sonhadora inabalável, acredita que sonhos devem ser perseguidos até se tornarem realidade palpável.



"O Pôr do Sol e Outras Coisas que se Parecem com Você" resplandece com a força de sua linguagem poética, capturando a complexidade das emoções humanas de forma magistral. A autora nos convida a explorar um universo onde o amor, a melancolia e a beleza das pequenas coisas da vida são dissecadas com uma sensibilidade aguda.

Por que esperar para mergulhar neste universo mágico criado por Lu Nascimento? Um mundo onde cada pôr do sol é um convite para sentir, para se perder e se encontrar nas entrelinhas de uma prosa poética que toca a alma com uma doce melancolia.

WHATSAPP

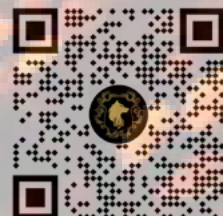


EDITORA
VALLETI BOOKS

LIVRO COM SELO



THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL





THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL

Selo Litero-Cultural THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



JULIANA ROSSI, nascida em 1976, em São Caetano do Sul, SP. É auxiliar administrativa na saúde de Americana, Residente em Americana interior de São Paulo, estudante de pedagogia, poeta e escritora, começou a escrever para lidar com a dor, mas agora ama escrever sobre tudo, transformando sentimentos em poesia, e trazendo à tona pensamentos e reflexões da vida, da morte e de tudo ao nosso redor. Autora do Livro “Meu Baú de Poesias e pensamentos” e escritora nas redes sociais. Instagram e Facebook @escritorajulianarossi @meubaudepoesias e Administradora do coletivo @somostigris e diretora da equipe de Marketing da Revista The Bard.



Meu baú de poesias, também poderia ser comparado a um baú de sentimentos, ou ao um diário com aqueles sentimentos que muitas vezes por medo de ser incompreendido, e rejeitado passamos a guarda-los num lugar fechado, bem guardado em segredo, porem este Meu baú eu resolvi abri-lo, e deixar voar tudo que foi guardado, por que perdi o medo, e sei que encontrarei muitas pessoas que se identificam com esses sentimentos e pensamentos.

“O Baú se abriu, e a magia da poesia saiu!”

INSTAGRAM



EDITORA
INVITRO

LIVRO COM SELO

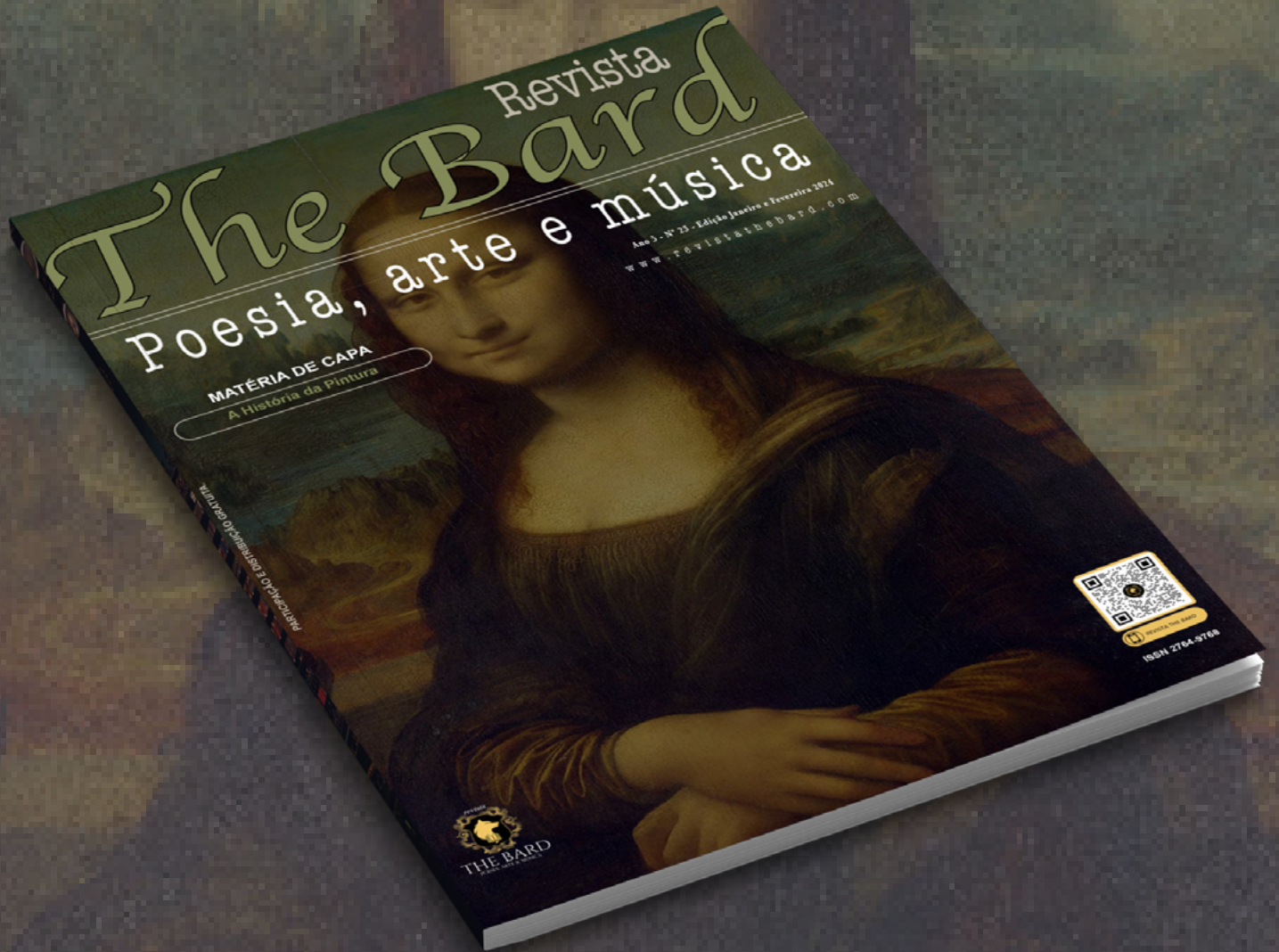


THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL





EDIÇÃO JANEIRO & FEVEREIRO 2024



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MAIO & JUNHO DE 2024



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
MAIO & JUNHO/2024

PERÍODO DE **21** DE JANEIRO À **16** DE MARÇO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.



Certificado Impresso Da 23ª Edição Da Revista Internacional The Bard



Foto do Apoiador da Revista The Bard



Foto do Apoiador da Revista The Bard



Foto do Apoiador da Revista The Bard



Foto do Apoiador da Revista The Bard

Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador.

NOME DO APOIADOR

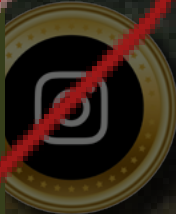
Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador.

NOME DO APOIADOR

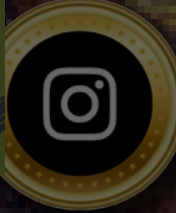
Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador.

Espaço de Publicação Reservado aos Apoiadores da Revista Internacional The Bard que Adquiriram O Certificado Impresso

INSTAGRAM



INSTAGRAM



INSTAGRAM



INSTAGRAM





Certificado Impresso Da 23ª Edição Da Revista Internacional The Bard



INSTAGRAM



INSTAGRAM



INSTAGRAM



INSTAGRAM



Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador.

NOME DO APOIADOR

Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador.

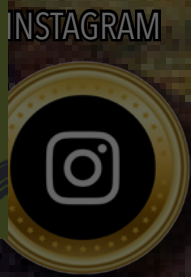
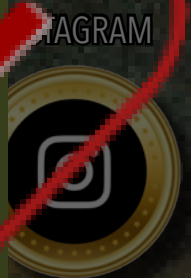
NOME DO APOIADOR

Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador.

**Espaço de Publicação Reservado aos Apoiadores da
Revista Internacional The Bard que Adquiriram
O Certificado Impresso**



Certificado Impresso Da 23ª Edição Da Revista Internacional The Bard



Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador.

NOME DO APOIADOR

Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador.

NOME DO APOIADOR

Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador.

Espaço de Publicação Reservado aos Apoiadores da Revista Internacional The Bard que Adquiriram O Certificado Impresso



Certificado Impresso Da 23ª Edição Da Revista Internacional The Bard

Foto do Apoiador da Revista The Bard

Foto do Apoiador da Revista The Bard

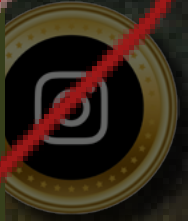
Foto do Apoiador da Revista The Bard

Foto do Apoiador da Revista The Bard

Certificado
 “Categoria Participada”
 A Revista Internacional The Bard,
 No uso de suas atribuições, outorga O CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO A
 Seu nome
 Por sua notável participação na “Categoria Participada” “Nome da Obra”,
 na 23ª edição - Janeiro e Fevereiro da Revista Internacional The Bard.

20 . 01 . 2024
 Data
 Diretor Geral Editor chefe
 Wolf

INSTAGRAM



INSTAGRAM



INSTAGRAM



INSTAGRAM



Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador.

NOME DO APOIADOR

Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador.

NOME DO APOIADOR

Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador, Minibiografia do apoiador.

Espaço de Publicação Reservado aos Apoiadores da Revista Internacional The Bard que Adquiriram O Certificado Impresso

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



MATÉRIA DE CAPA



Matéria de Capa
ANA MÁRCIA DIÓGENES

ACESSE A COLUNA



Tudo sobre
CINEMA



Tudo Sobre Cinema
CLAUDIA FAGGI

ACESSE A COLUNA



COLUNA
Ágora
ENTREVISTAS



Coluna Ágora
ZENAIDE DOS SANTOS

ACESSE A COLUNA



Mãe
ÁFRICA
CULTURA & ARTE



Mãe África
ALEGRIA MAURO

ACESSE A COLUNA



COLUNA
Autopoiese & Narrativas



Autopoiese & Narrativas
STELLA GASPAR

ACESSE A COLUNA




FRASES E PENSAMENTOS

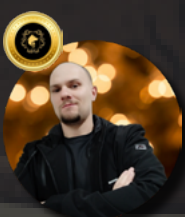


Frases & Pensamentos
COLUNA DA REVISTA

ACESSE A COLUNA



E AÍ, QUAL É O FILME?



E aí, Qual é o Filme?
LAURO HENRIQUE

ACESSE A COLUNA



COLUNA
História das
Artes



História das Artes
BETÂNIA PEREIRA

ACESSE A COLUNA



COLUNA
Vida de Autor



Vida de Autor
LILIAN STOCO

ACESSE A COLUNA



Recita-me



Recita-me
COLUNA DA REVISTA

ACESSE A COLUNA

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



ACESSE A COLUNA

Cinema: Séries & Filmes
CACA MATOS



ACESSE A COLUNA

Nossa Literatura -
Virtudes Poéticas
MARCIA NEVES



ACESSE A COLUNA

Prosa Poética
JEANE TERTULIANO



ACESSE A COLUNA

Dialética
CLAYTON ZOCARATO



ACESSE A COLUNA

Tons do Cotidiano
DANVELLE SCHEINE



ACESSE A COLUNA

Humaniliterar
SUELI LOPES



ACESSE A COLUNA

Mundo Anime
RAFAEL ZIMICHUT



ACESSE A COLUNA

O Grito - A alma Poética
PEDRO DIEGO FIDELIS



ACESSE A COLUNA

Crônicas
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

Nau Literária - Entrevistas
MAGNA ASPÁSIA

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



Recanto
DAS CULTURAS TRADICIONAIS



Recanto das Culturas tradicionais
EDNA BRENNAND

ACESSE A COLUNA



RAIZES
de Moçambique



Raízes de Moçambique
DANY AMADO VASCO

ACESSE A COLUNA



MITOLOGIAS
CRÔNICAS



Mitologias & Crônicas
LADYLENE APARECIDA

ACESSE A COLUNA



RESILIENTE
MENTE



ResilienteMENTE
ADRIANA STRELLA

ACESSE A COLUNA



Alma em
PERSPECTIVA



Alma em Perspectiva
MIA KODA

ACESSE A COLUNA



Desenho
Digital



Desenho Digital
COLUNA DA REVISTA

ACESSE A COLUNA



MINI
Contos



MiniContos
COLUNA DA REVISTA

ACESSE A COLUNA



Contos



Contos
COLUNA DA REVISTA

ACESSE A COLUNA



Poetas & Poetisas



Poetas & Poetisas
EDNA LESSA

ACESSE A COLUNA



MÚSICA & LITERATURA
EM DIÁLOGO



Música & Literatura em Diálogo
ELVIRA DRUMMOND

ACESSE A COLUNA

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA



ACESSE A COLUNA

Caldeirão Cultural
PATRÍCIA NASCIMENTO



ACESSE A COLUNA

Desnuda em Palavras
ESPÓLIO
TÔNIA LAVÍNIA



ACESSE A COLUNA

Prosa
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

Artigos
COLUNA DA REVISTA



ACESSE A COLUNA

Espaço Vitrine
THE BARD
Vitrine The Bard
COLUNA DA REVISTA



CONTATO

LOGO E ARTE DA COLUNA
COLUNISTA VAGO
Arte ou Literatura
SEU NOME



CONTATO

LOGO E ARTE DA COLUNA
COLUNISTA VAGO
Arte ou Literatura
SEU NOME



CONTATO

LOGO E ARTE DA COLUNA
COLUNISTA VAGO
Arte ou Literatura
SEU NOME



CONTATO

LOGO E ARTE DA COLUNA
COLUNISTA VAGO
Arte ou Literatura
SEU NOME



CONTATO

LOGO E ARTE DA COLUNA
COLUNISTA VAGO
Arte ou Literatura
SEU NOME



Ana Márcia Diógenes



Jornalista, professora e escritora. Escreve sobre comportamento na plataforma de streaming O Povo+. É autora da ficção juvenil “De esfulepante a felicitante, uma questão de gentileza” (Ed FDR e Dummar), em 2017), do conto longo “Pérfuro-Matante” (gênero Domestic Noir), publicado na Amazon, do livro artesanal “Poesia e contos pequetitos”, estes últimos em 2022; e do conto longo “Reze para que meus pés não apontem para ti”, em 2023. Participa das coletâneas “Escritas no feminino” (Ed. Caneta de Estilo, de Portugal); “Tantas palavras” (Ed. Sanhauá) e “Microcontos” (Ed. Persona) e de coletivos Escrevíveis, Mulherio das Letras e Mulheres Assombradas. Tem textos publicados nas revistas Contos de Samsara e Cassandra.

A HISTÓRIA DA PINTURA

Criatividade e técnica ao longo de séculos demarcam o movimento desta linguagem artística

Há mais de 42 mil anos a pintura faz parte do cenário da humanidade. É o que revela uma descoberta na Caverna de Nerja, em Málaga, na Espanha, onde teriam sido encontradas as mais antigas pinturas feitas pelos povos nômades em paredes rochosas, durante a pré-história. Nas cavernas, que utilizavam como moradia, nossos antepassados se expressavam com desenhos criados com carvão.

Antes desta descoberta, a arte mais antiga, de acordo com arqueólogos, teria sido produzida por humanos modernos, e datavam de 32 mil anos. Estão localizadas na Caverna Chauvet-Pont-d'Arc, no sudeste da França. Até então, se pensava que a arte seria exclusiva do Homo Sapiens, mas, caso os testes confirmem, as imagens de 42 mil anos, podem ter sido feitas pelo Homo Neandertal. Ou seja, antes do mundo moderno, já existiam esse aspecto de sensibilidade.

O fato é que a humanidade, sempre se expressou pela arte e a pintura, uma das mais antigas linguagens artísticas. Por meio delas, ao longo dos períodos históricos, o ser humano registrou sua forma de ver o divino e o concreto, a vida em sociedade e sua evolução, o comportamento e suas projeções. Não é à toa que se torna possível viajar no tempo e

perceber os diferentes costumes de cada civilização, por meio dos tipos e técnicas da pintura.

Na pintura rupestre, as próprias paredes das cavernas abrigavam as imagens, criadas com elementos encontrados na natureza, a exemplo de vegetais, raízes, sangue de animais, carvão, transformados em pigmentos, e resultavam em cores que variavam entre ocre amarelo, ocre vermelho e o preto. Os registros estavam relacionados aos acontecimentos daquele período, como: caça a animais, sexo e danças, podendo estar relacionadas a rituais.



Pintura rupestre

É interessante perceber que, mesmo dando um salto no tempo, da pré-história à Antiguidade, as paredes ainda eram bastante utilizadas. Os gregos pintavam diretamente nelas, com o objetivo de decorar tanto suas habitações como obras arquitetônicas. À época, os elementos de perspectiva ainda não faziam parte das obras, que mostravam animais, pessoas e edifícios. Versavam sobre cenas ritualísticas, sacrificiais e religiosas.

Entre os pintores gregos, a história registra “Sófilos, Clítias e Exéquias”. As obras gregas permitem que se identifique um padrão de figuras negras em fundo vermelho ou vermelhas e douradas em fundo branco ou negro. Os gregos também pintavam em cerâmicas, usadas para fins domésticos, comerciais e em cerimônias religiosas e fúnebres. Atualmente, exemplares desses vasos e potes estão expostos em museus por todo o mundo.

Além da arte grega, do período da Antiguidade se destacam ainda a romana, egípcia, fenícia, mesopotâmica, germânica e celta. Os romanos deram ritmo aos estudos gregos da tridimensionalidade e alargaram a arte, produzindo uma linguagem própria e tornando-se responsáveis por pinturas em espaços amplos, principalmente palácios e vilas da aristocracia reinante.

A pintura nas obras arquitetônicas e objetos do cotidiano não prevaleceu na Idade Média. Nesta época, passou a ter o viés de ilustrar manuscritos dedicados ao aprendizado de católicos sobre as preces e como rezar. Um exemplo registrado na história é o Livro das Horas, que geralmente eram ilustrados com iluminuras, um tipo de pintura decorativa aplicada às primeiras letras de um parágrafo dos pergaminhos medievais.

Posteriormente, além dos pergaminhos foram empregados painéis de madeira a título de tela. Foi neste período, que elementos de perspectiva, passaram a ser aplicados e as pinturas a adquirirem aspecto mais realista. As artes bizantinas, românticas e góticas são consideradas fases da pintura no medievo.

O distanciamento da pintura, assim como de outras artes, da religião é uma das principais marcas da revolução causada pelo Renascimento. O tema

das telas passou a ser o mundo ao redor, e esta mudança foi registrada por meio de retratos, que mostravam as pessoas em proporções e detalhes mais condizentes com o real. Isso se tornou possível a partir dos estudos do corpo humano, que introduziu a ciência nas artes. O Renascimento trouxe a novidade da tela e do cavalete, o que permitia a liberdade da pintura extramuros.

É comum dizer-se que períodos da história se contrapõem aos anteriores. No caso do Barroco, as obras passaram a privilegiar a emoção, os aspectos trágicos. Para isso, fizeram uso de sombras e cores, como um jogo de luz. Vem deste movimento a técnica do claro-escuro, que pela iluminação advinda de uma vela, por exemplo, faz sobressair pelo contraste, as minúcias de um personagem. Por esta razão, as pinturas desta época são escuras. Mais adiante, foi a vez do Rococó, que se expandiu na Europa. Um estilo leve, decorativo e inclusive erótico, apreciado pela nobreza.



O balanço (1767), pintura rococó de Jean-Honoré Fragonard.

Como uma reação a estes dois estilos, durante o Iluminismo (movimento de intelectuais que professou a valorização da razão em detrimento da fé), no século XVIII, surgiu o Neoclassicismo. A volta de uma pintura mais clássica trazendo linhas retas, contornos nítidos e sombreamento, dando um tom sério à obra. Na ocasião, muitos fatos revolucionários estavam surgindo.



Em seguida veio o Romantismo. Começou como um movimento literário, mas ganhou a adesão de representantes das mais diferentes artes, que se opunham ao Neoclassicismo. É considerado como um dos mais relevantes na história da arte. Representava o sentimento, em paisagens ou registro de fatos cotidianos que colocavam a natureza no centro, acima da humanidade.

Comumente associado à fotografia, por sua tentativa de exatidão, o Realismo era como uma apresentação dos fatos de meados do século XIX. O foco agora era a própria humanidade, suas transformações sociais e econômicas. Quando a verdadeira fotografia foi inventada, os artistas se sentiram esvaziados na objetividade que pretendiam dar à representação da realidade.

Durante o Impressionismo, que surgiu logo após, artistas decidiram realizar exposições de forma independente, o que era inédito naquele tempo no âmbito das artes. Optaram por evitar a recorrente rejeição dos tradicionais salões de exposição. Os limites da criatividade também estavam sendo repensados.

O Modernismo, por sua vez, foi um conjunto de expressões artísticas, com origem na Europa, entre a segunda metade do século XIX e o século XX. Os artistas modernistas se juntaram para fazer transformações que trouxessem visões novas à sociedade. A época foi marcada por guerras, revoluções e transformações sociais. Surgiu então uma série de movimentos artísticos, também conhecidos por “vanguardas artísticas”.

Os movimentos da pintura foram seguindo com seus representantes, como Kandinsky, que introduziu o Abstrato nas artes visuais; Marcel Duchamp, com seu urinol de porcelana branca, símbolo do Dadaísmo, na França, criado em 1917; o Cubismo, de Pablo Picasso, um dos maiores artistas do século XX; e o Surrealismo, de Salvador Dalí e Magritte, surgido na Europa em 1919, e caracterizado pela manifestação do pensamento de forma espontânea, com base nos impulsos do subconsciente.



Composição IV de Kandinsky

Os movimentos de contracultura da década de 1960 do século passado, e as influências sociais, impulsionaram novas formas de arte, quebrando limites da criação, inclusive com o uso de materiais que foram surgindo, como a tecnologia, ou materiais antigos, ressignificados. A globalização e a troca cultural mais itinerante entre os povos, seguem influenciando e provocando fortemente para que se continue a romper limites, como é visto em movimentos como arte urbana, Pop Art; Grafite, Body Art, dentre outros.

A história da pintura está entrelaçada com as movimentações - históricas, filosóficas, sociológicas, estéticas e conceituais das sociedades - ao longo do tempo.

Os caminhos da pintura no Brasil

Assim como no restante do mundo, a pintura no Brasil, começou desde os primórdios, e pode ser encontrada em sítios arqueológicos, como na serra da Capivara, no Estado do Piauí, datando de 13.000 a.C. O país possui um dos mais ricos sítios arqueológicos do mundo. As pinturas registravam tanto animais como fenômenos da natureza. Eram usados pigmentos vegetais e minerais, e o sangue das espécies caçadas para alimentação. Um dos tipos de pintura era a corporal, que perdura até os dias de hoje.

A partir de 1808, com a transferência da Família Real e da sua corte de Portugal para o Brasil, houve a preocupação de formar tecnicamente os primeiros artistas no país. O ensino, que seguiu o formato de academias de arte da Europa, começou em 1826, com a criação da “Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro”.

Os movimentos culturais influenciaram a arte local, a exemplo do Barroco, Expressionismo e Modernismo, além da própria Semana de Arte Moderna de 1922.

No caso do Barroco brasileiro, a influência aconteceu via colonizadores católicos, no século XVII, e pode ser vista na arquitetura de igrejas e em peças sacras de Minas Gerais e algumas cidades nordestinas. O maior expoente é o Aleijadinho (Antônio Francisco Lisboa), só que nos campos da escultura, do entalhe, carpintaria e arquitetura.



Cena do carregamento da cruz, Congonhas-MG

O movimento do Modernismo no mundo se traduziu no Brasil com a Semana de Arte Moderna de 1922 que, para além de sacudir a literatura e seus formatos, causou revolução nas artes plásticas. A atuação de intelectuais e artistas mudou o cenário artístico. Já o Expressionismo, com seu mote de subjetividade na pintura, impregnou de vanguarda as artes, com um colorido marcante e a interferência na realidade. Entre os expoentes, podem ser citados Anita Malfatti, Tarsila do Amaral e Lasar Segall.

A Arte contemporânea brasileira, com sua forte crítica à situação política do Brasil da década

de 1960, do século passado, mostrou como o movimento artístico traduz as inquietações sociais. Cada vez mais, as obras de artistas brasileiros têm mostrado movimentos vanguarda, como pode ser visto no Movimento Neoconcretista, que revela obras geradas pela intuição e contato com o público, como o “Grafite”, que revelou o artista “Kobra”, por exemplo.

Galeria de artes através do tempo

É difícil escolher quais as pinturas mais representativas da história da pintura. Mas, com base em leituras e ranking realizados por estudiosos e apreciadores, elencamos aqui alguns desses representantes.

• *Pintura Rupestre*

Caverna de Lascaux – Complexo de cavernas situado em Montignac, na França, de relevância para a arqueologia, que contribuem para se entender como era a vida na pré-história

• *Idade Média*

Giotto - Entre os artistas do período, um dos mais renomados é o italiano Giotto, considerado um precursor da pintura renascentista, ao criar a noção da tridimensionalidade. Sua obra mais famosa é a “Capella Degli Scrovegni” (1304-1306), em Pádua, na Itália.

• *Renascimento*

Leonardo da Vinci - Pioneiro em relacionar arte e ciência, o italiano estudou anatomia do corpo humano e representou pessoas de forma mais realista. Obras mais conhecidas: “A última ceia” (1498), “Mona Lisa” (1503-1505) e “São João Batista” (1514).

Tintoretto – Italiano, foi um dos pintores mais radicais do maneirismo. Uma de suas pinturas mais conhecidas, “A última ceia” (entre 1592 e 1594), encontra-se na Basílica de San Giorgio Maggiore em Veneza, Itália. Ficou famoso também por “O milagre de São Marcos” (1548).





Tintoretto "O milagre de São Marcos"

Boticelli - Também italiano, chocou a sociedade da época ao retratar uma imagem pagã na obra "A Primavera" (1482), do início do Renascimento, encomendada como presente de casamento de Lorenzo Pierfrancesco de Medici, para a sua noiva, Semiramide.

Michelangelo - Apaixonado por arte romana antiga e criador da célebre escultura "David", de mármore carrara, o italiano pintou o teto da Capela Sistina, a convite do papa Júlio II. Foram cerca de 300 imagens em tamanho real, muitas delas sobre o Antigo Testamento.



Michelangelo "Capela Sistina".

Raphael - A história aponta rivalidade entre ele e Michelangelo. Uma das pinturas famosas do também italiano é a "Escola de Atenas", produzida entre 1509 e 1510 na Stanza della Segnatura, sob encomenda do Vaticano.

No mundo

• Barroco

Caravaggio - Considerado o primeiro grande representante do Barroco, a obra "A vocação de São Mateus" (1599-1600), foi pintada pelo italiano para a Capela Contarelli, em San Luigi dei Francesi, em Roma. Outra pintura entre as mais admiradas é "A serenata" (1603 e 1604).

Rembrandt - O pintor, desenhista e gravurista holandês é apontado como um dos mais importantes do Barroco europeu. Uma de suas obras mais apreciadas é "A ronda noturna", que faz parte da exposição permanente, principal, "Museu neerlandês de pintura", o Rijksmuseum.



Rembrandt

Rubens – Nascido na Alemanha, Rubens tinha estilo forte, pontuado de movimento, cores e sensualidade. Produziu obras contrarreformistas, retratos e pinturas históricas de assuntos mitológicos e alegóricos. Um de seus principais legados é “O jardim do amor” (1633).

Velasquez – O espanhol era considerado um artista individualista do barroco contemporâneo, e ficou conhecido como um retratista. Sua obra mais famosa é “Las Meninas” (1656). Seu diferencial era destacar a individualidade dos retratados.

• Rococó

Fragonard – O francês viveu no século XVIII, sendo classificado como o mais inteligente dos pintores rococó tardios, e um dos artistas mais refinados da época. “O balanço” (1766), exposto no museu Coleção Wallace, em Londres, é sua pintura mais conhecida.

• Romantismo

Eugène Delacroix - O francês é o mais importante representante do romantismo em seu país. Sua obra mais famosa, “A Liberdade guiando o povo” (1830) traz uma mulher como a liberdade, com a bandeira da Revolução francesa em uma mão e uma baioneta na outra.

Goya - Pintor e gravurista espanhol, cujas obras refletiam transformações históricas. Seu quadro “Três de Maio de 1808” mostra rebeldes e inocentes executados pelo exército francês. Já “La Maja Desnuda” (1790 e 1800) foi a primeira nudez em tamanho natural do ocidente.

• Realismo

Gustave Courbet - Francês, foi pioneiro do estilo realista no seu país. Registrava a vida camponesa. Fez autorretratos, como: “O Violinista” (1845) e “O Homem Desesperado” (1845). Um dos seus qua-

dro mais reconhecidos da época é “Enterro em Ormans” (1849).

• Impressionismo

Claude Monet - O movimento impressionista teria este nome em função da sua obra “Impressão, nascer do sol” (1872). Outras mais famosas estão “Campo de Papoulas” (1873) e “Mulher com Sombrinha” (1875) - um dos raros retratos pintados inteiramente ao ar livre.



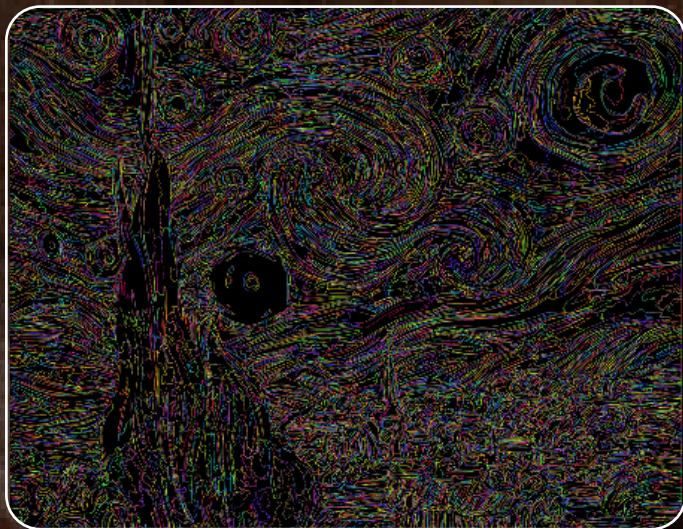
Claude Monet

Cézanne - Pintor pós-impressionista francês, cuja obra inovadora e que foi além do Impressionismo em busca de uma nova arte. “A casa do enforcado” (1873), é um dos primeiros quadros impressionistas dele e também um dos mais famosos.

Gauguin - Suas experiências artísticas, como pintor francês do pós-impressionismo, influenciaram o desenvolvimento da vanguarda no início do século XX. “Para onde vamos?” (1897 e 1898) é uma de suas pinturas mais imponentes.

Van Gogh - O holandês é um dos maiores representantes do pós-impressionismo. Seu quadro “Noite Estrelada Sobre o Ródano” (1888), é emblemático pelo dinamismo nas pinceladas e uma energia, incomum na história da pintura.





Van Gogh "Noite estrelada"

• Pintura Contemporânea

Picasso fez história com sua pintura des-
construída, sem perspectiva ou proporção humana.
O artista espanhol lançou as bases do Cubismo, jun-
to com Georges Braque. Dentre suas obras mais famo-
sas estão os quadros "As meninas de D'Avignon"
(1907) e "Guernica" (1937).

Kandinsky introduziu o Abstrato nas artes
visuais. O artista plástico russo adquiriu nacionali-
dade alemã e depois francesa. Sua obra "O Cavaleiro
Azul" (1903), expressionista, é a mais famosa. Foi um
dos idealizadores de movimento vanguardista com o
mesmo nome.

Marcel Duchamp, pintor e escultor francês,
naturalizado norte-americano, com seu urinol de
porcelana branca (1917), é o símbolo do movimento
conceitual de arte moderna, o Dadaísmo.

O espanhol **Salvador Dalí** ficou conheci-
do pela combinação de imagens bizarras e oníricas,
qualidade plástica e tornou-se, junto com René Ma-
gritte, símbolo do Surrealismo. A obra mais conheci-
da de Dalí é "O sono" (1937) e de Magritte, "O jóquei
perdido" (1926).



Salvador Dalí

O Surrealismo também tem uma mulher
como destaque: a mexicana **Frida Kahlo**, famosa
por seus retratos, autorretratos, e obras inspiradas
na natureza e artefatos do México. "Unos cuantos
piquetitos" (1935) é uma de suas telas mais impac-
tantes.

No Brasil

Anita Malfatti - Pintora, desenhista, grava-
dora e ilustradora ítalo-brasileira pioneira da Arte
Moderna no Brasil. Integrou o Modernismo brasileiro
e participou da Semana de Arte Moderna. O Cubismo
e o Expressionismo influenciaram suas obras, sendo
o "O homem amarelo" (1915) uma das principais.

Por Ana Márcia Diógenes



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

Tarsila do Amaral – A pintora e desenhista tem em "Abaporu" (1928), sua obra mais conhecida. Foi ativa, na década de 1920 do século passado, na renovação da arte no país. Junto com Anita Malfatti, Menotti Del Picchia, Mario de Andrade e Osvaldo de Andrade formou o Grupo dos Cinco.

Lasar Segall - Pintor lituano, radicado no Brasil, que foi precursor do Expressionismo. Era comedido nos traços, cores e representações. Suas obras refletem recordações das perseguições aos judeus. "Homem com violino" (1909) é sua obra mais conhecida, de características impressionistas.

Di Cavalcanti - Apesar da influência cubista e surrealista na sua obra, foi um dos artistas que mais pintaram a brasilidade, como o carnaval, com suas mulatas, o samba, as favelas e os trabalhadores. Suas obras mais famosas são: "Samba" (1925); "Mangue" (1929) e "Cinco moças de Guaratinguetá" (1930).

Antônio Bandeira - Pintor, desenhista, gravador. Na pintura foi autodidata. "A catedral" (1955) é uma das principais obras do artista, e revela sua relação com a arte abstrata. O trabalho incorpora gotejamentos e respingos de tinta.

Cândido Portinari – Pintou mais de cinco mil obras, sendo um dos principais nomes do Modernismo. Seu painel Guerra e Paz (1955) está na sede da ONU, em Nova Iorque. Entre suas pinturas famosas está a série Retirantes (1946).



Cândido Portinari "Guerra e Paz"

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM



POST NO SITE



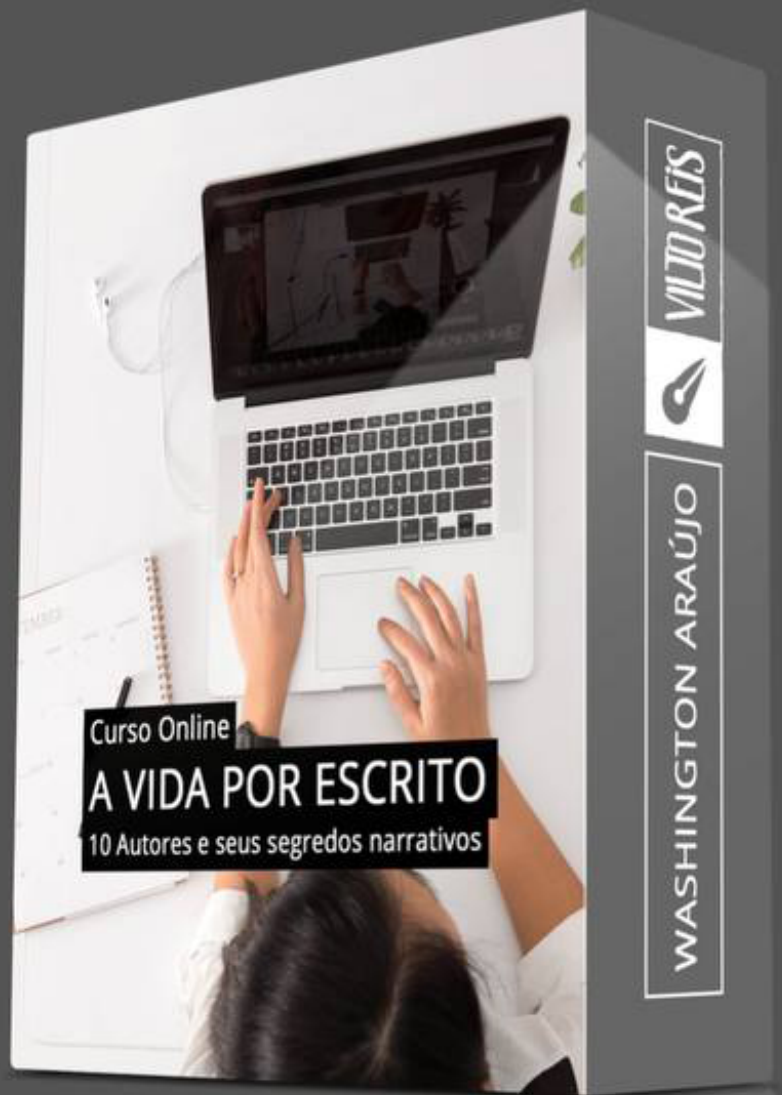


THE BARD
POESIA, ARTE & MÚSICA

Conheça o Curso

A VIDA POR ESCRITO

10 Autores e seus
segredos narrativos



CLIQUE AQUI



Escreva contos e **torne-se** um escritor

Curso COMO
ESCREVER
CONTOS 2.0



Acesse aqui



Jan & Fev

2024

Clique aqui para acessar
a Revista em 3D



Revista Interativa THE BARD
Ed. Janeiro & Fevereiro 2024

- 6 **Boas-vindas**
Revista Mês Jan & Fev - Lu Ferreira
- 7 **Símbolos & Funções**
Saiba como funciona os ícones da Revista
- 8 **Parceria Vip Selo Litero-Cultural The Wolf Bard**
- 20 **Espaço reservado aos Apoia-dores da Revista que adquiriram o Certificado Impresso**
- 16 **Colunas & Colunistas**
Links ativos para as colunas
- 24 **Matéria de Capa**
A História da Pintura
Por Ana Márcia Diógenes
- 36 **Ficha Técnica**
Processo editorial, colunistas, colaboradores e representantes internacionais
- 38 **Tudo Sobre Cinema**
Por Claudia Faggi
- 46 **Coluna Ágora**
Entrevista com Alaa Hamad
Por Zenaíde dos Santos SA
- 56 **Mãe África**
Os rituais dos Povos Lundas
Por Alegria Mauro
- 60 **Autopoiese & Narrativas**
As cores do mundo - sem fronteiras
Por Stella Gaspar
- 66 **Frases & Pensamentos**
Frases e seus autores
- 68 **Cinema: E Aí, qual é o Filme?**
Por Lauro Henrique

- 72 **História das Artes**
A História da Pintura
por Betânia Pereira
- 78 **Vida de Autor**
Feiras e mais feiras na literatura brasileira
por Lilian Stocco
- 82 **Recita-me**
Poetisa Juliana Rossi
- 84 **Cinema**
Dicas séries e filmes por Cacá Matos
- 86 **Nossa Literatura - Virtudes Poéticas**
Por Márcia Neves
- 90 **Prosa Poética**
 - Artigo Jeane Tertuliano
 - Prosa de Clarice Lispector
 - Prosadora Jeane Tertuliano
 - Prosadora Cacá Matos
 - Prosadora Jaíris Cecília
 - Prosadora Jéssica Sabrina
 - Prosadora Mari Ventura
 - Prosadora Rita Queiroz
- 98 **Coluna Dialética**
 - Artigo "Folclore e Culto"
 - Por Clayton Zocarato
- 108 **Crônicas Tons do Cotidiano**
Por Danyelle Schetine
• Convidada: Mell Renault
- 112 **Humaniliterar** 
 - Artigo "O poder de Humanização da Literatura"
 - Por Sueli Lopes
- 116 **Mundo Anime**
 - Artigo "One Piece - o maior desenho de todos os tempos"
 - Por Rafael Zimichut
- 124 **Coluna O Grito-A alma poética**
 - Artigo "A face tétrica da alma"
 - Por Pedro Diego Fidelis
- 134 **Crônicas**
 - Cronista Eduardo Martínez
 - Cronista Gabriel Pinheiro
 - Cronista Ella de Lune
 - Cronista Nicolas Oliver
 - Cronista Grazielle Mendes
 - Cronista Neri Luiz Capellari
 - Cronista Sandra de Abreu
- 146 **Nau Literária - Entrevistas**
 - Apresentação
por Magna Aspásia
 - Entrevistado:**
- Professor e escritor Lucas Felix



24



46



86



112



152 Recanto das Culturas Tradicionais

• Artigo "Cultura digital e inteligência artificial: paradoxos da produção cultural contemporânea"
Por Edna Brennand

162 Raízes de Moçambique

Por Dany Amado Vasco



168 Mitologias & Crônicas

• Artigo "Panteão Grego: A ascensão de Zeus ao Monte Olímpio"
• Crônica: O Grande encontro no Monte Olímpio
Por Ladylene Aparecida

176 ResilienteMente



• Artigo "Paz interna e os Conflitos Externos"
Por Adriana Strella

178 Alma em Perspectiva

• Artigo "No limiar da alma: um vislumbre da essência através do olhar"
por Mía Koda

182 Desenho Digital

• Artigo "A evolução da Arte Digital"
por Manoel Ronald

186 Contos & Minicontos

• Minicontos:
- Escritora Rilnete Melo
- Escritor Wallisson Andrade
- Escritora Ladylene Aparecida

• Contos:
- Escritora Patrícia Nascimento
- Escritora Rute Ella Dominici
- Escritor Wallisson Andrade
- Escritor Jefferson Machado
- Escritor Gustavo Reis
- Escritora Rilnete Melo

202 À Poesia

Paises participantes na Revista The Bard

204 Poetas & Poetisas

Apresentação Por Edna Lessa

205 Poetas & Poetisas
Poetisa Edna Lessa



206 Poetas & Poetisas
Poetisa Liécifran Borges



207 Poetas & Poetisas
Poeta Carlos Emanuel



208 Poetas & Poetisas
Poetisa Naira Diniz



209 Poetas & Poetisas
Poeta Alex Manso



210 Poetas & Poetisas
Poetisa Ana Kelly



211 Poetas & Poetisas
Poetisa Rita de Cássia



212 Poetas & Poetisas
Poeta Gercimar Martins



213 Poetas & Poetisas
Poetisa Grazielle Mendes



214 Poetas & Poetisas
Poeta Romário Filho



215 Poetas & Poetisas
Poetisa Stella Gaspar



216 Poetas & Poetisas
Poetisa Rilnete Melo



217 Poetas & Poetisas
Poetisa Ella de Lune



218 Poetas & Poetisas
Poeta Bernardo Santos



219 Poetas & Poetisas
Poeta André Ferreira



220 Poetas & Poetisas
Poetisa Rute Dominici



221 Poetas & Poetisas
Poeta Deivid Lima



222 Poetas & Poetisas
Poetisa Arely Soares



223 Poetas & Poetisas
Poetisa Denise Marinho



224 Poetas & Poetisas
Poetisa Nice Veloso



225 Poetas & Poetisas
Poetisa Maria Lúcia



226 Poetas & Poetisas
Poetisa Jaque Alenncar



227 Poetas & Poetisas
Poeta J.B Wolf



230 Música e Literatura em Diálogo

Artigo: "A fraseologia no repertório musical infantil"
Por Elvira Drummond

240 Caldeirão Cultural

Artigo: "O que é cultura?"
Por Patrícia Nascimento

244 Desnuda em Palavras - Erótico

Por Tônia Lavínia

Entrevistada:
- Jaque Alenncar

256 Prosa

- Poetisa Grazielle Mendes
- Poetisa Rute Ella Dominici
- Poetisa Stella Gaspar
- Poeta J.B Wolf

260 Artigos

- Escritora Patrícia Nascimento

262 Marketing & Divulgação

Segue a rede social de nossos colaboradores

264 Agência The Wolf Bard

Gestão e Marketing de Redes Sociais

268 Vitrine The Bard

Prestígio os escritores Nacionais



168



176



230



240



Ficha Técnica



Expediente

Revista The Bard
Ano 5, Nº 23, Janeiro e Fevereiro 2024
Periodicidade Bimestral.

Publicação Digital e em 3D:

Site: www.revistathebard.com

Publicação em PDF Interativo:

Facebook, WhatsApp, Telegram, E-mail.

Publicação em Links:

Facebook, Instagram, Twitter, Wattpad, Pinterest
YouTube, Sweek, LinkedIn.

CEO (Diretor Geral) J.B Wolf

Assessoria Jurídica: Marcelo Papareli

Webposter: Edna Lessa

Redatora Digital: Mia Koda

Design Gráfico e Web Design: J.B Wolf

Diagramação: J.B Wolf

Capa: J.B Wolf

Revisão textual: Lu Ferreira, J.B Wolf, Stella Gaspar

Representantes Internacionais:

• Representante autorizado em Angola
Alegria Mauro



• Representante autorizada no Chile
Andrea Rios



• Representante autorizado em Moçambique
Dany Amado Vasco



Colunas & Colunistas:

- Boas-vindas - Lu Ferreira
- Matéria de Capa - Ana Márcia Diógenes
- Tudo Sobre Cinema - Claudia Faggi
- Coluna Ágora - Zenaide dos Santos
- Mãe África - Alegria Mauro
- Autopoiese & Narrativas - Stella Gaspar
- E aí, qual é o filme - Lauro Henrique
- História das Artes - Betânia Pereira
- Vida de Autor - Lillian Stocco
- Receita-me - J.B Wolf
- Cinema: Séries & Filmes - Cacá Matos
- Nossa Literatura - Virtudes Poéticas - Márcia Neves
- Coluna Prosa Poética - Jeane Tertuliano
- Coluna Dialética - Clayton Zocarato
- Crônica Tons do Cotidiano - Danyelle Schetine
- Coluna Humaniliterar - Sueli Lopes
- Mundo Anime - Rafael Zimichut
- Coluna O grito - A alma poética - Pedro Fidelis
- Nau Literária - Magna Aspásia
- Recanto das Culturas Tradicionais - Edna Brennand
- Coluna Raízes de Moçambique - Dany Amado Vasco
- Mitologias & Crônicas - Ladylene Aparecida
- ResilienteMente - Adriana Strella
- Alma em Perspectiva - Mia Koda
- Poetas & Poetisas - Edna Lessa
- Música e Literatura em diálogo - Elvira Drummond
- Caldeirão Cultural - Patrícia Nascimento
- Desnuda em Palavras - Tônia Lavinia
- Vitrine The Bard - J.B Wolf

Marketing e Divulgação: Equipe de Colaboradores
páginas 262 e 263

Arte de Anúncios: J.B Wolf

Criação Digital e finalização: J.B Wolf

ISSN 2764-9768

SNIIC AG-217193

Revista The Bard

Poesia, arte e música





Tudo sobre

CINEMA

11



CLAUDIA FAGGI



Jornalista diplomada, roteirista, escritora, repórter, apresentadora de TV, criadora de conteúdo digital, mãe de um menino que é luz, mulher, guerreira, sempre em busca da felicidade e apaixonada pela sétima arte.

A vida imita a arte ou a arte imita a vida?



A paixão pelo cinema é como uma jornada fascinante que nos leva a mundos desconhecidos, nos faz rir, chorar, e experimentar uma infinidade de emoções. É um romance com a narrativa visual, onde cada filme é um capítulo único, uma experiência imersiva que transcende o tempo e o espaço.

Na tela, somos transportados para universos imaginários, exploramos a complexidade da condição humana e testemunhamos histórias que ecoam em nossos corações. Cada diretor, ator e equipe técnica contribui para a magia cinematográfica, criando uma sinfonia visual que ressoa em cada espectador de maneiras únicas.

Em cada ida ao cinema ou maratona em casa, essa paixão se renova, alimentada pela promessa de uma nova história, um novo mundo para explorar.

Apresento as minhas indicações para esta edição de janeiro e fevereiro.

INSTAGRAM

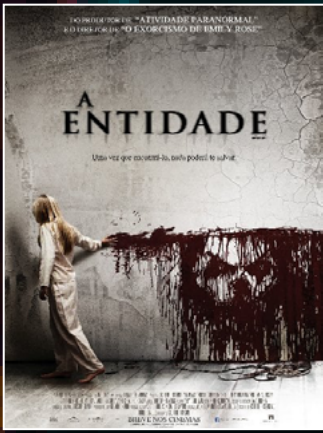


YOUTUBE



POST NO SITE





POST NO SITE



POST NO SITE



POST NO SITE



POST NO SITE



POST NO SITE



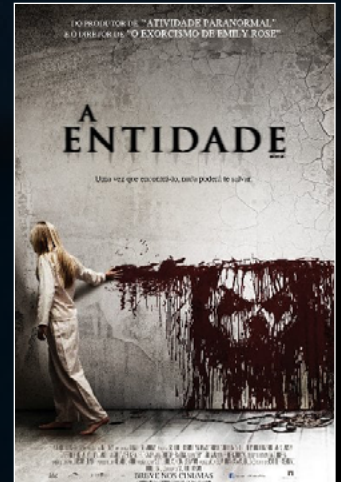
POST NO SITE



Tudo sobre

CINEMA

A ENTIDADE



Na trama de *A Entidade*, um autor de livros policiais luta para encontrar a história do seu próximo livro e se muda com sua família para uma casa onde uma família inteira foi assassinada. Porém, depois de encontrar uma caixa de filmes que mostra que outras famílias foram mortas na mesma casa, sua investigação o leva a identidade sobrenatural do assassino. Ele precisa então evitar que sua família tenha o mesmo destino trágico. Derrickson escreveu o roteiro de *A Entidade* com C. Robert Cargill.

Para mim e para muitos fãs do gênero *A Entidade* é um dos filmes mais assustadores de todos os tempos. Se você já assistiu aos clássicos *O Exorcista* de 1973, *A Profecia* de 1976 e *O Bebê de Rosemary* de 1968 você não pode ignorar essa obra de terror inteligente e perspicaz.

Uma pesquisa científica da BroadbandChoices revelou que *A Entidade*, dirigido por Scott Derrickson é o filme de terror que mais causa instabilidade psicológica e emocional nos espectadores.

A pesquisa intitulada Projeto Ciência do Pavor foi aplicada em 50 pessoas de idades variadas, que assistiram a mais de 100 horas de filmes do gênero.

Através do rastreamento de batimentos cardíacos, os pesquisadores foram capazes de determinar os 50 filmes mais assustadores da história do cinema, e *A Entidade* alcançou o topo da lista.

A frequência cardíaca média em repouso era de 65 batimentos por minuto e, durante o filme de Derrickson, 95% dos espectadores atingiram entre 84 e 86 BPM.

O 2º lugar ficou com *Sobrenatural* (2010), do diretor James Wan, que elevou a pulsação do público a 80 BPM, mas foi o filme que teve a maior pontuação em cenas jump scare (quando acontece um susto inesperado), elevando o ritmo a 133 BPM.

Então prepare a pipoca e se prepare para encarar os seus medos!

Beijos

Claudia Faggi



[Clique aqui](#)



O REGRESSO

O Regresso é a prova cinematográfica de que a vingança é dolorosa e visceral.

O filme é sobre perceber que as pessoas ao seu redor não acreditam mais em você, e por esse e outros motivos elas mesmas te abandonam. Diante de tal situação cada um reage de uma forma, muitos seguem o próprio caminho, praticando a aceitação. Outros seguem os instintos mais primitivos, a vingança.

O Regresso, estrelado por Leonardo DiCaprio, fala sobre uma traição e um acerto de contas incrível.

A história é centrada no personagem Hugh Glass, que após sofrer um ataque na floresta e após uma noite acompanhado pelo traidor John Fitzgerald, é dado como morto. Juntamente com essa história, acompanhamos, ao longo da trama, uma tribo que está à procura de uma mulher perdida. O filme é longo, porém emocionante e ágil. É muito difícil fazer um filme como esse, um filme com longa duração, mas que consegue fazer o espectador vibrar em cada cena.

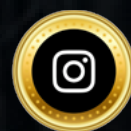
Observamos uma perfeita fotografia, aliás, uma perfeita fotografia, com precisão na escolha de cores para cada cena e cenários impecáveis. Cenas de ação te mantém sempre com êxtase. O filme investiu nos efeitos de lanças, armas de fogo, e o belíssimo jogo de câmeras que focavam sempre na parte mais interessante das lutas. A atuação é o ponto alto, sendo incrível. Leonardo DiCaprio, na maioria do filme,

atuou sem personagens ao seu redor, fazendo-o ser o ato principal de diversas cenas, sempre entregando seu melhor e garantindo uma das melhores performances do ano.

O Regresso é um show que não deve ser desperdiçado!

Beijos cinematográficos

Claudia Faggi



[Clique aqui](#)



Tudo sobre

CINEMA

GREEN BOOK - O GUIA



O que posso dizer e com a máxima certeza é que Green Book – O Guia é um dos filmes mais incríveis que eu assisti!

A história é real e fala diretamente sobre aceitação de si mesmo e do próximo. O longa acompanha a viagem do pianista Don Shirley (Mahershala Ali) e seu motorista Tony Vallelonga (Viggo Mortensen) pelo sul dos EUA durante os anos de segregação - o título é uma referência ao guia de viagem que indicava para os afro-americanos os hotéis e restaurantes em que seriam aceitos. Shirley é um músico sofisticado, Vallelonga é um italiano brucutu.

No caminho traçado pelos viajantes é possível observar dois seres humanos vencendo seus preconceitos e evoluindo de uma relação de trabalho para uma amizade improvável.

E realmente isso aconteceu! E é nessa hora que nasce em nós, telespectadores, uma dose significativa de esperança em acreditar que o ser humano pode se transformar positivamente. É possível mudar. É necessário se libertar de qualquer tipo de preconceito que ainda insiste em nos cercar.

Os diálogos são inteligentes e inspiradores. A fotografia é cheia de cor. A trilha sonora é nostálgica. O filme é arrebatador.

As atuações carismáticas de Ali e Mortensen são cativantes. O jeito grosseiro do motorista se mistura a austeridade de Don Shirley em situações cômicas e dramáticas.

Assista e se apaixone por essa lição de vida e de amor.

Siga acreditando que o ser humano ainda tem muito de humano!

Beijos no coração

Claudia Faggi



[Clique aqui](#)



Tudo sobre

CINEMA

UM LIMITE ENTRE NÓS

O filme conta a história de Troy (Denzel Washington), homem frustrado por não ter se tornado jogador profissional de beisebol e infeliz por trabalhar como catador de lixo. Produto de uma trajetória cultivada na insatisfação, Troy tem dificuldades em se relacionar com a família, exceto, talvez, com a esposa Rose vivida por Viola Davis, uma das mulheres mais incríveis e inspiradoras do cinema.

O longa é uma adaptação cinematográfica de uma peça da Broadway, escrita em 1983 por August Wilson.

A obra tem duas faces: o roteiro e o elenco. Como quem escreveu o script para os cinemas é o mentor original, o texto é irretocável. Do ponto de vista estrutural, Troy que é o personagem principal, é o fio condutor, é a interação com seus familiares e com o amigo Bono, e tudo gira em torno do próprio Troy.

O texto do filme é extremamente atual e mostra de forma bastante pessoal e verdadeira o jeito severo como Troy trata os filhos. Da mesma forma que ele se baseia na frustração, acaba criando uma forma dura demais de tentar protegê-los da realidade.

Essa dureza de atitudes, pensamentos e ações criam distâncias familiares, afetando todo convívio.

O pensamento principal, o que me veio a mente é se vale a pena levar tudo a ferro e fogo, é a ideia de que viver a vida mais leve pode trazer momentos incríveis de felicidade.

Bom filme e boa reflexão

Claudia Faggi



Clique aqui



Tudo sobre

CINEMA

MENTIRA INCONDICIONAL



Mentira Incondicional é um filme tenso, cheio de desdobramentos que deixam a narrativa cada vez mais angustiante. Na trama, uma adolescente diz ter matado a melhor amiga. As duas estavam em uma ponte e a garota foi empurrada para a morte.

Para desvendar o caso segredos antigos têm de ser contados para que o desfecho realmente seja esclarecido. Os pais da jovem assassina tentam entender o que realmente aconteceu.

Toda a trama do filme se desenvolve em poucos dias, alguns mais intensos que outros, mas a todo tempo acompanhamos o desespero dos pais em tentativas frustradas para salvar sua família de passar o resto da vida na cadeia. Mesmo separados, eles unem forças para evitar o pior.

Peter Sarsgaard, interpreta um pai que faz de tudo pela sua filha, mesmo que isso signifique ajudar a apagar todas as provas de um assassinato. Mireille Enos, também arrasa a todo momento, mostrando que sua personagem Rebecca parece morrer por dentro, presa pelas ações de sua filha.

Mais uma vez nos é mostrado o poder da atuação, fazendo o espectador odiar Kayla, uma adolescen-

te perdida e sem conteúdo, que ainda assim não justifica seus atos.

Bom filme!

Claudia Faggi



[Clique aqui](#)



COLUNAS E COLUNISTAS



VULCÃO WHAKAARI

Não é de hoje que a Netflix está investindo em grandes histórias, e esse é o caso do desastre natural ocorrido na Nova Zelândia no ano de 2019, eu estou falando da erupção do vulcão Whakaari, que na hora em que entrou em atividade estava cercado de turistas e guias locais, fato determinante para dar veracidade a obra, já que a maioria das imagens usadas no documentário foram gravadas pelos turistas.

Com o lançamento de rochas, cinzas e fumaça, pessoas faleceram e outras ficaram feridas. Ainda mais surpreendente, é a informação de que pelo menos 50 turistas da Nova Zelândia ou de fora, se encontravam na ilha, ou nas proximidades.

No documentário Vulcão Whakaari: Resgate na Nova Zelândia, a cineasta indicada ao Oscar Rory Kennedy relata em detalhes as trágicas consequências da erupção de um vulcão na costa neozelandesa. Durante um passeio turístico em uma remota ilha vulcânica, 47 guias e viajantes ficaram presos no epicentro de uma nuvem piroclástica escaldante de cinza e poeira tóxica. Este filme que é assustador e inspirador, reconta a história desta erupção por meio de depoimentos pessoais.

Não perca!

Claudia Faggi



[Clique aqui](#)



COLUNA Ágora

ENTREVISTAS



01



POR ZENAIDE DOS SANTOS SA



Zenaide dos Santos SA é uma jornalista, colunista e autora brasileira. Ela é descendente dos povos originários potiguares por parte da bisavó materna, e é casada com um estrangeiro chamado JJSA. Além disso, Zenaide é mãe de um casal de filhos e é a matriarca de uma grande família de humanos e pets. Ela também é ativista ambientalista, ativista humanitária e agitadora cultural.

Ocupa a cadeira de número 27 na Academia de Letras Guimarães Rosa - ALEGRO e faz parte do grupo das Mulheres Escritoras Guarulhenses. Ela também é agente literária na Soul Editora e é responsável por seus dois blogs, incluindo o Zenaide Santos SA New Cultura e o Zenaide Santos SA NEW VEDEC.

Entrevista com: Alaa Hamad



Alaa Hamad nasceu em Bagdá, Iraque.

Estudou literatura árabe desde cedo, praticou e escreveu versos poéticos seguindo as métricas poéticas da poesia árabe introduzidas por Khalil ibn Ahmed al-Farahidi.

Escreveu poesia no Iraque na década de 1970 e publicou algumas em jornais locais.

Envolveu-se em crítica literária desde o início de 1995 e contribuiu para vários jornais e revistas iraquianas e árabes.

Deixou o Iraque em 1980.

Membro da União Geral de Escritores e Autores no Iraque, ocupando os cargos de crítico e poeta. Possui cidadania iraquiana e dinamarquesa.

Publicou coleções de poesias: • "Afiliações" - Beirute, 1993. • "Antecipando o Cheiro de Jasmim" - Beirute, 1995. • "Quando a grama cresce, os pássaros começam a cantar" - em colaboração com Dar Al-Thaqafa Al-Aliya, Copenhague, 2000. • "Sem Capa" - Damasco, 2010. • "Certificado de Morte Apreciativo" - Bagdá, 2013. • "Cesto Nacional de Larvas" - Bagdá, 2014. • "Navegando no Pão" - uma antologia para poetas árabes, Bagdá, 2014. • "Odas Iraquianas" - Rabat, Marrocos, 2016. • "Estações de Suspeitas" - Cairo, 2017. Obras poéticas publicadas na Suécia pela Tawil Publishing House: Obras Poéticas - Parte Um... Publicado pela Tawil Publishing House - Suécia - 2020 Obras Poéticas - Parte Dois... Publicado pela Tawil Publishing House - Suécia - 2021 Obras Poéticas - Parte Três... Publicado pela Tawil Publishing House - Suécia - 2022 Vários manuscritos não publicados. Trabalhos críticos: • "Carrinho de Poesia" - Movimento da imaginação e simbolismo da



linguagem poética na poesia árabe, Cairo, 2016. • "Presentes da Perda" - Imaginação e estruturas poéticas na experiência do poeta iraquiano Salman Dawood Muhammad, Cairo, 2017. • "Carrinho de Poesia" - Formações linguísticas na poesia moderna, Cairo, 2018. • "Mecanismos do Discurso Simbólico na Poesia Árabe Moderna" - Estruturas poéticas na experiência do poeta iraquiano Sarkon Boulos, Cairo, 2018. Outras obras: • "Feminização do Mundo" - Revelações imagéticas nos textos do poeta iraquiano Yahya Al-Samawi, Suécia, Iraque. • "Carrinho de Poesia" - Nos tipos de imagens configuracionais, Suécia, Iraque. • "O Ser Textual" - Simbolismo, Surrealismo, 2022, Suécia, Iraque. • "O Percebido e a Cultura do Imaginário" - Jordânia, 2023. Os manuscritos incluem: • Parte Quatro e Parte Cinco das obras poéticas. • "Enfrentando a Dialética do Texto" - Livro crítico. • Vários livros críticos em andamento. • Numerosos artigos publicados em jornais culturais, revistas e sites. Teve uma participação no livro poema para todos os pais da Rubi Editorial lançado em 2023.

Alaa Hamad in brief.

Born in Baghdad, Iraq. Studied Arabic literature at an early age and practiced and wrote poetic verses following the poetic meters of Arabic poetry introduced by Khalil ibn Ahmed al-Farahidi. Wrote poetry in Iraq in the 1970s and published some in local newspapers. Engaged in literary criticism since the beginning of 1995 and contributed to various Iraqi and Arab newspapers and magazines. Left Iraq in 1980.

Member of the General Union of Writers and Authors in Iraq, holding the positions of critic and poet. Holds both Iraqi and Danish citizenship.

Published poetry collections:

- "Affiliations" - Beirut, 1993.
- "Anticipating the Scent of Jasmine" - Beirut, 1995.
- "When Grass Grows, Birds Begin to Sing" - in collaboration with Dar Al-Thaqafa Al-Aliya, Copenhagen, 2000.
- "Without Cover" - Damascus, 2010.
- "Appreciative Death Certificate" - Baghdad, 2013.
- "National Maggot Basket" - Baghdad, 2014.
- "Sailing in the Loaf" - an anthology for Arab poets, Baghdad, 2014.
- "Iraqi Odes" - Rabat, Morocco, 2016.
- "Seasons of Suspicions" - Cairo, 2017.

Published poetic works in Sweden by Tawil Publishing House:

Poetic Works – Part One... Published by Tawil Publishing House – Sweden – 2020 Poetic Works – Part Two... Published by Tawil Publishing House – Sweden – 2021 Poetic Works – Part Three... Published by Tawil Publishing House – Sweden – 2022

Several unpublished manuscripts.

Critical works:

- "Poetry Cart" - Movement of imagination and symbolism of poetic language in Arabic poetry, Cairo, 2016.
- "Gifts of Loss" - Imagination and poetic structures in the experience of Iraqi poet Salman Dawood Muhammad, Cairo, 2017.



- "Poetry Cart" - Linguistic formations in modern poetry, Cairo, 2018.
- "Mechanisms of Symbolic Discourse in Modern Arabic Poetry" - Poetic structures in the experience of Iraqi poet Sarkon Boulos, Cairo, 2018.

Other works:

- "Feminization of the World" - Pictorial revelations in the texts of Iraqi poet Yahya Al-Samawi, Sweden, Iraq.
- "Poetry Cart" - In the types of configurational images, Sweden, Iraq.
- "The Textual Being" - Symbolism, Surrealism, 2022, Sweden, Iraq.
- "The Perceived and the Culture of the Imaginary" - Jordan, 2023.

Manuscripts include:

- Part Four and Part Five of poetic works.
- "Facing the Dialectic of the Text" - A critical book.
- Several ongoing critical books.
- Numerous articles published in cultural newspapers, magazines, and websites.

ENTREVISTA

1

REVISTA THE BARD Bem-vindo, Alaa Hamad, à revista The Bard. Meu nome é Zenaide dos Santos SA, sou jornalista e colunista.

Como sua experiência pessoal como iraquiano influenciou seu trabalho como escritor?

ALAA HAMAD Obrigado, Zenaide dos Santos SA, por suas palavras de boas-vindas. Tenho plena confiança na entrevista enriquecedora e exploração que você está conduzindo atualmente nos assuntos literários e artísticos. Seus esforços são muito apreciados. Obrigado antecipadamente.

Minhas experiências pessoais e literárias têm sido cruciais para promover a comunicação e o envolvi-

mento com os livros. Noites passadas lendo e explorando a literatura, tanto em países do Oriente quanto do Ocidente, se tornaram essenciais após minha mudança para a Dinamarca. A experiência dinamarquesa se mostrou altamente benéfica, especialmente para conhecer obras literárias na língua nativa do país. Lembro de uma citação do falecido poeta iraquiano Abdulwahab Al-Bayati, onde ele afirmou que um escritor deveria dominar pelo menos um idioma e ler as obras daquele país na língua que aprendeu. Este ensinamento marcou um início significativo em minha vida e experiências, não apenas na escrita, mas também na pesquisa e exploração. Meu foco principal era a comunicação literária através da composição de poesias e escritos críticos, publicando-os em jornais, revistas e publicações árabes de diversos países.



2

REVISTA THE BARD Quais são os principais temas envolvidos em seus livros?

ALAA HAMAD Os principais temas pelos quais tenho interesse giram em torno da filosofia da crítica e diversas escolas críticas. Atualmente, estou ativamente envolvido na exploração do campo da retórica moderna, especialmente a teoria emergente conhecida como 'Teoria Hijaj'. Meu segundo foco envolve a escrita de estudos críticos sobre textos poéticos de diferentes países, incluindo árabe ou outros idiomas. Percebo o mundo através de minha nova casa e do café que me abriga, onde me conecto com seus frequentadores.

3

REVISTA THE BARD Como você lida com as dificuldades e desafios de retratar a realidade social e política do Iraque, ou de outro país, em sua escrita?

ALAA HAMAD A realidade social em meu país, em particular, é precária e instável. Consequentemente, um sentimento de indiferença permeou a sociedade e, infelizmente, até as autoridades responsáveis têm demonstrado pouco interesse pelas questões econômicas, que desempenham um papel crucial nos movimentos políticos e culturais, bem como na formação do rumo do país. Vale a pena ressaltar a influência de grandes potências que gerenciam e impactam essas nações, onde a resistência tende a ser fraca. Em meus escritos poéticos, incorporo essas questões e os problemas que têm crescido e se proliferado em diversos países, incluindo minha terra natal, o Iraque, é claro. poderei lançar o meu livro nesse evento.

4

REVISTA THE BARD Quão importante é a literatura na construção de uma identidade cultural e histórica para o povo iraquiano?

ALAA HAMAD A literatura em geral, e a poesia em particular, estão entre os gêneros significativos e influentes na sociedade. Consequentemente, observamos que muitos escritores enfrentam perseguições por parte das autoridades devido à falta de conformidade com as diretrizes estatais. Isso é especialmente verdadeiro em países com estruturas marcadas pela pobreza. Nessas circunstâncias, a natureza da literatura serve como um catalisador para a conscientização, a resistência contra a pobreza e a busca por direitos civis e políticos.

5

REVISTA THE BARD Quais são suas principais influências literárias e como elas moldaram sua escrita?

ALAA HAMAD A maioria dos meus escritos é influenciada pelas escolas literárias modernas que surgiram após a Revolução Francesa, incluindo a desconstrução, a hermenêutica, o simbolismo e o surrealismo. Através de meus escritos, fui capaz de destacar que algumas teorias literárias foram ultrapassadas, com alternativas como a teoria da criação substituindo, por exemplo, a teoria expressiva. Isso serve como um lembrete de que as teorias literárias evoluem e novas perspectivas, como a teoria da criação, surgiram como substitutas para paradigmas antigos.



6

REVISTA THE BARD Como você vê o papel dos escritores na sociedade atual, especialmente levando em consideração os conflitos e a instabilidade presentes?

ALAA HAMAD O papel dos escritores na sociedade atual é crucial, pois eles têm o poder de promover a paz e estimular o desenvolvimento criativo. Infelizmente, muitos currículos literários estão atrasados e áreas como tecnologia e inovação são marginalizadas, incluindo a literatura e sua indústria. O que observamos é que os que lucram com a guerra são os que se beneficiam. A paz, por outro lado, promove a criatividade e o desenvolvimento, inclusive em nível societal.

7

REVISTA THE BARD Como é o processo de escrita para você? Você possui uma rotina ou técnica específica que utiliza?

ALAA HAMAD É natural que eu tenha desenvolvido um estilo de escrita distinto, mas que não é fácil. Portanto, ao escolher um título, examino cuidadosamente as nuances do mesmo. Sempre me esforço para evitar repetir títulos e descobrir algo novo na perspectiva da escrita. Eu adiro ao que escrevi sobre o texto não lido que resta a ser escrito e o texto escrito que envolve e nutre seus elementos essenciais.

8

REVISTA THE BARD Quais são os desafios de ser um escritor iraquiano no contexto da indústria literária global?

ALAA HAMAD Sempre me esforço para desenvolver determinadas teorias, expandindo-as e simplificando-as. Esses são os maiores desafios que enfrento em minha vida e experiência de escrita, especialmente ao mergulhar em livros de filosofia, onde a maioria dos termos filosóficos foi emprestada de suas origens. Em meu último livro, "Percepção e a Cultura da Imaginação", mergulhei na filosofia de Ibn Sina, também conhecido como Avicena, um proeminente filósofo muçulmano. Através deste trabalho, explorei a filosofia de Ibn Sina, chamado de "O Professor", investigando as raízes de conceitos filosóficos roubados.

9

REVISTA THE BARD Quais escritores brasileiros você conhece pessoalmente?

ALAA HAMAD Conheço pessoalmente o renomado autor brasileiro Jorge Amado, cujo romance "Zorba, o Brasileiro" foi traduzido para o árabe pelo tradutor e poeta Mamdouh Adwan. Além dele, José Sarni e Adriana Lisboa também são escritores brasileiros cujos trabalhos tive o prazer de ler. José Sarni é autor do romance "Senhor dos Mares" e Adriana Lisboa escreveu "A Sinfonia Branca", que lança luz sobre as atrocidades dos regimes de ditadura militar que governaram o Brasil entre os anos 1960 e 1980. Além desses, tenho a sra. Zenaide dos Santos SA, jornalista, como uma das pessoas mais próximas a mim. Nós nos comunicamos constantemente e ela é uma pessoa exemplar com seus belos relacionamentos e os esforços fantásticos que ela coloca em suas maravilhosas interações com amigos e outros.

COLUNA Ágora

ENTREVISTAS



10

REVISTA THE BARD Você já esteve no Brasil? Pretende participar de uma Bienal ou Feira do Livro aqui?

ALAA HAMAD Estou encantado em visitar o Brasil e explorar suas paisagens, literatura e a cena cultural pela qual escritores e poetas são apaixonados. Também estou ansioso para me envolver com o movimento cultural pelo qual escritores, poetas e críticos estão investidos, servindo como um tributo para os fluxos da filosofia moderna. Participar de exposições lá com alguns de meus livros me traz grande alegria. Em conclusão, eu estendo meus sinceros agradecimentos por este encontro envolvente que adiciona uma nova dimensão ao movimento cultural, talvez beneficiando aqueles que leem e se interessam por essa perspectiva literária. Um agradecimento especial à minha querida amiga Zenaide dos Santos SA, por suas belas e maravilhosas contribuições."



FACEBOOK



LIVROS



COLUNA Ágora

ENTREVISTAS



Na caixa da casa que eu guardei

Com uma cabeça de pomba

E um pouco de feno jogado por aí

E as ferramentas da colheita

Na temporada de voar...

Peguei um peixe

Um peixe do rio das lágrimas

E eu guardei

No Caderno da Tristeza...

Alaa. H



SUMÁRIO



COLUNAS E COLUNISTAS

ZENAIDE DOS SANTOS

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM



FACEBOOK



TWITTER



POST NO SITE





EDIÇÃO JANEIRO & FEVEREIRO 2024



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MAIO & JUNHO DE 2024



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
MAIO & JUNHO/2024

PERÍODO DE **21** DE JANEIRO À **16** DE MARÇO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.



04



Alegria Mauro Manuel



Alegria Mauro Manuel, poeta e escritor, formado em engenharia de geologia, participou da antologia angolana *N'zila – Caminho do sonho* e nas antologias Brasileira *Encantos Nordestinos*, *Taverna Poética*, antologia *Pessoa*, cartografias do coração e representa a revista interativa *THE BARD* em Angola.

OS RITUAIS DOS POVOS LUNDAS

O Reino da Lunda (1050-1887), também conhecido como Império Lunda, foi uma Confederação africana pré-colonial de estados, desde o Katanga (RDC), o rio Luio até Liambeji ou Zambeze e o noroeste da Zâmbia. O seu estado central ficava no actual Katanga (RDC) ou a capital Imperial a famosa MUSSUMBA.

O Reino da Lunda ficou dividido no século XIX, quando ocorreu as guerras intestinais na Corte da Família Real do Império entre o século XIV, XV a XVI por causa do tabú da soberana Lueji a mais velha entre os três irmãos (herdeiros do trono). O Reino dividiu-se em três partes, sendo; Reino Lunda Luba, Reino Lunda Ndembo, Reino Lunda Tchokwe.

No Séc. XVIII, uma parte do povo Tchokwe “nomeado pela antiga colônia portuguesa de KI-ÔKO” estendeu-se de forma permanente até ao leste de Angola nas províncias da Lunda-sul, Lunda-norte e Moxico.



Soba Lunda



Dom Mwata Jamwo Kauma Rei da Lunda, 1928

Dos principais cultos e cerimónias culturais destacam-se Mahamba, Ukule e Mucanda.

Quanto à Mahamba (plural de Hamba), trata-se de cultos aos espíritos tutelares (espíritos ancestrais ou da natureza) que estão representados por estatuetas, árvores e máscaras. Para garantir a protecção diária ou apaziguar um espírito, são realizadas ofertas, sacrifícios e orações. Se algum hamba estiver zangado, pode provocar doenças ou prejuízos no transgressor, como infertilidade nas mulheres e azar na caça feita pelos homens.

Relativamente à Ukule, consiste num ritual de iniciação feminina, realiza-se aquando da primeira menstruação (ukule) da adolescente. Esta cerimónia é constituída por várias etapas durante as quais a jovem (kafundeji) aprende uma dança do ventre (apreciada pelos Tshokwe e que antecipa as relações sexuais), recebe instruções sobre o acasalamento, é pintada com tatuagens púbicas (mikonda) para fins eróticos e, juntamente, com o seu futuro noivo, procede a diversos rituais que culminam na consumação do casamento dos dois jovens.

E por fim o Mucanda, se efectua durante a puberdade, trata-se dum ritual de iniciação masculina durante o qual os jovens ou crianças maiores de 8 anos são circuncidados. Mucanda designa o campo cercado com palhotas redondas, no qual os iniciados, tundangji (plural de kandandji), vivem afastados das suas famílias por um período de um a dois anos. A iniciativa de um ritual mucanda é tomada pelo chefe da aldeia. A máscara kalelwa ou mukixi kalelwa (quando vestida) marca o início e o fim do ritual e proíbe severamente a aproximação de mulheres à mucanda. Durante o retiro, os iniciados aprendem os procedimentos das cerimónias de culto, fazem máscaras para os rituais e exercitam diferentes tipos de dança e artes de pesca e caça, que serão executadas diante da comunidade a fim de mostrarem os seus talentos como homem.

Relativamente às máscaras, como se descreveu na edição anterior, de forma geral há três grandes grupos ou tipos de máscaras:

1º tipo ou grupo é designado por Tchikungu ou mukishi wa mwanangana (palhaço ou máscara real – do reino), corresponde à máscara sacrificial sagrada e representa os antepassados do chefe tribal;

2º tipo ou grupo denomina-se mukishi a ku mukanda (palhaço ou máscara da iniciação masculina) é equívale às máscaras do mucanda, das quais são exemplo a Tchiikunza e a Kalelwa que, depois do ritual, são queimadas, e finalmente;



Máscara Lunda

3º tipo ou grupo, designado mukishi a khangana, corresponde às máscaras de dança – as mais conhecidas e as mais frequentes em museus e colecções privadas – sendo as máscaras Tchiihongo (para os homens) e Pwó (para as mulheres) os mo-



delos principais. Salienta-se que a palavra mukishi (plural de akishi) indica que um espírito ancestral ou da natureza encarna na máscara. O mascarado não é identificável, pois está encoberto com a máscara e com um fato feito de fitas entrelaçadas que lhe cobre as mãos e os pés. Segundo a tradição dos Tshokwe, aquele que põe a máscara perde as suas qualidades humanas e incorpora o espírito.



Máscara Mukishi

INSTAGRAM



POST NO SITE



Poeta



Angola

Saurimo, Lunda-sul

Alegria Mauro



COLUNAS E COLUNISTAS

POEMA PORTUGUÊS

SENHOR (a) MEU AMOR(...)

Quero exprimir-me
Amar-te sem medo
Dizer-te que

Amor não é um sentimento
É um princípio
O começo de um longo caminho
Onde a fome e a sede predominam

No entanto
Deve ser alimentado...
Cuidado com toda atenção
E deixa-lo crescer saudável

Vai doer um dia
Mas no final mais forte será
Vai crescer com tempo
E maturo será

Entenda meu príncipe / minha princesa
Não é tempo
É atitude
Que nos faz amar

Não é a bússula
É o íntimo
Que nos leva ao topo
E nos faz chorar

Não aceito converter-te em um rio ou mesmo oceano
O amor que por tí sinto
É tão alto
Que o astronauta não chega

É sem limite
Feito o mar
Com extremidades de princípio
Mas infinito.

Dialeto TCHOKWE

ZANGE YAMI

Mungulihana kuli yena
Ngukuzange ha kexi woma
Ngu kulueze nguenyi

Zango nyi manyionga ako wika
Zango uputukilo
Xina lia jila isuku
Kuze kutuama zala nyi pwila

Alioze
Chatamba ku mulembejeka
Nyi kumufunga
Hanga kole nyi ku tathuka

Mukukapwa ipikalo limwe tangua
Alioze songo mulikapua lipema
Makola ha ximbo nyi ximbo
Ndo ha tathuka

Nyonga kama zange yami
Nyi ximbu ko
Alioze kupwa o hanji kulinga
Chakutulongesa kuzanga mukó

Nyi chisolola ko
Mba kupwa cha muthu
Chakumutuala kwilo
O hanji nyi kumulilisa

Chatayijile ku ku alumuna upwe luji o hanji kalunga luji
Zango liame ali yena
Linene chinji
Chipwe waze akwa maña kaheteleko

Liji songo
Ngue kalunga luji
Likuete xina
Mba lixi songo.

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNA Autopoiese & Narrativas

11



Stella Gaspar



Stella Gaspar nasceu em João Pessoa, na Paraíba. Professora Universitária. Mestre, Doutora com Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha. Pesquisadora, escritora e poetisa. Ama escrever, aprecia as belas palavras e suas poéticas. Busca com seus escritos desvelar as belezas da alma. Lançou seu primeiro livro de poesias, em 2016: "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus". Também é autora de livros Técnicos nas áreas das Ciências Humanas. Coautora em várias Antologias. Atualmente escreve textos e poesias com diferentes temas no Blog da Editora Valleti Books. Colunista, pesquisadora e escritora da Coluna "Autopoiese & Narrativas", na Revista Internacional The Bard.

"AS CORES DO MUNDO - SEM FRONTEIRAS"

De repente veio a inspiração, pensamentos e ideias. Como dizia Picasso. "Eu não procuro, eu encontro." Eu posso também encontrar, um mundo em transformações sem dores e com muitas belezas literárias. A arte de sentir e ver estão intimamente ligadas sem fronteiras. As cores dão sentidos novos e terapêuticos, são como lindas histórias vestindo dia a dia, as nossas alegrias. Um mundo sem cor: é impossível imaginarmos.

(Stella Gaspar)



Iniciamos prazerosamente essa narrativa com a nossa autopoiese sobre “**As cores do mundo – Sem Fronteiras**”, trazendo aspectos interessantes sobre a vida com cores, suas significações em cada estação do ano e suas histórias nas sensibilidades, sentimentos e poesias nos grandes pintores da Renascença. Destacamos os pintores que fizeram história na cultura ocidental, tornando-se os principais artistas do Renascimento. “uma manifestação do espírito humano que colocava o indivíduo mais próximo de Deus.” “Outro aspecto fundamental das obras renascentistas era o privilégio dado às ações humanas, ou humanismo. Tal característica, representava-se na reprodução de situações do cotidiano e na rigorosa reprodução dos traços e formas humanas (naturalismo).”

- 1- *Leonardo da Vinci (1452-1519)*
- 2- *Michelangelo (1475-1564)*
- 3- *Donatello (1386-1466)*
- 4- *Sandro Botticelli (1445-1510)*
- 5- *Rafael (1483-1520)*
- 6- *Ticiano (1488-1576)*
- 7- *Caravaggio (1571-1610)*
- 8- *Jan van Eyck (1390-1441)*
- 9- *Hieronymus Bosch (1450-1516)*

Esses artistas revolucionaram o universo das artes e tornaram-se referências do Renascimento. O Renascimento surgiu na Itália durante o século XIV e se estendeu até o século XVII, se espalhando por toda a Europa, sendo o primeiro grande movimento artístico, científico, literário e filosófico da modernidade.

“o renascimento apresentou um novo conjunto de temas e interesses aos meios científicos e culturais de sua época.”

Esse período foi um marco importante para a história do Ocidente e palco de grandes gênios da arte. Citamos “Leonardo da Vinci e Michelangelo”, que produziram obras consideradas modelos de perfeição.

Leonardo da Vinci (1452-1519) é o autor da obra de Arte “Mona Lisa também conhecida como a (La Gioconda, no original)” ou ainda como Mona Lisa Del Giocondo. É uma pintura feita em tinta a óleo sobre madeira, datada de 1503. A obra é considerada a mais famosa da história da arte devido ao seu caráter enigmático, simétrico e que prima pela harmonia em proporções, composição e jogo de luz e sombra. Medindo somente 77cm x 53cm, a pequena tela atrai multidões que vão ao Museu do Louvre, em Paris, para ver o retrato de uma jovem mulher que encara os espectadores com semblante misterioso, denotando ora simpatia, ora altivez. O véu delicadamente pintado, os cabelos finamente trabalhados e a rendição cuidadosa do tecido dobrado revelam as observações estudadas por Leonardo da Vinci e a sua paciência inesgotável.

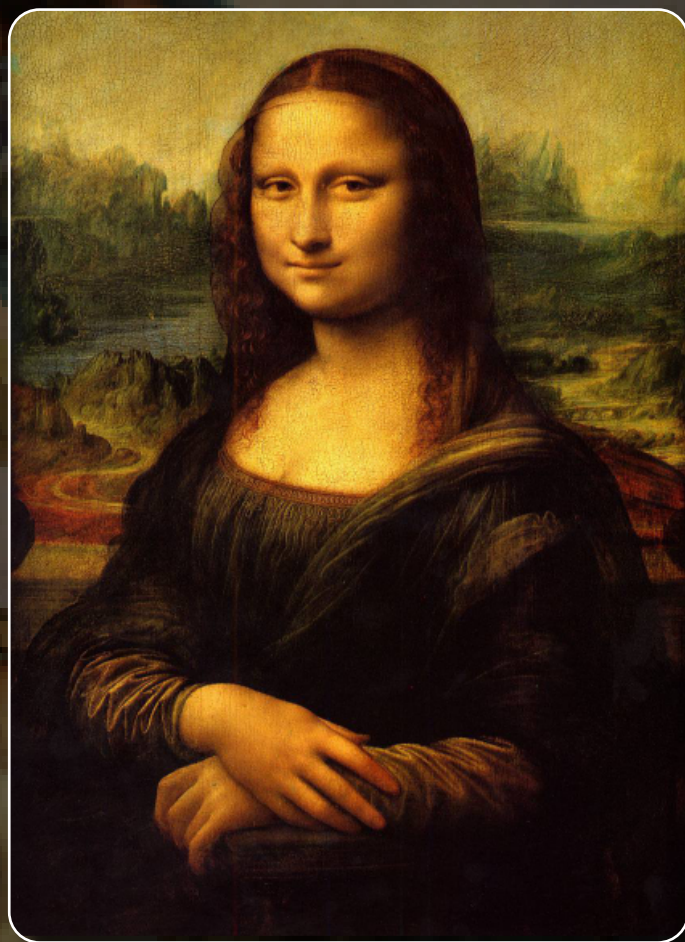


Imagem de WikiImages por Pixabay



Assim, como todas as obras de arte, “A Gioconda”, conserva sua parte de hermetismo, de sonho, de poesia atemporal e de mensagem universal, que, por essência, suscita todas as interpretações” (Loyrette 2005: 3). É uma obra que apresenta delicadeza e sinuosidade integrando encantos, mistérios e poesia, despertando ideias, evocando sentimentos, a curiosidade despertada no poeta que busca chegar na inspiração que o leva a poetizar.

Autoria
Ary Bueno

O Sorriso da Mona Lisa

*O sorriso de Mona Lisa, um enigma estampa
Assim é minha vida, cheia de mistério, de dor
De sofrer, que não sei como a alma encampa
Mas o coração, sempre espera, o nascer da flor
Flor encantada, que tive junto a mim, em um cinema
Que, me fez, ver a beleza, de poder de novo sonhar
De sentir o calor de sua boca, e se tornou meu tema
Para neste verso de amor, poder a felicidade cantar*

*Não sei até onde este sonho poderá se realizar
Se está linda flor, jovem, bela, com um lindo olhar
Corpo sensual, cheio de vida, e de muito calor
Lábios doces, fala mansa, acariciante, cheia de amor.*

*Mas o poeta vive de sonho, de esperança, da ilusão
Que encontrou enfim, uma deusa para o seu coração
E como em um passe de mágica, ela roubou seu amor
E com suavidade, amparou o poeta, e afastou dele a dor*

*Agora a alma do poeta flutua, feliz até nas nuvens chegar
E ali adentra com seu sonho no paraíso do divino amar
Com a esperança, de que jamais nela encontrara a dor
E que para o resto de seu viver, possa ter achado o seu amor....*

A Mona Lisa, ou Gioconda, é o maior ícone renascentista do século XVI e talvez o mais popular em nossos tempos, tendo influência de toda uma

conjuntura histórica, conforme procuramos descrever. Até os dias de hoje, nunca deixou de suscitar perguntas a respeito de sua expressão enigmática, especialmente em torno de seu sorriso.

Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem. “Não basta abrir as janelas para os campos e o rio. Não é bastante não ser cego. Para ver as árvores e as flores. Escreveu Alberto Caeiro. No século XIV. Leonardo da Vinci dizia: “o olho é a janela da alma”.

Leonardo da Vinci sabia disso e afirmou em frases poéticas.

A PACIÊNCIA...

“A paciência para os ultrajes é como a roupa para os que sentem frio: à medida que o frio aumenta, cobre-te com mais roupas, e não sentirás frio.

Assim também, no momento dos grandes ultrajes, aumenta a tua paciência, e a ofensa não chegará a tua alma”.

(Leonardo da Vinci).



Michelangelo (1475-1564). Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni, mais conhecido simplesmente como Michelangelo ou Miguel Ângelo, foi um pintor, escultor, arquiteto e poeta do Renascimento Italiano. Um dos maiores representantes das artes plásticas do período Renascentista. Convivendo com a elite nobre e intelectual, empolga-se pelas ideias do Renascimento Italiano. Sua grande paixão foi a escultura.

Certa vez ele disse: “A figura já está na pedra, trata-se de arrancá-la para fora”.

Irradiamos com o que vem de dentro de nós, energias restauradoras e renovadoras. Acreditamos a partir das palavras de Michelangelo, que é um despertar, do Criador dentro de nós. Então, desabrochará o nosso ser inteiramente amoroso e pacífico na arte de viver em paz.

Sua paixão pela grandiosidade transpareceu principalmente na arquitetura. Entre as obras de destaque produzidas por Michelangelo no campo da escultura estão Pietà, de 1499, e Davi, produzida entre 1501 e 1504. No campo da pintura, destacam-se os afrescos que ele produziu no teto da Capela Sistina, a pedido do papa Júlio II, entre os anos de 1508 e 1511.

Na Capela Sistina encontra-se uma das obras mais emblemáticas de toda a Renascença Italiana: o teto da Capela Sistina. (1508 e 1511).



Imagem de H. B. por Pixabay

Através da aparente calma emanada pela expressão de Davi, percebe-se a tensão interior pela postura do torso ligeiramente inclinado e pela cabeça voltada para o lado, oferecendo o perfil ao espectador. O herói bíblico não mostra sinais do combate vitorioso nem demonstra arrogância. Transmite, isto sim, uma força viril, que nasce da juventude sustentada pela beleza, o que a torna admirável.



Imagem de Squirrelsdoom por Pixabay

As cores são como as estrelas, sem limites no mundo imaginário.

“A imaginação é um prisma brilhante, que reflete todas as cores que decompõem os menores átomos de luz, que faz cintilar um raio de pensamento por cada uma de suas facetas diáfanas”.

(José de Alencar)

Quando desejamos ficar tranquilos olhamos o mundo com mais cor, calmamente contemplamos as estrelas que iluminam mundos, falando a mesma linguagem dessa obra-prima. As estrelas tem harmonia entre o homem e a natureza, são exuberantes brilhando nas flores silenciosamente e isso é um fenômeno fantástico, elas nos fazem sonhar, dão vozes aos pensamentos.



As cores são como as estrelas, estão em todos os mundos, mexem com as nossas imaginações e sentimentos aguçando a nossa criatividade. Nós, como a terra, somos iluminados pelas estrelas, acrescentamos que também pelo sol, ora pela lua. O mundo além das fronteiras é inundado pelas cores e seus significados. Sob a luz das estrelas e das cores, somos seres pensantes e afetivos, necessitados em nossos corpos das cores que em sentimentos, recordações, momentos os vestem.

Como a Arte, as estrelas comunicam-se com nossos pensamentos e preferências no nosso mundo real e de fantasias. O Universo é colorido em suas cartografias, tudo é harmonia. As cores são alegrias compartilhadas, transformam-se em um grande arco colorido com um sinal de esperança. Um Arco-íris lá no céu, em uma mistura de cores.



Imagem de Fietzfotos por Pixabay

Também as cores empregadas por Leonardo da Vinci, revelam uma observação criteriosa da natureza:

Leonardo aconselha olhar o arco-íris; obter-se-á um efeito agradável colocando as cores uma após outra as que são vizinhas no arco-íris, como o verde e o azul, ou que são, ao contrário, completamente opostas, tais como o vermelho e o verde. Para Da Vinci o branco não é uma cor em si, mas um

'receptáculo' de todas as cores. Não sei se os historiadores da ciência observaram suficientemente estas ideias muito sugestivas sobre o espectro, na qual pôde se inspirar Newton. (Vaux 1943: 23-24).

A cor, além de produzir uma sensação de movimento, expansão e reflexão, pode também nos oferecer impressões estáticas. Mas ao se misturarem recebem graduação de luminosidade. Podemos observar a beleza do nascer do sol e do pôr do sol, com sua luz e cores.

As flores florescem, com as céu as estrelas ao cair da noite, lá estão iluminando mundos de seres sensíveis, desejanter, solitários, alegres, angustiados, estressados. Somos multidão com nossas diferenças, mas que de repente nos encontramos com alguém distante, e o mundo fica todo colorido, bonito com cada um de nós sendo uma estrela com nossas potencialidades humanas e inteligências.

Quando olhares o céu à noite eu estarei habitando uma delas e de lá estarei rindo.

Então será, para ti, como se todas as estrelas rissem. Dessa forma, tu e somente

Tu, terás estrelas que sabem rir.

(Saint – Exupéry. O Pequeno Príncipe)



Imagem de Gerd Altmann por Pixabay



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

Era uma vez, tintas, pincéis e imaginações ...

Uma imaginação que com lápis, pincéis e tintas pode ser uma atividade libertadora, com movimentos de solturas. Com as cores podemos relaxar, liberar emoções e incentivar nossa imaginação. A atividade com pinturas propicia liberdade interior e criatividade. As cores produzem sensações de movimentos, de sentimentos, reflexões e transformações.

Na Psicologia, distinguem-se as cores como quentes e frias. As primeiras favorecem os processos de adaptação e ardor (vermelho, amarelo e alaranjado), têm o poder estimulante e excitante. As segundas favorecem o processo de oposição (azul, índigo e violeta), têm o poder sedativo e pacificante. As cores complementares (primárias e uma secundária) oferecem oportunidades criadoras.

A pintura é uma técnica que utiliza pigmentos em forma líquida para colorir uma superfície, atribuindo tons e texturas, esta superfície pode ser tela, papel ou parede. A pintura é diferente do desenho por usar pigmentos líquidos.

A cor é o elemento essencial da pintura. A estrutura fundamental de uma obra é composta pela relação entre as massas coloridas. A pintura faz parte da vida do ser humano desde o Renascimento, foi umas das principais formas de representação dessa época, estando presente nos dias atuais.

É necessário o exercício do “saber pensar”, podendo imaginar e acreditar nas diferentes possibilidades de transformação, da curiosidade, do entusiasmo, dedicação, amor e respeito. Cada indivíduo sempre cria com prazer, portanto ser valorizado por suas produções é uma contemplação importante.

Considerações finais

O artista não é mais autor da obra, mas um suscitador do ato criativo do outro...

Ele se contenta em propor ao outro, serem eles mesmos... (Oiteral, 2007, p.5)

Prezado leitor, deixarei para você, o meu encanto em palavras nas narrativas de um tema tão estimulador. Citamos bonitas metáforas poéticas e suaves como a da estética do pôr do sol, lindo, romântico e que nos faz viajar por nossos mundos interiores. As cores do sol passam do amarelo, para a cor abóbora, para o vermelho, para o roxo. Nesse rápido movimento, somos apreciadores desse maravilhoso poético momento transformador.

É o meu desejo que mergulhemos em sintonias, nesse mundo colorido, nos encantando com a criatividade do ser humano e da natureza. O mais fascinante nessa narrativa é a sua riqueza e diversidades, o mundo e suas cores, que se apresentam com múltiplas formas, conforme podemos observar nos estilos, nas essências poéticas, sentimentais e artísticas dos pintores do Renascimento que destacamos nessa autopoiese com suas genialidades, despertando as nossas sensibilidades, nos deslumbrando com suas obras de Arte belas e mágicas.

Assim, para terminar estes construtos na Coluna Autopoiese Y Narrativas, quero agradecer-lhes pela gentileza de seu acompanhamento.

Não podemos nos esquecer do processo criador, da capacidade de sonhar, imaginar, criar e transformar, espalhando o nosso olhar sensível. (Stella Gaspar)

Não há nada como um sonho para criar o futuro. (Victor Hugo)

Felicidades e Esperanças!

INSTAGRAM



POST NO SITE



FRASES E PENSAMENTOS

O tempo nos recompõe em nossas perdas, nossas reações, nossas cautelas e nossas próprias punições.

Adriana S. Araújo

A reza até cura a alma, mas é a caminhada que faz o milagre acontecer.

Neri Cappellari

Somos todos um só, pertencemos à mesma Humanidade e, no entanto, parece que não nos apercebemos disso ou que o ignoramos com toda a nossa vontade.

Beatriz Ferreira

Em mil poesias nos encontremos nas esquinas de cada sílaba, nos ventos de cada advérbio, para escutar o sujeito em seus discursos e infinitos predicados... Mas furte-nos sempre, de nossos pontos finais.

J.B Wolf

Mestres são aqueles que conseguem despertar na vida de alguém o desejo de superação, motivação e sonhos para viver.

Francisco Martins

Saudade é a ferida com golpe de foi-se.

Rafael Pelissari

Amadurecer na fé é compreender que todo ser humano é suscetível as intempéries

Betânia Pereira

A existência se desenrola entre ciclos finitos que compõem o Infinito.

Naira Pereira

“Deixa fluir... movimentando-se, trabalhando e pensando positivo, que o vento sopra a favor...”

Sidnei Capella

Em dias difíceis olho para o céu e encontro as estrelas. Em dias felizes, idem!

Edna Lessa

FRASES E PENSAMENTOS



COLUNAS E COLUNISTAS

Inteligibilidade no olhar é, no amor,
a mais absoluta libertação.

Renato Cresppo

Que o amor pelo próximo vire moda
e a empatia se padronize.

Iracelma Patrícia

“Não é rebeldia, nem ingratidão,
chutar o balde onde está se afogando!

Juliana Rossi

Contudo a vontade de ambos deve ser igual,
é necessário um equilíbrio de desejos.

Jaque Alenncar

“SUA FRASE AQUI”

Viver sem fervor é como vagar sem rumo.
Tenho certeza de que quando morrer serei
condenada pelo pecado do desejo, no entanto, não
morrerei envenenada pela indiferença.

Mia Koda

Nem tudo que aparenta ser ruim,
acaba com um final triste.

Sidnei Capella

Não basta sonhar.
É preciso desejar.
São muitos os saberes para amar.

Stella Gaspar

"Quem nessa vida de meu Deus poderá retroceder ao tempo? E ainda que o pudesse fazê-lo, quem nessa vida viveu para dizer sim ao adeus? A vida que nasceu só apareceu ao tempo que não a sabiam. Se nada está escondido para o tempo, então de que lado falo eu? Do futuro que de todo ainda não estou, ou passado que somente em lembranças estou? Não, Não. Só no presente, não posso esta. Assim diz um viajante do tempo."

André Ferreira

Vá atrás dos seus objetivos, mas aproveite a caminhada. O trajeto é tão importante quanto o destino final.

Rafaela Navas



08



E AÍ, QUAL É O FILME?



Lauro Henrique

Lauro Henrique - Editor, professor, escritor, crítico literário e palestrante, é mestre e Doutorando em Literatura pela UFSC, graduado em Letras – Português/ Inglês. Atualmente é professor efetivo da rede estadual de ensino de SC e é o criador do Canal no YouTube “Literatura do Medo”.

E aí, qual é o filme?

Questão, Hercule Poirot, Dana Scully, Fox Mulder, L, Rorschach, Tintim, Sam Spade, Maigret, Batman ou o lendário Sherlock Holmes? Será você o próximo grande detetive?

Escuridão, Luz e Amizade

Este filme é especial para mim por diferentes motivos. Sabe quando você lê um título de algum livro, filme, cartaz etc., mas percebe que na hora não é o imaginado? Foi deste modo a minha experiência a primeira vez que eu assisti a este clássico.

Já deixo a primeira pista: é um filme premiado, famoso e bem conhecido dentro de certos grupos culturais. Ele mexe com o coração das pessoas em âmbitos diversos porque reflete o medo do ser humano do diferente. É impossível recomendar para todos os públicos visto que alguns aspectos da produção não agradam certos gostos. Minha mãe, por exemplo, não assiste este “tipo” de filme.

Voltando a produção, minha próxima dica é: o filme tem várias cenas de batalhas e confrontos impactantes. Não é aquela violência desmedida, sem sentido, mas sim com um toque suave que revela o

pretexto do porquê de batalhas serem travadas e o porquê de outras não. Os personagens: protagonistas, antagonistas, vilões, bem como o enredo caminham juntos para trazer uma mensagem sobre a natureza da humanidade e o quanto ela precisa mudar para chegarmos à paz. Não vou negar para vocês que as cenas de ação me prenderam bastante, sobretudo nas cavalgadas em meio a floresta densa e misteriosa.

Sobre o cenário, posso dizer que é gótico, sinistro, cheio de elementos que a Literatura do medo adora. Pessoas perversas, vilões “monstruosos”, locais inexplorados, seres que vivem no limite entre compaixão e maldade, tudo completa este contexto social aterrorizante e desafiador. Não pode ser diferente, pois para trazer o lado ganancioso e assustador do ser humano é preciso tirá-lo de sua zona de conforto com dilemas morais e jornadas de autodescobrimento.

Vamos para um pouco sobre a história: Refinada, triste, com elementos de solidão e abandono, mas tudo regado com doses de ação e amizade para contrabalancear. Inclusive, a amizade é uma palavra que define bem este filme porque os personagens que fazem a trama caminhar possuem amigos em

contextos muitos diferentes. Felizmente, a mensagem de perdão e entendimento do outro faz com que muitos dos conflitos se resolvam sem tantas perdas.

Um último tópico para finalizar este enigma é pensar sobre a humanidade. O amadurecimento dos personagens, a conclusão que eu chamo de épica em meio de tantos confrontos e a finesse com que o diretor costura os elementos do respeito e entendimento do outro como mecanismos para evolução da sociedade são, a meu ver, perfeitos. Trago também um breve comentário sobre a direção do filme: nunca erra! Boa sorte prezados leitores, quando sair a resposta deste enigma, se você ainda não assistiu este filme, corre lá porque é imperdível.



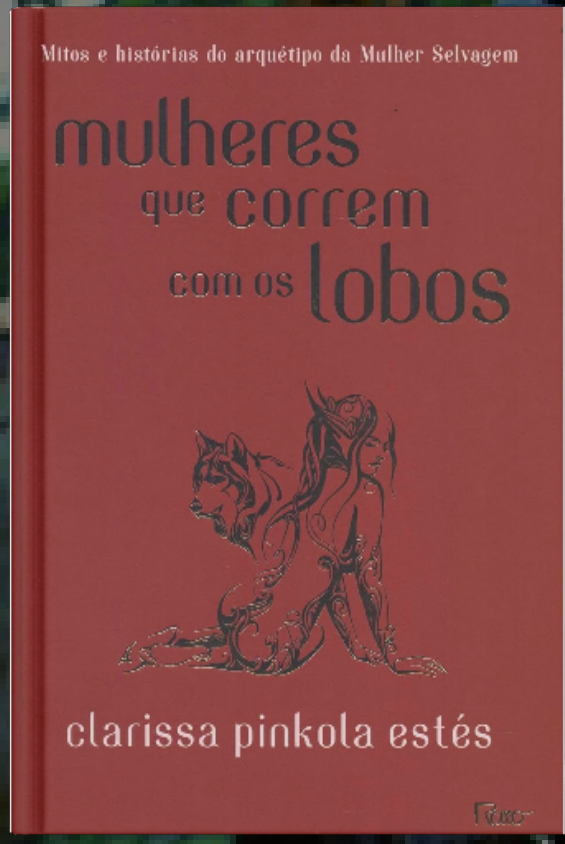
SITE

**Clique no botão
e participe**





P R Ê M I O



**Mulheres que correm
com os lobos**

Clarissa Pinkola Estés

**Quem vai acertar o filme e ganhar
o livro da Clarissa Pinkola Estés?**

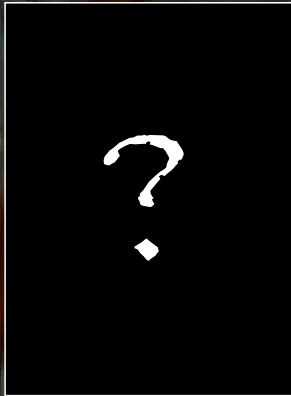
PARTICIPE!!!!

E aí, qual é o filme?

Por Lauro Henrique

REVISTA THE BARD EDIÇÃO JAN/FEV 2024

E aí, qual é o filme?



RESPOSTA EDIÇÃO ANTERIOR

E AÍ, QUAL É O FILME?

REVISTA THE BARD
EDIÇÃO JUL/AGO 2023



**Robin Hood – O
Príncipe dos Ladrões**



Acumulou



**NÃO HOUE
GANHADOR**

CONHEÇAM O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

SITE

YOUTUBE

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS





História das Artes

15



Betânia Pereira



Historiadora/Enfermeira
 Funcionaria Publica Estadual.
 Pós-Graduada Em: Historia Do Brasil(Uema);
 Saude Da Familia (Faesf);Terapia Intensiva (Facema).

A História da Pintura

“Pintar é libertar-se, e isso é o essencial.”
 Pablo Picasso

“As cores na pintura são como chamarizes que seduzem os olhos, como a beleza dos versos”.

Nicolas Poussin

Não é só por ser historiadora e artista, mas, sobretudo, por ser parte da humanidade, que a história do surgimento das artes me fascina, instiga meu pensamento e leva-me à pesquisa, a descobrir conhecimentos a respeito do tema. Nossos ancestrais acreditavam na capacidade de comunicação, resistência e perpetuação das artes. Isso me maravilha e me impulsiona!

A pintura é uma técnica antiga de aplicação de cor a uma superfície: papel, pedra, parede, o próprio corpo, ou qualquer lugar que o pintor deseje. É uma manifestação artística que está presente na história há séculos. Não tem como escrever sobre pintura sem lembrar, referir-se ao seu surgimento na pré-história, quando os povos nômades faziam uso de pinturas nas paredes rochosas, desenhos com carvão deixando marcas nas cavernas por onde passavam.

Desde o século XIX, a pintura rupestre tem sido essencial na reconstrução do cenário das origens da humanidade. Desde as pinturas rupestres feitas por povos primitivos, o homem tenta expressar suas crenças, suas atividades, seu cotidiano, o modo como ele vê o mundo ao seu redor. O homem, desde então, busca compreender onde surgiu a arte e quais as suas primeiras manifestações. É por isso que a história da arte é geralmente organizada em períodos que acompanham o próprio desenvolvimento das civilizações. Vamos juntos conhecer um pouquinho mais dessa trajetória belíssima que perpassa também o surgimento do homem no nosso planeta.



Há séculos, historiadores, filósofos, antropólogos tentam descobrir respostas sobre a nossa própria existência e a pintura é uma das formas que eles usam para tentar explicar o desenvolvimento das civilizações e das culturas extintas.

Durante muito tempo, pensou-se que seriam as pinturas nas grutas de Lascaux — França — que datam de há cerca de 35.000 anos e foram descobertas por acidente no século XIX — as mais antigas do mundo. No entanto, nas últimas décadas, avanços científicos nas áreas da paleoantropologia, da genética e da arqueologia não só colocam na África a origem da humanidade, como a da própria arte, revelando ainda que tanto uma quanto a outra pode ter uma longevidade maior do que se pensava anteriormente. A África possui centenas de tradições em artes rupestres espalhadas por todo o continente.

As últimas descobertas arqueológicas revelam que, tudo teve origem na África do Sul, entre 70.000 e 100.000 anos atrás, numa gruta voltada para o Oceano Índico, local que mais tarde ficaria conhecido como Cabo da Boa Esperança. Esses acontecimentos se deram, acreditam os historiadores, no período neolítico, (X do milênio a.C.) com o declínio da arte rupestre como função do desenvolvimento da agricultura e da sociedade, ressurgindo na Grécia Antiga e aperfeiçoada mais tarde pelos romanos.

Em torno de 3 000 a.C. começam a surgir pequenos povoados na Grécia continental e lá se inicia uma tradição de pintura sobre artefatos de cerâmica, como vasos e potes. A partir do segundo milênio a.C. na Cidade de Creta, desenvolveu uma sociedade monárquica com sofisticada urbanização, contando até com palácios, e lá aparecem os primeiros sinais de pinturas murais, mas poucos restos sobreviveram ao tempo.



A Pintura Pale cristã foi a divisora de águas entre a pintura da Antiguidade e a Medieval, e ela ainda deu muitos subsídios para os pintores do Renascimento, do Neoclassicismo e do Romantismo. Sua importância deve-se ao fato de que ela é tão antiga quanto a História da humanidade.

A pintura é tão importante que ela se tornou uma das principais formas de representação e comunicação desde os povos primitivos, passando pelo Renascimento até os dias atuais. E através das Galerias de Arte ela volta a ganhar espaço, tanto que ela vive o seu apogeu, os pintores começam a ser reconhecidos em várias partes do mundo, graças às exposições.

A partir da evolução da Arte Moderna e das novas tecnologias, os pintores adaptaram técnicas criando formas de representação e expressão visual.





Vários artistas experimentam a pintura com outras formas de arte, como a fotografia, por exemplo, criando colagens e gravuras. Nascem assim novos movimentos da Pintura como o Dadaísmo e a Pop Arte, com novas formas de representação e expressão visual.



Tipos de pintura

As pinturas podem ser figurativas (com representações da realidade) ou abstratas (sem figuras reconhecíveis). Os gêneros mais difundidos de pinturas são:

- natureza-morta;
- retrato;
- paisagem.

Técnicas de pintura

As principais técnicas de pintura são:

- Aquarela - a tinta é dissolvida em água, produzindo um efeito suave e fluido.
- Afresco - pigmentos misturados em argamassa para pintura mural permanente.
- Pintura a óleo - tinta feita à base de óleo para pintura luminosa de longa duração.
- Pintura à têmpera - pigmentos misturados em aglutinantes (como gema de ovo) para efeito opaco e vibrante.
- Pintura de tinta acrílica - pigmentos misturados em meio sintético para uma pintura de rápida secagem e cores vibrantes.





COLUNAS E COLUNISTAS

Diante dos fatos descritos a respeito da evolução da pintura como arte, percebe-se que ela ultrapassou barreiras territoriais e técnicas, reinventou-se ao longo dos milhares de anos, desde a Pintura Rupestre até a Pop Arte, podemos dizer então, que dada sua importância frente à humanidade, influência desde a nossa cultura, até a política e economia. A pintura acompanha o ser humano por toda a sua história. A pintura é arte que enche nossos olhos, acalenta nosso cérebro e transborda histórias.



**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU BLOG E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM



BLOG



LINKS



POST NO SITE





THE BARD
POESIA, ARTE & MÚSICA

**Quer aprender tudo
sobre Literatura?**

A JORNADA DO



ESCRITOR

O seu livro na mão do seu leitor

CLIQUE AQUI



Escreva contos e **torne-se** um escritor

Curso COMO
ESCREVER
CONTOS 2.0



Acesse aqui



COLUNA

Vida de Autor

13



Lilian Stocco



Escritora, designer, fotógrafa, roteirista e artista visual. Autora de 3 romances sendo, “Os Sete Segredos” finalista do concurso Best-seller startups 2019. Autora de 15 fotolivros com as belezas do Brasil e do mundo. Está envolvida em 5 novos projetos de escrita, é participante da “Vivendo de Inventar” grupo “Hardcover” do escritor Best Seller André Vianco, é membro da Sociedade de Autores Literários — SAL, onde atua como escritora, ilustradora e capista. Participante de antologias de contos como: “Não Conte a Ninguém” (Carreira Literária / oito e meio editora), “Você Não Está Só” (Editora Itapuca), “Contos da Quarentena” (A Arte da Palavra) e “Likes” (Insight Editorial). É colunista da revista “The Bard” com a coluna “Vida de Autor” e recentemente lançou um livro de contos em parceria com o autor Josenilson Oliveira (Nem te Conto - Histórias Quase Autorizadas) pela Editora Itapuca.

Para iniciarmos este ano de 2024 com a coluna Vida de Autor, vamos conversar mais sobre os desafios de ser um autor independente. Já conversamos sobre diversos temas importantes nessa coluna exatamente com o intuito de desmistificar o mundo dos autores e os bastidores da escrita. Esse ano vamos nos aprofundar ainda mais, buscar o que nos move, o que nos conecta, quem pode nos ajudar a dar o passo seguinte e assim construir nossa carreira. Vamos conhecer detalhadamente essa rede de apoio fantástica que tantos autores utilizam para mostrar sua história ao mundo. E para começar, que tal falarmos das feiras literárias? Me acompanhem. Vamos desvendar os mistérios dos bastidores da escrita nacional juntos!

Feiras e mais feiras na literatura brasileira

Quem nunca foi a uma feira do livro levante a mão. São espaços fantásticos onde podemos conhecer novos autores, conversar, falar sobre histórias, personagens, ouvir palestras, assistir a debates sobre a literatura, nacional. Posso dizer que temos feiras para todos os gostos. E se aventurar nelas sempre é uma ótima opção para conhecer melhor o mercado literário. Não importa se a feira é gigante, grande, pequena ou mini. O que mais importa nessa questão não é necessariamente o tamanho e sim as oportunidades que você pode descobrir em cada uma delas.

Quem nunca quis ter seu lançamento na Bienal do Livro, com uma tarde de autógrafos, fotos e muitos leitores? É fantástico com certeza, mas muitas vezes feiras menores atraem mais leitores voltados para o seu tipo de escrita do que você possa imaginar. Em feiras de grande porte as editoras dis-

putam entre si o espaço e os leitores. Muitas vezes, aquela feira que ocorre uma vez por mês na praça da sua cidade, pode permitir que você encontre muito mais leitores fiéis ao seu livro, do que uma feira maior com mais publicidade.

Isso não quer dizer que você deva deixar de ir em uma feira, devido a sua publicidade ou tamanho. Pelo contrário, isso lhe diz que você deve entender melhor as oportunidades que cada local e cada porte de feira pode oferecer.

Quando você planejar ir a uma feira literária, pense da seguinte forma:

1- Eu vou a entretenimento ou a negócios?

Aproveite as feiras maiores que ficam abertas durante vários dias ou as feiras menores, mas que se repetem periodicamente uma vez por mês, para dividir

Feiras e mais feiras na literatura brasileira

Por Lilian Stocco

suas visitas para negócios /captação de novos leitores ou entretenimento. Tire um dia e vá conhecer a feira, veja as editoras, o que elas estão oferecendo, de que maneira, observe os clientes de cada estande, converse, consuma, viva a experiência como “Leitor”. E aproveite uma segunda visita para prospectar você como escritor, leve informativos, ou brindes sobre seu livro, se possível consiga um lugar para realizar sua tarde de autógrafos, faça publicidade positiva nas redes sociais e distribua brindes dos seus livros. Existem diversas empresas que trabalham com esse nicho de brindes que pode te ajudar e até te surpreender com a quantidade de materiais diversos que você pode oferecer aos seus futuros leitores.

2- Quais os nichos literários essa feira trabalha?

Aqui a questão é simples. Não vá a uma feira literária de ficção científica se você só escreve poesia romântica clássica. Agrupe-se. Quanto mais próximo do seu nicho o seu leitor estiver, será melhor.

3- Crie Autoridade!

Vá com frequência às feiras literárias as quais você tem mais fácil acesso. Ser reconhecido pelos frequentadores, editoras, vendedores faz parte do negócio também. Ser conhecido no meio literário é tão importante quanto escrever bem e para isso você terá que sair do seu cantinho criativo e ganhar o mundo. Apareça! Deixe que as pessoas possam te conhecer melhor como “Autor”, sua vida pessoal o nome já diz é pessoal só diz respeito a você.

Quais feiras eu posso me aventurar e explorar novos leitores e territórios?

Ficam algumas dicas abaixo do que está para acontecer em 2024, só para vocês terem uma ideia de quantas oportunidades podem estar aí pertinho de vocês:

Fevereiro

- Feira do livro infantil afro-americano - Filadélfia Exposição Internacional de Livros de Taipei - Taiwan

Março

- A Feira do Livro de Londres

Abril

- Feira do Livro Infantil de Bolonha - Itália
- Festival do Livro Adolescente do Norte do Texas
- Feira Internacional do Livro de Abu Dhabi - Emirados Árabes Unidos Festival Internacional Literário de Gramado
- Bienal do Livro da Bahia
- Feira Nacional do Livro & Flipoços Salão do Livro de Imperatriz - SALIMP Feira do Livro da Unesp

Maiο

- Feira Internacional do Livro de Salónica - Grécia LER – Salão Carioca do Livro - RJ
- Bienal do Livro do Sul de Minas

Junho

- Feira do Livro de Joinville

Julho

- Feira do Livro de Hong Kong Feira do Livro de Brasília

Agosto

- Rocky Mountain Book & Paper Fair - Colorado, EUA Feira Internacional do Livro de Ribeirão Preto
- Feira Literária Negra - Mairiporã



Setembro

- Feira internacional do livro em Havana Feira internacional do livro - Madri Feira do Livro de Göteborg - Suécia
- Bienal Internacional do Livro de São Paulo Feira do Livro de Guaxupé – FLIG

Outubro

- Feira Literária de Tiradentes Feira Literária de Caraguatatuba

Novembro

- Feira Literária de Campina Grande Festa Literária de Piracicaba
- Festa Literária de Cametá reúne escritores, artistas e ... FLISGO - FESTIVAL LITERÁRIO DE SÃO GONÇALO
- Feira Literária Internacional do Xingu Feira do Livro de Florianópolis
- FLIP – Festa Internacional do Livro de Paraty LER - FESTIVAL DO LEITOR

Dezembro

- Feira do Livro de São Luís - FELIS
- Balada Literária Recife / Teresina / São Paulo



A lista é grande e essas são só as que eu conheço, imagine se cada leitor dessa revista compartilhasse uma feira literária da sua região. A lista ficaria gigantesca e as oportunidades também. Se você tem uma feira que ainda não está aqui na lista, envie para mim o nome da feira pelas redes sociais. Assim podemos divulgar as feiras de sua região.

Vendo todas essas opções, digo a você leitor, a você escritor... Aproveite! Conheça cada feira que for próxima de você, converse com pessoas, conheça escritores, editoras, leitores e interaja. Essa é a palavra da vez, interaja.

E aí? Gostaram das dicas? Isso é só o começo, mas na próxima matéria podemos continuar falando mais sobre a vida de autor.

Aguardo vocês na nossa próxima edição!

Feiras e mais feiras na literatura brasileira

Por Lillian Stocco



COLUNAS E COLUNISTAS

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

PUBLICAÇÕES

FOTOGRAFIA

DESIGN

INSTAGRAM

POST NO SITE





Recita-me



Juliana Rossi



Poetisa

SOU BRUXA

Pois é cansei de ser fada,
de realizar a vontade dos outros
sempre ao patriarcado fadada
já não ligo se serei mal falada

só não permitirei ser maltratada
canei de me dizerem o que fazer
passei a vida em fadada
renunciou ser fada! Basta!

Agora mando em mim
E se quer para chamar assim
Sou bruxa!
Sou livre!

Dizem por aí que enlouqueci
mas na verdade me descobri
e se quiserem me chamar assim
Sou louca
Sou bruxa
e sou feliz!
Ahahahhaahah

INSTAGRAM



RECITA-ME



POST NO SITE





Recita-me

Seu nome aqui



Poeta/Poetisa



TÍTULO DO SEU POEMA AQUI

Seu poema aqui

SAIBA COMO PARTICIPAR
ACESSE O EDITAL, ESCOLHA A CATEGORIA
E O E-MAIL RECITA-ME E ENVIE O
SEU RECITAR



SEU POEMA RECITADO AQUI



COLUNAS E COLUNISTAS



CINEMA

DICAS DE SÉRIES & FILMES



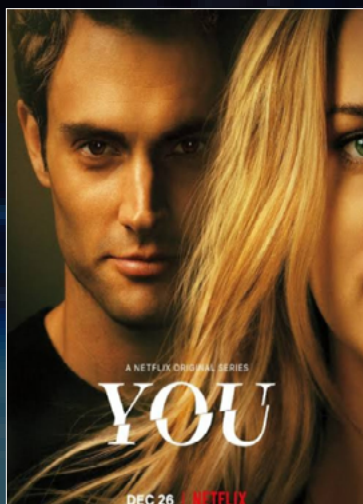
12



Cacá Matos



Fisioterapeuta e escritora de poesia e prosa; Autora do livro de poesias 1.001 sentimentos, 100 emoções, Doutora Honoris Causa em Fisioterapia e Honorável Mestre da Literatura Brasileira pela FEBACLA. Membro acadêmica da AIL, AVLPL, AILB e AIML. Coautora em algumas antologias poéticas.



OBSESSÃO

Até onde você iria por amor? Vale tudo na arte da conquista? Vale a pena refletir...

Nicolau Maquiavel disse que os fins justificam os meios e nesse quesito, o personagem da série You, leva muito a sério essa premissa, não poupando esforços para concluir seus objetivos e ter para si o seu grande amor.

Alguns românticos cometem exageros com grandes gestos por amor, mas nesse caso, nem chega perto do que ele é capaz de maquinar para conseguir o afeto e atenção de sua amada, até matar não foge de seus planos nada ortodoxos.

Não há limites nem moral para obter o que se quer, aliás, a obsessão é algo exagerado e irracional,

que na maioria dos casos não leva a bons resultados. Mas ele, Joe Goldberg, o funcionário de uma biblioteca, não mede nem mensura seus atos para chegar ao seu tão sonhado objetivo: namorar a aspirante a escritora, Guinevere Beck.

Quando ele a conhece, fica fascinado e decidido a ser o amor de sua vida e a partir daí, ele faz o possível e o impossível para ficar com ela, tirando de seu caminho tudo e todos que possam impedi-lo de realizar seu desejo.

É doentio, é impulsivo e é macabro o que ele é capaz de fazer para realizar o seu sonho e o que essa paixão errática pode levar senão a um fim trágico?

A série You, está disponível na Netflix lançada em 2018 e conta com três temporadas; Gênero drama/suspense; Classificação: 16 anos; Elenco: Penn Badgley, Elizabeth Lail, Ambyr Childers, Shay Mitchell.

POST NO SITE





MEDO

O medo é uma sensação desagradável que nos coloca em situações adversas. É inevitável por vezes, quando envolve riscos, altas doses de adrenalina e perigo eminente. Até aí tudo bem, mas o problema é se deixar ser controlado por ele e virar refém de si mesmo.

Somos expostos diariamente em risco quando deixamos o conforto de nossa casa, pior, às vezes não nos sentimos seguros dentro da própria casa e isso se torna um tormento para nossa vida.

Alguns parecem sonhar acordados e não são sonhos bons, pelo contrário, são pesadelos e isso causa grande terror com tudo que está ao nosso redor, é terrível!

Já pensou sonhar com assassinatos em tempo real? Como se fosse um espectador na cena do crime? A ideia parece horripilante, pois é o que a protagonista do filme em questão passa.

Em *Maligno*, a personagem assiste os assassinatos acontecendo quando na verdade não são pesadelos e sim crimes reais, com ela ali no ambiente.

Um evento de agressão causado pelo seu marido desencadeou o despertar de um tumor que havia em sua cabeça, uma presença maligna que passou despercebida por longos anos de sua vida, mas que agora está sendo responsável pelas mortes e pior, controla seu corpo inconscientemente.

Ela precisa então correr contra o tempo e desvendar a forma de lidar com o maligno e acabar com o terror.

Maligno, filme disponível na HBO MAX; duração de 1h 51 min; faixa etária 16 anos, ano: 2021; gênero terror/suspense; elenco: Annabelle Wallis, Jake Abel, George Young, Maddie Hassom, Michole Briana White, Jacqueline McKenzie, McKenna Grace.

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

FACEBOOK

INSTAGRAM

WATTPAD

POST SITE



COLUMNAS E COLUNISTAS



Nossa LITERATURA

VIRTUDES POÉTICAS



01



MÁRCIA NEVES



Natural de Paripiranga-BA, é escritora e educadora. Graduada em Letras, com pós-graduação em Alfabetização e Letramento. É multiplicadora do EducaMídia e autora de livros, como "Grades de liberdade" e "Poesia - o mundo encantado das crianças". Participa de eventos literários e possui mais de cem publicações no site Recanto das Letras. Atua na área da educação há mais de 20 anos e agora é colunista da Revista The Bard, com o tema Virtudes poéticas.

Gratidão

*Há quem diga
que o destino a Deus pertence
Há quem afirme
que as histórias são escritas
Existe uma realidade
que se encarrega
Existe uma razão
chamada amor
Assim, vidas se concretizam
em corações que se apertam
e se expandem
para expressar gratidão*

des da natureza humana por meio da palavra escrita. A poesia é revolucionária quando expressa verdades que ultrapassam o coração do homem. Ela traduz os sentimentos mais emblemáticos, como se pintasse fio a fio essa natureza.

Cada palavra aqui é destinada a cada um dos meus leitores, amigos e amigas. Sinto-me profundamente honrada pela oportunidade de contribuir para a Revista Internacional The Bard e reconheço o carinho, atenção e incentivo oferecidos por todos. Espero que desfrutem da leitura e sejam inspirados pelas palavras aqui publicadas.

Márcia Neves

Assim me apresento a vocês, caros leitores. Agradeço sinceramente pela oportunidade de expressar minha paixão por transmitir nuances e virtu-

Virtudes Poéticas

Virtudes são definidas como aquilo que pode levar o ser humano a agir de forma positiva e necessária. Por outro lado, poética se refere às técnicas, estilos e características que compõem a arte da poesia. Esses elementos podem incluir a habilidade de expressar emoções de forma vívida, criar imagens sensoriais poderosas, transmitir profundidade e significado, dentre outros aspectos relacionados à poesia. Dessa forma, o conceito de virtudes poéticas reforça a ideia de que, embora cada escritor desenvolva sua própria poética (de forma singular), a poesia tem a capacidade de expressar as mais diversas dimensões da natureza humana, bem como de transmitir através do verdadeiramente belo e quase que incontestável, a necessidade do ser humano de expressar suas ideias e emoções de modo muito particular e íntimo.



Não existe melhor justificativa para isso, que o metapoema Autopsicografia de Fernando Pessoa (um dos mais importantes escritores portugueses do modernismo e poetas de língua portuguesa, o qual se destacou na poesia, com a criação de seus heterônimos sendo considerado uma figura multifacetada. Trabalhou como crítico político e literário, foi editor, jornalista, publicitário, empresário e astrólogo).

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.
E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

*Almada Negreiros (1893-1970). Retrato de F. Pessoa.
1935. in Presença, nº 48, 1936.*

Em sua função metalinguística e poética, com versos heptassílabos, rimas cruzadas, e algumas figuras de linguagem, como a metáfora, Fernando Pessoa consegue nos mostrar a altivez dos sentimentos e pensamentos do homem no ato da criação do próprio texto, e o quanto a poesia é capaz de nos conectar com o mundo e o mundo do outro. Observa-se que o fingimento mencionado por ele na primeira estrofe, isenta qualquer possibilidade da não verdade ao expressar-se como instrumento da criação literária e do encontro de suas particularidades (eu-lírico) com as do leitor; além disso, é um poema que nos mostra a concretude das abstrações no campo linear da poesia entre emoção e razão ou vice-versa. Logo, o coração é o responsável por entreter a razão e fazer com que nos reconheçamos nesse ínterim, entendamos o mundo em nossa própria realidade e não fuçamos de nós mesmos.

Vivemos em um mundo onde tudo parece girar em torno do dinheiro e do lucro. Isso nos leva a manter estereótipos e status, muitas vezes esquecendo da beleza da poesia e da arte. Assim, é fácil perceber os motivos pelos quais tanto se discrimina ou rechaça a poesia no dia a dia, uma das principais causas que me faz escrever: defender a poesia como recurso de resgate da condição humana, tendo em vista as dimensões desse gênero e o infinito de pos-

sibilidades que ela nos oferece, principalmente por meio da escrita. De fato, a poesia deveria ser, mundialmente, incluída nos clássicos, uma vez que já é parte de nossas próprias dimensões.

Virtudes poéticas, ainda, é um espaço para circunscrever os fundamentos e plurissignificação da arte do fazer poesia. Não existe “linguagem” (pois, assim a considero) mais capaz de dizer e de se fazer entender como a poesia. Tão plural e tão arte que se estende desde o particular ao coletivo, e se adapta a toda e qualquer diversidade para além da escrita. Sem contar que é um campo de extrema e infinita liberdade, um verdadeiro empoderamento literário.

Carlos Drummond de Andrade, poeta, contista, farmacêutico e cronista brasileiro, considerado por muitos o mais influente poeta brasileiro do século XX, em uma de suas poesias consegue nos mostrar o quanto a poesia já é parte de nossa própria natureza:

*Gastei uma hora pensando em um verso
Que a pena não quer escrever
No entanto ele está cá dentro
Inquieto, vivo.
Ele está cá dentro
E não quer sair.
Mas a poesia deste momento
Inunda minha vida inteira.*

Segundo Tanella Boni (Costa do Marfim), poetisa, romancista, filósofa e autora de livros infantis, “a arte não raciocina”, pois pertence ao campo das emoções, abstrações e imaginação, mas pode ser considerada, como qualquer outra forma de criação artística, um dos pilares da humanidade, devido ao fato de exercer papel fundamental na formação do sujeito (um verdadeiro fides et ratio), independentemente de qualquer diferença, crença, lugar, religião etc., e seguir caminhos abstratos relacionados aos sentidos, o que acaba por transmitir, sobretudo, conhecimentos e valores humanos (contemplação da

verdade). Leva-se em consideração, todavia, a voz humana como sendo uma das mais ricas fontes de informação e emoção.



Pesquisas atuais reforçam a ideia de que os diferentes tipos de emoção surgem de um processo de construção, operações psicológicas básicas, como a percepção, atenção e memória, são elementos necessários para atribuição de um significado emocional diante de fatores linguísticos e principalmente sociais.

Existe distinção entre emoção e sentimentos, embora, muitas vezes, faz-se congruência dessas duas expressões. A emoção funciona em curto espaço de tempo, o que assegura a possibilidade de ser, de fato, resultado de provocações (estímulos). Enquanto que o sentimento soa com mais profun-



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

didade e longo prazo. Ainda de acordo com Tanella Boni, emoção é reação e sentimento é construção. Logo, reafirma-se a condição da poesia como virtude, sendo ela provocada e sentida, dando capacidade ao homem de organizar as duas coisas.



Virtudes poéticas não tem a intenção de trazer aqui conceitos epistêmicos, tampouco miméticos; não defende a ilusão, nem nenhuma idealização da realidade; não se restringe a determinada época, nem escola literária. Virtudes poéticas é a nomeação das possibilidades de manifestação do homem e entendimento do mundo por meio da linguagem mais ampla e mais capaz de traduzir o coração e o

pensamento do homem (a poesia) em sentido único, em todas as dimensões por necessidade e em tempo real; dessa forma, um diálogo com a poíesis.

O homem que aprendeu a ler e a entender um poema, é um homem que aprendeu e entendeu a necessidade de ser livre enquanto pinta sua própria história. É um homem que entendeu que é ele a escultura (materialização) da própria poesia, logo, precisa se entender. É alguém que entendeu que “é necessário se espantar, se indignar e se contagiar, só assim é possível mudar a realidade”, como bem disse a Psiquiatra alagoana Nise Magalhães da Silveira (1905 – 1999).

Segundo Olavo de Carvalho (escritor e filósofo brasileiro – 1947 - 2022), a maior virtude literária não é “escrever bem”, mas dar voz aos fatos mudos da experiência...” para isso, utilizar-se de uma linguagem capaz de dizer e se fazer entender o que antes nunca fora possível.

Ante o exposto, que nunca nos faltem virtudes poéticas.

SITE



INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNA *Prosa* Poética

14



Jeane Tertuliano - Natural de São Miguel dos Campos e residente de Campo Alegre, Alagoas. É graduada em Letras (Uneal), pós-graduada em Linguística, Literatura Africana, Indígena e Latina (Faculeste) e D. H. C. Em Educação (Febacla). Professora de Inglês-Português e Vice-presidenta do Conselho Municipal de Políticas Culturais, é mediadora do clube de leitura Leia Mulheres e colunista na Revista Internacional The Bard. Em 2022, foi agraciada com a 1ª colocação no Prêmio Destaques Literários Focus Brasil – New York, na categoria Crônicas e Contos. No ano corrente, alcançou o 1º lugar no 38º Concurso Internacional de Poesias, Contos e Crônicas, na categoria Poesia. Também foi honrada com o Título de Notório Saber em Literatura devido o seu percurso enquanto profissional da área. Atualmente, é autora de doze livros, coautora em cerca de cem coletâneas poéticas e organizadora de dezoito projetos antológicos.

A Prosa Poética

A prosa poética remonta ao haibun, uma forma japonesa de poesia em prosa vista durante o século XVII. A poesia em prosa ocidental surgiu no início do século XIX como uma rebelião contra as estruturas poéticas tradicionais. Poetas como Aloysius Bertrand, Charles Baudelaire, Arthur Rimbaud e Stéphane Mallarmé usaram a poesia em prosa como uma forma de desafiar as convenções da época. Ao longo do século XIX, os poetas continuaram a abraçar a forma. A nova forma foi transportada para o século XX, com poetas americanos escrevendo poesia em prosa nas décadas de 1950 e 1960, incluindo Allen Ginsberg, Bob Dylan, Jack Kerouac, William S. Burroughs e Robert Bly.

A princípio, a poesia em prosa parece um oxímoro. Se a prosa é definida por ser composta de frases e parágrafos e a poesia é definida como composta por versos, não seria impossível criar algo chamado poesia em prosa? Os artistas tendem a violar e quebrar as regras, e os poetas não são exceção. Naturalmente, eles criaram uma forma que desafiava as próprias regras que definem a poesia. Para entender a

poesia em prosa, precisamos olhar além da estrutura e examinar outros elementos que definem a poesia: o uso criativo da linguagem e das imagens, a economia da linguagem e o jogo de palavras. Consideremos esta definição de poesia de Merriam-Webster:

“Escrita que formula uma consciência imaginativa concentrada da experiência na linguagem escolhida e organizada para criar uma resposta emocional específica por meio de significado, som e ritmo. Embora a maior parte da poesia seja escrita em verso, a estrutura sozinha não define a poesia. Portanto, podemos pegar os outros elementos da poesia e, em seguida, remodelar a escrita em frases e parágrafos. É assim que você obtém poesia em prosa”.

De acordo com o Wikipedia, “um poema em prosa aparece como prosa, é lido como poesia, mas não tem quebras de linha associadas à poesia, usando fragmentação, compressão, repetição e rima e características do gênero poesia, como figuras de linguagem. A prosa poética é, essencialmente, uma fusão de prosa e poesia.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Humildade e Técnica

Clarice Lispector

Essa incapacidade de atingir, de entender, é que faz com que eu, por instinto de... de quê? Procure um modo de falar que me leve mais depressa ao entendimento. Esse modo, esse estilo (!), já foi chamado de várias coisas, mas não do que realmente e apenas é: uma procura humilde. Nunca tive um só problema de expressão, meu problema é muito mais grave: é o de concepção. Quando falo em humildade, não me refiro à humildade no sentido cristão (como ideal a poder ser alcançado ou não); refiro-me à humildade que vem da plena consciência de ser realmente incapaz. E refiro-me à humildade como técnica. Virgem Maria, até eu mesma me assustei com minha falta de pudor; mas é que não é. Humildade como técnica é o seguinte: só se aproximando com humildade da coisa é que ela não escapa totalmente. Descobri este tipo de humildade, o que não deixa de ser uma forma engraçada de orgulho. Orgulho não é pecado, pelo menos tão grave: orgulho é coisa infantil em que se cai como se cai em gulodice. Só que orgulho tem a enorme desvantagem de ser um erro grave, e, com todo o atraso que o erro dá à vida, faz perder muito tempo.



COLUNA



Prosa

Poética



Jeane Tertuliano
Feminista, Literata e Professora

Seletiva

Por vezes, sou camaleoa: me adequo aos espaços, sigo no compasso, marota. Entretanto, não sou como os tantos que se satisfazem com as companhias de quaisquer pessoas. Eu não troco a minha sozinhez pela pequenez de outrem. Só, eu me desvelo. A plenitude engloba a minha essência com esmero quando não me submeto aos flagelos incumbidos pelos indivíduos de miúdo intelecto. Sou dada à poesia e às demais artes, logo, atendo-me aos detalhes. Como diria Poe: se convencida estou, não busco convencer. Sou autossuficiente, e não me farei carente por distração ou bel-prazer!

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNA



Prosa

Poética



Cacá Matos

Empoderada, Poeta e Cronista

Refeita

O céu voltou a abrir. Abri as cortinas e as janelas, deixei o sol entrar em mim. Há muito estava escondida nas sombras, vendo apenas os meus fantasmas, chorando pelo passado e ouvindo os meus próprios gritos de desespero.

Abri os olhos e finalmente enxerguei os raios de luz e até um belo arco-íris enfeitava o céu. Era tempo de mudança e eu também precisava mudar. Sair do casulo e voltar a voar com minhas recém asas. Voltei a sorrir e ouvir músicas alegres. Me arrumei, sorri para mim e para o espelho. Cansei de ter medo, agora me lanço aos ares pra viver o novo.

Uma chama volta a aquecer meu coração e a poetisa está novamente apaixonada. Brasa nos olhos, chamadas nas rimas e versos declarados. É uma nova fase e agora ponho a coragem à prova. Não quero mais me esconder, sou grande demais pra me apertar em pequenos espaços. Estou livre outra vez e recomeço com um novo gás e objetivo: serei feliz por mim mesmo e pelos meus amigos queridos, à minha família, ao meu amor e àqueles que me querem bem e por perto. É hora de viver o impossível, que só é inalcançável até que alguém o faça e eu vou fazer acontecer, vou vencer, tá escrito, eu sei que está.

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNA



Prosa

Poética



Jaíris Cecília
Poeta e Prosadora

Sistema (Des)umano

Eu poderia jogar esse sistema, poderia dizer que ele é e está errado. Eu poderia falar o quanto esse sistema é nojento por reduzir mulheres incríveis a literalmente nada, poderia dizer o quão desumano ele é mesmo sabendo que o dito cujo foi criado pelos seres da mesma espécie que a minha. Eu poderia, e passaria horas falando disso, mas, é como eu disse: poderia.

Porém, não acho que as palavras fariam qualquer sentido se fossem ditas por mim, pois, faço parte desse mesmo sistema que tanto insisto em julgar e, quando eu digo que faço parte desse sistema, não estou dizendo que julgo as mulheres pelo que elas são, longe de mim fazer uma coisa dessas, afinal de contas, eu integro essa classe.

O que estou tentando dizer é que fui criada nesse sistema que me induziu a me importar com o que os garotos vão pensar referente a quem sou. Fui ensinada a me vestir corretamente, a sentar feito mulher e me manter calada, simplesmente porque não tenho direito de fala. Fui criada sabendo que a única coisa que tenho de interessante é o que há entre as minhas pernas, e que o único lugar para mim é uma cozinha brincando de casinha com um homem que não sabe sequer metade do meu valor.

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNA



Prosa

Poética



Jéssica Sabrina
Preta, Poeta e Potente

(Não) correspondência

Hoje, eu te escrevi a última carta. O pôr do sol sempre foi nosso lugar e, talvez por isso, não por acaso, o fim da tarde de hoje também tenha sido o fim do nosso “para sempre”. As jabuticabas, antes estreladas, já não brilham mais, a noite ultrapassou os limites da minha pele e cada arrepio se apagou, seu tato já não me lê e meu paladar não consegue decifrar teu sotaque carregado; as inspirações já não oxigenam minha prosa e, por isso, meu [uni]verso caiu. E, só por hoje, pensei na infinidade de textos inacabados, desabafos presos na garganta do meu silenciado telefone.

No centro do peito, grafites cobrindo (pich)ações, muros inteiros construídos por blocos de notas, pensamentos perdidos no labirinto entre os versos, entrelinhas, trechos ...

Hoje, eu escrevi uma carta sem destino, falta parte da palavra, assim como você, que já não mais completa meus substantivos e, mais uma vez, não sei nos nomear. Nossa história é como o livro que você nunca terminou, talvez eu tenha acabado de ler antes do final e, também por isso, assim como Alice, sigo a vida reticente, componho respostas lembrando graves acidentes, cicatrizes em só(l) bemol, no desafi(n)o de um oboé – cadenciado pelo ritmo de uma máquina de datilografia – rimo antigas fotografias, (re)invento desfechos (...)

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNA



Prosa

Poética



Mari Ventura
Poeta e Prosadora

Se o tédio falasse...

Enquanto me tratares como inimigo ou me associar a enfermidade, se sentirá num purgatório de alma viva. Enquanto não me aceitar, terás soluços e nós na garganta. Enquanto não me compreender como um pássaro e perceber que venho e volto, não se libertará, as vezes os voos são longos e você pode até pensar que não existo, mas sempre voltarei. Se permita sentir, experimente passar um minuto sem se distrair. Tente ao menos 10 minutos, pois mesmo que você queira me invalidar, estarei ali. Se o tédio falasse ele diria: não sou o contrário de alegria, sou tão insuficiente quanto. A felicidade não me elimina, nela estou contido. Experimente passar horas pulando, rindo, tomando goles de endorfina, logo estarei com você.

Sou parte da condição humana, sou parte da insuficiência do ser. Se o tédio falasse ele diria: mesmo que tente me eliminar com guloseimas, voltarei na última mordida, no último pedaço da casquinha de sorvete. Não sou sinônimo de tristeza, sou o intervalo que existe entre a coragem e o medo, sou aquilo que fica entre a chegada e a partida entre uma viagem e outra. Sou o pós-orgasmo dos amantes. Sou a ressaca da sensatez. Sou o tempo entre um dose e outra. Sou um espaço entre loucura e lucidez. Sou o final de festa. Sou a euforia entre o noivado e o casamento. Entre o um sorriso e outro estará a melancolia. O tédio estará ali, onde nascem os poemas.

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNA  **Prosa**
Poética



Rita Queiroz
Poeta e Prosadora

Nem tudo são flores

Pela manhã, ao percorrer o jardim, viu que havia formiga no roseiral. Não restou uma rosa, apenas o cacto dizia bom dia e o grilo sorria com desdém: não adiantou ter dinheiro, quem fez a festa foi o diabo. – Valha-me Deus!

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



COLUNA

Dialética

10



CLAYTON ZOCARATO



Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP com ênfase em Filosofia-Política e Formação e Consolidação de Governos Totalitários, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP, Especialista em Ensino de Filosofia, pela Universidade Federal de São Carlos (2015) - Ufscar - SP, Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Fundepe

Folclore e Culto

O Folclore brasileiro pode ser interpretado como um encontro cultural psicanalítico, para a construção de simetrias intelectuais, em que possa ser rasgados idolatrias de *“quebrar da realidade tecnicista”*, passando para uma subjetividade, de compreensão da discriminação e re-criação que muitas etnias passaram desde, o *“suposto descobrimento europeizado do gigante geográfico do Cone Sul”*.

Se analisarmos a concepção sociológica do *“Negrinho Do Pastoreio”*, está um sentimento antropológico, de uma redução da *“exoconsciência”* de uma *“Nação”* que ainda está se redescobrimo como *“Estado Nação”*.

Uma questão de dizer popular, de *“que o negro está voltado para o trabalho servil”*, como sendo um distrator de não ter sua condição humana respeitada, ganha um sentimento, de preconceito, em relação não somente a sua *“cor”*, mas sim uma arquitetura de suspeitas malélicas, de uma classifi-

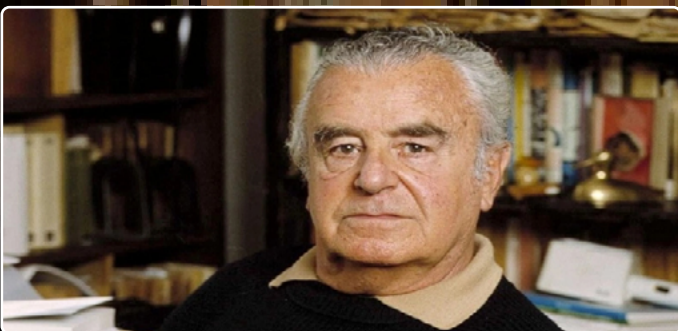
cação humana, na elaboração bioantropológica, do que significa ser afrodescendente.

Dentro do senso-comum persecutório étnico, as divindades africanas, estão em determinados momentos, em uma panaceia de classificação equivocada do que seja um conluio de história das mentalidades, em como se enxergar o *“outro”*, dentro de suas espacialidades comportamentais, tanto de uma *“desconstrução mitológica”*, como *“ontológica”*, ao qual esteja para uma política cultural, pelos quais não haja somente um ponto de estacionamento de identidade moral e espiritual, e sim uma aceitação cultural de igualdade para todos sem exceção.

Dentro das concepções pós-modernas, o *“preconceito racial”*, foi se reinventando, com um olhar de limitação da igualdade, ainda estando concentrado no sentimento de barbárie, *“retirado do eurocentrismo colonial escaldante”*, segundo as palavras de Noam Chomsky, o que não deixa de concentrar uma marginalização de agentes culturais,

que não contenham em suas lisuras genealógicas algum ponto de insurgência revoltosa contra o **“Velho Continente”**.

Se retornarmos ao helenismo, segundo Jean Pierre Vernant **“o mito se fez presente, no cotidiano, das diferentes divisões sociais da polis”**, que passando, para um antrope brasileiro, nosso folclore, está sendo comiserado para uma apresentação de estereótipos intelectuais, que venham a outorgarem, **“um sociologia do conhecimento”**, em como empreender realidades que estejam voltadas para uma fantasia coletiva, de aprender a conhecer um heterodoxo humanístico, do que seja espiritual como intelectual.



Jean Pierre Vernant

Um intelectual, que passe pelo filosófico, mas que também não se faça um mito de uma pseudoverdade, que venha a estar semantizada na dialética, de produzir, **“uma principia de elucubração”**, entre o que seja uma compreensão do esclarecimento reflexivo, em torno de construir um homem, que possa estar tanto apoiado em sua realidade introspectiva como sua imaginação extrospectiva.

Sigmund Freud, **“dentro de suas teorias acerca do universo psicótico, coloca que o sonho detém uma realidade sensorial e neurológica muito próxima do sonho”**, um sonho construído por uma frenologia contínua, que faz com que o ser-humano necessite se reinventar a cada instante dentro de um

pragmatismo de se aceitar, como sendo um construtor de mitos.

Seu discípulo Jacques Lacan colocou que, **“no seu real, simbólico e imaginário”**, permuta a elaboração de sentimentos egoístas, que partam assim para um egoico fluxo de informação, que parta do seu **“real”**, para produzir simetria de um imaginário que possa levar **“o eu”**, a se integrar em polivalentes situações tanto da metafísica, de prosseguir para uma liberdade de comportamental favorecendo um verbalismo imaginário, como entre sonhar com o mito, e entender, a, **“sua não existência no mundo sensível”**.

O Folclore parte para de **“um conhecimento sensível”**, que assim venha perjurar um empirismo, que possa estar, **“para um inconsciente lacaniano”**, de desconstrução da linguagem cotidiano, caminhando para uma servidão mental, que faça miasmas de que que a espiritualidade, esteja fortalecida como um fator de buscar uma lógica, que misture tanto o sentimento de criar com o distanciar, em acreditar que tudo seja possível.

O Folclore com uma pitada da licantropia, faz um toque forte de volúpia, em que a aspereza dos sentidos, esconde uma monstruosidade sanguinária, que nas noites de lua cheia ganha forma, dentro de uma descaracterização do homínide, enfatizando sua monstruosidade como algo não unicamente demoníaco, mas sim que com um amor em conter um pouco do **“proibido”**, onde o desejo pode ser interpretado como um caminhar do romantismo fatalístico, que contenha no esdruxulo da forma ameaçadora e monstruosa, uma artimanha, do fluxo de uma lexicografia da subjetividade violenta e anima, que venha a dançar perante as múltiplas possibilidades de **“amar”**, diante o odiar do que seja considerado **“feio”**.

“Um feio”, que também esteja dentro de uma mesma transição, de argumentação racionalista, su-



blime e não promulgue um pensamento irracional, de que o sentido folclore seja uma **“(rei)nvencão das tradições”**.

Como diria o grande historiador Eric Hobsbawm, **“as tradições podem definir, as formas de como uma sociedade se articule com grupo multicultural, ou como civilização pluralística”**, se pensarmos dentro do mito do lobisomem, no Brasil, ele ficou caracterizado como um homem – rude que desconta sua raiva, no patrão diante a sua mórbida transfiguração nas noites de **“lua cheia”**, e assim se dissemina um banho de sangue, como uma representação da libertação do trabalho servil, sentindo um cunho luciferiano de fugir da escravidão, diferente do sentido mitológico do **“Rei Lycaon”**, em sua metamorfose foi feita por desafiar os Deuses, que também soa como uma libertação do ser-humano diante o seu semelhante, em se projetar como sendo um melhor do que o outro.



Se colocarmos um caminhar intelectual e cultural, **“o mito do homem – lobo”**, esgarça, a segurança que ao longo da História, os agrupamentos humanos, não conseguiram ainda lidar com sua adversidade de interpretação acerca do que seja ou não permitido coletivamente, como sendo um fortalecimento em não permitir internamente que a sua mente, contenha um crescimento de sede de poder intrépida, que assim faça do **“mito”**, uma eugenia entre o que pode ou não ser aceito.

Uma aceitação que dentro de uma sociedade da deficiência, usando de termos patológicos e psicológicos, faz, por exemplo, do **“Saci-Pererê”**, uma moldura de vim encabeçar, uma liberdade de intransigências quanto a aceitar a pessoa com necessidades especiais, dentro da sociedade civil perfeccionista.



Sendo assim, é pragmático colocar o Folclore como sendo um caminho, para trocas de signos de consciências culturais, no sentido de um discurso semiológico, que não contenha o tecnicismo, de incidir, a limitação física, como sendo uma característica marcante de um grupo populacional específico.

Florestan Fernandes, dentro do seu estudo sobre Folclore Brasileiro, tangenciou **“uma hermenêutica cultural e mitológica, que faça uma pujança de classificações sociais e comportamentais que assim sejam substanciadas, em dividir a sociedade”**, gerando uma organicidade interpretativa, em se inserir, um aprimoramento da discriminação étnico-racial, sem conter uma lisura de crescimento quanto aceitação humana uniforme, perante as classes populacionais mais carentes, em espaços políticos que

estejam assim, sendo agraciados por alguma tipologia de *“divisão massificante estruturalista”*, quanto a sua assimilação de aceitação e igualdade perante algum tipo de classificação moral e intelectual vigente.

Dentro do sentido intelectual argumentativo, *“o mito e o folclore”*, estão entrelaçados para uma aventura de enunciação gramatical, a formar uma exegética de realizar uma historicidade que não fique, presa unicamente a fatores empíricos, e sim que procure *“no popular”*, um sentimento de encaixar todas as civilizações dentro de uma complacência educacional onde suas origens e tradições, sejam mutuamente respeitadas entre si.

Em uma comparação com François Rabelais, *“no entendimento de sua denominação de cultura popular na Idade Média, como a representação do que é proibido ou amaldiçoado”*, Florestan Fernandes, coloca, *“que o folclore brasileiro, é um sentimento de ascensão das classes menos favorecidas perante a dominação do sistema capitalista”*.

O intelectual paulistano, realiza uma *“Sociologia do Folclore”*, encontrando caminhos intelectuais, para uma construção de identidade nacional que assim vai se formando uma mentalidade que ao mesmo tempo possa ser esgarçada, como uma *“filosofia da conduta”*, que através de uma, *“satirização coletiva dos bons costumes burgueses”*, seja uma apresentação do que seja *“proibido”*, e que assim através dos mitos venha, levarem cultura para todas as pessoas.

Rabelais coloca que a *“cultura do renascimento”*, venha a reaver, que entre as máscaras, está uma identidade que possa assim tanto estar imiscuída um padrão cultural de mistério do poder em, recriar novas dádivas alegóricas, de como seguimentos de uma crença ou fantasia, venham assim a fazerem do *“mito”*, algo que esteja tanto dentro da realidade de várias pessoas, como também a apresentar, *“uma estética de compreensão de como o*

mito, também esteja dentro de um conceito do folclore como uma elucidação, do que possa vim a ser classificado como sendo sublime dentro de nichos culturais que sejam homogêneos do que seja denominado como sendo real”.

Um *“real”*, que venha a se, comprometer, como diria novamente Florestan Fernandes, *“em realizar, um cunho de entender de forma empírica o que seja o equilíbrio frenético, entre as formas de construções de narrativas intelectuais, que sejam culturais em retratar diferentes acontecimentos históricos”*, que façam assim o ser-humano enxergar, o crescimento de uma *“arte”*, que não fique necessariamente dentro de conjecturas e lisuras sociais e políticas, que venham a promoverem uma aglutinação, de um ideal de construção do *“culto cultural”*, que não leve atrativos metafísicos, que assim venham a construir meandros de análises neuropsicológicas, como também atributos de uma cultura ficcional e imaginária, que seja ao mesmo tempo híbrida e que possa unir em torno de um mesmo prolegômeno linguístico e gramatical, visando uma ontologia de sobressair dos costumes discriminadores, mas que valorize um esboço de idealismo em buscar sair do tecnicismo de conter um excesso de cientificismo em torno de arestas epistemológicas quanto a compreensão do imaginário.

É necessário de fundamentar uma arte intelectual, que faça do folclore algo reflexivo, e que não fique exclusivamente a exalar a *“tradição” (ou tradições)*, e sim que contenha fatores de valorização do *“sapiens”*, como construtor de sua identidade moral, e de como seu lado místico e espiritual são construídos tanto para realizar um artefato de modelação do meio psicossocial o qual vive, como também segundo as palavras de Hegel, *“produza uma filosofia da história”*, que contenha elementos destrutivos de verdades eternas, e que venham a promoverem a valorização tanto da criatividade como de atividades interpretativas lúdicas, em torno de defesa de prelados culturais que levem em consideração polivalentes preceitos de *“um esclarecimento*



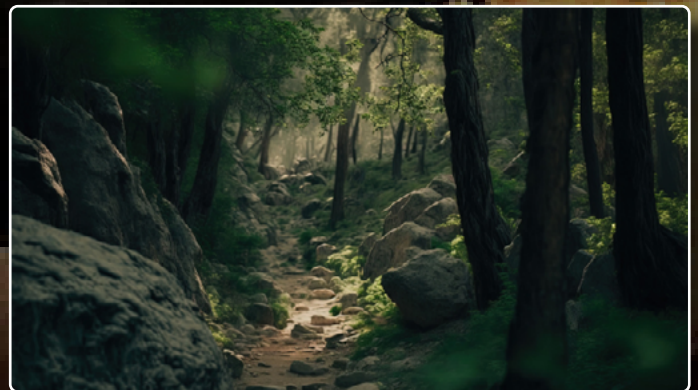
filosófico”, que seja tanto mental como social, dentro de uma simetria de ansiedade intelectual para se definir o que seja o folclore, fazendo um caminho instrumental dialético, que possa levar para *“uma fenomenologia”*, que não fique exclusivamente encarcerada na exaltação do *“mito”*.

Os mitos veem a determinar, *“segundo Jean Pierre Vernant, que reflete a rigidez de uma cultura que não domina seu progresso, e que passa assim para um caminho de rebaixar sua condição de desenvolvimento humano, que chega a uma técnica bem ruim, que não seja substancial para um empirismo que possa promover ciência de forma imparcial e clara”*.

Nesse ponto Florestan Fernandes passou por um escopo analítico, de que, *“as tradições”*, podem estar dentro de parâmetros científicos, que sejam métricos, e que contenha dentro da música, da canção, dos ditos populares, *“das maledicências e dos causos”*, algo que seja assim uma jactância genealógica, que venha a procurar destruir *“pacto sociais, onde tudo possa conter somente o cunho científico”*.

O mito e a ciência são caminhos de liberdades, que podem tanto, estarem na louvação de poder levar o ser-humano para a dúvida, como também o promover na necessidade que, precisa acreditar em algo que esteja acima de sua razão, como também, em realizar uma argúcia, de favorecimento de uma mentoria cultural, que possa promover o amor, pelo desconhecido, e que seja uma fraternidade de opiniões que possam dentro da ideia de Mircea Eliade, *“de que tanto o mito como a superstição”*, estão dentro da ideia de uma lapidação mental, que se faça espiritual, e que passe para *“uma ação”*, de que as palavras podem conter o caminho de lançar estórias, que venham a darem uma oportunidade, de fugir de, *“uma psicopatologia do senso-comum”*, e que um povo contém seus aspectos particulares e pessoais, em como enxergar a sua humanidade, e sua condição intelectual, social e moral, diante *“antagônicas formas arquetípicas”*, de estarem em torno de um

setor intrapsíquico de que não, adiante somente acreditar o que pode ser provado, mas também no que pode também ser saciado.



Dentro de um setor somático, está segurança, de que a imaginação pode ser renovada a cada instante, quebrando barreiras, entre o que seja certo ou errado.

O mito de Deus e o Diabo é um eterno retorno ao passado, de que o homem vive um pânico constante em se ver só, como sendo unicamente responsável pelo seu próprio destino.

É necessário um pouco de fantasia, para dar conta de nossa existência e de nossas memórias afetivas para que assim se chegue a uma reflexão do que seja acreditar ou do que imaginar.

“Bertrand Russell, no seu conceito de acreditar” e “Jean Paul Sartre no que imaginar”, se encaixam, dentro de uma ideia cíclica, de que o folclore engrandece a imagem histórica de um povo, que não esteja auspiciada para uma cordialidade bioética, que contenha uma estilística de procurar de forma constante no empirismo, o que venha ser, um objeto de averiguação intelectual, sem se distanciar da facilidade em se entrever a interpretação sentimental, de que o mundo invisível está presente ao nosso

redor, e que o fantástico está presente na conduta de ação temporal do “*sapiens*”.

Um “*fantástico*”, que segundo as ideias de Tzvetan Todorov, “*venha a construir as estruturas narrativas, que esteja com um pé, no amor pela aventura em se conhecer o desconhecido, e assim se lançar por territórios mentais frenéticos, de que os saltos de uma estética da percepção intelectual profícua, passam pelo o fantástico*”.

O Fantástico e o Folclore estão em um mesmo paradigma, de provocar a humanidade para sair dos seus marasmos de ficarem, presas a, “*um cartesianismo*” que já não contém todas as respostas para as mais variadas problemáticas humanas.

Seja pelos licantropos, pelo Saci, pela Cuca, ou pelo Negrinho Pastoreio, Curupira, ou entre outros tantos personagens que foram imortalizados por escritores como Monteiro Lobato, Mário De Andrade, ou Câmara Cascudo, todos trazem uma consciência analítica, que é fundamental se preocupar com o lado místico e fantasioso, da cultura popular, para compreender uma noção de história, que fuja das tradições tecnicistas, em ficar somente em um cunho factual.



Usando de José Honório Rodrigues, é fundamental, “*uma teoria da história, que se faça, não somente através do uso dos documentos, mas pelas anedotas, que vão se sendo passadas de geração a geração*”, e que tanto, “*o conceito de mito*”, passando pelos, “*princípios helenísticos*”, encontra caminhos para uma liberdade de inteligência, que venha reforçar, um recondicionamento, que para se fazer uma ciência é necessário sempre estar baseado em um modelo empirista.

Segundo o anarquista epistemológico Paul Feyerabend, “*é primordial, se quebrar modelos de condicionamento de conhecimento, para que assim não haja marginalização de conceitos que não são descartados perante a comunidade científica*”, e possam fazerem parte, de compêndios de uma filosofia da ciência, teorizando o conhecimento diversificado, e que venham assim possibilitarem, o advento de múltiplos caminhos para se gerar uma interpretação e uma informação que seja ao mesmo tempo lúdica e diferenciada, perante os paradigmas tradicionais de construção do conhecimento intelectual.

“*O culto*”, pode conter uma característica de uma redução do caráter intelectual das pessoas, mas que perante “*o mito do folclore e de suas lendas*”, elevam um patamar de construção de processos históricos, que procuram entender que dentro da cosmologia existencial do ser-humano, estão traçados caminhos morfológicos, que assim possam ser ditames, para um entendimento crítico, que a cultura também está elencada em hábitos simples das pessoas, e que passam por diferentes ângulos comportamentais, para se evocar uma educação que seja extenuada em um confronto historiográfico, que segundo, “*Michel De Certeau, traça um cunho de digressões entre o que seja real como também o que seja ilusório, mas que venha habitar o cotidiano da maioria das pessoas*”.



Dentro de um sentido psicológico do “culto”, não se trata exclusivamente de elevar uma conduta de favorecer um, “*eu que esteja, encarcerado no inconsciente coletivo*”, mas sim desconstruir ramificações de focar e combater uma psicose, em se viver, “*o real e o material*”, sem desenvolver peremptórios de se chegar até uma criatividade que faça uma metáfora existencial valorizando uma polissemia de atos intelectuais que possam mover vícios, de que tudo que envolve o ser humano venha a estar banhado pelo princípio de uma educação, em realizar caminhos múltiplos para se chegar a uma liberdade intelectual que possa estar promulgada, ao caráter filosófico e científico.

Como diria Gilberto Freyre, “*grande parte de nossos mitos e casos, passam por momentos históricos traumáticos, pelo quais, envolve a luta de sistemas de dominação, que sejam, tanto coletivos como individuais, que fazem por si só, a urgência de uma manipulação da realidade, mas sem perder seus sentidos ritualísticos, extenuantes de uma formação intelectual dialética*”.

É necessário se acreditar em algo fantasioso, como também saber que em cada fantasia está uma práxis, de construir um espírito - crítico, como também em se preparar para um luta intrépida contra o senso-comum de tudo tem que ser provado, sem se deixar levar pela graça de um trabalho intelectual, que possa tanto ultrapassar os limites de realidade, que se torna mecânica e servil, perante suas tessituras epistemológicas, em compreender, que tanto, “*o mito como o culto*”, são asas para elaboração de horizontes culturais, que possam se colocarem dentro de um conceito pluralístico que envolve tanto formas de pensamento como a de formação de criticidade.

Dentro de um patamar de “*criticidade cultural*”, está uma virtuosidade de elevar elementos para signos de uma linguagem, que possa tanto encantar

como ao mesmo tempo romper com princípios, de uma letargia em não entender que o folclore, é um caminho multifacetado, para a valorização de uma divulgação do conhecimento, como também, venha dar mais vozes retóricas e conscientes, em um sentido de felicidade que seja, tecer e se maravilhar com suas lendas, ou letramentos populares, sem ter um mínimo de conhecimento de sua valorização intelectual, como sendo uma forma de interlocução, **“entre um eu, ativamente social em suas relações pessoais e interpessoais, como também estar alojado, internamente a um mentalismo, que seja substanciado, para um sonhar”**, que esteja distante de uma neurose individual, que venha a deixar um **“materialismo histórico”**, baseado na irreversibilidade, de uma cientificidade, que gere uma plasticidade de oportunidade de sair do sono profundo, de gerar papéis intelectuais sucintos e conscientes acerca da importância do Folclore como instrumento claro e versátil de uma identidade nacional, que saia dos vícios de serem usados como instrumentos de entretenimento em sua grande maioria, fugindo da necessidade de uma arquitetura de intelectual, que possa assim permutar um sentimento de clareamento de **“um significante de contexto gramatical, que contenha um significado central original, mas que vai se tornando híbrido com a passagem do tempo”**, segundo as

palavras, de Louis Hjelmslev, e que, usando também novamente de Mário De Andrade, **“compreenda que a cultura brasileira é uma mistura de polivalentes ritmos humanos”**, que faz nosso povo, conter característica heterogêneas tanto seu traçado de interpretação propedêutica, como de constituição de sujeitos de ação, executora de uma razão clara, e de uma emoção pura, valorizando múltiplos elementos de uma folclore que seja divertido, e ao mesmo entendido e sentido.



Louis Hjelmslev

Clayton Alexandre Zocarato

FACEBOOK



INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUMNAS E COLUNISTAS





EDIÇÃO JANEIRO & FEVEREIRO 2024



SIGA-NOS

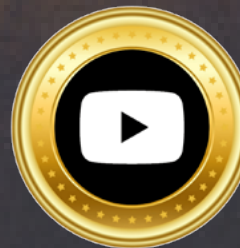
SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MAIO & JUNHO DE 2024



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
MAIO & JUNHO/2024

PERÍODO DE **21** DE JANEIRO À **16** DE MARÇO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.

Crônicas TONS DO Cotidiano

01



Danyelle Schetine



Danyelle Schetine Sergipana residindo em Alagoas. Professora de História, massoterapeuta e escritora. Possui 2 contos longos publicados na Amazon: Ritual e Quadro Delirante, um livro de contos pela editora minimalismos intitulado Mulher à Deriva. Suas produções estão na página do seu Instagram.

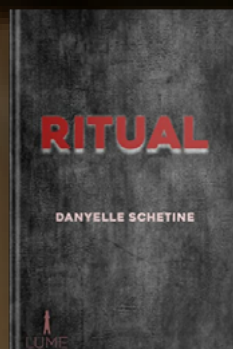
Olá a todos, estou assumindo a Coluna Tons do cotidiano, substituindo a colunista “Flávia Joss”. Para mim, um desafio e, ao mesmo tempo, uma honra.

Escolhi três temas para refletir: aceleração do tempo, silêncio e gentileza. Contei com a parceria da minha amiga, mestre e mentora “Mell Renault”.

O que dizer sobre a aceleração do tempo, a pressa das horas e o acúmulo de tarefas para um dia, que parece ter apenas 16 horas?

ACESSE A VITRINE THE BARD

INSTAGRAM



[Clique aqui](#)



Mell Renault



Mell Renault, escritora, mineira de Belo Horizonte. Tem mais de 10 livros publicados entre eles: Flor de Sal, A Remota Convenção das Mulheres e seu novo romance Na Véspera do Tempo, Redemoinho pela Mondru Editora.

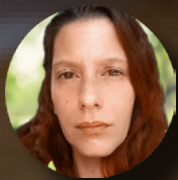
Aceleração do tempo



Ando rápido e por isso meus pés doem tanto. Falo rápido e por isso às vezes não sou compreendida. Não penso, apenas faço e nisso queimo etapas importantes. Pensando julgo e nisso queimo pontes que poderiam ser construídas. Não, posso culpar a aceleração do tempo, já que cabe a mim, aceitar e seguir no fluxo ou entrar no turbilhão. Não, posso culpar o tempo, ele passa da mesma forma para todos, porém sábio é quem sabe dele aproveitar. Então, diante disso tudo, apenas me resta o silêncio e esperar que um dia eu saiba fazer uma pausa.

Danyelle Schetine

As horas



As horas do dia não comportam meu coração. Não cabem nelas os compromissos, menos ainda cabem os livros que quero ler, as pessoas que quero abraçar, os assuntos que preciso pôr em dia.

Nessa aceleração onde tudo corre mais que rio cheio e abundante, esqueço que o tempo é outro. É o do presente. Do estar presente no instante exato que se faz. Não é abarcar tudo, não é assumir tudo, não é querer que tudo caiba nessas 24 horas de um relógio capenga. É outro o tempo. É se fazer caber no tempo possível. Estar inteira. E isso basta. É só.

Mell Renault



Será que conseguimos estar presentes, pausar? Convido que peguem uma xícara de café ou chá e que sigamos refletindo, agora sobre o silêncio.

SILÊNCIO



O silêncio que me cabe é sempre o da TV ligada, mas sem as crianças em casa. É a casa limpa, porém vazia. É um livro inteiro para ler e a falta do excesso de mãe ao meu redor. O silêncio ainda me dói e me parece castigo. Aquele quando a Net acaba e não tem como saber se interagiram no Instagram ou se alguma mensagem chegou no WhatsApp. Aquele momento na rua, sem sinal de wifi e sem dados móveis, que você nem precisa pegar o celular da bolsa. Aquela página de diário em branco, porque não há nada para divagar. Silêncio é aquele fim de semana que você gostaria de sair, mas não tem ninguém para convidar. É o saldo bancário zerado e vinte dias de espera pelo próximo salário. O silêncio ainda grita muita coisa, que eu tento não escutar. Será que é assim para todo mundo?

Danyelle Schetine

Música do mundo



Queria uma melodia capaz de colocar ritmo nos dias. Gostaria de uma música que fizesse emendar noite e dia, numa sinfonia única. Desejaria uma seresta para enfeitar os fins de tarde. Queria um concerto de flautas doces para encontrar passarinhos no meu quintal. Queria ouvir o som do mundo.

Respirei profundamente e eis o susto: havia melodia nas coisas. O mundo executa uma bela melodia. Mas para ouvir é preciso calar a voz de dentro e deixar o silêncio ser preenchido pelas sinfonias do cotidiano.

- Estou ouvindo. Escuta?!
- O que canta no seu mundo?

Na minha casa, o silêncio é som de rio que almeja o mar. E sábias que ampliam em seus cantos as minhas manhãs. Ouço.

Mell Renault

Depois disto, um gole de café e silêncio para pensar nas gentilezas. Vamos lá?

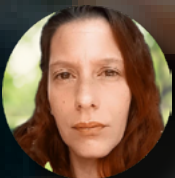
Lições sobre a falta



Não conheci Gentileza até a música dos Tribalistas. Não conhecia a gentileza até entender que sou feita desses pequenos momentos de amor. A gentileza de estar viva, ter chegado até meus pais adotivos, a professora que me ensinou as primeiras letras. O olhar encantado da minha família nas apresentações da escola, o olhar dos meus filhos enquanto mamavam. Eu ainda tento aprender sobre a gentileza: abrirem a porta para que eu passe, segurar as compras, dar a mão para poder descer de um lugar alto. Instintivamente cresci achando que fiz meu próprio parto, aprendi tudo sozinha, fui minha plateia, fiz minhas coisas e que nunca houve ninguém ao meu redor. Instintivamente não poderia estar mais errada, e hoje tento ver os sinais da gentileza nas minhas horas. Tem coisa que a gente só consegue observar após saber que existe. Assim como o ar, que sempre esteve ali, mas antes de pensar em sua existência, jamais pude observar em profundidade. Hoje, meus olhos, ouvidos e tempo, estão na busca das gentilezas, e você?

Danyelle Schetine

Delicadeza



Uma flor na mesa do café da manhã. Um bilhete de boa sorte, um chocolate na bolsa. Um telefonema no meio da tarde. Uma rosa encravada na página de um livro, um abraço de pensamento.

Na megalomania desse mundo digital, onde tudo tem que ser espetáculo grandioso, preservo no meu canto, nesse canto no fim do mundo, a gentileza dos pequenos gestos, eles acabam por deixar bem vivo, o amor.

Mell Renault

E com muita calma, silêncio reflexivo e muita gratidão, neste coração que aprende a ser gentil, me despeço de vocês.

- Foi um café muito produtivo!

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





HUMANI

LITERAR

01



SUELI LOPES



É Dr^a h. c. em Literatura; Acadêmica Internacional da FEBACLA e Embaixadora da Paz. É autora, escritora, cronista, colunista internacional e Mentora Literária. Efetiva da Academia Internacional de Literatura Brasileira, NY e CEO do Grupo Internacional de Escritores Vozes da Diáspora, Londres. Pós-graduada pela Universidade de Salamanca. Lecionou Língua Portuguesa e Linguística nas Universidades PUC e Federal de Goiás. Até o momento, possui seis livros solo, sendo um em inglês. A coletânea Sementes de Paz, por ela organizada e lançada no Consulado do Brasil em Londres, faz parte do acervo do Instituto Guimarães Rosa, Brasil. Como CEO do Grupo Internacional Vozes da Diáspora, em Londres, promove workshops, organiza coletâneas, lançamento de livros e tours literários/culturais no Reino Unido, criando pontes culturais entre as culturas britânica e lusófonas.

É na busca pelo mundo e pelas pessoas que mais naturalmente encontramos nossa essência e descobrimos que ela não é exatamente uma substância, algo de fixo, mas sim uma plasticidade, uma imensa capacidade – exigida de quem escreve – de adaptar-se, de comungar com formas, ideias e valores que não eram os nossos, mas que nos enriquecem e nos conduzem a modalidades do ser que haviam nos escapado.

Nesse sentido, a topofilia – a capacidade de tratar lugares como territórios afetivos faz com que tais lugares acolhedores se tornem palavras, se tornem autoconhecimento e alteridade: caminho para o outro, que nos conduz de volta a nós mesmos enriquecidos, diversos do que sempre fomos, mas, de modo algum, estranhos a nós mesmos. O conhecimento que obtemos pela alteridade não nos desfigura como o faz o narcisismo, pelo contrário, faz com que nos vejamos melhor. Faz também com que os outros nos vejam com mais clareza.

O viajar, o observar atento da carga simbólica que os lugares trazem consigo, podem ser um excelente recurso de humanização para a escrita. Talvez, seja possível perceber uma grande semelhança entre os gestos de viajar e de escrever. Em ambos os casos é preciso deixar algo para trás, é preciso arriscar, é preciso esgrimir contra o tédio para encontrar o que

está além do óbvio. É preciso, principalmente, sensibilidade e escuta, tanto das pessoas quanto dos lugares. Porque apenas quem cultiva uma escuta apurada pode chegar a construir para si uma voz.

Uma coisa é certa, se há entre escrever e viajar tantas afinidades, se há entre lugar e palavra uma relação produtiva, é porque escrever não é algo da ordem do texto apenas, envolvendo antes, todo nosso corpo e nossa alma. É para uma jornada tal que esta coluna nos convida. Aqui, você irá viajar no tempo e no espaço, onde as experiências humanas se entrelaçam, onde escritor e leitor se encontram e se conectam.

Afinal, conforme expressou Ana Holanda (2018), o convívio com as palavras, entre leituras e processos criativos, pode nos ensinar muito sobre nós mesmos, sobre as vivências que compartilhamos. Nesse sentido, escrever é, também, conviver. É parar para e observar o outro, enxergar a vida que há no outro. É essa vida que dá vigor às criações artísticas. Stephen King (2015) não exagerou, ao dizer:

Escrever é mágico, é a Água da Vida. A água é de graça. Então beba.

Bem-vindo/a à fonte Humaniliterar!

O Poder de Humanização da Literatura

A literatura é, antes de tudo, um veículo para a humanização do homem. E não resta dúvida de que no contexto atual, o que este mais precisa, é de humanização. Num mundo onde os parâmetros estão em crise, aqui estamos nós, por meio do papel extraordinário da literatura, decididos a ecoar o nosso grito e, podemos assim dizer, fazer com que ela também cumpra sua função social.



Nossa expressão hoje talvez precise voltar um século e encontrar-se com a voz de Mário de Andrade, ao se expressar em Há uma gota de sangue em cada poema: hoje também os versos seriam outros e mostrariam um coração que sangra e estua (...) Tudo se apague! Este ódio, esta cólera infinda/ Fugam os ventos maus, que ora esfuziam;/ que se ouça a voz, não o canhão!...

Que se ouça a nossa voz! Não podemos e nem vamos nos calar, pois sabemos que a função social da literatura é também facilitar ao homem compreender e, assim, emancipar-se dos dogmas que a sociedade lhe impõe.

Que se ouça a nossa voz, amados escritores. E que ela seja, acima de tudo, em prol da paz,

do amor, da união, da humanização. Que a escrita seja nossa forma de transbordar, de contribuir para fazer do mundo um lugar melhor. Conforme expressou Christopher Vogler (2017): O poder curativo das palavras é seu aspecto mais mágico. Escritores, como xamãs ou curandeiros, das culturas ancestrais, têm o potencial de serem curativos (...) Nós, escritores, compartilhamos do poder divino dos xamãs. Não apenas viajamos a outros mundos, mas os criamos em outro espaço e tempo (...) com o poder mágico de reter aquelas palavras e trazê-las de volta na forma de histórias para outros compartilharem. Nossas histórias têm o poder de curar, refazer o mundo. Dar às pessoas metáforas pelas quais podem entender melhor a própria vida.

Vale ressaltar que a literatura tem o poder de reanimar, restaurar, amenizar dores na alma e até mesmo a depressão. Basta estudarmos um pouco a respeito de Carl Jung (psiquiatra e psicanalista suíço, fundador da Psicologia Analítica) e veremos suas afirmações sobre a cura por meio das histórias e metáforas inseridas nas obras literárias, por exemplo. Sim, a literatura era uma de suas fontes de análise em busca de compreender a psiquê humana, bem como um recurso para tratá-la.



O século passado, por exemplo, foi marcado por duas Guerras Mundiais, e o período entre elas gerou profunda depressão na humanidade, decorrente das perdas de entes queridos, queda da economia, fome, medo e doenças. E foi exatamente nessa fase que grandes grupos artísticos e literários se levantaram ao redor do mundo, com o objetivo de organizar movimentos capazes de contribuir para que tamanha dor fosse amenizada.

Em Londres, o famoso Grupo de Bloomsbury se reunia na belíssima Gordon Square e buscava formas de encontrar criações que pudessem alegrar. Em Stratford-Upon-Avon, os teatros lotavam e as narrativas de Shakespeare, tanto tempo depois de sua morte, chegavam de novo ao seu auge. Além de ser um veículo que gerasse cura psicológica e emocional (a Catarse) o teatro foi um grande cooperador para a economia, pois o dinheiro gerado contribuiu sobremaneira. O Círculo Linguístico de Praga, por sua vez, ganhava mais prestígio, bem como a Literatura Russa. O formalismo russo, também conhecido por crítica formalista, foi uma influente escola de crítica literária que existiu na Rússia de 1910 até 1930. Os membros do movimento são considerados os fundadores da crítica literária moderna.

E no Brasil, em 1922, acontecia a Semana de Arte Moderna, também conhecida como “Semana de 22”, no Teatro Municipal de São Paulo, de 11 a 18 de fevereiro de 1922 e representou a expressão de novos valores estéticos, que propunham uma mudança na arte e na literatura brasileira.

Tais exemplos foram citados apenas com o intuito de mostrar o quanto a literatura é atuante na sociedade, no contexto histórico. Mas seu maior papel é, certamente, melhorar a visão de mundo das pessoas. Aliás, segundo o professor Antônio Cândido, a literatura deságua na desigualdade social, no fato de ela ser ou não acessível a todos.

Portanto, nós, escritores, permanecemos firmes em nossa missão de contribuir para um mundo melhor por meio da escrita, de aliviar seus fardos pe-

sados através da catarse. Não vamos nos calar! Continuamos unidos num propósito coletivo. Temos a consciência de que, conforme expressou Charles Dickens, ninguém pode achar que falhou a sua missão neste mundo, se aliviou o fardo de outra pessoa.





COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

Referências

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, Jose Aderaldo. *Presença da literatura brasileira. História e Antologia: das origens ao realismo*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. Vol. 1;

HOLANDA, Ana. *Como se encontrar na escrita: o caminho para despertar a escrita afetuosa em você*. Rio de Janeiro: Bicicleta Amarela. 2018;

KING, Stephen. *Sobre a escrita – A arte em memórias*. Trad. Michel Teixeira. Rio de Janeiro, Objetiva, 2015;

KOCH, Stephen. *Oficina de escritores: um manual para a arte da ficção*. Trad. Marcelo Dias Almada. Rev. Trad. Silvana Vieira. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008;

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997;

VLOGGER, Christopher. *A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores*. Trad. Petê Rissati. 3. Ed. São Paulo: Aleph, 2015.

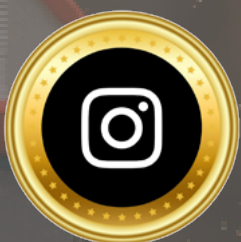
Colunista Sueli Lopes

FACEBOOK

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



Mundo Anime



01



RAFAEL ZIMICHUT



Autor de 73 livros, palestrante e, é Ph.D em Filosofia da Religião, Doutor e Mestre em Ensino Religioso e Teológico, especialista em Política e Gestão Pública, em Docência do Ensino Superior e em Direito Administrativo, além de Bacharel em Direito e em Teologia. Ainda, cursa Licenciatura em Filosofia. Trabalha há mais de dez anos como Relações Públicas do Estado de São Paulo e é professor de Direito e Legislação de Trânsito na ESSd, e de Teologia Básica e Avançada e Administração Eclesiástica no CEAR.



ONE PIECE – O MAIOR DESENHO DE TODOS OS TEMPOS

One Piece é uma série de mangá japonesa escrita e ilustrada por Eiichiro Oda. Foi serializado na revista de mangás hōnen da Shueisha Weekly Shōnen Jump desde julho de 1997, com seus capítulos individuais compilados em 107 volumes tankōbon em novembro de 2023.

A história segue as aventuras de Monkey D. Luffy, um menino cujo corpo ganhou as propriedades da borracha após comer involuntariamente uma Akuma no Mi. Com sua tripulação pirata, os Piratas do Chapéu de Palha, Luffy explora a Grand Line em busca do falecido Rei dos Piratas Gol D. Roger O tesouro supremo de conhecido como "One Piece" para se tornar o próximo Rei dos Piratas.

O mangá gerou uma franquia de mídia, tendo sido adaptado em um filme de festival produzido pela Production I.G, e uma série de anime produzida pela Toei Animation, que começou a ser transmitida no Japão em 1999. Além disso, a Toei desenvolveu quatorze filmes de animação, um OVA e treze especiais de televisão. Várias empresas desenvolveram vários tipos de publicidade e mídia, como um jogo de cartas e vários videogames.

A série de mangá foi licenciada para lançamento em inglês na América do Norte e no Reino Unido pela Viz. Media e na Austrália pela Madman Entertainment. A série de anime foi licenciada por 4Kids Entertainment para um lançamento em inglês na América do Norte em 2004, antes que a licença





ONE PIECE – O MAIOR DESENHO DE TODOS OS TEMPOS

fosse retirada e posteriormente adquirida pela Funimation em 2007.

OnePiece recebeu elogios por sua narrativa, arte, caracterização e humor. Recebeu muitos prêmios e é classificado por críticos, revisores e leitores como um dos melhores mangás de todos os tempos. Vários volumes do mangá quebraram recordes de publicação, incluindo a maior tiragem inicial de qualquer livro no Japão.

Em 2015, OnePiece estabeleceu o Recorde Mundial do Guinness para "o maior número de cópias publicadas para a mesma série de quadrinhos por um único autor". Foi o mangá mais vendido por onze anos consecutivos de 2008 a 2018, e é o único mangá que teve uma impressão inicial de volumes acima de 3 milhões continuamente por mais de 10 anos, bem como o único que alcançou mais de 1 milhão de cópias vendidas em todos os seus 100 tankōbon publicados volumes.

Além disso, OnePiece é o único mangá cujos volumes ficaram em primeiro lugar todos os anos em quatorze anos de existência do Ranking de Vendas de Mangá da Oricon.

Em julho de 2021, OnePiece tinha mais de 490 milhões de cópias em circulação em 58 países e regiões em todo o mundo, tornando-se a série de mangá mais vendida da história e a série de quadrinhos mais vendida impressa em volume de livros. É também uma das franquias de mídia de maior bilheteria de todos os tempos.



PREMISSA

A série foca em Monkey D. Luffy, um jovem feito de borracha, que, inspirado em seu ídolo de infância, o poderoso pirata Red-HairedShanks, parte em uma jornada do East BlueSea para encontrar o tesouro mítico,OnePiece, e se proclama o Rei dos Piratas. Em um esforço para organizar sua própria tripulação, os Piratas do Chapéu de Palha, Luffy resgata e faz amizade com um caçador de piratas e espadachim chamado RoronoaZoro, e eles partem em busca do tesouro titular.



Eles são acompanhados em sua jornada por Nami, uma ladra e navegadora obcecada por dinheiro;Usopp, um franco-atirador e mentiroso compulsivo; e Sanji, um cozinheiro pervertido, mas cavalheiresco.

Eles adquirem um navio, o GoingMerry, e se envolvem em confrontos com notórios piratas do East Blue.Enquanto Luffy e sua equipe partem em suas aventuras, outros se juntam à equipe mais tarde na série, incluindoTony TonyChopper, um médico derenas antropomorfizado; Nico Robin, arqueóloga e ex-assassina da BaroqueWorks; Franky, um construtor naval ciborgue; Brook, um músico esqueleto e espadachim; e Jimbei, um timoneiro homem-peixe e ex-membro dos Sete Senhores da Guerra do Mar.





O mundo de OnePiece é povoado por humanos e muitas outras raças, como a Tribo Longarm (uma tribo composta por humanoides com braços longos), a Tribo Longleg (raça de indivíduos de pernas muito longas), homens-peixe e tritões (dois raças de híbridos de peixes/humanos), anões, martas (uma raça de humanoides com características de animais), Lunarians e residentes das Ilhas do Céu (humanóides alados semelhantes a anjos) e gigantes. É coberto por dois vastos oceanos, divididos por uma enorme cordilheira chamada Linha Vermelha, que também é o único continente do mundo.

A Grand Line, um mar que corre perpendicularmente à RedLine, divide-os ainda em quatro mares: North Blue, East Blue, West Blue, e South Blue. Aoredor da Grand Line estão duas regiões chamadas CalmBelts, semelhantes às latitudes dos cavalos, que quase não experimentam vento ou correntes oceânicas e são o terreno fértil para enormes criaturas marinhas chamadas reis do mar. Por isso, os cinturões calmos são barreiras muito eficazes para quem tenta entrar na Grand Line.

No entanto, navios da marinha, membros de uma organização intergovernamental conhecida como Governo Mundial, são capazes de usar uma pedra de prisma do mar para mascarar sua presença dos reis do mar e podem simplesmente passar pelos cinturões de calma. Todos os outros navios são forçados a seguir uma rota mais perigosa, passando por uma montanha na primeira interseção da Grand Line e da RedLine, um sistema de canais conhecido como Reverse Mountain. A água do mar de cada um dos quatro mares sobe aquela montanha e se funde no topo para fluir por um quinto canal e para a primeira metade da Grand Line, chamada Paraíso porque é comparada à segunda metade. A segunda metade da Grand Line, além da segunda interseção com a RedLine, é conhecida como o Novo Mundo.

O Log Pose funciona bloqueando o campo magnético de uma ilha e, em seguida, bloqueando o campo magnético de outra ilha. O tempo para definir depende da ilha. Este processo pode ser contornado obtendo uma Eternal Pose, uma variação de Log Pose

definida permanentemente para uma ilha específica e nunca muda.



O mundo de OnePiece inclui animais que funcionam como dispositivos. Caracóis Transpônder são animais parecidos com caracóis que agem como um telefone giratório, máquina de fax ou câmera. Mostradores, as conchas de certos animais que vivem no céu, podem ser usadas para armazenar energia cinética, vento, som, imagens, calor e similares e têm várias aplicações.

CONCEITO

O interesse de Eiichiro Oda por piratas começou em sua infância, assistindo à série animada Vicky the Viking, que o inspirou a querer desenhar uma série de mangá sobre piratas. A leitura de biografias de piratas influenciou Oda a incorporar características de piratas da realidade em muitos dos personagens de OnePiece; por exemplo, o personagem Marshall D. Teach é baseado e nomeado após o pirata histórico Edward "Blackbeard" Teach.

Além da história da pirataria, a maior influência de Oda é Akira Toriyama e sua série Dragon Ball, que é um de seus mangás favoritos. Ele também se inspirou em O Mágico de Oz, alegando não



ONE PIECE – O MAIOR DESENHO DE TODOS OS TEMPOS

suportar histórias onde a recompensa da aventura é a própria aventura, optando por uma história onde a viagem é importante, mas ainda mais importante é o objetivo, ou seja, o tesouro OnePiece é de fato um tesouro.



Enquanto trabalhava como assistente de NobuhiroWatsuki (autor de SamuraiX), Oda começou a escrever OnePiece em 1996. Começou como duas histórias one-shot intituladas Romance Dawn – que mais tarde seria usado como título para o primeiro capítulo de OnePiece. Ambos apresentavam o personagem de Luffy e incluíam elementos que apareceriam mais tarde na série principal. O primeiro desses contos foi publicado em agosto de 1996 na Akamaru-Jump e mais tarde na OnePiece Red. A segunda foi publicada na 41ª edição da WeeklyShōnenJumpem 1996, e reimpressa em 1998 na coleção de contos de Oda.

Em entrevista à TBS, Takanori Asada, o editor original de OnePiece, revelou que o mangá foi rejeitado pela WeeklyShōnenJump três vezes antes da Shueisha concordar em publicar a série.

DESENVOLVIMENTO

Ao criar uma Akuma no Mi, Oda pensa em algo que satisfaça um desejo humano; ele acrescentou que ele não vê por que ele desenharia uma Akuma noMi, a menos que a aparência da fruta incitasse alguém a comê-la. Os nomes de muitos ataques especiais, assim como outros conceitos no mangá, consistem em uma forma de trocadilhos em que frases escritas em kanji são combinadas com uma leitura idiossincrática. Os nomes das técnicas de alguns personagens são frequentemente misturados com outros idiomas, e os nomes de várias técnicas de espada de Zoro são projetados como piadas; eles parecem assustadores quando lidos à vista, mas soam como tipos de comida quando lidos em voz alta. Por exemplo, o movimento de assinatura de Zoro é Onigiri, escrito como demoncut, masé pronunciado da mesma forma que bolinho de arroz em japonês.

Eisaku Inoue, o diretor de animação, disse que os criadores não usaram essas leituras de kanji no anime, pois "podem ter reduzido as risadas pela metade". No entanto, KonosukeUda, o diretor, disse que acredita que os criadores "fizeram o anime bem próximo do mangá".



Oda foi "sensível" sobre como seu trabalho seria traduzido. Em muitos casos, a versão em inglês do mangá OnePiece usa uma onomatopeia para várias onomatopeias usadas na versão japonesa. Por exemplo, "saaa" (o som da chuva leve, perto de uma névoa) e "zaaa"(o som da chuva) são traduzidos como "fshhhhhh".

Ao contrário de outros artistas de mangá, Oda desenha tudo o que se move para criar uma aparência consistente, deixando sua equipe para desenhar os fundos com base nos esboços que ele desenhou. Desta forma, ele deseja manter uma representação uniforme, deixando apenas a realização dos fundos para sua equipe, com base em seus esboços.



Essa carga de trabalho o obriga a manter ritmos de produção apertados, começando das cinco da manhã até as duas da manhã do dia seguinte, com pequenas pausas apenas para as refeições. O programa de trabalho da Oda inclui os três primeiros dias da semana, dedicados à escrita do storyboard e o tempo restante para a tinta definitiva dos quadros e para a eventual coloração. Quando um leitor perguntou por quem Nami estava apaixonada, Oda respondeu que dificilmente haveria qualquer caso de amor dentro da tripulação de Luffy.

O autor também explicou que deliberadamente evita incluí-los em OnePiece, já que a série é um mangá hōnen e os garotos que o leem não estão interessados em histórias de amor.

PUBLICAÇÃO

Escrito e ilustrado por Eiichiro Oda, OnePiece foi serializado pela Shueisha na antologia de mangás hōnen Weekly Shōnen Jump desde 22 de julho de 1997. A Shueisha reuniu seus capítulos em volumes tankōbon individuais. O primeiro volume foi lançado em 24 de dezembro de 1997. Em 4 de agosto de 2022, um total de 103 volumes foram lançados.

O mangá OnePiece foi licenciado para um lançamento em inglês pela Viz Media, que o publicou por capítulos na antologia de mangá Shonen Jump, desde o lançamento da revista em novembro de 2002, e em volumes encadernados desde 30 de junho de 2003. Em 2009, a Viz anunciou o lançamento de cinco volumes por mês durante o primeiro semestre de 2010 para acompanhar a serialização no Japão.

Após a descontinuação da impressão Shonen Jump, a Viz começou a lançar OnePiece em capítulos em seu sucessor digital, Weekly Shonen Jump, em 30 de janeiro de 2012. No Reino Unido, os volumes foram publicados pela Gollancz Manga, começando em março de 2006, até que a Viz Media assumiu após o décimo quarto volume.

Na Austrália e Nova Zelândia, os volumes em inglês foram distribuídos pela Madman Entertainment desde 10 de novembro de 2008. Na Polônia, Japonica Polonica Fantastica está publicando o mangá, Glénatna França, Panini Comics no México, LARPEditores e mais tarde por Ivrea na Argentina, Planeta de Libros na Espanha, Edizioni Star Comics na Itália, e Sangatsu Manga na Finlândia.



ONE PIECE – O MAIOR DESENHO DE TODOS OS TEMPOS

A SÉRIE ANIMADA

A Toei Animation produz uma série de anime baseada no mangá OnePiece. A série, que estreou no Japão na Fuji Television em 20 de outubro de 1999, exibiu mais de 1.000 episódios e foi exportada para vários países ao redor do mundo. Dois episódios cruzados com a adaptação do anime de Toriko foram ao ar. O primeiro deles, que também foi o primeiro episódio de Toriko, foi ao ar em 3 de abril de 2011. Um segundo especial, que também cruzou com Dragon Ball Z, foi ao ar em 7 de abril de 2013.

Em 8 de junho de 2004, a 4Kids Entertainment adquiriu a licença para distribuição de OnePiece na América do Norte. A 4Kids contratou a Viz Media para lidar com a distribuição de vídeo doméstico. Os músicos internos do 4Kidsescreveram uma nova trilha sonora e uma música tema apelidada de "PirateRap". A dublagem da 4Kids exigia edições de conteúdo e duração, o que reduziu os primeiros 143 episódios para 104.

Inicialmente, a 4Kids criou originalmente uma versão em inglês do primeiro tema de abertura, "We Are!" por Russel Velázquez.

Ele estreou nos Estados Unidos em 18 de setembro de 2004, em primeira execução na Fox como parte do bloco de programação de fim de semana FoxBox TV, e mais tarde foi ao ar no Desenho animado Network em seu bloco de programação de ação de sábado à noite, Toonami em abril de 2005. Ele também foi ao ar em outros blocos e programação, como sua programação de horário nobre de segunda a quinta à noite e seu bloco de ação pós-escola durante a semana Miguzi em 2006. A produção foi interrompida em 2006 após o episódio 143/104. Viz também cessou seu lançamento de vídeo caseiro da série após o volume 11.

Em 22 de julho de 2010, uma entrevista com Anime News Network e Mark Kirk, vice-presidente sênior de mídia digital da 4KidsEntertainment, re-

velou que a 4Kids adquiriu uma peça como parte de um pacote com outros animes, e que a empresa não exibiu a série antes de licenciá-la. No entanto, uma vez que a 4Kids percebeu que OnePiece não era apropriado para seu público-alvo, a empresa decidiu editá-lo em uma série mais voltada para crianças até que eles tivessem a oportunidade de abandonar legalmente a licença. Kirk disse que a experiência de produzir OnePiece "arruinou a reputação da empresa". Desde então, a 4Kids estabeleceu um conjunto mais rigoroso de diretrizes, verificações e equilíbrios para determinar qual anime a empresa adquire.

Em 13 de abril de 2007, a Funimation licenciou a série e iniciou a produção em uma versão em inglês de OnePiece. Em uma entrevista com o dublador Christopher Sabat, ele afirmou que a Funimation estava interessada em adquirir OnePiece desde o início, e produziu um "episódio de teste", no qual Sabat interpretou o personagem de Helmeppo e Eric Vale fez o papel do personagem principal, Monkey D. Luffy.



Após retomar a produção da dublagem em inglês renovada, que apresentava menos censura por causa de menos restrições na programação acabo, a Funimation lançou seu primeiro conjunto de caixa de DVD bilíngue sem cortes contendo 13 episódios em 27 de maio de 2008.

Conjuntos de tamanho semelhante seguidos com quatorze conjuntos lançado. Os episódios dublados pela Funimation estrearam no Cartoon Network em 29 de setembro de 2007 e foram ao ar até sua remoção em 22 de março de 2008.

Em 28 de outubro de 2011, a Funimation postou um comunicado de imprensa em seu site oficial confirmando a aquisição de episódios 206–263, e a proporção, começando com o episódio 207, seria alterada para o formato widescreen 16:9. Em 18 de maio de 2013, a série sem cortes começou a ser exibida no AdultSwim's revivendo o bloco de programação tarde da noite de Toonami a partir do episódio 207 em diante. OnePiece foi removido do bloco Toonami após 18 de março de 2017.

Em maio de 2009, Funimation, Toei Animation, Shueisha e Fuji Television anunciaram que iriam transmitir a série numa hora da transmissão semanal japonesa sem custo. Originalmente programado para começar em 30 de maio de 2009, como episódio 403, a falta de segurança resultou em um vazamento do episódio, e a Funimation atrasou a oferta até o episódio 415 em 29 de agosto de 2009.

Em 12 de fevereiro de 2013, foi anunciado que a Manga Entertainment começaria a lançar o dub Funimati onde OnePiece no Reino Unido em um formato de box de DVD. Crunchyroll começou a transmitir a série em 2 de novembro de 2013, para os Estados Unidos, Canadá, África do Sul, Austrália, Nova Zelândia e América Latina.

FILMES

Quinze filmes de animação baseados na série OnePiece foram lançados no Japão. Os filmes são normalmente lançados em março conforme as férias de primavera das escolas japonesas. Os filmes apresentam enredos independentes e completamente originais, ou recontagens alternativas de arcos de histórias com animação de qualidade superior à que o anime semanal permite.

Os três primeiros filmes eram tipicamente filmes duplos emparelhados com outros filmes de anime e, portanto, geralmente tinham uma hora ou menos de duração. Os próprios filmes oferecem contradições na cronologia e no design que os tornam incompatíveis com uma única continuidade.

A Funimation licenciou o oitavo, décimo e décimo segundo filmes para lançamento na América do Norte, e esses filmes receberam dublagem interna pela empresa.





**ONE PIECE – O MAIOR DESENHO DE
TODOS OS TEMPOS**



COLUNAS E COLUNISTAS

Continua na próxima edição...

COLUNISTA RAFAEL ZIMICHUT

INSTAGRAM



SITE



POST NO SITE





A alma poética

01



PEDRO DIEGO FIDELIS



Estudou Teatro e Línguas Modernas na Universidade de Coimbra 2007. Participou de montagens no exterior: Woodie Allen "Deus, uma peça", direção: Ricardo Vaz Trindade. Rui Novaes "O Grande incêndio no Teatro Baquet", direção: Carlos Max. trabalhou como produtor cultural na "Casa Beltrami", Curitiba. Co -Criador da vanguarda multimídia "Arquitetural" com Artistas brasileiros portugueses e africanos. Criador da plataforma Lusco-fusco para autores de toda a comunidade de língua portuguesa, priorizando a produção independente no continente africano.

A FACE TÉTRICA DA ALMA

A alma é um conceito complexo e enigmático que tem fascinado filósofos, teólogos e cientistas por séculos. Desde a Grécia Antiga até agora, a ideia de que há uma parte imaterial e intangível que anima os seres vivos têm sido objeto de intensas reflexões e debates.

Neste artigo, pretendemos explorar a complexidade da alma a partir de uma perspectiva interdisciplinar, que engloba não apenas a filosofia e a teologia, mas também a psicologia, a neurociência e outras áreas do conhecimento.

A discussão sobre a alma é importante por várias razões. Em primeiro lugar, ela nos ajuda a compreender melhor a natureza humana e a nossa relação com o mundo. A ideia de que há uma parte de nós que transcende o corpo físico e está em contato com o divino ou o transcendente pode ser reconfortante e inspiradora para muitas pessoas.

Além disso, a discussão sobre a alma tem im-

plicações éticas e morais, importantes para a compreensão do mundo natural e do universo na totalidade. Se há uma dimensão intangível e espiritual no mundo, isso pode desafiar algumas das nossas concepções científicas e filosóficas mais básicas. Se a alma é considerada a sede da consciência e da moralidade, isso pode afetar nossas decisões sobre como agir e tratar os outros.

A evolução histórica do conceito de alma é uma demonstração clara de como a compreensão humana sobre a natureza da existência se desenvolveu ao longo do tempo. Desde a Grécia Antiga até a contemporaneidade, diferentes pensadores, religiões e correntes de pensamento ofereceram suas perspectivas sobre a alma, dando origem a um conjunto diverso de concepções e crenças.

Aristóteles, por exemplo, considerava a alma como uma parte integrante do corpo, responsável por animá-lo e dar-lhe vida. Já Platão acreditava na imortalidade e eternidade da alma, que seria a es-

sência racional do ser humano. Na tradição religiosa cristã, a alma é vista como uma centelha divina que habita em todos os seres vivos e é a responsável pela conexão entre o humano e o divino.

As concepções sobre a alma também foram influenciadas pelas crenças religiosas e mitológicas de diferentes culturas ao redor do mundo, como a visão de que a alma é uma substância imaterial que se separa do corpo após a morte, presente em muitas tradições religiosas e espirituais.

Com o desenvolvimento da ciência moderna, a compreensão da alma passou a ser analisada sob novas perspectivas, como a neurociência e a psicologia, que propuseram explicações mais objetivas sobre o fenômeno da existência humana. No entanto, as limitações da ciência na compreensão da alma demonstram que esse é um fenômeno que ultrapassa as fronteiras da objetividade científica e envolve aspectos subjetivos e transcendentais.



Em resumo, a evolução histórica do conceito de alma demonstra a complexidade e diversidade do pensamento humano em relação à natureza da existência, assim como a importância de se considerar diferentes perspectivas na busca por uma compreensão mais ampla e profunda desse fenômeno tão fundamental para a vida humana.

O que é a alma?

A concepção de alma tem sido um tema de discussão complexo e multifacetado ao longo da história, envolvendo várias áreas do conhecimento, como a filosofia, a religião, a psicologia, entre outras. Contudo, afinal, o que é a alma?

Do ponto de vista filosófico, a alma é entendida como um princípio vital e imaterial que anima o corpo humano, conferindo-lhe características como a consciência, a inteligência e a vontade. Essa concepção pode ser encontrada em pensadores como Platão e Aristóteles, que acreditavam na existência de uma alma imortal e divina que se desprende do corpo após a morte.

Já do ponto de vista religioso, a alma é como concebida a essência espiritual do ser humano, capaz de transcender o mundo material e se conectar com o divino. Essa concepção pode ser encontrada em diversas tradições religiosas, como o cristianismo, o islamismo e o budismo, cada uma com sua própria visão sobre a natureza e o destino da alma.

É importante ressaltar que a concepção de alma não é uma unanimidade entre as diversas correntes filosóficas e religiosas, havendo variações e divergências em relação à sua natureza, origem e finalidade. Essas diferenças tornam a discussão sobre a alma ainda mais complexa e enriquecedora, exigindo um olhar atento e crítico sobre as diferentes perspectivas.



Diferentes concepções de alma ao longo da história

Conceitos filosóficos de alma

O que é a alma? Essa pergunta vem intrigando filósofos, religiosos e cientistas há séculos, gerando diferentes concepções e visões ao longo da história. Desde as antigas tradições filosóficas e religiosas até as teorias científicas mais recentes, a alma tem sido objeto de discussão e reflexão para compreender a natureza humana e a existência, em geral.

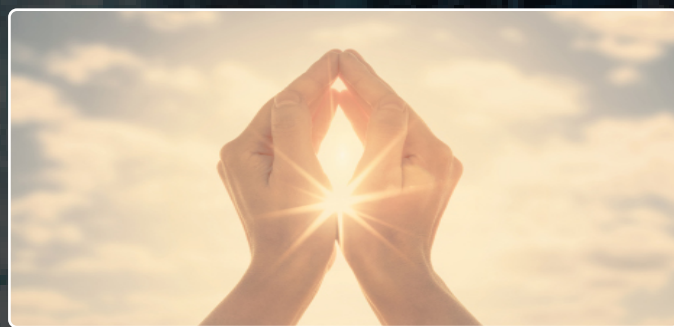
A concepção de alma variou ao longo da história, sendo que na tradição grega antiga era vista como algo imortal e divino, responsável pelo pensamento, emoções e vontades. Já na tradição religiosa cristã, a alma é vista como uma essência divina e imortal que habita o corpo humano. Nas tradições orientais, como o budismo e o hinduísmo, a alma é vista como uma energia que se renova após a morte.

Na filosofia, a alma é vista como um conceito complexo, que vem sendo debatido desde os filósofos pré-socráticos até os contemporâneos. Para Platão, a alma era imortal e existia antes do corpo, sendo responsável pela vida espiritual. Já Aristóteles propunha que a alma era a forma do corpo, e que ela possuía diferentes níveis de existência, desde as plantas até os seres humanos.

Na contemporaneidade, o debate sobre a alma tem sido influenciado pelas teorias científicas, em especial pelas perspectivas materialistas. Para muitos cientistas, a alma é vista como uma ilusão, uma vez que tudo o que somos e sentimos é explicado pela atividade neuronal no cérebro. Essa visão é controversa e tem gerado debates acalorados na comunidade científica, com diferentes posições sendo defendidas.

Diante dessas diferentes concepções de

alma, é importante analisar as implicações e limitações dessas teorias para a compreensão da natureza humana e da existência, em geral. Por exemplo, se a alma é vista como algo imortal e divino, como explicar a morte e a finitude humana? E se a alma é vista como uma ilusão, como explicar a complexidade da vida espiritual e emocional humana?



Refletir sobre a complexidade da alma pode nos ajudar a compreender melhor a nossa própria existência e a relação com o mundo que nos cerca. Afinal, somos seres dotados de razão e emoção, capazes de amar, criar, imaginar e sonhar. E essa complexidade da alma é que nos torna humanos e únicos em nossa existência.

Conceitos religiosos de alma

As tradições religiosas também oferecem uma perspectiva única sobre a alma. Em muitas religiões, a alma é vista como uma parte imortal e divina do ser humano, que continua a existir mesmo após a morte do corpo físico.

No cristianismo, a alma é considerada como a essência da vida, criada por Deus e destinada a uma existência eterna com Ele no céu. Segundo a crença cristã, a alma é salva pela graça de Deus através da fé e da obediência aos seus mandamentos.

Já no islamismo, a alma é vista como uma

criação especial de Deus, insuflada no corpo humano no momento da concepção. A alma é considerada como o princípio da vida e da consciência e, após a morte, é julgada por Deus com base em suas ações durante a vida.

No hinduísmo, a alma é conhecida como atman e é vista como a essência imortal e eterna do ser humano, que transcende a existência física e a mortalidade. Acredita-se que a alma é uma parte do divino, portanto, busca a união com o divino por meio de práticas espirituais e da compreensão da verdade universal.

Em muitas outras tradições religiosas, a alma é vista como uma parte fundamental do ser humano, que representa sua conexão com o divino e a espiritualidade. A compreensão dessas perspectivas religiosas sobre a alma pode ser útil para muitas pessoas em busca de sentido e propósito em suas vidas.

No cristianismo, é frequentemente vista como a essência divina e imortal da pessoa. Acredita-se que a alma é criada por Deus no momento da concepção e é separada do corpo no instante da morte. A alma é considerada o lugar da consciência, da vontade, da emoção e da personalidade. Em algumas tradições cristãs, como uma entidade imaterial que pode ser salva ou condenada na vida após a morte, dependendo das ações da pessoa na existência terrena.

No islamismo, é conhecida como "Ruh" é vista como uma criação de Deus soprada no corpo humano no momento da concepção. Acredita-se que a alma é imortal e sobrevive à morte do corpo. É a sede da personalidade e do livre arbítrio e responsável pelas ações da pessoa durante a vida terrena. Em algumas tradições islâmicas, a alma é vista como passando por uma série de estágios após a morte, incluindo a purificação, o julgamento e a recompensa ou punição.

Na tradição hinduísta, a alma é conhecida

como "atman" e é vista como uma parte indivisível da essência divina, Brahman. Acredita-se que a alma é imortal e que passa por uma série de vidas e mortes, conhecidas como reencarnação ou samsara. A alma é vista como a fonte da consciência e da experiência, e a liberação da roda do samsara é concebida como o objetivo final da vida humana.

Já no budismo, a alma é vista como uma ilusão, uma vez que a doutrina do "anatta" nega a existência de uma entidade permanente e indivisível que possa ser chamada de alma. Em vez disso, o budismo enfatiza a impermanência e a interdependência de todos os fenômenos, incluindo a mente e o corpo. A doutrina do "anatta" sugere que a identidade pessoal é uma construção fluida e em constante mudança, que não pode ser reduzida a uma entidade estática.



Essas diferentes concepções religiosas de alma oferecem uma visão diversa e complexa do ser humano e sua relação com o divino. Cada tradição religiosa tem sua própria compreensão da natureza da alma e sua relação com o corpo, a mente e o mundo. Essas visões podem ter implicações significativas para como as pessoas vivem e entendem suas vidas e seus destinos.

Alma e Psicologia

Sigmund Freud, o pai da psicanálise, trouxe contribuições significativas para a compreensão da alma humana. Em sua teoria do inconsciente, Freud



propôs que a mente humana é composta por três níveis: o consciente, o pré-consciente e o inconsciente. Segundo ele, muitos dos processos mentais que influenciam nossos comportamentos e emoções estão no nível inconsciente, ou seja, não temos acesso direto a eles.

Freud também destacou a importância do desenvolvimento infantil na formação da alma. Ele propôs que a infância seja uma fase crítica para a formação de nossas personalidades e que experiências traumáticas ou mal resolvidas nessa fase podem ter efeitos duradouros na vida adulta.

Outro conceito importante de Freud é o de pulsões ou instintos, que são forças motivacionais internas que influenciam nosso comportamento. Ele propôs que essas pulsões são divididas em duas categorias. Eros, que representa as pulsões sexuais e de vida, e Thanatos, que representa as pulsões de morte e destruição.

A teoria de Freud sobre a alma também destacou a importância da vida emocional, especialmente a sexualidade, na formação da personalidade e na saúde mental. Ele propôs que a repressão de desejos e emoções pode levar a sintomas psicológicos e que a psicoterapia pode ajudar a resolver esses conflitos internos.

No entanto, a teoria de Freud não é isenta de críticas e limitações. Algumas das principais críticas incluem sua visão reducionista da sexualidade e sua ênfase excessiva no papel do passado na formação da personalidade. Além disso, sua teoria não leva em conta a influência dos fatores sociais e culturais na formação da alma e da personalidade.

Carl Jung, outro importante psicólogo, também trouxe contribuições significativas para a compreensão da alma humana. Jung propôs a existência do inconsciente coletivo, um nível de consciência que contém padrões de comportamento e imagens simbólicas compartilhadas por todas as culturas

humanas. Ele também propôs a existência dos arquétipos, imagens simbólicas que representam padrões universais da experiência humana, como o herói, o sábio e o monstro.

Jung também destacou a importância do processo de individuação, que representa o desenvolvimento de uma personalidade única e integrada, em oposição à conformidade social e à imitação dos outros. Ele propôs que a busca pela individuação seja uma tarefa essencial na vida humana e pode levar a um sentido mais profundo de propósito e significado.

No entanto, assim como a teoria de Freud, a teoria de Jung não é isenta de críticas e limitações. Algumas das principais críticas incluem sua visão mística e espiritualizada da psicologia e sua tendência a generalizar e simplificar a complexidade da experiência humana em termos de arquétipos e símbolos universais.

Teoria do inconsciente

A teoria do inconsciente de Freud foi um marco na história da psicologia, mudando como a mente humana é compreendida. Para Freud, o inconsciente é a parte da mente que contém impulsos, desejos, emoções e memórias que estão fora da consciência, mas que exercem uma influência significativa sobre o comportamento e a personalidade de uma pessoa.

De acordo com Freud, o inconsciente é a fonte da motivação humana e é composto por três partes: o id, o ego e o superego. O id é a parte primitiva do inconsciente, responsável pelos impulsos instintivos e pelas necessidades básicas do indivíduo, como a fome, a sede e o sexo. O ego é a parte da mente que lida com a realidade externa, tentando satisfazer as necessidades do id de forma adaptativa. O superego é a parte moral da mente, responsável pela internalização das normas e valo-

res da sociedade.

Freud também desenvolveu a técnica da psicanálise, um método terapêutico que visa trazer conteúdos inconscientes à consciência, a fim de promover o autoconhecimento e a resolução de conflitos psicológicos.



Para Freud, a alma é uma construção psíquica complexa, influenciada pelas experiências vividas durante o desenvolvimento infantil e pelas demandas e pressões da sociedade. A teoria do inconsciente e a técnica da psicanálise oferecem uma abordagem para compreender e tratar os problemas psicológicos associados à alma, especialmente aqueles relacionados ao conflito entre os impulsos primitivos do id e as demandas do superego.

Alma e Psicologia: Papel do desenvolvimento infantil na formação da alma

Além da teoria do inconsciente, outra importante contribuição de Freud para a compreensão da alma está relacionada ao papel do desenvolvimento infantil na sua formação. Segundo o psicanalista, as primeiras experiências da criança com o mundo externo e com as pessoas que a rodeiam têm um papel crucial na constituição da sua personalidade e da sua vida emocional.

Freud propôs que o desenvolvimento infantil ocorra em estágios, cada um com características próprias e impacto na formação da personalidade. O primeiro estágio é o oral, que ocorre do nascimento até cerca de um ano. Nessa fase, a criança explora o mundo principalmente pela boca, chupando e mordendo objetos para satisfazer suas necessidades e prazeres. O segundo estágio é o anal, que ocorre entre um e três anos. Nessa fase, a criança aprende a controlar as funções corporais relacionadas à evacuação e passa a desenvolver a noção de controle e autonomia.

O terceiro estágio é o fálico, que ocorre entre três e seis anos. Nessa fase, a criança desenvolve a consciência da diferença entre os sexos e a sexualidade começa a se manifestar de forma mais evidente. O quarto estágio é o de latência, que ocorre dos seis aos onze anos, e é caracterizado pelo recuo da sexualidade e pelo desenvolvimento de interesses e atividades sociais e intelectuais.



Finalmente, o quinto estágio é o genital, que ocorre a partir da puberdade e representa a maturidade sexual e emocional. Segundo Freud, como a criança vivencia cada um desses estágios pode ter um impacto significativo na formação da sua personalidade e na sua vida emocional. Por exemplo, se a



criança não tiver suas necessidades básicas satisfeitas no estágio oral, ela pode desenvolver uma personalidade oral fixada, caracterizada pela dependência e busca constante de satisfação através da boca.

Ao compreender como esses estágios influenciam a formação da criança, a psicologia pode ajudar a entender a complexidade da natureza humana e como as experiências da infância podem moldar a personalidade e a vida emocional de uma pessoa.

A perspectiva Junguiana sobre a alma

A psicologia analítica de Carl Jung, discípulo de Freud, também oferece importantes contribuições para a compreensão da alma. Jung concebia a alma como um sistema dinâmico e complexo, que envolve tanto aspectos individuais como coletivos, conscientes e inconscientes.

Uma das principais teorias de Jung é a do inconsciente coletivo, uma camada mais profunda do inconsciente compartilhada por toda a humanidade. Nesse nível, residem os arquétipos, imagens simbólicas que refletem padrões universais de comportamento e experiência humana. Os arquétipos podem ser encontrados em mitos, contos de fadas, religiões e em outras expressões culturais.

Jung também propôs o processo de individuação como um caminho de desenvolvimento da alma. A individuação envolve a integração dos diferentes aspectos da personalidade, tanto conscientes como inconscientes, e a busca por uma maior compreensão do self, o qual é a totalidade da psique. Esse processo pode incluir a exploração dos arquétipos e a busca por uma maior conexão com o mundo interior e exterior.

Ao enfatizar a importância da simbologia e do inconsciente coletivo, Jung trouxe uma perspec-

tiva mais ampla e holística para a compreensão da alma, que pode ser valiosa tanto para a psicologia como para outras áreas do conhecimento que lidam com a natureza humana.

Conceito de inconsciente coletivo

A abordagem de Jung para a compreensão da alma inclui a ideia de que a psique humana é composta de três partes: o consciente, o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. Enquanto o inconsciente pessoal é formado pelas experiências individuais e memórias reprimidas de cada pessoa, o inconsciente coletivo é composto por conteúdos universais, presentes em todas as culturas e épocas.

O inconsciente coletivo é composto por arquétipos, que são estruturas universais e inatas presentes em todos os indivíduos e culturas, que influenciam como pensamos, sentimos e agimos. Esses arquétipos são formas primitivas de representação simbólica, que se manifestam em sonhos, mitos e contos de fadas.

Arquétipos e o processo de individuação

Os arquétipos são conceitos universais que representam padrões de comportamento e experiência humana que se repetem ao longo da história e em diferentes culturas. Jung acreditava que esses arquétipos residiam no inconsciente coletivo e influenciavam o comportamento humano, tanto consciente quanto inconscientemente. Alguns exemplos de arquétipos comuns incluem o herói, a mãe, o pai, o sábio e o sombrio. O estudo dos arquétipos e sua manifestação na psique humana é uma parte importante da psicologia analítica de Jung e tem implicações profundas na compreensão da natureza da alma.

Jung também propôs que o processo de in-

dividuação fosse o caminho para a realização da totalidade da alma, através da integração dos aspectos conscientes e inconscientes da psique. Esse processo envolve a consciência e a aceitação dos arquétipos, bem como a integração das sombras e a reconciliação dos opostos.



Para Jung, a busca pela individuação é uma jornada de autodescoberta e transformação, que envolve o desenvolvimento da personalidade e a realização do potencial humano. A individuação também pode levar a uma maior conexão com o inconsciente coletivo, permitindo que o indivíduo acesse e integre os arquétipos de forma mais consciente e criativa.

A alma e a ciência moderna

A ciência moderna, especialmente a neurociência, tem contribuído para uma compreensão cada vez mais profunda do funcionamento do cérebro e do comportamento humano. Esses avanços científicos têm trazido novas perspectivas para o estudo da alma, com a possibilidade de investigar e compreender seus processos a partir de bases biológicas.

A neurociência, por exemplo, tem identificado padrões de atividade cerebral associados a estados mentais e emocionais, como a meditação e a felicidade. Isso sugere uma conexão direta entre a atividade cerebral e a experiência subjetiva, o que pode ter implicações significativas para a compreensão da alma.

Apesar disso, as limitações da ciência na compreensão da alma podem ser encontradas em vários aspectos, principalmente na perspectiva reducionista que a ciência muitas vezes adota. A ciência busca explicar fenômenos a partir de uma perspectiva materialista e mecanicista, o que pode levar a uma visão limitada e incompleta da natureza humana e da existência em geral.

A alma é um conceito que transcende a materialidade e não pode ser medido ou quantificado objetivamente. A ciência, por sua vez, visa explicar fenômenos a partir de dados empíricos e mensuráveis, o que pode dificultar a compreensão da complexidade e subjetividade da alma.

Outra limitação é a tendência da ciência em fragmentar e categorizar o conhecimento em áreas específicas, o que pode levar a uma falta de diálogo e interdisciplinaridade na compreensão da alma. A alma é um tema que abrange diversos campos do conhecimento, desde a filosofia até a psicologia, passando pela religião e espiritualidade, e requer uma abordagem integrada e holística.

Por fim, a ciência muitas vezes adota uma postura de neutralidade em relação a questões éticas e morais relacionadas à alma e à existência humana, o que pode levar a uma desumanização e despersonalização do ser humano. É importante lembrar que a compreensão da alma e da natureza humana não se limita apenas ao aspecto científico, mas também requer uma reflexão ética, moral e espiritual.



Complexidade da alma

Apesar de todos os avanços na compreensão da natureza humana, a busca pela compreensão da alma ainda é um desafio. A complexidade da alma exige uma abordagem multidisciplinar, que leve em conta as diferentes dimensões do ser humano, incluindo aspectos biológicos, psicológicos, sociais e espirituais.

Além disso, a subjetividade e a individualidade da experiência humana tornam difícil a criação de modelos universais para a compreensão da alma. Cada ser humano tem sua própria história, seus próprios desafios e suas próprias formas de lidar com a complexidade da alma.

Outro desafio é a necessidade de superar as limitações impostas por diferentes visões de mundo e paradigmas científicos. Muitas vezes, as tradições religiosas e filosóficas apresentam concepções diferentes sobre a alma que entram em conflito com as perspectivas científicas e materialistas.

Porém, mesmo diante desses desafios, a busca pela compreensão da alma continua a ser um dos mais fascinantes e importantes desafios para a humanidade. É por meio dessa busca que podemos ampliar nossa compreensão de nós mesmos e do mundo, e encontrar caminhos mais plenos e significativos para a vida.

Conclusão

A alma é um conceito complexo que tem sido abordado ao longo da história de diferentes perspectivas, incluindo filosofia, religião e ciência. Neste artigo, exploramos algumas dessas perspectivas e suas implicações para a compreensão da natureza humana e da existência em geral.



Vimos que as concepções de alma variam amplamente entre as tradições religiosas e filosóficas, e que a ciência moderna também tem contribuído para o debate, principalmente por meio da neurociência. No entanto, a compreensão da alma permanece um desafio, dado que ela é multifacetada e complexa.

Diante dessa complexidade, é importante reconhecer a importância da alma na vida humana e explorar maneiras de expandir nossa compreensão dela. Refletindo sobre nossas experiências individuais e coletivas, bem como nossas crenças e valores, podemos encontrar caminhos para aprofundar nosso entendimento da alma e seu papel em nossa existência.

Reflexões finais sobre a importância do objeto alma

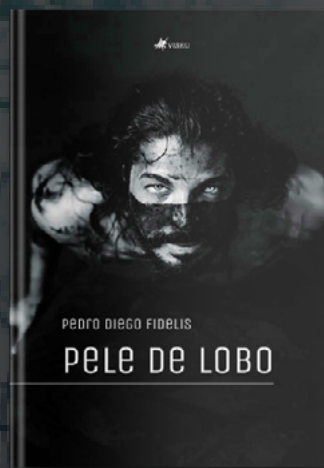
A compreensão da alma é essencial para a compreensão da vida humana em sua plenitude. Ao longo da história, diversas concepções de alma foram propostas, abrangendo diferentes tradições filosóficas, religiosas e científicas. Embora cada uma dessas concepções tenha suas próprias limitações e implicações, a busca pela compreensão da alma continua sendo um tema importante e relevante para a humanidade.

A alma é uma realidade complexa, multifacetada e muitas vezes difícil de ser compreendida. A sua complexidade é revelada pela sua relação com a mente, o corpo, as emoções e a espiritualidade. Nesse sentido, a compreensão da alma exige um esforço contínuo de aprofundamento e investigação, que envolve tanto a reflexão filosófica quanto o conhecimento científico.

A compreensão da alma é importante porque nos ajuda a lidar com os desafios da vida de forma mais consciente e significativa. Através dela, somos capazes de explorar as nossas emoções, desejos e medos mais profundos, bem como de compreender as nossas conexões com o mundo ao nosso redor. Também nos ajuda a buscar um propósito e significado mais profundos em nossas vidas, bem como a encontrar respostas para questões existenciais fundamentais.

Por fim, a compreensão da alma é um tema em constante evolução, que envolve desafios e questionamentos contínuos. Nesse sentido, é importante que continuemos buscar novas perspectivas e conhecimentos sobre a alma, para ampliar o nosso entendimento e a nossa visão de mundo.

LIVRO DA AUTOR



CLICK AQUI

Pedro Diego Fidelis

FACEBOOK



INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





CRÔNICAS

O PAI DO ROCK FOI UM PÉSSIMO CAÇADOR

Por Eduardo Martínez

Um dia desses, quando estava jogando conversa fora com o meu amigo Marcio Petracco lá no cachorródromo do Tesourinha, aqui na aprazível Porto Alegre, eis que ele diz algo que me deixou com um monte de pulgas atrás da orelha: "Dudu, o pai do rock and roll foi um péssimo caçador lá das savanas africanas".

A princípio, imaginei que o meu amigo estivesse digerindo mais uma ressaca, até que ele prosseguiu com a sua tese de doutorado ao longo de mais de 40 anos de virtuose sobre os palcos da vida. Eu, um mero apreciador de música, decidi prestar atenção na fala do Marcio, mesmo porque estava com aquela tarde livre. Afinal, artista mais que tarimbado, o meu amigo entende muito mais de música do que eu.

_ Dudu, o lance é o seguinte. Saca berimbau?

_ Sim, sei o que é. Aquele instrumento usado na capoeira.

_ Exato! Tire a cabaça. O que dá?

_ Um arco?

_ Sim, muito bem, meu garoto!

A tal tese do Marcio era sobre o berimbau ter surgido de um arco e flecha. Faz sentido, pelo menos para mim, logo que o meu amigo me disse que o primeiro instrumento de cordas nasceu depois que um caçador, aquele mesmo lá das longínquas savanas africanas, estava caçando, digamos, um antílope. Eis que ele erra o alvo, mas se surpreende com o som da corda, a única corda, que ecoa em seus ouvidos privilegiados.

Pois bem, para tornar a história mais interessante aos meus ouvidos, eis que o Marcio alcinhou aquele caçador malsucedido de Sol, uma das sete notas musicais. E lá estava o Sol, curioso como ele só, quando começou a tocar a corda do seu arco e flecha. Toca daqui, toca dali, começa a tirar ritmos e sons diversos, até que, usando sua capacidade criativa, resolve colocar a corda entre os lábios. Ele se surpreende com o som que ecoa por sua cavidade bucal.

Provavelmente, o nosso amigo caçador precisava comer para sobreviver. Não dava para ele viver apenas de música. Isto é, até que um outro caçador, este muito bem-sucedido, gostou daqueles sons tirados pelo Sol. Vamos apelidar esse grande caçador de Talib.

De tão bom caçador que era, Talib resolveu fazer um banquete para todo o povoado. Obviamente, precisava de música para o rega-bofe. Então, o Talib chamou o Sol, que, a essa altura, já havia incrementado seu arco com uma cabaça. Estava criado o berimbau!

O sucesso foi tamanho, que a notícia daquela festança correu toda a savana africana. Sol ficou tão famoso, que a linda Zuri se interessou por ele. Casaram-se e tiveram seis filhos; Dó, Ré, Mi, Fá, Lá e a pequena Si.

O Marcio disse também que o nosso querido Sol deve ter incrementado seu berimbau com mais uma corda. Depois com três, quatro e assim por diante. E, se não foi o Sol, com certeza foi algum dos seus descendentes. Seja como for, o fato é que todos os instrumentos de corda são herdeiros do arco e flecha daquele péssimo caçador de antílopes lá das longínquas savanas africanas.

Confesso que gostei tanto da teoria do meu amigo, que hoje em dia não consigo ouvir "Johnny B. Goode" sem imaginar o velho Sol animando toda aquela gente há milhares de anos lá na África. Se isso aconteceu dessa maneira, não posso afirmar. Mas tenho certeza de que o Marcio, além de músico fantástico, é um excelente contador de histórias. Ele, inclusive, me confessou: "Dudu, isso que te contei não está documentado, mas é baseado em caso venéreo".

BLOG



POST NO SITE





CRÔNICAS

ENSAIO DO PESCADOR

Por Gabriel Pinheiro

Era um velho tolo e ranzinza, sentado na proa de seu barquinho de pesca todo remendado. Através de seu chapéu de palha, os olhos profundos e negros zapeavam de um lado para o outro, observando a movimentação de uma dezena de turistas gringos, que seguravam seus celulares de última geração e usavam camisetas de marca, ao sol de trinta e quatro graus numa manhã típica em Paraty, eles suavam e suspiravam.

Escunas de todos os tipos estavam ancorados próximas ao cais, faltavam algumas estacas, então era necessário ter atenção ao atravessar a plataforma, mas o velho a conhecia tão bem que sequer olhava para baixo. Acendeu o seu cigarro de filtro vermelho e acenou para alguns colegas de longa data, fez questão de exprimir uma careta feia para os rostos desconhecidos e esbranquiçados dos turistas que, com a língua presa diziam: — Good Morning!

— Diabo de gud moning rapá, vá procurar o que fazer! — Cerrou os punhos e levantou apenas o dedo do meio, dirigindo-o ao rapaz de cabelos ruivos, pele esbranquiçada e barba bem-feita.

O velho era um pescador, tal como seu pai e avô. Capturou seu primeiro espécime no famoso Rio Jabaquara numa tarde memorável. Jazia num bote abatido, em companhia de seu pai. Impaciente, ele perguntou: — Demora muito?

O nome de seu pai era Ernesto, que significava lutador decidido, um parisiense orgulhoso e cheio de opiniões sobre a cidade e como melhorá-la. A idade o alcançou e perdeu as longas madeixas loiras aos cinquenta anos, agora o único resquício de cabelo vinha de uma barba esbranquiçada e ressecada que descia até o peitoral. Suas roupas eram simples, um short de tãctel preto e uma camiseta azul desbotada. Mantinha-se cheio de opiniões sobre como melhorar a cidade, pois a amava tanto quanto o filho. Com a voz rouca, ele sussurrou: — Faz silêncio garoto, o segredo é ser paciente.

O garoto sentiu uma pequena puxada no anzol, mas sabia pelos ensinamentos do pai que não devia se precipitar ainda. O pai havia lhe explicado que o momento certo para fisgar é uma questão de tato e sensibilidade, é preciso entrar num estado de concentração profundo, sentir a dança da água ditada pela corrente e pelo vento, manter as mãos firmes, mas calmas e relaxadas, observar como a linha se movimenta, pois ela é o reflexo das intenções do peixe, para só então, puxar a linha.

Ensaio do pescador

Por Gabriel Pinheiro

Em suas mãos, uma cioba minúscula se debatia, os olhos do garoto brilhavam enquanto ele acariciava as escamas avermelhadas. O pai pegou um facão que repousava no canto esquerdo do bote, bateu com a palma da mão nos cabelos do filho. — Olhe bem nos zóios dele, não deixe ele morrer sozinho. — Fixou-se no negro e esbugalhado olho do pequeno ser, que parecia conter o infinito dentro deles.

A pequena boca do peixe, que antes se contorcia junto com a cauda, silenciou-se quando o pai acertou um golpe letal na cabeça da cioba com a ponta de seu facão. — Não faz sentido fazê-los sofrer, tá bom? Um golpe limpo é o suficiente.

O velho sorriu, lembrando-se de seu pai e dos bons momentos que viveram juntos. Um bom homem, honesto e justo, pensava ele, enquanto coçava seu gigantesco bigode com as pontas das unhas.

INSTAGRAM



POST NO SITE





CRÔNICAS

ESTRELAS CADENTES, SONHOS E MÃOS ENTRELAÇADAS

Por Ella de Lune

A noite brilhava, literalmente.

As estrelas cadentes surgiam e desapareciam do nada. Eu jurei que elas entraram no meu coração. Eu desejei a mesma coisa, várias vezes, para várias estrelas. Desejei ela, apenas ela, para sempre. E eu sei que as estrelas cadentes nunca me falharam. Dentre milhares de sonhos que criei, que poderiam se realizar, ela criou um completamente novo para mim, eu nunca achei que sonhos assim, que eu nunca sonhei, se realizavam. Só soube que era um sonho, depois que o realizei. Talvez, eu devesse perguntar sobre os sonhos dela.

Mas, sentada no banco de trás do seu carro, seus braços me envolveram, e eu não consegui formar pensamentos coerentes. Seu perfume nas minhas roupas, suas mãos nas minhas. Talvez, o pior, se eu abrisse a boca, ela sumiria. Não como uma fugitiva, mas como um anjo subindo ao céu em glória. Eu me senti em casa com ela, nunca conheci muito bem esse sentimento, mas quando você sabe, você sabe, quando você sente, você sabe. E eu sei. Sua mão segurou a minha, seu braço me abraçou por trás.

Agora eu sei.

INSTAGRAM



POST NO SITE





CRÔNICAS

SOBRE FAZER FEIJÃO

Por Nicolas Oliver

Dediquei parte desta noite para fazer feijão para a semana. Me fez bem. Estava meio estressado esses dias, e todo o trabalho de separar as carnes, os vegetais, colocar no fogo na ordem certa, me trouxe uma calma que não soube explicar.

Não é só mexer em cada ingrediente, ver o que está bom e o que não está, mas o cheiro que sobe quando cada um deles começa a fritar em sequência. Acho que é um ritual até mais completo que o de fazer café.

Minha mãe me ensinou a fazer feijão ainda cedo, para que eu logo pudesse ter minha independência. Acertei a maioria. Alguns, fiz com terra dentro. Outros, enchi de sal. Também já fiz com as ervas inteiras ou carne gorda demais.

Ensinei minha noiva a fazer feijão, e apesar dela nunca o ter feito antes, jamais errou o ponto, nem os ingredientes de nenhum.

Acho que é um dos motivos, inclusive, de eu estar noivo dela. Quanto a mim, vez ou outra, faço um feijão excepcional, mas volta e meia, faço coisas que acabamos jogando fora antes de acabar. O dela é bom e sempre sem invenções.

Assim como cada família italiana tem pequenos truques para fazer pasta e molho de tomate, cada brasileiro tem seu segredinho na hora de fazer feijão. "Meu feijão é bom porque eu pico as cebolas à luz da lua cheia um dia antes." "Meu segredo é que adiciono um pouco de beterraba no caldo", e outras coisas mais.

Isso talvez ocorra devido aos toques pessoais do que realmente se explique o porquê do feijão de tal pessoa ser ou não gostoso. Como minha noiva sabe, saber fazer feijão bem é mais saber seguir corretamente o que sempre foi feito do que tentar usar os códigos do GTA na receita.

Mas, a grande graça do ritual, é claro, é a gente achar que, o que fazemos de diferente deixa o que a gente faz ainda mais especial.

INSTAGRAM



POST NO SITE





CRÔNICAS

ESPELHO DE FRIDA

Por Grazielle Mendes

Acho que estava só passando, quando aquela imagem estancou minha pressa e voltei para confirmar: envelheci. Não que já não tivesse notado, mas não havia reparado o quanto. É que há muito tempo não me olhava no espelho, pelo menos daquele jeito.

Não que eu fuja dele, mas porque me acostumei com esse pedaço de vidro apenas como coisa, utilidade doméstica: para checar se o vestido não mostra demais, as pernas não estão muito brancas, o sutiã aparecendo, o decote não ofende ninguém, o batom condiz com o currículo, enfim, se cada assunto está no seu lugar.

Naquele dia, foi diferente. Parecia que meu cansaço se recusava a mimetizar as exigências da agenda e as sombras trancafiadas no reflexo começaram a rebelar-se. Rugas laterais esticaram unhas ressentidas e acusaram violentamente minha desídia estética.

Os malditos cremes que você começou a usar mil vezes! Tem certeza de que não vai aceitar botox? Lembrei que esses sulcos vingativos têm nomes. Pés de galinha, boca de marionete, bigode chinês.

Como nós, mulheres, somos cruéis com nossas próprias marcas! Por que não podem ser leques ou parênteses? Nomes que rimem em versos, ao invés de carimbos secos a empurrar, aos trancos, nossa autoestima para o abismo.

Meus pés derraparam e frearam à beira do precipício.

Lá embaixo tudo parecia calmo.

Ergui a cabeça em sobressalto.

Fiz um bico para olhar os dois lados, forcei um sorriso de circo e mostrei as gengivas de baixo e de cima.

Embiquei o queixo indômita. Conferi o pescoço.

Balancei a cabeça para aprovar os dentes, grandes demais como os do meu pai. Ainda bem que não puxei as olheiras dele, coitado, eram fundas como seus arrependimentos. Também tenho muitos, mas já me desculpei por quase todos, eu acho.

Dos cabelos brancos eu gosto. Levam-me de volta para estradas em sépia, onde perdi e encontrei o caminho de casa.

É só idade ou cansaço?

Os dois responderam ao mesmo tempo. Muito café, pouca água.

Assisti meus braços arrastados pela correnteza.

A raiva fez aspas em minha testa. Elis demais; Paulinho demorou a chegar.

Os sorrisos sempre fecharam meus olhos, não ligo, facilitam a saída.

Uma miríade de imagens embaçou lembranças inventadas. Pés gigantes pisotearam os vidros do tribunal. Antes que alguém roubasse o martelo, antecipei meu próprio veredito: até aqui, fiz o melhor que pude.

Foi lá grandes coisas? Foi o que consegui.

Eu sei, preciso tomar mais água e me importar menos.

Não, café não dá para cortar. Nem vinho.

A expectativa? Vou continuar tentando.

Posso me acostumar com os cremes. E com o perdão.

INSTAGRAM



POST NO SITE





CRÔNICAS

BARBÁRIES A CINCO REAIS

Por Neri Luiz Cappellari

O ntem à noite, estava assistindo ao jornal. É incrível como a tecnologia diminui as distâncias e faz com que acontecimentos ocorridos no outro lado do mundo, em segundos, percorram o planeta. Todos os dias, somos bombardeados simultaneamente desde notícias de guerras e terremotos até a um campeonato brasileiro de futebol ou a venda de um shampoo com um preço promocional de cinco reais.

Preocupa-me não a rapidez com que essas notícias chegam à sala de nossa casa, mas o fato de incluirmos tragédias humanas, lazer e consumo no mesmo pacote e acharmos que tudo isso é natural. Tão natural ao ponto de que comprar um cosmético a preço promocional ou assistir a uma novela seja tão importante quanto a perda de milhares de vidas em uma guerra ou em um terremoto.

Confesso que, para mim, tragédias não deveriam ser expostas junto com essas frivolidades, como se as mazelas da humanidade fossem meros produtos de consumo em prateleiras de supermercados. Cada um tem o seu valor, o seu tempo, a sua história, ainda mais quando eles são vistos por milhões de pessoas no mundo inteiro.

Não consigo assistir indiferentemente a pessoas sendo mortas em uma guerra junto com as instruções de um bolo de chocolate e, logo após, nos intervalos, ver uma propaganda de cosméticos. À medida que o jornal avançava e a telinha ia divulgando as notícias, o sofá, antes macio e confortável, já começava a mostrar algumas incômodas protuberâncias que machucavam o meu corpo e a minha consciência.

O programa informativo que, para alguns, dura apenas meia hora, para mim, suas notícias, suas histórias, seus sofrimentos, quase sempre, tiram meu sono ou até se transformam em pesadelos.

Claro que nem tudo que passa na telinha é desgraça. Não quero dizer também que um campeonato de futebol não tenha o seu valor de entretenimento, de torcida, de descontração. Afinal, a disputa entre dois times é uma forma saudável de oponentes disputarem o mesmo troféu – em paz, sem guerras, sem armas. Também uma boa marca de um shampoo é uma escolha acertada para quem deseja cuidar bem de seus cabelos. Conteúdos mais amenos tornam o nosso final de noite, após um dia cansativo de trabalho, em momentos de descontração. Isso é justo!

Entretanto, eu quero conhecer primeiro a história daquela família ucraniana que perdeu sua casa, seus pais, seus filhos, seus amigos – e tentar entender um pouco de sua dor. Eu queria que os donos do poder tentassem justificar a uma mãe que acaba de perder o seu filho os motivos de uma guerra. Eu queria que alguém me fizesse entender o real sentido de disputas territoriais, demarcações de fronteiras, quando poderíamos viver juntos, em paz e harmonia.

Quando eu acompanho nos noticiários um terremoto em qualquer lugar do planeta e vejo pessoas soterradas, debaixo de ferros retorcidos e concreto, tudo isso me dá calafrios. Meu coração bate mais forte no momento em que os bombeiros pedem silêncio às pessoas para ouvir um pedido de socorro, um gemido, um sinal de vida de algum sobrevivente soterrado por baixo dos escombros daquilo que outrora foi o seu lar.

Não tenho dúvidas do bem – supérfluo ou necessário – que os meios de comunicação podem nutrir conectando-nos, em pouco tempo, com todos os cantos de nosso planeta. O jornal de notícias entra em nossos lares e nos divulga simultaneamente bons e maus acontecimentos todos os dias. No final das contas, não é a rapidez com que as notícias entram em nossos lares que me preocupa. O que me assombra é o fato de vê-las sendo repetidas tantas vezes, que, com o passar do tempo, chegamos a pensar que a barbárie é natural, que a tragédia é um espetáculo de futebol e uma vida não custa mais que cinco reais.

FACEBOOK



POST NO SITE





CRÔNICAS

A TULIPA

Por Sandra de Abreu

Lá pelas quatro da tarde, com a alma morta pelo cansaço do trabalho repetitivo e inútil, resolvi conceder-me uma folga e desliguei meu computador quinze minutos mais cedo.

Preparei minha vitamina de banana e fui beber na varanda, onde, apreciando o cair da tarde, já estava o gato repousado no parapeito. Ficamos os dois olhando a cidade através da rede de proteção. Do alto, divisávamos a copa das árvores incomodadas com o vento, pessoas chegando apressadas no ponto de ônibus e os carros freando no sinal. O engarrafamento que se iniciava me fez lembrar que os legumes tinham acabado. Eu tinha que correr até o supermercado naquele momento, se quisesse evitar o trânsito mais tarde. Suspirei com desgosto e entrei para trocar de calça.

No mercado, as mexericas estavam baratas e doces. Me apetecia os melões também, mas sabia que estavam fora de época. Num canto, próximo aos caixas, vi umas tulipas embaladas em plástico, em pequenos vasos no chão. Um sorriso desmentou meu cenho franzido. Larguei o carrinho para trás, na urgência de apreciar aquelas flores. Caules firmes com folhas cuidadosamente desenhadas, seis pétalas num vermelho imperial perfeito, exalando um aroma discreto de donzela, eram maravilhosas.

Olhei ao redor buscando cúmplices para compartilhar dessa alegria inesperada, mas era somente eu ali agachada e a moça do mercado absorta no movimento da rua. Escolhi uma tulipa para levar, apesar de todas estarem perfeitas. Senti pena em deixá-las naquele canto. Mas, tinha esperança de que, ao vê-las, qualquer pessoa iria sentir essa mesma alegria infantil e levaria uma flor para casa também.

Em casa, arrumei a sala e acomodei a tulipa em um vaso maior com terra adubada de outras plantas. As flores se fecharam. Imaginei que ela não se agradou da mudança brusca e morreria no dia seguinte. Me deu uma leve tristeza. Procurei na internet que tipos de cuidados ela preferia. Pouca água, pedrinhas de gelo na raiz e luz indireta. Me sentia atendendo a pedidos de uma entidade espiritual que se manifestou na minha casa, e afinal, não era?

A tulipa

Por Sandra de Abreu

Na manhã seguinte, qual não foi minha surpresa ao vê-la esplendorosamente aberta e inclinada para a luz do sol que entrava pela janela da sala. Ela, não só estava mais exuberante do que ontem, como tinha o caule virado em direção à janela, como a cantora que, debruçada sobre o piano, espera sua deixa para entoar o refrão.

Considerarei este um verdadeiro luxo, uma tulipa florindo em casa. Uma pequena flor que sai da terra apenas uma vez por ano para embelezar a vida. E para tal esplendor, ela não pede quase nada em troca, muito pouco na verdade. Me deu vontade de voltar ao mercado e dizer às pessoas que levem as tulipas e deixem os melões para o verão.

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



09



POR MAGNA ASPÁSIA



Magna Aspásia Fontenelle, natural de Carolina-MA residente em Uberaba-MG, professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica- Philosophos Immortalem-Ph.I. Dra. Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.), autora e coautora de vários artigos científicos, livros, coletâneas, antologias e revistas publicados em periódicos nacionais e (inter) nacionais num total de 15 obras. Membro Fundadora Imortal e presidente da Academia de Letras do Brasil Seccional Uberaba-MG. Membro fundadora da Academia Alternativa Pegasiane Brasil. Delegada Cultural da FEBACLA-RJ para o Triângulo Mineiro. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira-FOCUS Brasil New York. Agraciada com título de Cidadania Uberabense; recebida como hóspede oficial da Estância Turística Paraguaçu Paulista-(SP) e também, com várias honrarias (inter)nacionais.

Estimados leitores, editor, caros colegas!
Paz e luz!

Ano novo!

Adeus Ano Velho, bem-vindo Ano Novo!

O início de um novo ano muitas vezes é visto como um ponto de virada, um novo livro em branco, uma oportunidade de fazer mudanças positivas na vida.

Entretanto, ao voltar ao pretérito e reler as páginas amareladas do livro findo, há uma oportunidade de aprendizado e crescimento. O repensar nas atitudes e desejos passados permite uma avaliação crítica, possibilitando ajustes e mudanças para o futuro.

Um novo livro nos é dado e, cada página em branco representa uma oportunidade única de criar uma narrativa significativa e gratificante.

Saudemos o ano novo com alegria, saúde, paz e esperanças!

Feliz Ano Novo!

Abraços poéticos!

Magna Aspásia Fontenelle

POST NO SITE





LUCAS FELIX, Professor, escritor, pesquisador, psicólogo, escritor, palestrante graduado em Psicologia, pós-graduação em Administração dos Serviços de Saúde pela UFRP; Mestre em Ciências e Valores Humanos pela Uniube; doutor em Ciências da Saúde pela USP-SP, publicou vários artigos científicos. Atuou como psicólogo e Consultor da Comunidade Terapêutica Nova Jerusalém. Atuou como professor de pós-graduação das Faculdades Santo Agostinho (Montes Claros), UFTM, Uniube, Unipac, UFU e IFET (CEFET) (ensino superior), e Anglo e Objetivo (ensino fundamental e médio). Membro efetivo da Academia de Letras do Brasil, Seccional Uberaba-MG.

1



REVISTA THE BARD – Quem é Lucas Felix?



LUCAS FELIX - Lucas Felix é um psicólogo que se aventurou a escrever sobre a sua visão de mundo. Suas obras visam o encantamento e a audácia para enfrentar desafios com a maior leveza e empatia possíveis. É sua marca ser bem humorado, otimista e afetuoso em suas relações pessoais, profissionais e em suas obras.



2



REVISTA THE BARD – Como se deu sua entrada no mundo literário?



LUCAS FELIX - Em 1995 surgiu uma ideia de passar a um livro a experiência que obtive em uma dinâmica de grupo apresentada em inúmeros locais com diferentes amostras populacionais: adolescentes, jovens, adultos, secundaristas, universitários e profissionais de diversas áreas de atuação. Tomei as discussões e compilei uma amostra das principais respostas ao desafio e transformei isso em uma aventura, um romance, uma história de superação e coragem.

Adorei a criação daquele primeiro livro e senti que poderia se transformar em algo maior, pois a repercussão foi incrível e em pouco tempo já tinha praticamente esgotada essa edição. Não encontrei incentivo então levei um bom tempo para lançar a segunda edição e o próximo livro. Depois de muitos anos reencetei a marcha e relancei os dois livros que já possuía, com atualizações e revisões, tornando-os mais comerciais. Lancei um terceiro livro que foi sucesso desde a produção e posteriormente participei de três antologias. Hoje já tenho mais três livros prontos para serem lançados e mais cinco sendo gestados.



3

4



THE BARD
POESIA, ARTE E MÚSICA

REVISTA THE BARD – É notívago ou só cria à luz do dia?



LUCAS FELIX - Grande parte dos livros são escritos durante as pequenas lacunas que tenho no dia a dia, nos feriados e nas férias. Mas quando surge a oportunidade escrevo à noite também.



THE BARD
POESIA, ARTE E MÚSICA

REVISTA THE BARD – Tem sonhos literários? Quais?



LUCAS FELIX - Adoro a ideia de me transformar em um escritor profissional. Tenho muitos projetos já iniciados e três livros praticamente prontos. Meu sonho é conseguir divulgação desses livros e torná-los conhecidos em todo território nacional, principalmente em escolas de ensino fundamental e secundárias.

5

6



THE BARD
POESIA, ARTE E MÚSICA

REVISTA THE BARD – Literatura como risco ou libertação?



LUCAS FELIX - Meus livros tem um conteúdo didático e otimista diante dos desafios da vida. Espero poder transmitir a ideia de que o ser humano vale a pena; que a vida é digna de ser vivida; e as pessoas possuem um lado confiante, positivo e afetivo.



THE BARD
POESIA, ARTE E MÚSICA

REVISTA THE BARD – Além da psicologia, quais outras formações acadêmicas você possui?



LUCAS FELIX - Psicologia, Administração dos Serviços de Saúde pela UFRP; Mestre em Ciências e Valores Humanos pela Uniube; doutor em Ciências da Saúde pela USP-SP, especialização em psicologia Transpessoal. Entretanto, sou amante do conhecimento, da arte, da cultura, da religião e da vida de modo geral. Busco incessantemente o conhecimento em diversas áreas e vejo-me como um “buscador”.



7

8



REVISTA THE BARD – Sabemos que Castaneda é referencial para suas obras. De que maneira ele entrou na sua vida?



LUCAS FELIX - Na minha formação acadêmica fiz um curso de especialização em psicologia Transpessoal com a célebre psicóloga Alci Cabral. Em meio ao curso, Alci sugeriu a leitura de livros de Carlos Castaneda. Isso foi por volta do ano de 1988.

Desde então me tornei um devorador de suas obras e ensinamentos. Já li os 12 livros de Castaneda mais de seis vezes e investigo todas as obras e informes sobre sua obra, sua vida e seus ensinamentos. Coloquei os ensinamentos de Castaneda em minha vida pessoal e profissional, e acredito que sejam o alicerce de minhas buscas e aprimoramento pessoal.



REVISTA THE BARD – A psicologia perpassa por várias vertentes, uma delas é psicologia reversa, qual sua opinião obre ela?



LUCAS FELIX - A psicologia reversa pode auxiliar o profissional a obter respostas mais adequadas para o seu cliente, posicionando-o de maneira diversa a que estava acostumado. A ideia é mostrar ao cliente que é possível obter melhores resultados se a sua atitude se modificar. Porém a estratégia é de uso terapêutico, e sua utilização precisa de um contexto ético e profundamente profissional, para não se incorrer em manipulação e desvio de conduta moral.



9

10



REVISTA THE BARD – Quais os títulos de sua obra e qual te identifica?



LUCAS FELIX - São três livros já publicados: “Um olhar com coração” é baseado em minha dissertação de mestrado e propõe uma maneira diversa de se olhar para o ser humano, principalmente em contexto terapêutico.

“**Desafio**” é um romance que propõe uma reavaliação de conceitos, preconceitos e valores, sendo apresentado sob a forma de uma história que possui suspense, humor e afeto. É o primeiro livro que escrevi, por isso tenho uma paixão mais longa e duradoura com o título, mesmo porque já tenho finalizado o Desafio 2, que a meu ver está sensacional!

“**Fábulas**” é um livro infantil para crianças de todas as idades. É leve, de fácil leitura e fácil digestão, mas nem por isso, menos intenso. São pequenas histórias que trazem em seu bojo lições para a vida, para os desafios diários, para uma melhor interpretação do mundo que nos cerca.



REVISTA THE BARD – Deixe uma mensagem para os leitores da Revista The Bard.



LUCAS FELIX - Gostaria que ficasse a impressão de que o mundo é um celeiro de boas vibrações, de boas energias, de boas pessoas. Sempre é possível escolher o lado bom, positivo, divertido, mesmo diante de situações complexas e ameaçadoras. O cuidado com o outro, o carinho e a ternura devem preencher aquelas lacunas de desalento, desespero e angústia.

Muito obrigada pel sua participação!

Boas Festas!





COLUNAS E COLUNISTAS



LIVROS



INSTAGRAM



MAGNA ASPÁSIA FONTENELLE

CONHEÇAM O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

SITE

FACEBOOK

FACEBOOK

INSTAGRAM

POST NO SITE



01



Edna Brennand



Edna Gusmão de Góes Brennand – Possui Doutorado em Sociologia - Université Paris I Panthéon Sorbonne. Professora Titular da Universidade Federal da Paraíba. Realizou Pós-Doutorado nas seguintes Instituições: Université Catholique de Louvain-UCL Bélgica; Universidade de Valência, Espanha; Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) Portugal. Coordena o grupo de pesquisa sobre Cultura Digital. Seus atuais interesses de pesquisa estão voltados para abordagens interdisciplinares sobre cultura digital e sociedade.

Cultura digital e inteligência artificial: paradoxos da produção cultural contemporânea

1. A cultura no contexto da convergência digital

O conceito de cultura no âmbito das ciências sociais é amplo. Incorpora ideias, artefatos, costumes, leis, crenças morais e ciência produzidos e partilhados através da convivência social que resulta da criação humana. A partir do século XX o debate entre a antropologia social e a sociologia faz o conceito passar por reduções e obscurantismos, mas ao longo deste processo dialogado e crítico ele se firma como um conceito chave e interdisciplinar para pensar a ciência, a arte e tecnologia. Possui um caráter transversal e perpassa diferentes campos semânticos. Autores como Geertz e Shalins afirmam o papel fundamental que a cultura desempenha na vida social, defendendo de que este conceito deva ser investigado em profundidade no âmbito das ciências sociais para esclarecer seu lugar central nas relações entre indivíduos e grupos. Bauman entende o conceito de cultura como hierárquico, ontológico e

epistemológico no entendimento das estruturas sociais e comporta diferentes usos na contemporaneidade. O conceito de cultura traz em si o germe dos interesses interdisciplinares em áreas como sociologia, antropologia, história, comunicação, administração, economia, entre outras. Não nos interessa, neste contexto, fazer um mapeamento da evolução do conceito de cultura nos vários campos do conhecimento, mas apontar a abertura no meu discurso para usar múltiplas clivagens para pensar a cultura digital no contexto da convergência tecnológica. O autor francês Denys Cuhe, na obra “A Noção de Cultura nas Ciências Sociais traz como exemplo os usos de expressões tais como “cultura das artes”, “cultura das letras” e “cultura das ciências” que mostra que cultura faz parte dos processos civilizatórios. Aqui utilizaremos três possíveis clivagens: cultura como modos de vida, como produção da arte e da atividade intelectual e como fator de desenvolvimento humano. Atualmente o debate se situa na necessidade do alargamento do conceito de cultura, trazendo como corolário que cultura é invenção coletiva de símbolos, valores, ideias e comportamentos, ou seja, os indivíduos e grupos são seres e sujeitos culturais.

Cultura digital e inteligência artificial: paradoxos da produção cultural contemporânea

Por Edna Brennard

A concepção de cultura como modos de vida é uma abordagem antropológica que destaca a compreensão da cultura como um conjunto integrado de práticas, crenças, valores, normas e símbolos compartilhados por um grupo social específico. Essa perspectiva enfatiza que a cultura não é apenas um conjunto de artefatos ou ideias isoladas, mas sim um modo mais amplo e integrado de existência para um grupo de pessoas. Nesse viés, a cultura é vista como algo que permeia todos os aspectos da vida de uma comunidade, moldando suas instituições sociais, sistemas econômicos, relações familiares, rituais, linguagem e até mesmo a percepção do ambiente natural. Ela não é apenas algo tangível, como objetos materiais ou obras de arte, mas está profundamente enraizada nos comportamentos cotidianos e nas interações sociais. Essa abordagem destaca a interconexão entre diferentes elementos culturais e como eles se entrelaçam para formar um sistema complexo. Além disso, reconhece que a cultura está em constante mudança e evolução, adaptando-se às novas circunstâncias e influências externas ao longo do tempo. Ao entender a cultura como modos de vida, os antropólogos e estudiosos procuram explorar os padrões subjacentes que estruturam a vida social de um grupo e como esses padrões são transmitidos de geração em geração. Essa abordagem proporciona uma compreensão mais dinâmica da cultura, permitindo analisar como as pessoas vivem e dão significado às suas experiências dentro de um contexto cultural mais amplo.

A concepção de cultura como produção da arte e de atividade intelectual destaca a importância das expressões artísticas, criativas e intelectuais na formação e transmissão cultural. Essa perspectiva reconhece que a produção artística e intelectual desempenha um papel fundamental na construção e representação das identidades culturais. A cultura é vista como um conjunto de realizações humanas que incluem obras de arte, literatura, música, filosofia, ciência e outras formas de expressão intelectual. Essas produções não são apenas reflexos da cultura, mas também contribuem para moldar e influenciar a forma como as pessoas pensam, percebem o mundo ao seu redor e se relacionam entre si. A arte e a atividade intelectual são consideradas formas de conhecimento e reflexão que transcendem as necessidades práticas do cotidiano. Elas proporcionam meios de expressar emoções, explorar questões filosóficas, transmitir valores culturais e desafiar as normas estabelecidas. Dessa forma, a cultura é enriquecida por meio da criação artística e intelectual, que oferece novas perspectivas e maneiras de interpretar a realidade. Reconhece que os artistas e intelectuais desempenham papéis importantes como agentes culturais, influenciando o pensamento e a sensibilidade de suas sociedades. Suas criações podem provocar mudanças sociais, questionar valores estabelecidos e inspirar novas formas de compreender o mundo. Importante salientar que esse processo de produção cultural não exclui outros aspectos da cultura, como práticas cotidianas, rituais, tradições e sistemas sociais. Ela destaca a interação dinâmica entre a produção artística e intelectual e outros elementos culturais, reconhecendo a complexidade e a diversidade do fenômeno cultural.

A concepção da cultura como um fator de desenvolvimento social ressalta os diversos papéis que ela pode assumir. Sob esta ótica, as atividades culturais são realizadas com intuítos socio-educativos diversos: para estimular atitudes críticas e o desejo de atuar politicamente; no apoio ao desenvolvimento cognitivo de portadores de necessidades especiais ou em atividades terapêuticas para pessoas com problemas de saúde; como ferramenta do sistema educacional a fim de incitar o interesse dos alunos; no auxílio ao enfrentamento de problemas sociais, como



os altos índices de violência, a depredação urbana, a ressocialização de presos ou de jovens infratores. Embora muitos pesquisadores e artistas critiquem esta visão como sendo utilitária, pois acreditam no valor da arte em si mesma, é fato que a cultura pode e deve exercer um papel na formação política e social dos indivíduos.

2. As Mefamorfozes das Culturas no Contexto da Convergência Digital

2.1 – A concepção de ciberespaço e cibercultura

A evolução tecnológica nas últimas quatro décadas trouxe em si elementos que provocaram mudanças radicais na forma como utilizamos a cultura como modos de vida, como produção da arte e da atividade intelectual, como um fator de desenvolvimento social. Emerge o conceito de ciberespaço como um espaço virtual ou ambiente digital onde a comunicação, a informação, as transações e as interações ocorrem por meio de redes de computadores. O termo foi popularizado por William Gibson em seu romance de ficção científica "Neuromancer", publicado em 1984. Desde então, o termo evoluiu para descrever o domínio virtual criado pela interconexão global de sistemas de computadores e redes. O filósofo francês Pierre Lévy contribuiu significativamente para a compreensão do que pode significar ciberespaço e cibercultura. Para o autor o ciberespaço é o horizonte comunicativo que surge da interconexão mundial dos computadores e de suas memórias e diz respeito à infraestrutura material da comunicação digital, bem como ao universo de informações que abriga e aos indivíduos que navegam interativamente por esse universo. É o espaço móvel das interações entre conhecimentos e conhecedores de coletivos inteligentes desterritorializados.

Seus trabalhos mais importantes sobre o tema são os livros "As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática", e Cibercultura publicados na década na última década do século XX. Neles, Lévy desenvolve conceitos-chave relacionados à cibercultura, cujos pontos centrais são resumidos: cibercultura como cultura da inteligência coletiva. Destaca a ideia de que a cibercultura não é apenas sobre tecnologias digitais, mas sobre a transformação da cultura em direção a uma inteligência coletiva. Ele sugere que as tecnologias da informação podem ser meios para ampliar e potencializar a inteligência humana, permitindo a criação de conhecimento de forma colaborativa; Cibercultura como interação de pessoas com máquinas cognitivas. Argumenta que a cibercultura é caracterizada pela interação intensiva entre seres humanos e máquinas cognitivas. Ele examina como as tecnologias de comunicação e informação alteram a forma como pensamos e como nos relacionamos com o conhecimento; o conceito de inteligência coletiva. Destaca a noção de inteligência coletiva como um fenômeno que emerge da interconexão de mentes individuais por meio de redes de comunicação. Explora a virtualidade como um espaço no qual a inteligência coletiva pode prosperar, transcendendo as limitações do espaço físico e superação de barreiras geográficas e culturais; descentralização e democratização do conhecimento. A cibercultura descentraliza o acesso ao conhecimento e a capacidade de produzi-lo. Ele vê nas tecnologias digitais a oportunidade de uma democratização do saber, permitindo que uma gama mais ampla de pessoas participe na construção e disseminação do conhecimento.



A cibercultura se caracteriza por transformações culturais e sociais resultantes da interação humana com as tecnologias digitais. Ela gera perturbações civilizatórias que, refletidas na relação com o saber, demanda uma reformulação da forma como concebemos os fundamentos da aprendizagem, centro de qualquer projeto de nação. Gradativo e célere o acesso à internet e as funções computacionais que conectam pessoas entre si, em tempo real e sem fronteiras geográficas o fenômeno da cibercultura se globalizou. Das muitas constatações possíveis a esse respeito, destacam-se a preeminência do digital sobre o analógico, o boom das redes sociais, o fluxo/trânsito contínuo e célere das informações e as vias interativas que não só conectam pessoas entre si, mas também pessoas e objetos (IoT - Internet of Things). O ciberespaço não é apenas uma infraestrutura técnica, mas também um contexto cultural. A cultura digital e a cibercultura emergiram, influenciando a forma como as pessoas se relacionam, consomem informações, colaboram e expressam sua criatividade online.

Assumindo cada vez mais o espaço digital, a experiência humana no mundo da (ciber)cultura assume contornos fluidos, voláteis, de territoriais e interativos, já que a quantidade de interconexões possíveis que os seres humanos e as máquinas (coisas) podem estabelecer entre si hiperdimensionam os próprios limites da cultura que conhecemos, especialmente pelo fato de que, diante do intenso fluxo de compartilhamentos de dados e interações comunicativas, a própria concepção de cibercultura se entende melhor com um olhar no presente e outro no futuro, porque não dizer de um modo escatológico.

A emergência de novos estilos de experiência do pensamento, como por exemplo, as memórias dinâmicas objetivadas pelos documentos digitais e programas disponíveis em rede, aumentam o potencial da inteligência coletiva, dando origem e densidade ao movimento da cibercultura. A partir dos anos 80 as tecnologias digitais redesenharam novos contornos nos movimentos socioculturais,

perdendo o significado de técnica, fundindo-se com produtos culturais como o cinema, a música, a televisão. Engenheiros, matemáticos, linguistas, textos, máquinas, programas, softwares, hardware, imagens digitalizadas, compõem novas realidades, redimensionando as formas e as qualidades da informação com implicações culturais multifacetadas. O ciberespaço contém à distância o telefone, o correio, a imprensa, a edição de livros, de música, de vídeos, de jogos interativos, o rádio, a televisão. Estas “antigas” mídias são utilizadas de formas variadas. Não mais pelo princípio do horário rígido, mas pela exploração de possibilidades de interatividade. Não mais pelo controle de intermediários institucionais já que aglutina produção de amadores, jornalistas alternativos, atores políticos e sociais diversos. Hoje se pode publicar um texto fora dos esquemas editoriais e/ou jornalísticos. Este espaço, não se reduz à interconexão de informações, mas redesenha uma consolidação de metarrelatos (religiosos, filosóficos e políticos) com dimensões tecnológicas, socioculturais, políticas e econômicas acenando para a revisão de conceitos e esquemas teóricos para análise de fatos e processos. O imbricamento das formas de existir permite dizer que o campo está sendo contaminado pelo urbano com todas as suas nuances. O território não mais se define por pertencimentos. As identidades organizam-se em torno de imagens dinâmicas, tomando uma dimensão nômade, lacunar no que se refere as singularidades. A hipermídia interativa, o hipertexto, o videogame, a telepresença, são dispositivos que permitem considerar o ciberespaço como uma via aberta para fazer emergir maneiras de pensar, trabalhar, sentir, perceber. É necessário reconhecer suas ambiguidades e limitações para possibilitar a exploração de suas possíveis possibilidades ricas, sutis. Sua inserção conflituosa nos universos culturais não isola a exploração do seu potencial no processo de (re)construção dos atores. Uma nova ecologia cognitiva (contexto concreto de produção cultural). Os nós da rede ainda estão sendo formados abrindo inúmeras possibilidades de (des)construção.



2.2 – A convergência digital

O conceito de convergência digital refere-se à integração e interação entre diferentes tecnologias, dispositivos e serviços que anteriormente operavam de forma independente. Alguns aspectos chave do fenômeno podem ser assim sintetizados: a fusão de diferentes tecnologias, como computação, telecomunicações, transmissão de dados, mídia e entretenimento; acesso ubíquo que possibilita o acesso a informações e serviços em qualquer lugar, a qualquer momento e através de diversos dispositivos; impacto significativo na indústria de mídia em áudio, vídeo, texto e imagens que podem ser facilmente distribuídos em uma variedade de plataformas digitais; serviços multifuncionais através de dispositivos digitais modernos a exemplo dos smartphones que não são apenas telefones, mas também câmeras, reprodutores de música, navegadores da web, etc. Da mesma forma, televisores inteligentes podem acessar a internet e executar aplicativos; redes sociais, plataformas de colaboração e ferramentas de comunicação online são exemplos de como a tecnologia digital tem integrado as interações sociais; facilita, pela computação em nuvem, o armazenamento e o acesso a dados e aplicativos de forma flexível e escalável.

2.3 - O conceito de cultura na convergência digital

Esse processo refere-se à interseção entre a cultura contemporânea e as tecnologias digitais em constante evolução. A convergência digital representa a fusão de diferentes formas de mídia, como texto, áudio, vídeo e imagens, em plataformas digitais comuns. Esse fenômeno tem impactado profundamente a maneira como as pessoas consomem, produzem e compartilham informações, arte, entretenimento e experiências culturais. Tem provocado mudanças na forma como as pessoas criam, consomem e interagem com a cultura em um ambiente digitalmente interconectado. Essa interseção entre cultura e tecnologia molda a sociedade contemporânea, influenciando normas, valores e experiências culturais.

A denominada cultura na convergência digital abrange uma variedade de aspectos, incluindo: maior acesso à informação: facilitando o acesso instantâneo e generalizado à informação. As pessoas podem explorar uma vasta gama de conteúdos culturais, desde notícias e literatura até música e filmes, com apenas alguns cliques; Produção participativa que permitem que os usuários não apenas consumam, mas também produzam conteúdo. Isso resulta em uma cultura mais participativa, onde as pessoas contribuem ativamente para a criação e disseminação de conteúdo; mudanças nas formas de narrativas, permitindo experiências mais interativas e imersivas. Narrativas transmídia, por exemplo, podem se desdobrar através de diferentes plataformas, como redes sociais, blogs, vídeos online e jogos; globalização cultural em função da digitalização e a conectividade que facilitam a disseminação de culturas em escala global. As pessoas podem se envolver com manifestações culturais de diferentes partes do mundo, promovendo uma compreensão mais ampla e interconectada; economia da atenção gerada pela competição por atenção online que influencia as formas como a cultura é apresentada e

consumida. Conteúdos são frequentemente projetados para atrair e manter a atenção do público em meio a uma abundância de opções; desafios éticos e legais relacionados à propriedade intelectual, privacidade, segurança e desinformação bem como os desafios em relação à diversidade, inclusão e representação; Transformação das indústrias criativas de setores como música, cinema, televisão, publicação e arte têm passado por transformações significativas devido à convergência digital.

Assim, o conceito de cultura digital reflete estas transformações profundas nas práticas culturais e sociais à medida que a tecnologia digital se torna uma parte integrante da vida cotidiana. Ela também traz questões sobre ética, privacidade, segurança cibernética e igualdade de acesso à tecnologia, destacando a importância de uma abordagem crítica e responsável em relação às inovações digitais. E na última década deste século aglutina transformações com o avanço do uso da Inteligência Artificial – IA na produção cultural.

3. A Inteligência Artificial Modifica a Apropriação Cultural?

A relação entre inteligência artificial (IA) e a apropriação cultural é um tema complexo e em constante evolução. A apropriação cultural refere-se à adoção, muitas vezes descontextualizada, de elementos de uma cultura por outra. Quando se trata de inteligência artificial, a tecnologia pode ter implicações na forma como as culturas interagem, mas as questões éticas em torno da apropriação cultural geralmente são mais diretamente associadas a ações humanas. A inteligência artificial pode influenciar ou modificar a apropriação cultural em vários aspectos. O primeiro deles é o processamento de linguagem natural (PNL) que ao ser projetado para compreender e gerar linguagem pode levar a desafios relacionados à interpretação cultural, especialmente quando esses sistemas são treinados predominantemente em dados de uma única cultura, o que pode resultar em falta de sensibilidade a nuances culturais. Outro aspecto a ser considerado são os vieses de dados e algoritmos de IA que são tão bons quanto os dados com os quais são treinados. Se esses dados incorporam viés cultural, a IA pode perpetuar estereótipos e padrões culturais prejudiciais. Isso pode contribuir indiretamente para a apropriação cultural se não houver cuidado na seleção e no treinamento de dados. Outro questão a ser considerada é a criação cultural por IA que têm como objetivo criar música, arte ou outros tipos de conteúdo cultural. A questão da apropriação cultural pode surgir se a IA gera obras que imitam ou incorporam elementos de uma cultura sem compreensão ou respeito adequado. Por fim o uso da robótica na produção cultural onde a IA pode influenciar a forma como as pessoas percebem a representação cultural nas interações robóticas que pode levar a interpretações errôneas e, potencialmente, à apropriação cultural inadvertida.





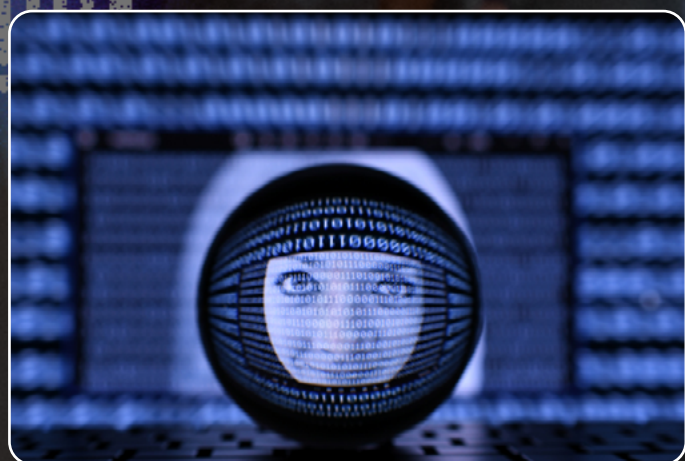
4 - Considerações Finais

A inteligência artificial (IA) tem desempenhado um papel significativo na produção cultural, impactando várias áreas, como música, cinema, literatura, arte e entretenimento. Aqui estão algumas maneiras pelas quais a inteligência artificial tem influenciado a produção cultural: Composição Musical; algoritmos de IA são capazes de analisar padrões musicais e criar composições originais. Músicos e compositores estão explorando o potencial da IA para auxiliar na criação de músicas, gerando novas melodias e harmonias; Roteiro e produção cinematográfica: a IA é usada na análise de scripts e na previsão de sucesso de filmes. Além disso, existem experimentos de roteiros gerados por IA e até mesmo assistentes virtuais que auxiliam na produção cinematográfica; Arte generativa: artistas estão utilizando algoritmos de IA para criar arte generativa, onde as máquinas contribuem ativamente para o processo criativo. Isso pode envolver a geração de imagens, padrões e até mesmo esculturas; edição de vídeo e animação: algoritmos de IA são aplicados na edição de vídeo, facilitando tarefas como corte, montagem e até mesmo a geração automática de efeitos visuais. Além disso, há ferramentas que utilizam IA para criar animações de forma mais eficiente. Muitos outros exemplos podem ser também considerados como a criação literária e a personalização de conteúdo. Assim, não é mais possível pensar a produção

cultural contemporânea sem discutir e considerar os meios digitais. Eles têm influenciado as tradicionais atividades culturais, como literatura, artes visuais, teatro, música, dança, audiovisual, arquitetura e artesanato.

Atualmente, as indústrias criativas também abrangem outros setores como moda, designer, marketing e propaganda, decoração, esportes, turismo, aparelhos eletrônicos, tecnologia, telefonia, internet, brinquedos e jogos eletrônicos. Na relação entre cultura e mercado, acontecem dois processos distintos: a mercantilização da cultura, quando as atividades culturais passam a ser concebidas visando à distribuição em massa e, conseqüentemente, a geração de lucro comercial; e a culturalização da mercadoria, que ocorre através da atribuição de valor simbólico a objetos do uso cotidiano. Até mesmo as características culturais de um determinado local ou povo podem ser transformadas em bens vendáveis para o turismo ou como lócus para a produção audiovisual.

A emergência paradoxal das tecnologias digitais nesses novos processos de produção cultural coloca a necessidade de repensar seus fundamentos do conceito tradicional de cultura. Como processos sociais em constante mudança estas dimensões estabelecem entre si um conjunto de conexões simbólicas, dando forma a novos processos de comunicação, seja dentro do ciberespaço das redes digitais ou no espaço de comunicação não-midiático, isto é, das relações humanas propriamente ditas.



Cultura digital e inteligência artificial: paradoxos da produção cultural contemporânea

Por Edna Brennand



COLUNAS E COLUNISTAS

SEM

CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL

INSTAGRAM

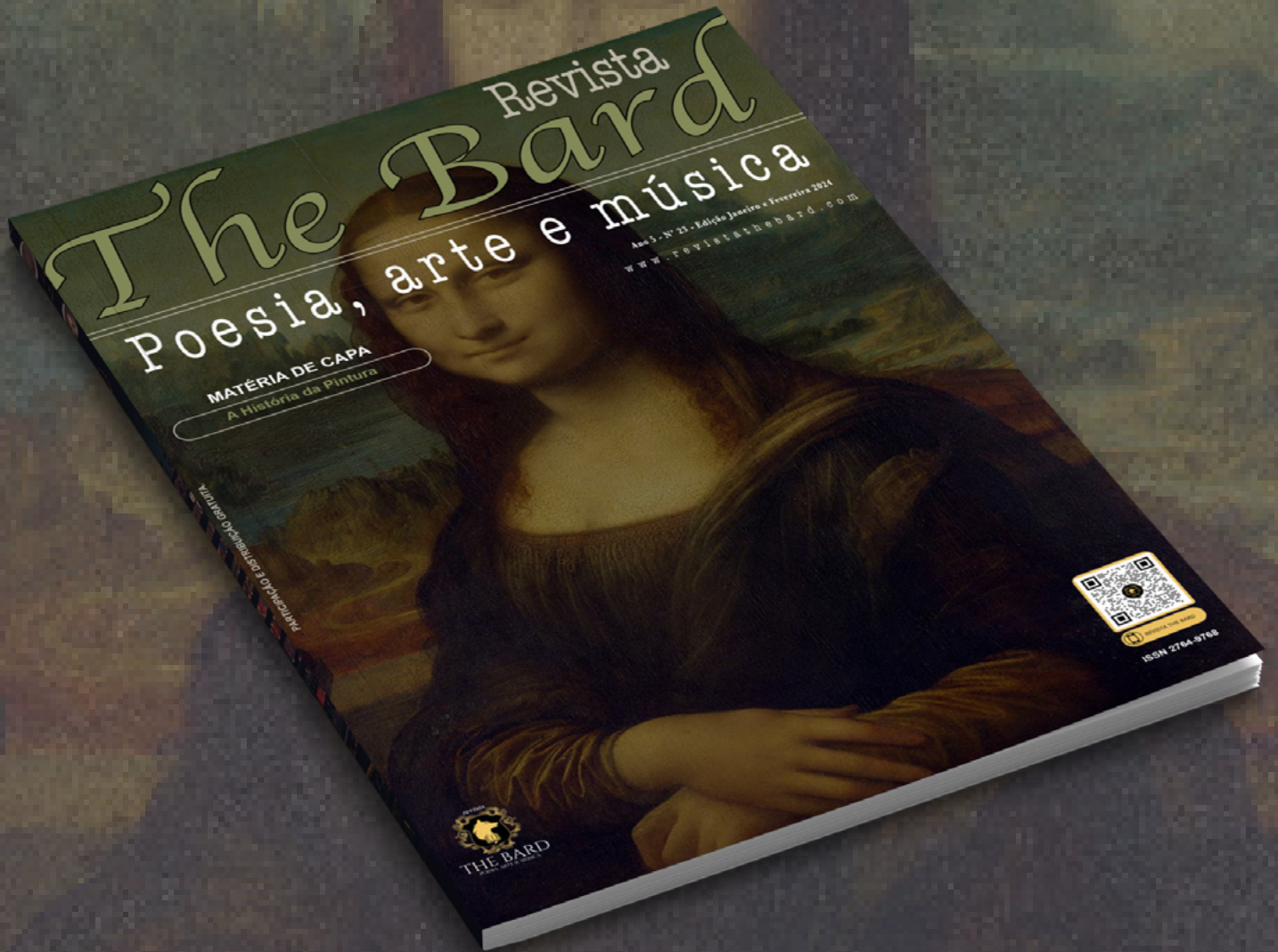


POST NO SITE





EDIÇÃO JANEIRO & FEVEREIRO 2024



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MAIO & JUNHO DE 2024



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
MAIO & JUNHO/2024

PERÍODO DE **21** DE JANEIRO À **16** DE MARÇO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.



COLUNA

RAÍZES

de Moçambique

01

**Dany Amado Vasco**

Nascido aos 20 de dezembro de 2003 em Moçambique, no distrito de Gurué na Zambézia. Ele é escritor e poeta, participou de várias antologias nacionais e assim como internacionais. É o mais novo colunista representante de revista interativa The Bard em Moçambique.

Bem-Vindos a "Raízes de Moçambique" na Revista The Bard!

Em um mergulho apaixonante na riqueza cultural de Moçambique, apresentamos com entusiasmo nossa mais nova coluna, "Raízes de Moçambique". Preparem-se para uma jornada pelos territórios encantadores da cultura moçambicana, onde cada palavra, nota e pincelada contam a história vibrante deste país extraordinário.

Desvendando Histórias e Lendas: Explore conosco os ricos idiomas e dialetos, desvende lendas ancestrais e mergulhe nas narrativas cativantes que ecoam por gerações.

Sinfonia da Terra: Permitam-se ser envolvidos pela melodia única de Moçambique, onde cada nota é um reflexo da diversidade que colore as paisagens deste país. Uma sinfonia que transcende fronteiras.

Pinceladas Culturais: Convidamos vocês a contemplar a arquitetura e pintura moçambicanas, onde cada traço conta a história de um povo que transforma sua vivência em expressões artísticas extraordinárias. Desde as vibrantes cores das "Capulanas" até os padrões intrincados que adornam as paredes das casas, cada detalhe carrega consigo a tradição e a identidade de Moçambique. As pinturas murais, muitas vezes, são um testemunho visual das histórias, mitos e valores que permeiam a sociedade moçambicana, um convite para entender a profundidade cultural através de pinceladas de arte.

Dança que Conta Histórias: Entre no mundo da dança moçambicana, uma expressão artística que fala por si só, revelando tradições e valores que permanecem vivos até hoje.

Literatura que Encanta: Embarquem em viagens literárias por Moçambique, onde as palavras se tornam pontes entre realidades distintas, revelando narrativas que capturam o espírito resiliente do povo moçambicano. Da poesia melancólica às narrativas épicas, a literatura moçambicana é um tesouro a ser descoberto.

Religião e Espiritualidade: Convidamos todos a explorar as crenças e práticas espirituais que enraízam a identidade moçambicana, refletindo uma conexão profunda com a terra e a espiritualidade. Das cerimônias tradicionais aos rituais que honram os ancestrais, cada aspecto espiritual é uma expressão da riqueza cultural moçambicana.

Conectando Corações e Mentes: "Raízes de Moçambique" é mais do que uma coluna; é um convite para uma jornada de descoberta e apreciação. A Revista The Bard convida vocês a se perderem nas páginas desta coluna, onde as raízes se entrelaçam e a cultura moçambicana floresce. Estejam preparados para se encantarem a cada edição.

Poeta J.B Wolf



Toda via, iremos apresentar o dialeto falado no centro de Moçambique concretamente na Zambézia o "Elomwe". O Elomwe é a língua mais falada na província da Zambézia, com cerca de 37.1% de falantes maioritariamente nos distritos de Alto-Molocué, Gurué, Ilé, Namarroi, pebane e Gile.

Os textos " poemas" foram traduzidos pela doutora Raviesa Chiria Braz formada em línguas bantu na universidade Eduardo mondlane.



Raviesa Chiria

Natural da Zambézia, 29 anos de idade, formada em Ensino de Línguas Bantu pela universidade Eduardo Mondlane, actualmente trabalha como formadora na província de Manica.
Outros qualificações: Professora, tradutora, transcritora.

INSTAGRAM

POST NO SITE





Danny Amado

Nascido aos 20 de dezembro de 2003 em Moçambique, no distrito de Gurué na Zambézia. Ele é escritor e poeta, participou de várias antologias nacionais e assim como internacionais.

PORTUGUÊS

O PULSAR DA ÁFRICA

CO pulsar da África nos corações ressoa,
Berço de culturas e história que encanta.
Dos tambores aos cantos, a alma ecoa,
Um continente vibrante, cheio de vida e manta.

Em cada batida dos tambores sagrados,
Celebra-se a vida, a ancestralidade é enaltecida.
Danças e ritmos, passados de mãos dadas,
Uma união tão poderosa, alma colorida.

Pelos vastos campos, a savana exala,
A fauna majestosa que corre livremente.
Leões, elefantes, a vida que se espalha,
Em cada canto, um espírito valente.

África, pulsante matriarca do mundo,
Teus filhos te amam com fervor profundo.
Seu legado brilha, poderoso e eterno,
No coração de todos, bendito e fraterno.

DIALETO ELOMWE

WEECECA WA WAFIRIKA

O weececa wa Wafirika immirimani soochevecheva,
Mmwacheya mwa okhala nisakhalahi
sinnanikhaliha.

Mwa ikoma sawipa,weliha,
Elapo yocikinheya, yosareya ekumi
okhaliha.

Womanamana wa ikoma
sorelihiwa,

Ohakalihana wa woneyihana ti
ohakalihana.

Sawina sorera,sivirika epharelanne mata,
Okhalihana wolipaxa ,munepa worera.

Vawinnuwa welapo,miparo soheleya,
Innama sokhala wi sichimake
mwaphamene.

Ahavara, ichepo, enayeheya,
Vale vachu, munepa worereya.

Wafirika,wechecha wa elapo,
Aninyu ennokwelani miviha
impuwani. Wela wokha wanhu,ikuru ni soothene,
Mmurimani moothene, nthamalelo ni
inyanlelo.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Nascido no dia aos 3 de dezembro de 1999, na cidade Quelimane " Moçambique" tornou-se Escritor contista e poeta, e é estudante de licenciatura em agropecuária.

"Tudo tem um propósito".

Chabir Tadeu

PORTUGUÊS

A BELEZA DA DIVERSIDADE COLORIDA

Cores desvalorizando a sua cor,
Triste o não reconhecimento do seu valor,
Elevam mais a cor dos outros
E diminuem sua a sua.

É triste ver que preferem usar produtos
Produtos para se parecem com outros.

Somos cores diferentes em um mesmo arco-íris,
Cada uma com sua beleza e seus matizes.
Não há uma cor que seja melhor ou pior,
Todas são iguais em seu valor.

Valorize a as variações e a união,
Respeite e aceite a história e a tradição.
Não deixe que o preconceito te cegue,
Abra seu coração e deixe a igualdade te guiar.

DIALETO ELOMWE

ORERA WATCU ORERA

Orera waachu orera. Wela eyarehereraka okhala wanyu,
ochimwa nave ohisiveliha wokalawanyu, wakusya cincipale
sorera nwachu akina oheviha oheviha okala wanyu.

Wivileliha wona yawi wera sawihela.

Hinalikana neraka inri mwekumi emoha,
muchu mutcu noorera wawe, nukhalawawe.
Hinyavo ekore enakhale yaphama nari etempe onanara,
Sothene sinimalikana sokhalawaya.

Sakina sosivelekeni sanene no wiwanana,
sosivelekeni ni mwemeke solichiwa ithale ni sakhali.
Muhihye sakhali sochare,
muhule murimanyo muhuye soothene sowechiene.

INSTAGRAM

POST NO SITE





Leslie Sultane

Poeta, escritor e estudante.
Nascido aos 18 de setembro de 2000.

" Palavras são armas perigosas, use-as com sabedoria "

PORTUGUÊS

MELANCOLIA

Eis-me, mórbido
mas não de corpo
exaurido,
pois minha alma não habita em meu corpo
Eis-me presente, sem presença
ausente de tudo
falha no mundo
Outrora fui alguém
hoje,
não sou de ninguém
nem de mim mesmo
O corpo dorme em um lugar frio
adoentado de amor
O que posso fazer eu,
se a cura dos meus males residem em teu corpo?
Uns são felizes ao seu jeito,
Outros têm alguém em seu peito
E eu, sou o vazio
morri faz tempo
apenas o corpo permanente
transformei-me em pó
e me adaptei a melancolia deste chão.

DIALETO ELOMWE

EKWILO

Wokitepela mmwilini mwaka wochevaceva,
mmunepani mwaka mwilini mwaka.
Yawi khalani ona vinyamo moothene ohikhala mwelapo
Vakina Mari muchu
Oolelo,
hanyene Ka mamuchu
nnakhala wamiyanwene
mwili onnakona vachu voriravo
wicheliwaka nosivela
kere heni mitho, ochira
wa soonanara sala sinakhala mmwilini mwaka?
Akina ennasiveliwa makhala mwaka,
Akina mukina va murimani vaka, hinkano
kokhwa Kali
ohanle mwili ohanle
kohipaka inchupi
kipaka ekwilo yecheya.

FACEBOOK



POST NO SITE





Nascido aos 10/03/1999 em moçambique pronvincia de Maputo gosto e faço design desde criança, e comecei a fazer poesia em 2019 e acabei me apaixonado e Hoje sou um escritor e poeta tambem sou estudante de estatística.

Edilson Finório

PORTUGUÊS

AMAR A VIDA

sonhei que o gelo queimava
sonhei que o Fogo falava
e de tanto sonhar o impossível
Sinte-me que ja tava Perdido

alias são tantas coisas que ja sonhei
que acabo não sanbedo onde ir
são tantas coisas que aseio
diariamente nos meus sonhos, que acabo jogado-as no ar livre

sei que deveria esperar por dias melhores
Mas sei que as lutas são varias'
mas tambem sei que a vida em sou uma' mas sei que sonhei
que não existem vitorias sem batalhas

sei que existem conquistas sem ter avindo guerra

por isso lembre-se porque lutas
para nunca desistir doque queres
sei que tudo que dói te deixa mais fortes e
tudo que te desmotiva acaba virado a sua motivação

sei que naceste para mostrar a lua como se brilhar

DIALETO ELOMWE

OKWELA EKUMI

Kilonye wi maralala yanasukeya, koloha ayi moro wanaloca
noloha nkinemerera khohona wi kerawakina.
woyawo cincipale sawaca ichu
kilonyaka kihisuwenlaka yoyowo.

Sawaca ichu connaka.
Mahiku otheene molohamwaka, kinonaka movilela.

Kosuwela wikahala oweheeya mahiku aphama.
Kosuwela wi owanawana sotepa.
Kosuwela wi ekumi emoharo, kosuwela kilonye wi hinyavo
okhalihana ohirivo ohera yophwanelela

Kosuwela wi yokhalavo yawasya ehirivo owanawana

Yeyoro mupuwele wera owana wohihyerera yawi onakwelawe
okhala vothene soothene sinicela ohiye nikuru soheciha
phama no ichu soheciha phama oheciha, weciha okhala weyo.

Kosuwela oyariwe wi monihe mweri onelaya.

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





MITOLOGIAS CRÔNICAS

12



Ladylene Aparecida



Tem 34 anos, formada em Gestão de Recursos humanos, mas atualmente trabalha como empregada doméstica. Negra, mineira, nascida e criada na periferia, presenciei os horrores de ter nascido preta, contudo digo com orgulho que sou mais uma sobrevivente. Encontrou na escrita e na literatura o apoio que precisava para encarar a sua realidade. Desde o ano de 2021, vem se encorajando a mostrar para as pessoas os seus escritos e a postá-los em seu Instagram literário (@ladyleneap.escritora); desde o início de 2022 atua como colunista e cronista na Revista Internacional interativa The Bard Wolf, é acadêmica honorária pela ALUZ – Academia Luziense de Letras e Artes. Também atua como redatora e criadora de conteúdo.

Panteão Grego: A ascensão de Zeus ao Monte Olímpio

Olá, querido leitor, voltei para contar para você sobre o principal panteão grego. Sabemos que a mitologia grega é a mais conhecida e reproduzida em todo mundo, devido a suas histórias fantásticas, porém também quero trazer algumas reflexões sobre como aprendemos tanto com esses deuses e muitas vezes não percebemos isso.

Boa leitura!

Para prosseguirmos, vamos lembrar como Zeus chegou ao trono.

Cronos na época era o deus supremo, porém temendo que uma profecia se cumprisse e o tirasse do trono, ele resolveu literalmente comer todos os filhos, exceto o mais novo, que sua mãe escondeu em uma caverna.

Após anos de treinamento, Zeus liberta seus irmãos e formam um exército contra o pai. O derrotando e o prendendo no fundo do tártaro.

Se você quiser saber com detalhes como tudo isso aconteceu, é só visitar duas edições anteriores e lá estará com a maior briga de família de todos os tempos.

Panteão Grego: A ascensão de Zeus ao Monte Olímpio

O Panteão grego consolidado

Com Zeus no trono, o panteão grego foi consolidado. Cada deus e deusa tinha seu domínio e personalidade distintos, contribuindo para um equilíbrio que refletia aspectos da experiência humana e da natureza. De Atena, a deusa da sabedoria, a Afrodite, a deusa do amor, cada membro do panteão desempenhava um papel vital na mitologia e na vida cotidiana dos antigos gregos.



Deuses pelos Deuses

Nas próximas linhas mostrarei um pouco mais sobre cada uma dessas divindades, e lembre-se qualquer semelhança com os humanos é coincidência (ou não)!

Hermes, deus de asas

Hermes, era filho de Zeus e Maia, uma das Plêiades. Ele nasceu em uma caverna no monte Cilene. Provavelmente teve que nascer escondido por conta da fúria da deusa Hera.

Hermes ficou conhecido como mensageiro dos deuses, da comunicação, do comércio e dos via-

jantes. Então se a Amazon, atrasar sua remessa de livros é só rogar por Hermes, que chega rapidinho... Ele é frequentemente representado com asas nos pés e um chapéu alado. Também ficou conhecido pelo seu jeito brincalhão, mas também é fiel à sua função como mensageiro divino.

Héstia

Héstia, era filha de Cronos e Reia, nasceu no monte Olímpio. Ela é a deusa do lar, da lareira e da família. Tranquila e serena, valorizando a estabilidade e a harmonia doméstica, ao contrário de seu irmão Zeus, que tudo que queria fazer era se esbaldar pelas noitadas e prevaricações com todas as mulheres que seus olhos pousassem. Alguém tinha que ser sensato nessa família.

Héstia é frequentemente representada perto de uma lareira ou fogo sagrado. Ela personifica o calor, a segurança do lar, promovendo a estabilidade nas famílias. Então agora você já sabe para quem pedir para sua família se manter unida e estável.

Ártemis, deusa da caça

Filha de Zeus e Leto, irmã gêmea de Apolo, nasceu na ilha de Delos.

Ártemis é a deusa da caça, da natureza selvagem e das criaturas selvagens. Ela é independente e implacável em sua busca por preservar a vida selvagem.

É representada com arco e flechas, acompanhada por uma matilha de cães de caça. Acima de tudo, ela valoriza a natureza e a liberdade, protegendo a vida selvagem e caçando com determinação.



Apolo, deus da beleza

Leto, mãe dos gêmeos Apolo e Ártemis, teve dificuldade durante a gestação, pois sofria perseguição por parte da deusa Hera, já que as crianças eram de Zeus, por isso Leto teve que se esconder na ilha de Delos para dar à luz aos seus filhos.

Apolo é conhecido por sua beleza, graça e habilidades musicais. Ele é também um dos deuses das artes, cura e do sol. Apesar de seu lado benevolente, ele pode ser vingativo quando provocado. Ele também é associado à lira e como usa irmã também tem conhecimento com o arco e flecha. Também é conhecido como o deus da profecia e do Oráculo de Delfos. Apolo é um deus que valoriza a ordem, harmonia e a justiça. E pode ser implacável com aqueles que desrespeitam esses princípios



Dionísio: O senhor dos apreciadores de vinho

Dionísio é filho de Zeus e uma mortal chamada Sêmele, Ele nasceu de uma gestação acelerada após a morte de sua mãe, que pediu para ver Zeus em sua forma divina. Depois disso, o bebê Dionísio foi costurado na coxa de seu pai para terminar a gestação.

Ele é o deus do vinho, do teatro e das festas. Dionísio é conhecido por sua natureza extrovertida e pela celebração da vida, contudo também tem seus momentos de explosão, em alguns registros antigos, conta que Dionísio, castigou algumas mulheres por não participarem do culto em sua homenagem, fazendo-as enlouquecer e matar os próprios filhos. Esse é um exemplo claro de beber com moderação.

Dionísio também é a personificação do prazer e da indulgência, promovendo a alegria e a libertação. Ele também foi o único deus, filho de uma mortal, aceito no monte Olímpio.

Deméter, deusa dos grãos

Deméter é a deusa da agricultura, da colheita, da fertilidade, do ciclo da vida e da morte. Filha de Cronos e Reia, Deméter é conhecida pelo seu jeito gentil e maternal, mas também está profundamente ligada as estações do ano e as mudanças na terra. Sua maior motivação, é o amor incondicional a sua filha Perséfone. Seu coração se encheu de tristeza, quando Hades a sequestrou, fazendo com que toda terra se tornasse infértil.

O que a maioria não esperava é que rolou uma síndrome de Estocolmo, por parte de Perséfone, que acabou se apaixonando por seu carcereiro e preferiu ficar no submundo com seu amor.

Como a terra não podia viver sem agricultura e os ensinamentos de Deméter, Zeus resolveu inter-

Panteão Grego: A ascensão de Zeus ao Monte Olímpio

vir e determinando que seis meses do ano, Perséfone viveria com o marido e os outros seis meses com a mãe e foi assim que as estações foram criadas, no tempo que a filha está com a mãe, temos a primavera e o verão, quando Perséfone está no submundo, temos o outono e inverno.

“Eu não sei quem é pior nessa história, a mãe possessiva e controladora ou a mente da pobre coitada da Perséfone que se apaixonou por seu carcereiro.”

Mesmo com essas atribuições familiares, Deméter é uma deusa muito importante, pois ensinou os humanos a arte da agricultura e do cultivo dos grãos, especialmente o trigo. Ela era cultuada em vários festivais e rituais, sendo o mais famoso os Mistérios de Elêusis, que eram celebrados a cada cinco anos na cidade de Elêusis, perto de Atena.

Afrodite, a deusa do amor

Segundo as lendas antigas, Afrodite nasceu do mar, após o órgão genital de Urano ter sido lançado ao mar por Cronos, ninguém sabe ao certo como isso aconteceu, mas dizem que ela surgiu de uma concha e chegou à costa de Chipre.

Afrodite é a deusa do amor, da beleza e da paixão, conhecida por ser caprichosa e envolvente. O tipo de pessoa que não aceita um não como resposta. Ela é frequentemente representada com uma maçã, uma pomba ou um espelho. Afrodite tem o poder de influenciar os desejos e sentimentos amorosos dos seres humanos, podendo algumas vezes causar alguma confusão ou amores avassaladores. Ela também é a personificação da atração e sedução, e muitas vezes usando essas artimanhas em benefício próprio.



Atena, deusa da sabedoria

Atena, filha de Zeus e Métis (inteligência), ela nasceu da cabeça de Zeus após ele engolir Métis para evitar que ela tivesse filhos mais poderosos do que ele. O medo da história se repetir sempre falará mais alto. Ela é a deusa da sabedoria, estratégia e guerra justa. Conhecida também por sua sabedoria e sensatez. A coruja e o escudo são seus símbolos e em algumas retratações ela carrega uma lança.

A deusa da sabedoria, também valoriza a razão e a lógica, promovendo o conhecimento e a justiça.



Ares, o deus da guerra

Ares, filho de Zeus e Hera, pelo menos um filho legítimo, mas que deu não deu muito certo, ao contrário de sua irmã, que apreciava a guerra justa. Este queria apenas ver sangue e corpos mutilados em suas guerras, sua natureza violenta, fazia que alguns deuses não gostassem muito de sua presença.

Em suas representações, ele sempre está com um elmo e lança. Suas maiores motivações são o desejo e a conquista a qualquer preço. Sempre muito impulsivo em momentos de raivas.

Heráclito, o protetor dos homens

Heráclito, ou Hércules, como é mais conhecido, é filho de Zeus e a mortal Acmena. Após uma intervenção de Zeus, a Acmena dá a luz ao seu filho na cidade de Tebas. Pois por algum motivo Hércules, entre todos, é o mais odiado por Hera. Hércules ficou conhecido como herói divino, protetor dos homens, por sua força, coragem e proezas realizadas.

“Caso queira conhecer um pouco mais sobre esse herói, faça uma leitura na edição de jan./fev. de 2023.”

Hades, o deus do submundo

Também filho de Cronos e Reia, como os outros irmãos, Hades foi devorado pelo pai. Sobre Hades quero trazer alguns detalhes que acredito que vá além do que ele é retratado na maioria das histórias.

Quando Zeus foi dividir os reinos com seus irmãos, Hades foi passado para trás e acabou assumindo o submundo, coisa que nem Zeus e nem Poseidon queria. Porém, mesmo assim, ele assumiu com destreza a tarefa de proteger os portões do submundo.

Apesar de a maioria desenhar Hades como um ser das trevas e cruel, pois controla os que muitos conhecem como inferno, a verdade nunca esteve tão longe disto. Hades, na verdade, sempre foi justo e leal aos seus princípios, apesar de assumir uma tarefa tão pesada, ele sempre foi justo em definir se uma alma iria para os campos Elísios ou se permaneceriam no submundo e pagar por seus pecados e transgressões.

Hades, para manter o equilíbrio e a imparcialidade em seus domínios, ele segue à risca as leis do destino, para que todas as almas que chegue até ele tenha um julgamento justo.

E para muitos que o desdenha, ele também é conhecido como senhor da riqueza, pois o subsolo é rico em minerais preciosos. Ele é frequentemente associado a metais e pedras preciosas, como ouro e mármore.



Panteão Grego: A ascensão de Zeus ao Monte Olimpo

Poseidon, o senhor dos mares

Poseidon é o filho mais velho de Cronos e Reia, e como seus irmãos foi libertado por Zeus do estômago do pai. É conhecido por sua natureza impetuosa e volátil, refletindo a imprevisibilidade dos mares e tempestades que ele governa. Ele pode ser tanto generoso como vingativo, tudo vai depender das circunstâncias. Como seu irmão Hades, Poseidon defende seus domínios com determinação, não importando quem o ataque.

Na Grécia antiga era conhecido por proteger os marinheiros e navegantes, desde que respeitem o mar e suas leis ou sofreriam as consequências nas mãos do senhor dos mares. Quando se trata de suas paixões, Poseidon não é muito diferente de Zeus, seus amores são avassaladores, fazendo que cometa atrocidades irreparáveis, para quem não sabe a Medusa, só virou Medusa devido ao Poseidon, mas isso ficará para uma próxima edição. Ele representa com exatidão a dualidade dos oceanos, calmo e generoso para aqueles que sabem navegar e vingativo e tempestuoso para aqueles que ousam desafiar o seu poder.



Hera, a rainha do monte Olimpo

Filha de Cronos e Reia, irmã/esposa de Zeus. A rainha dos deuses, assim como seus irmãos, foi regurgitada por Cronos, quando Zeus salvou todo mundo. Ela agora é considerada a protetora da família e do casamento. Conhecida por sua lealdade ao monte Olimpo e por seus ciúmes por Zeus com suas incontáveis amantes.

A rainha dos deuses, sempre foi considerada uma mulher de um forte senso de dever e honra, porém, seus ciúmes de Zeus às vezes a fez agir impulsivamente.



Zeus, rei dos deuses

Zeus é um caso à parte, como já relatei antes, ele é o filho mais jovem de Cronos e Reia e quem salvou todo mundo do pai tirano. Apesar de seu senso de justiça e algumas raras vezes compaixão, seus impulsos temperamentais sempre falaram mais alto. Vai ver aí a relação não ótima com o pai, e teve que ser criado longe da mãe, fez uma bagunça na psiquê do garoto. (pode ser uma pauta para uma próxima coluna).



Crônica: O Grande Encontro no Monte Olimpo

Era um daqueles dias em que o céu se tingia de um azul profundo, que anunciava o verão nos domínios gregos. Os imortais deuses do Monte Olimpo, decidiram celebrar mais uma vez suas divindades.

Zeus, o soberano dos deuses e o detentor do raio é considerado o mais poderoso entre os deuses, estava no aguardo de seus irmãos e irmãs no mais alto cume do Olimpo, com um banquete digno dos deuses.

Atena, deusa da sabedoria, foi a primeira a chegar. Seu olhar penetrante parecia ler os pensamentos mais profundos, e seu escudo refletia a luz do sol, iluminando o Olimpo.

Hermes, o mensageiro veloz, chegou em um raio de luz dourada. Ele trouxe notícias dos mortais e incríveis histórias de como os templos em homenagem aos deuses estão cada vez maiores e cada vez mais os humanos fazem oferendas em nome dos deuses.

Deméter, a deusa da agricultura e das colheitas, trouxe consigo a aura da fertilidade e crescimento. E notícias de como os homens estão cada vez mais habilitados com o cuidado da terra e plantio.

Hades, o senhor dos mortos, envolto de seu manto negro, emergiu das profundezas do submundo e carregando em seu olhar a complexidade sobre a vida e morte. E foi recebido por muitos beijos e abraços de sua amada Perséfone.

Afrodite, a deusa do amor, exalava uma aura de encanto irresistível, envolvendo todos à sua volta com sua graça e charme.

Poseidon, o deus do mar, chegou com o som das ondas e o aroma salgado do oceano. Seu tridente representava seu domínio sobre as águas.

Crônica: *O Grande Encontro no Monte Olimpo*



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

Ártemis, a deusa da caça, surgiu com um ar de bravura e independência, enchendo os olhos de Poseidon, já que ele acima de todos ama um espírito livre. Mas Ártemis é esperta para cair nas nadadeiras de Poseidon.

Apollo, o deus da música, trouxe consigo sua lira para trazer alegria ao ambiente e encher os ouvidos de todos com notas harmônicas e nunca ouvidas.

Hera, a rainha dos deuses, sua graça era inigualável, assim como sua coroa feita com penas de pavão, que reluziam com os raios de sol. Seu olhar soberano e majestoso era respeitado por todos, ou pelo menos por quase todos.

E para completar a festa e trazer muito vinho, Dionísio, o deus do vinho e da festa. Sua animação era contagiante, era alegria que faltava para completar aquele belo banquete.

Para os mortais, era uma festa magnífica, onde se reunia as principais divindades da Grécia antiga. Assim como para os deuses, a vida dos mortais era engraçada e peculiar e isso gerava incontáveis histórias e boas risadas.

Ladylene Ap.

**CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL**

INSTAGRAM



POST NO SITE



RESILIENTE MENTE



01



ADRIANA STRELLA



Adriana Strella tem 52 anos, escritora, autora, colunista internacional. Dra h. c. em Psicanálise, Saúde Mental e Resiliência. Embaixadora Brasil-África, Comendadora: Altíssima Comenda Sigmund Freud. Terapeuta (Abordagem Transformação e Programação do Pré-Consciente). Embaixadora da Paz pelo The Peace Maker. @adrianaofficial

Paz interna e os Conflitos Externos

Encontrar a paz interior parece muitas vezes algo inatingível, mas, se pensarmos bem, os conflitos internos existem porque não existe autoaceitação. Quando a pessoa vive para agradar, ela pode evitar o conflito externo, mas isso tira sua paz interior.

saúde mental. A saúde mental depende do quanto somos capazes de dominar nossos pensamentos, que tentam autossabotar nossa voz interior, que nada mais é do que a nossa intuição. Dominando nossos pensamentos, automaticamente nossas emoções serão dominadas.



Quando temos paz interior, estamos em paz com o mundo. Não importa o que acontece fora, ou seja, no mundo externo. Ninguém consegue ter paz interior sem realização e se anulando o tempo todo. A falta de realização pessoal também afeta a nossa

Muitas vezes, toda vez que dá vontade de fazer alguma coisa, um turbilhão de emoções negativas e pessimistas nos invade, causando conflitos internos. O medo vem das análises feita pela nossa mente sem nos darmos conta, isso é que tira a nossa paz.

Por Adriana Stella



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO



Não podemos deixar que a mente nos domine. Dificilmente uma pessoa consegue estar em paz se não tiver coragem de aceitar seus próprios medos, é preciso descobrir de onde vem a falta de autoestima que permite que o medo se instale.

As pessoas que não se realizam, maldizem suas vidas, viver não é um fardo, a vida fica mais leve quando não dependemos de validação externa para buscarmos pelas nossas conquistas.

A busca pela paz interior é uma jornada solitária, assim como é o caminho da iluminação. A falta de realização torna a vida insossa, e por isso muitos se perguntam o que estão fazendo aqui e qual é o sentido da vida. Somos seres muito imperfeitos, mas precisamos valorizar nossas qualidades e sentir que somos capazes de caminhar em direção aos nossos sonhos.

Quando reconhecemos nossos sonhos, e diariamente alinhamos com pensamentos positivos e otimistas nossas ações, nasce a certeza, que não importa o quanto demore, se olharmos para frente e darmos o melhor de nós, com certeza um dia iremos conseguir materializá-los.

Não precisamos entrar em conflito com as pessoas que não acreditam em nossa capacidade, muito menos em conflitos internos, o importante é não viver buscando aprovação externa, não buscar validação. Deus deu uma vida para cada pessoa cuidar da sua. Esse é o equilíbrio que nutre nosso espírito, nós só dependemos do nosso apoio para seguirmos em frente, e se tivermos consciência disso, conquistaremos a nossa paz interior.

O tempo todo, as nossas realizações dependem de nós! Não devemos tornar nossa vida um fardo, a vida é para ser vivida com leveza.



INSTAGRAM



POST NO SITE



Alma em PERSPECTIVA

04



MIA KODA



Poetisa, Escritora, Psicanalista, Hipnoterapeuta, Life Coach, Graduada em Marketing e MBA em Gestão de Pessoas. Uma pisciana apaixonada por filosofia, misticismo e esoterismo.

No limiar da alma: um vislumbre da essência através do olhar

Olá, querido leitor!

Nos últimos três dias, posterguei a redação deste texto para a coluna. Não foi por falta de temas, mas sim porque nenhuma das opções anotadas em meu caderno de ideias, conseguia tocar meu coração a ponto de inspirar a partilha de algo genuíno com você. Contudo, resolvi deixar que a inspiração viesse de forma natural, sem colocar mais ansiedade do que já havia colocado, anotei com caneta vermelha na minha agenda:

“Coluna Alma em Perspectiva, texto enviado” e não pensei mais sobre o assunto.

Hoje pela manhã, enquanto passava meu rímel na esperança de deixar meu olhar mais expressivo, notei algo que há tempos não me dedicava a compreender: o meu próprio olhar. Bingo! Foi nesse momento que a inspiração surgiu!

Certamente, você já ouviu a expressão "os olhos são as janelas da alma" que já foi atribuída a diversos autores ao longo da história. Portanto, sua origem exata é difícil de determinar, e nesse momento, não é relevante. Mas se acaso souber, peça que me conte depois.



No limiar da alma: um vislumbre da essência através do olhar

Por Mia Koda

Tal expressão é empregada para transmitir a ideia de que os olhos revelam profundidades emocionais e a verdadeira essência de uma pessoa. A metáfora, figura de linguagem que gosto muito de usar, destaca a conexão entre o olhar e a alma, sugerindo que, ao observar os olhos de alguém, é possível ter uma visão autêntica de seus sentimentos e pensamentos.

Para ilustrar essa ideia, escolhi a obra "Anjo Caído", do renomado artista francês Alexandre Cabanel. Aliás, devo confessar que sinto certa paixão e encantamento por essa obra, pois é uma criação que transcende as fronteiras entre o céu e a terra, entre a tristeza e a raiva, entre o amor e o ódio, capturando um momento de transgressão celestial.



A riqueza da pintura na figura de um anjo, outrora imaculado e celestial, agora prostrado e caído dos domínios celestiais, reside não apenas na habilidade técnica de Cabanel, mas também na expressão fascinante do olhar do anjo, cumprindo um papel categórico ao conectar a pintura com o ponto de vista da "janela da alma".

Os olhos do anjo, pintados com maestria, carregam uma dualidade perturbadora. Há um misto de tristeza e resignação, mas também uma faísca de rebeldia e questionamento. O olhar, neste contexto, nos leva ao vislumbre da alma do personagem retratado. É como se o observador pudesse penetrar nas camadas emocionais do anjo caído, decifrando as particularidades de sua queda e os conflitos internos que se desdobram.

Ao considerarmos a conexão entre o olhar e a janela da alma, a pintura de Cabanel destaca a capacidade dos olhos de revelar verdades íntimas. O artista, por meio da expressão cuidadosamente trabalhada no rosto do anjo, nos convida a contemplar não apenas a beleza visual da cena, mas a essência emocional implícita. Os olhos, nesse contexto, são portais que conduzem a uma compreensão mais profunda da narrativa representada na tela.

Assim como a frase "os olhos são as janelas da alma" sugere, o olhar do anjo caído transcende a mera representação visual, nos proporcionando uma revelação emocional, instigando nossa própria alma observadora a questionar as complexidades da condição humana, mesmo quando retratada em um ser celestial. Em "Anjo Caído", Cabanel não apenas pinta uma cena, mas fala diretamente com nossa alma e nos convidando a refletir sobre as dimensões mais profundas do nosso ser.

Através dos olhos, somos capazes de desvendar emoções, segredos e até mesmo a verdadeira essência de alguém. Mas será que realmente nos permitimos mergulhar nesse universo e nos entregar à experiência de contemplar e compreender o que se esconde por trás de um olhar? Pense nisso, amigo leitor.



Muitas vezes, a correria do dia a dia nos impede de apreciar a magia contida no simples ato de olhar nos olhos de alguém. E, mais desafiador ainda, olhar verdadeiramente para nossos próprios olhos.





Não estou falando de um mero reflexo no espelho, mas da realização de uma introspecção profunda, permitindo que a alma se revele sem disfarces.

A contemplação do próprio olhar é um convite à sinceridade consigo mesmo. É um mergulho nas águas turvas dos sentimentos, onde a transparência é a única regra. São inúmeras às vezes que fugimos desse encontro íntimo, distraídos pela superficialidade do cotidiano. Observar-se é mais do que um exercício visual; é uma jornada de autoconhecimento, uma oportunidade de se entregar à complexidade de nossos próprios sentimentos.

Antes de começar a escrever esse texto, dediquei alguns instantes para contemplar a obra, em seguida, me deparei com o espelho. Notei no meu olhar todo amor que sinto pela figura do Anjo Caído e compreendi que esse amor não fala apenas da beleza da pintura, mas de meus próprios sentimentos, que são muitas vezes controversos.

Tenho sentimentos semelhantes ao anjo sempre que me sinto injustiçada, experimento amor e ódio, tristeza e alegria, confiança no Divino e, por muitas vezes, revolta por permitir tanto sofrimento no mundo. Compartilho da mágoa por não ser correspondida da forma que gostaria e, muitas vezes, não compreendo as dores às quais sou submetida e o tempo que leva para curar minhas feridas.

É como se os olhos se transformassem em espelhos da alma, refletindo o âmago do ser, num convite à reflexão sobre quem somos no aqui e agora. Quando permitimos esse olhar profundo, desvendamos camadas de emoções guardadas no íntimo, decifradas pela linguagem única que só os olhos conseguem expressar.

Neste espaço dedicado à alma, te convido a permitir o vislumbre de sua essência, sem julgamento ou limitação. Explore, sob diversas perspectivas, todas as possibilidades de ser autêntico e não hesite em se descobrir e se aceitar plenamente, permitindo assim que sua alma se liberte de todas as formas de amarras que possam aprisioná-la.



Aproveitando a oportunidade, quero te convidar para me acompanhar nas redes sociais e compartilhar suas ideias. Será um prazer conhecer suas perspectivas.

Nos vemos em breve!

No limiar da alma: um vislumbre
da essência através do olhar

Por Mia Koda



COLUNAS E COLUNISTAS

LIVROS DA AUTORA



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM



POST NO SITE





Desenho

Digital



Manoel Ronald

Bahia - Brasil

A Evolução da Arte Digital

A pintura e o desenho, como formas de expressão artística, sempre foram intrinsecamente ligados ao meio físico, fazendo uso de tintas, pincéis, lápis e papel. No entanto, o computador trouxe uma transformação radical, permitindo que artistas explorem um novo mundo de possibilidades. A arte digital tornou-se uma categoria por direito próprio, à medida que os artistas passaram a criar obras diretamente em plataformas digitais, muitas vezes utilizando software especializado, como o Adobe Photoshop, Corel Pintor e o Procreate.

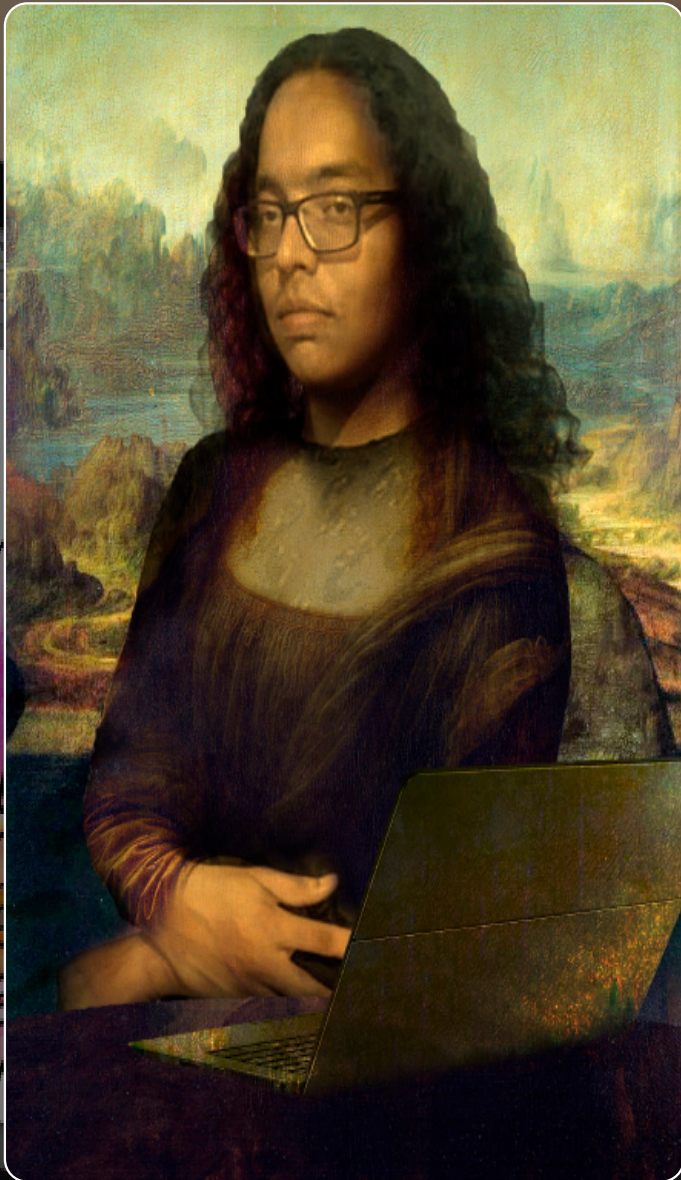
A principal vantagem da arte digital é a flexibilidade que oferece. Os artistas não estão mais limitados por recursos físicos, como a quantidade de tinta disponível em um pincel ou a necessidade de secagem da tinta. Isso significa que podem experimentar com cores, texturas e estilos de maneiras que seriam impossíveis no mundo físico. Além disso, a capacidade de desfazer e refazer ações permite que os artistas tomem riscos sem o medo de cometer erros irreversíveis.

Outro impacto significativo da tecnologia no mundo da pintura e do desenho é a democratização da arte. Antes, a produção de obras de arte exigia recursos caros, como tintas, telas e espaço de estúdio. Com o computador e o software de arte, a barreira de entrada para a criação artística foi significativamente reduzida. Qualquer pessoa com acesso a um computador pode começar a desenhar e pintar digitalmente.

Isso não apenas ampliou a base de artistas, mas também permitiu que a arte fosse compartilhada com um público global através da internet. Plataformas de mídia social, como o Instagram e o Pinterest, tornaram-se vitrines para artistas, possibilitando que eles alcancem um público muito maior do que antes. Essa visibilidade expandida tem ajudado a muitos artistas a ganhar reconhecimento e oportunidades de exposição.

O uso do computador na arte também tem permitido a fusão de diferentes mídias. Muitos artistas digitais combinam técnicas tradicionais, como a pintura a óleo ou a aquarela, com elementos digitais para criar obras únicas. Além disso, a animação digital se tornou uma forma de expressão artística em si, levando a um novo reino de possibilidades criativas. Essa fusão de mídias desafia as definições tradicionais de pintura e desenho, expandindo as fronteiras da criatividade.

Apesar de todos os benefícios da arte digital, existem desafios a serem considerados. A facilidade de reprodução e distribuição de obras digitais pode levar a questões de propriedade intelectual e plágio. Além disso, a perda do aspecto tátil e do suporte físico da arte pode ser vista como uma desvantagem por alguns, que acreditam que a conexão direta com o material é fundamental para a experiência artística.



NOME DA OBRA:

“Com certeza não é a Monalisa...”

“Uma paródia é uma forma de expressão artística que imita ou faz referência a uma obra original de maneira humorística, irônica ou satírica. Geralmente, as paródias envolvem a apropriação e transformação de elementos de uma obra existente para criar algo novo e muitas vezes humorístico.”





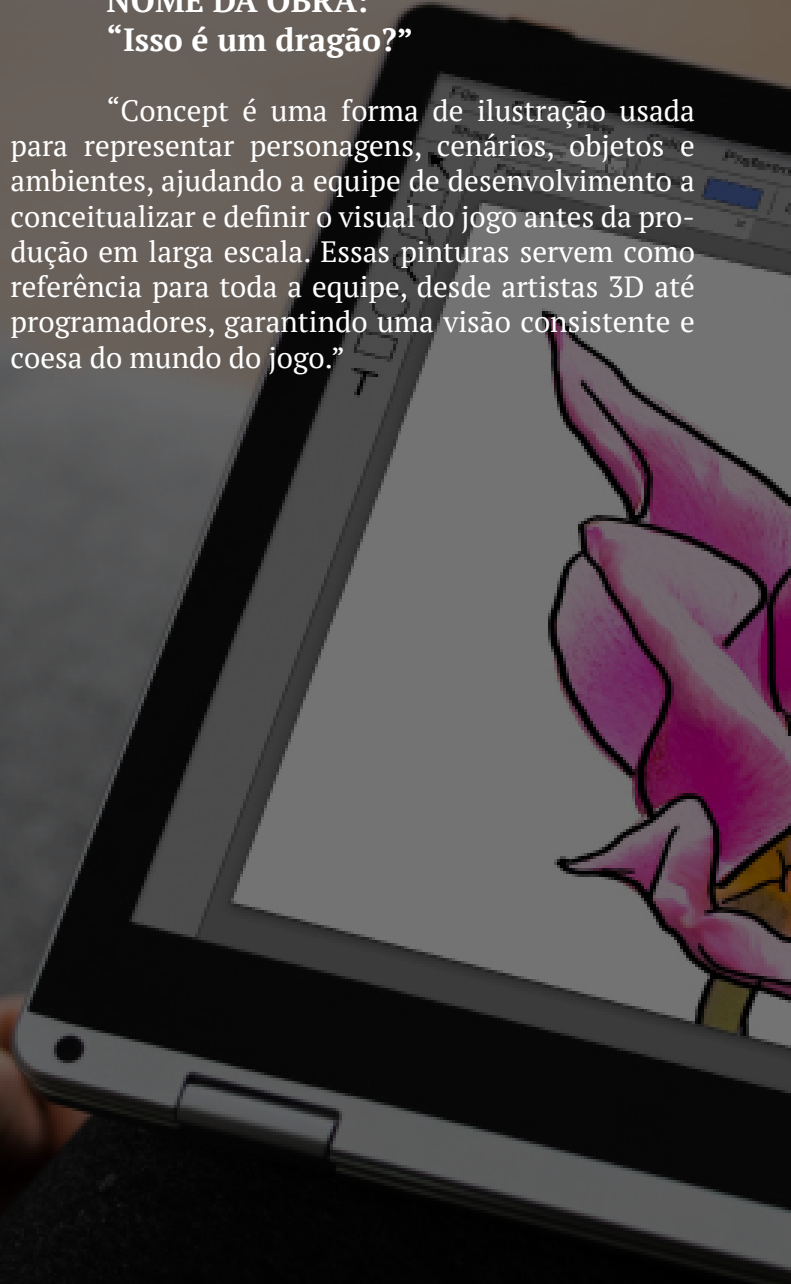
Desenho

Digital



NOME DA OBRA:
“Isso é um dragão?”

“Concept é uma forma de ilustração usada para representar personagens, cenários, objetos e ambientes, ajudando a equipe de desenvolvimento a conceitualizar e definir o visual do jogo antes da produção em larga escala. Essas pinturas servem como referência para toda a equipe, desde artistas 3D até programadores, garantindo uma visão consistente e coesa do mundo do jogo.”





NOME DA OBRA: “
Uma Rosa de Cor Preta”

“A mescla de ilustração física com filtros digitais combina elementos artísticos tradicionais e tecnologia digital para criar obras únicas e inovadoras. Técnica usada no livro “Uma Rosa de Cor Preta”, onde toda a ilustração foi feita à mão, e posteriormente tratadas com filtros inteligentes que utilizam IA (Inteligência Artificial).”



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



POST NO SITE





MINI Contos

Bananeira

Por Rilnete Melo

Sempre gostou de plantar bananeira, mas a vida lhe botou de cabeça para baixo e ela preferiu cultivar o equilíbrio.

INSTAGRAM



POST NO SITE





MINI Cartas

Tempo

Por Wallisson Andrade

Nesse meio tempo, tenho muito a perder,
nada a lamentar e tudo para conquistar.

INSTAGRAM

POST NO SITE





MINI Contos

A bruxa e o Lobo

Por Ladylene Aparecida

Para muitos aquela besta, não passava de uma fera selvagem, sanguinária, que destruiu o pequeno povoado, mas para a velha bruxa, que mesmo com quase um século de vida, o tempo não apagou a sua beleza. Apenas ela conseguia ver a verdadeira natureza do lobo, uma fera aprisionada e assustada. Um homem preso por tempo demais em uma maldição muito antiga, mas que poderia ser libertado e mostrar a sua verdadeira forma.

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



Contos

De mulher para mulher

Por Patrícia Nascimento

Abra às asas e voe em direção às coisas que nos elevam.
Solte os cabelos, coloca um salto e um batom vermelho.

Deixe ir quem não quer ficar, se desprenda do que não é recíproco.

Deixe de querer viver uma história repetida com os mesmos sinais. Não se humilhe para permanecer onde não é bem-vinda. Vire suas costas, bata a porta e se vá.

Trilhe seu caminho sem olhar para trás. Lições são para serem aprendidas. Foque nos seus objetivos, estudos, trabalho. Sua carreira é mais importante do que um grande amor não correspondido.

Você verá que terá no caminho outros amores, outras pessoas, outras coisas. Dói amar sozinha, dói sair querendo ficar. Mais dói mais ainda lutar por alguém que não está disposto a tentar a recomeçar.

Todo caminho novo assusta, mas o medo é o portal da confiança. A história se repete mais a vida sempre segue. Quem não te quis no passado, não vai te querer no presente.

Cartas a você mulher, que se deu a oportunidade de recomeçar, de viver o novo, de dá uma oportunidade a si mesma.

De mulher para mulher... superação!!

Escritora Patrícia Nascimento

INSTAGRAM



POST NO SITE





Contos

Desatinado em vida animália

Por Rute Ella Dominici

O matuto é sedento de paixão desde os dias onde via os animais que se acasalavam.

Certas pessoas imaginam os animais e gentes; criativos inventam como eles pensam, e como os pensamentos deles falam mais que os seus, ouvem as falas em farras, disputas e romances.

O menino perdeu o pai aos seis anos, parece um caso, mas, na verdade, foi um caos em plena mata nas terras vermelhas e rachadas da área rural mineira. O cunhado comprou o vaqueiro do fulano que por sua vez era seu capanga. Vingou-se das ameaças tolas a respeito da divisa das terras das duas irmãs que eram as herdeiras legítimas das partes da fazenda do ribeirão Santa Rita.

O pai, por envenenamento da água do cantil do capanga, sucumbiu à cabeceira do córrego do rio Tejuco; seis dias passados foi achado ali, povoado por formigas.

Solon se lembrava que antes do pai sair pediu a benção e o pai o abençoou com as mãos em sua cabeça. Não se sabe se desde este dia ou desde a falta tanta do pai João Tatu, O menino ficou aluado e endoidou um pouco. Desde então entrou num silêncio aloprado. Às vezes se calava e brincava sozinho ou brigava com tudo e todos numa agitação onde não se entendia sua fala incógnita. Então seu refúgio preferido era o chiqueiro ou o campo onde o gado solto se evadia lentamente.

O namoro dos bichos era fenomenal, curioso e muito legal. Se apaixonou pelas fêmeas inacessíveis, dóceis novilhas, leitoas rosadas, as éguas... como eram lindas e ágeis, como as desejava. Iniciava ali uma trajetória ao amor impossível. Como ele, um moleque franzino e triste, competiria com machos inteiros?

Em casa se lavava na espera de ficar lindo e cheiroso, algo habitual e repetitivo, lavava mãos, braços e rosto sem parar e olhava no espelho do lago, ou das painéis d'alumínio que areadas lumiavam no jirau do terreiro.

Passados anos, Solon tinha evoluído na escola da roça que distava 6 km da casa da fazenda. Ele sempre teve raciocínios para aritméticas e geografia, nenhum dos alunos aprendia o português do professor que mal o traduzia para a língua dos matutos, difícil esse trem de falar certo igual aos da Capital.

Dos anos passados, se lembra dos casamentos dos irmãos, o caçula foi o primeiro a engravidar a coroa, com quem se casou, pois, gente de bem assumia o que fazia, senão o reino da mãe, voz imponente de viúva, se mostrava em filho, mesmo adulto. Em seguida o irmão estudado se casou com uma paulistinha cocota e bonitinha. Depois o terceiro mano também escolheu uma mineira agitada e de boas risadas.

Desatinado em vida animália

Por Rute Ella Dominici

Solon, era solitário e macambúzio, disfarçada-vida, era aliviado pelas idas e vindas à cidade, no centro onde observada as moças e desejada roubar um beijo, abraço que pudesse desabitar de sua castidade. Nas lojas de roupas, a escolherem para ele camisa de cambraia e calca de linho para causar boa impressão. O nada e ninguém o levava às concessionárias, onde se arriscava num consórcio de moto para poder levar as divas mineiras na garupa.

A ilusão-realidade era um amálgama. Aos setenta anos, ainda na roça, Solon vai e volta todos os dias da cidade, onde presenteia a namoradinha de dezoito, lindinha como as esposas de seus irmãos, hoje já senhoras, com celulares novos, moto e capacete, acreditando sem alguma lucidez no amor tardio. Não pode morrer assim, pensa, sem nunca ter se deitado com uma mulher bonita...

Nesta rítmica sensação das mãos do pai sobre si, lava a cabeça na torneira da pia da cozinha, enxágua as mãos na aguada do córrego da quebra dente, junto ao gado nelore, branco tal sua consciência. Mergulha e nada no Tejuco sem bem saber nadar. Querer se casar fora sua mais pura e obcecada necessidade.

A animália, sua lembrança mineira calma, em meio à agitação de mentecaptas paixões.

Escritora Rute Ella Dominici

INSTAGRAM



POST NO SITE





Contos

Memórias de um sonho

Por Wallisson Andrade

Fechei os olhos, mas não escureceu; minha mente vaga para tão longe deste quarto, para um mundo que já se foi há muito, confundindo tudo, fazendo-me questionar se vivi ou apenas sonhei ter vivido aquilo. Em meio aos meus devaneios, a realidade se mistura com a fantasia. Lembro-me de uma casa no campo, próxima a um lago; uma mulher com quem eu compartilhava as refeições estava lá, mas não era só isso. Sorrisos ecoavam pelos cômodos; entre flertes, palavras bobas eram soltas ao vento. Lembranças...

Sentado na varanda, em uma cadeira de balanço, o dia parecia passar devagar. Até as folhas das árvores moviam-se lentamente em direção ao chão, assim como eu via em câmera lenta, caminhando entre as rosas e girassóis de nosso jardim. Ela vinha em minha direção, a luz do sol ao crepúsculo era seu holofote, realçando seus olhos e cabelos castanhos claros. A brisa levemente soprava, levando seus cabelos. Naquele momento, a cada fechar de minhas pálpebras, era como se eu a fotografasse com olhos, registrando aquele momento ímpar em minha memória. Ela se sentava ao meu lado, abria seu livro e tomava seu chá até que o último raio de sol sumisse no horizonte.

O dia se tornou noite, roupas eram jogadas por todos os lados, corríamos pelo convés em direção ao lago e, como dois adolescentes, saltávamos de mãos dadas, banhados pela lua e apenas embriagados de amor, perturbávamos a tranquilidade daquele lugar. Deitados naquele convés como viemos ao mundo, olhávamos para as estrelas, compartilhando sonhos, esperando uma estrela cruzar os céus para fazermos nosso pedido.

- Ali me perguntei: o que podia ser melhor que isso? Seria ingratidão querer mais?

Eu me perdia em pensamentos, mas logo me encontrava nos lábios dela, ali mesmo fizemos amor e todas as dúvidas sumiram, porque ela era a resposta.

O piso de madeira estalava pela casa enquanto ela caminhava. Isso me acordava. Parece bobo, mas eu continuava de olhos fechados, esperando-a voltar ao quarto trazendo nosso café; aquele momento fazia parte da nossa rotina. Eu abria os olhos, e lá estava ela, usando minha blusa, que mais parecia um vestido. Após um beijo, ela me entregava uma bela xícara de café acompanhada de um sorriso.

Depois de certo tempo, ela percebeu que eu sempre estava acordado, mas nunca deixou de me acordar com aquela melhor versão de um mundo perfeito.

Era inverno, chovia muito, relâmpagos cruzavam os céus e o som dos raios ecoavam por todos os lados. Estávamos sentados em frente à lareira enquanto conversávamos, mas por um momento ela se calou e logo depois me disse: "Amor, está na hora."

Memórias de um sonho

Por Wallisson Andrade

A bolsa dela tinha rompido; tinha chegado a hora de um pedacinho da gente vir ao mundo. Eu corri, comecei a fazer tudo como combinamos, mas ao sair para buscar o carro, logo percebi que não teria como sair dali. Liguei para a emergência, mas todos os atendimentos estavam ocupados; era uma noite de tempestade. Ela tentou se levantar da cadeira, mas não conseguiu. Em meio a gritos de dor, ela me chamava. Sabíamos que aquilo não estava normal; havia sangue no chão, e sua dor só aumentava.

Ajudei ela a deitar-se para deixá-la mais confortável, mas quanto mais o tempo passava, mais a dor dela aumentava. Só havia nós dois; a opção menos desejável era a mais óbvia: teríamos que trazer aquela criança ao mundo ali. Não tínhamos tempo a perder. Havia muito sangue; aquilo foi muito intenso. Horas depois, seus gritos cessaram; apenas lembro de ouvir o choro de uma criança, e eu a segurando nos meus braços enquanto segurava a mão de minha esposa e eu a dizendo: "É uma garotinha."

Um sorriso singelo formou-se nos seus lábios; seus olhos se fecharam lentamente, e sua mão soltou levemente a minha; logo, um turbilhão de emoções me tomava. Praguejei aos céus em desespero, e por muito tempo foi assim. As manhãs não são mais as mesmas, mas ainda ouço o chão de madeira estalar, por mais que abafado por gargalhadas de uma pequena cheia de vida, que corre pela casa ostentando flores para ornar seus cabelos.

Ela que não lê livros, mas ouve boas histórias de uma princesa guerreira que corria por estes mesmos corredores e campos, a mulher que sempre amarei por toda vida, assim como a amo hoje.

Fim!

Escritor Wallisson Andrade

INSTAGRAM



POST NO SITE





Contos

Noites Estreladas em Curuçá

Por Jefferson Machado

Eu tinha meus nove anos quando toda a família resolveu num final de semana viajar para o interior. Era uma vila no nordeste do Pará, na foz do Amazonas, na cidade de Curuçá. Estavam todos animados para a viagem.

Ficamos em uma pequena casa de esquina. Ao chegar pela manhã bem cedo, fomos recebidos com uma mesa bem arrumada com duas garrafas de café com leite. E num prato de vidro pirex, que toda casa dos anos 90 tinha, estava cheia bolinhos fritos e dourados no meio da mesa. O casal de idosos, amigos da minha tia que nos recebeu, eram muito atenciosos.

Seu Inácio, com seus 60 anos, me deu um afago na cabeça e dona Tereza me colocou à mesa e me serviu os bolinhos que, de tão dourados, pareciam pinceladas de sol em uma tela de sabor e memórias. Na primeira mordida, percebi que não era um bolinho comum, mas um bolinho de peixe, não que o peixe seja algo incomum, mas era acostumado a comer bolinho de carne, de frango, até camarão. Mas de peixe foi a primeira vez.

Logo depois, nos reunimos com os donos da casa e fomos à beira do rio que banhava a cidade. No caminho, encontramos alguns pescadores que chegavam com vários peixes pendurados numa vara. Vinham de uma boa pescaria. Quando chegamos ao rio nos divertíamos e contemplávamos na margem à floresta com todos os seus encantos. Para uma criança de nove anos tudo era fantástico e mágico.

Já chegava próximo ao meio-dia, quando seu Inácio nos alertou em relação ao almoço. Na casa, estava uma mesa cheia de pratos sobre uma toalha florida e no fogão, dona Tereza fritava posta de peixes. No centro da mesa, haviam duas jarras de açaí, bem avermelhados e como dizem aqui em nossa terra “do grosso”. E claro não podia faltar a farinha de mandioca, daquelas bem amarelinhas, conhecidas como a farinha de Bragança.

Após todos de “bucha cheio”, fomos dá aquele cochilada. Já eram 17:00 horas da tarde quando no poste de energia que passava na frente da casa do seu Inácio um urubu sentou e com a descarga elétrica levou um choque e caiu durinho no chão como uma marionete cujas cordas invisíveis foram cortadas de repente, deixando-o imóvel e sem vida. Todo a rua ficou sem luz, trazendo um ar tenebroso e de mistério sobre aquele lugar.

Na frente da residência, tinha um casebre de um curandeiro que por algum motivo viajara. O meu primo achou de entrar por curiosidade e ver o que aquele homem escondia. Tinha

Noites Estreladas em Curuçá

Por Jefferson Machado

dois cômodos e um banheiro. Na sala se encontrava alguns santos e caboclos numa espécie de altar com várias velas acesas e no quarto tinha apenas um colchão com travesseiro no chão.

Depois de nossa pequena aventura, na casa do feiticeiro, desconhecido, saímos, fomos contemplar o céu estrelado de uma noite escura do interior. Eu nunca tinha visto um céu tão brilhante assim, era igual a um sonho de fadas transformado em realidade, com as estrelas brilhando como os olhos curiosos e encantados de seres mágicos observando o mundo. A minha observação foi interrompida pela voz de Dona Tereza já nos chamando para Jantar. E adivinhem o que era? Novamente peixe, uma caldeirada de peixe. Não sei vocês, mas eu já estava enjoado de tanto peixe. Foi peixe no café da manhã, no almoço e na janta. Haja peixe. Logo após a janta, seu Inácio nos convidou para o Festival do Folclore na cidade de Curuçá, que eram apenas 6 minutos de carro.

Lá assistimos o Cordão de Pássaros, uma festa típica da região. Dona Tereza, nos disse que é uma verdadeira Ópera Cabocla, um teatro feito por moradores locais. A história fala sobre um pássaro morto pelo caçador e um mimo dos senhores de uma fazenda que procuram o líder de uma tribo para trazê-lo a vida.

No outro dia, nos preparativos para o retorno à cidade, nos deparamos com um cortejo, um tanto diferente. Era um funeral de uma moradora da vila. As pessoas vinham rindo e pedindo dinheiro para o barqueiro que ia atravessar o corpo. Acompanhando o cortejo vinha uma roda de carimbó cantando e dançando. Os parentes diziam que era a pedido da falecida. Seu Inácio e minhas tias deram alguns trocados para ajudar na travessia. Dona Tereza nos explicava que isso era costume na Vila. Já faz 29 anos que fomos à Vila de São do Abade e lendo este meu diário lembro até hoje desse jantar em família.

Escritor Jefferson Machado

INSTAGRAM



POST NO SITE





Contos

À beira vida de um álbum de fotografia

Por Gustavo Reis

Aqui estavas emburrecido! Aninhado ao canto com uma trupe de criançadas estiradas em um tapete macio. Largadas à felicidade de uma pré-mocidade ainda vinda. Deles familiar poucos, mim são, reconheço alguns esforçadamente, enquanto outros me são tão estrangeiros quanto um estrangeiro poderia ser. Havia completado oito anos, Paolo, recém-chegado, cumprimentou-me rapidamente e saiu a fim de receber aos outros convidados. Desde essa época o ar excêntrico já se encarnava em seu olhar lânguido, algo que só veria se acentuar um pouco tempo depois quando nos casássemos. Passo os dedos sobre as lombadas felpudas do velho álbum, como se ali acarinhasse o seu rosto emburrecido, sentindo na maciez poeirenta quase como se sentisse a animosidade do tempo em seu estado mais bruto. Este certamente seria o Roger, o seu primo, os cabelos pretos, os olhos de bichano preguiçoso, a tez morena e a feição rotineiramente astuta de quem sabia mais do que revelaria, não por mesquinhez ou por uma soberba qualquer, claro, mas, por se ater simplesmente na infundável busca pela perspicácia das coisas comuns; tinha, por isso, uma sede de ver de perto as extravagâncias das coisas... veja nessa outra foto aqui, viria Roger no quintal a observar perspicazmente um círculo de formigas a fugar migalhas deixadas de um doce; ou como noutro dia em que se fantasiara de flor, com os vestidos velhos de tia Eugênia, colhera algumas flores, e sentara rigidamente no banco perto do jardim e então esperara a fim de olhar o beija-flor sugar o néctar. Ali atrás da vidraça, Paolo o admirava, à luz do sol perpendicularmente escorria sobre Roger, pequenas mariposas a voar entorno dele, seus olhos percebiam prontamente o beija-flor, a sua miudeza veloz, as suas pequenas asas amareladas a contrastar com o azul do céu primaveril. Naquele ínfimo instante, Roger contemplou uma realidade que não somente a dele, mas, tão somente a do beija-flor com toda a magnificência e a delicadeza da tecnicidade no ato de beijar a flor. Haveria naquele ato de poucos segundos um teor singelo, quase divinatório, onde a criatura resigna-se compadecidamente com o próprio criador. Certamente, havia ali um resgate de algo absurdamente sutil, o que, mais tarde, Roger nomearia como sendo o presságio do sentido oculto, um marco simbólico que se perduraria por toda sua vida.

Também adquiririas esse gosto deliberante pela aptidão do ver e do enxergar as excentricidades das coisas, sejam quais forem elas.

Sabes da Serina? Perguntas se embrenhando nos lençóis. A dançarina? A figura de uma mulher pequena de cabelos curtos, bem avermelhados, olhos distantes, os braços estendidos no ar, justamente capturados enquanto performava um dos seus passos de dança, numa dessas noites glamourosas. Tal figura vinha colada ao conto com os seguintes dizeres: bela Serina, dançarina de Herodes, espelho fidedigno de Salomé, 1995. Por ela, enchiam-se salões e mais salões, em dia de apresentação, o Lé Plaisir mal cabia por tantos cavaleiros sedentos por uma carícia de seu olhar, numa súplica insana de um desejo, pois não haveria desejando que não a desejasse mais do que o desejo. Lembras o caso do Pe. Gouveia? Então, aquele padrego, trilhado na fé, recentemente ordenado da paróquia de Santa Maria Egípcia, simpatizara rapidamente com a comunidade. Ao ir à bodega de Tom Luz, como de costume a fazer suas compras do mês, lá encontrou-se com

À beira vida de um álbum de fotografia

Por Gustavo Reis

o Jorge, o homem de meia-idade, encostando na bancada, tristemente desatinado, perdi a cabeça, pois não poderia assistir mais o espetáculo da bela Serina. Se eu assistir arrisco acabar com o meu casamento, minha mulher a muito vem desconfiando das minhas andanças no Lé Plaisir. Sofrível dilema, bem sabia o Pe. Gouveia que espelhado na face daquele pobre via as dobraduras desprezíveis da carne. Dá-me cá o ingresso, não façam nada que venha a se arrepender depois, pois mais certo do que a plantação é a colheita. Pegou, então, o ingresso e nem por um segundo sequer titubeou em trocar a batina pelo velho surrado terno. Fizera até a barba, penteara os sedosos cabelos, engraxara os sapatos, se camuflara em um Jorge, fizera tudo isso para assistir ao show da tida estonteante Serina. E lá se apresentava ela, a dançar entre os incensos, os gritos e entre as variadas palmas. Seu corpo quase nu se contorcia ao ritmo saido do alaúde, seu olhar vagueava pelo salão no alienamento total. O Pe. Gouveia começava a entender o porquê de tantos homens serem levados a se digladiarem e até mesmo a se separarem de suas famílias.

Serina era uma mulher cheia de excentricidades que a colocava no topo das principais cobiças humanas. Agora, ali, sentado em uma das cadeiras do Lé Plaisir, via que não era todo destituído de juízo os homens quererem se lançar na fantasia de estarem sucumbidos aos pés daquela cobiça. De fato. Serina exercia um efeito que forçosamente o arrastaram para fora da monotonia de sua rotina, assim, como agora fazia com ele. Ia matutando um pensamento consigo mesmo, nessa história, não foi só o santo que perdera a cabeça, há outros também tiveram esse mesmo destino e tantos quantos ainda não receberam essa dura sentença. Certamente, o efeito de Serina sob os homens era irrefutável. No entanto, ao se estar diante dela, surpreendentemente percebia uma versão inversa da outra tão conhecida. Roger e eu, conhecemo-la ocasionalmente durante um desses almoços na casa do Pascal em que alguns os artistas iniciantes demonstravam o seu perfilado artístico aos donos das mãos que os sustentam financeiramente. Dante uma apresentação sinfônica, chegaras tão acanhadamente que quase não a percebi, com o vestidinho azul florido, uma sandália de couro e uma bolsinha de lado, nada em si de muito chamativo, na verdade, arriscava-lhe a beirar ao um teor quase tão cafona. Ela sentara ao lado da matriarca e papeavam com uma terna complacência de duas irmãs que se estimam mutuamente.

No fim, foi o próprio Pascal quem nos apresentou, Roger fazia aquela cara de mamão-murcho que só fazia quando estavas em pura borbulha reflexiva: nada mais do que curioso, não é? O eu que habita no outro não é menos do que uma percepção mínima do ser eu” via, isso, através dos olhos de Serina, a enxergava como feixe do encoberto, inebriava-se. Aquela criatura em nossa frente era outra criatura, outra Serina que não, a que se apresentava nos palcos. A foto que guardava esse dia estava um pouco quanto desgastada, mas dava para discernir numa mesa posta no jardim o rosto amigo de Serina, somava em um sorriso sereno com o do Paolo e com o do Roger e cuja notinha abaixo continha os seguintes dizeres: a inversa face da criatura! Abaixo dela, uma folha bem amarelada continha a colagem de uma manchete do jornal Primeira Via, datada em 8 de setembro de 1995, trazendo a seguinte notícia: FIM DO MISTÉRIO, O PE. GOUVEIA ACABA DE CONFESSAR O SEU ENVOLVIMENTO NO ASSASSINATO DA DANÇARINA SERINA, “ela era uma criatura dada ao lascivo do desejo do pecado e quem melhor do que eu para dessacralizar essa sua carne pérfida” AFIRMA. A matéria segue detalhando todo o sanguinário ocorrido, desde a sua apresentação no Lé Plaisir até a desova do seu corpo em um terreno baldio. O recebimento de sua morte foi um tremendo baque para nós que a tínhamos como uma amiga, uma confidente, uma verdadeira estrela.

Qual a empreitada que se conduz para brilhar mesmo após morta?

Como tentar sobrepor o esquecimento? Aqui, em seu túmulo, jaz o conceito do que foi a Serina, o que ela fez ou deixou de se fazer, quem amou ou desamor, seus vícios, seus devaneios, suas vontades, seus anseios e suas frustrações, a Serina por Serina, estão, assim como ela materialmente morta. Restando apenas na fragmentariedade tênue da abstração de uma imagem que se tenta recuperar a vivência de um riso dado, de um choro, numa dança dançada, de uma comida degustada... nisso se tenta constituir a integridade do que um dia foi Serina-Serina. Anteontem, sentir que a tinha visitado? O seu rosto um pouco apagado, debru-



çada na janela de sentar a olhar a rotina transcorrida. Dizia-me: logo, não passaremos disso, uma lembrança à mercê da sensação de querer revisitar o antes convivido. Terna sagacidade de um labirinto do qual vinte quatro almas se entregam continuamente à bandeja ao Minotauro; mães que embalam seus filhos mortos; a tragicomédia da condição humana, ah, saudades dos Campos Gregos? Supondo ser obra de inspiração e assumindo total autonomia da ilusão, concebo ir às Campos Gregos, irei como quem anseia por lá encontrar a insígnia perdida do desejo... na foto, havias usado o surrado suéter terracota, presente antigo da tia Eugênia, seus fios brancos enchiam o seu cabelo e a sua barba por sempre estar a se fazer, o olhar fixo a embrenhar nos campos abertos do pensamento, cada flor, cada pedra, cada rio, tão conhecido seu, continha em si um mundo só seu, por isso, zelavas como muito aprumo de quem sabe que tem nas mãos as riquezas mais sutis da Natureza, pois sabias ser todo a Natureza. Lá estavas no morro, na sombra da figueira, a vigiar o rebanho de ovelhas, elas assim como meus pensamentos tão dispersos na vastidão do campo.

Tão contemplativo estavas que hoje, a olhar para qualquer canto, o vejo tão nítido quanto essa fotografia, o cabelo cumprido solto ao ar, a pele bronzeada ao sol, os olhos tão vividamente marrom-terra, a levar nas mãos o velho cajado, com os pés descalços firmados numa intimidade plena com a terra. Lançado na passividade de um mormaço do dia verão, em um pousar reflexivo, em um desses instantes sacros em que a inspiração de uma nova ideia perpassa rapidamente a vista de um artista, por isso, qualquer mero barulho é mais do que o suficiente para tirá-lo desse estado, fazendo com que a inspiração se perda nos confins da mente.

Por isso, convinha um certo distanciamento primário, espero que me note, anseio por estar sobre presença sua, me enxergar na tua pupila, deleitar com aquela joaninha dedilhando nos dedos teus, me presentificar daquilo que um dia serei eu, uma completitude sagaz de um antes-passado com um depois-futuro atreladamente comungado no eu-presente. Pressinto que chegarás e porás vivacidade nas minhas terrosas fantasias. Meu guardador de ovelhas, diga-me, quais das ovelhinhas buscarás primeiro? Vivo sempre de sensações, o pensar somente pouco me tem serventia, aliás, ele nada me satisfaz. Não fabrico logicidade tão longe de mim, perto cá estou da sensibilidade; a vejo ali, no morro sentado à beira da figueira, a vejo e a prenúncio. Diria Roger, se ainda estivesse aqui, que hás em mim a renovação de um ontem que só se anunciaria no amanhã de hoje. Com finos traços amarelados recortando lá o horizonte da aldeia, numa evidenciado fim de uma madrugada, numa espécie de promessa de um belo dia de veranil. Se posso supor, assim, se sucederia, como costume, sentado à figueira em cima do morrinho com a relva a acarinhar seus pés. Então, seguindo quase como um ritual, desceria os olhos teus ao rebanho que estando logo ali a pastar languidamente e, como uma extensão da visão, incidiria sobre a infinitude do azulado céu, a reparar as formulações das nuvens e olhá-las em uma estreita delicadeza por quem está diante de um mundo, tão digno e sensível, como convém ao Meu guardador de ovelhas. É, por isso, que entras e caminhas livremente na minha aldeia, bebês da minha água, deitas na minha cama, come da minha comida e faze-me companhia nessa pequena aldeia que é tão frequentada por muitos, mas, habitada por poucos. Meu querido, guardador de ovelhas, peço-lhe gentilmente que guardes essa aldeia, assim como guardas as ovelhas de toda selvageria do perigo; humildemente, peço, que projeta cada pedaço desse campo. Esse campo que antes sou eu, a rebanhar os meus pensamentos lentamente lançados nessa finita travessia da qual denominamos chamar de vida. Do terreiro a visto voltar-se a sentar compenetradamente em seu templo, os feixes de sol que atravessam os galhos da figueira, tocam-lhe a sua pele. A brisa escorre por entre os fios de cabeleira, como se lhe segredassem algo ao pé do ouvido; vejo segreda-lhe o vento.

Todo esse rito aureolava em mim a sensação de sua terna aparição, Gregorovius... Sigo por entre as bordas horizontais brancas, tocando os espaços pretos do papel, reparo a foto de uma memória fotografada. Foi aqui que nos encontramos pela primeira vez, não foi? Não só nesse dia, mas, sim, foi aí que nos encontramos pela primeira vez. Lembro que nesse dia em específico, estávamos na exposição das Mesas quiitas de Julian Radrel, o qual, já fazia um tempo que queria tanto prestigiar. Surpreenderia dizer da euforia que me deteve ao ver na frente do museu da Presença o anúncio de sua estreia. A todos parecia mais uma exposição qualquer, banal até, não conseguiam visualizar nada de extraordinário naquele salão cheio de mesas com

À beira vida de um álbum de fotografia

Por Gustavo Reis

variados tamanhos e formatos, colocados aleatoriamente por toda a extensão do museu. Perante aquelas peças insólitas, ia observando minuciosamente cada ponto seu, os míseros detalhes não me escapavam, como, aquela mesa com uma das pernas quebradas; ou aquela mesa ali, toda manchada com respingos de tintas; havia também outra toda envernizada com flores silvestres; já essa aqui tinha sido toda encoberta com colagem de recortes de revistas. Em um certo momento, ajoelhei-me para ver melhor uma mesa pequeninha, quando me deparo com você também ajoelhado ao meu lado.

Surpreendente, né? Ver como essas pilhas de mesas seriam apenas um conjunto de mesas, se não fosse por um ou outro detalhe que as transformam de uma mesa ordinária para uma mesa extraordinária. Isso é que é o mais surpreendente nessa metáfora, talhamos em todas as coisas, a nossa marca, deixamos uma história da nossa vida nela. E a partir daí uma coisa que seria uma coisa qualquer, não mais o é, pois, estendemos nela uma porção da nossa vida. Quantas lembranças não há em cada mesas dessas?... Olhe você aqui... A sutileza dos nossos encontros se condensava justamente nesse contraste de um espaço de uma foto a outra. Veja, nessa foto, aqui, por exemplo, por entre o alvoroço diurno da vida correndo na rua. Aí eu acabava de chegar com aquela bicicleta rochinha, lembra? E assistia a um artista declamar o seu monólogo anacreôntico. Suponho que tragas a taça mais profunda que tiveres e enchas com o mais doce dos vinhos. Não vens, Batilo, que me embriagando assim, conseguirás adentrar naquilo que o meu ser mais íntimo esconde, mas não é culpa sua, antes ser de Eros.

Que poderio tu possuis! Deveria ter antes audácia de Cronos e ter-lhe cortado tuas asas. Eros. No entanto, me armei como um verdadeiro Aquiles em sua vigília de antes batalha, mas, o que adianta se armar todo? Se munir assim? Se a guerra não está lá fora, mas, sim, aqui dentro, nos recônditos do coração. Por favor. Eros, não me alveje com tua flecha... Hei de dá graças ao vinho de Baco... A meu amado, Batilo, sentes aqui perto de mim e deixe-me os meus olhos apreciar a candura dos teus cachos, a vivacidade dos rios pretos que tem como olhos, o teu pescoço mármore, a formosura esbelta do teu corpo atleta, teus olhos e lábios persuasão. Basta, não ouse mais te descrever, pois é querer compreender algo que a inteligência não concebe por mais que tente... Como não poderia tê-lo visto? Estava perto da fonte de Ganimedes, o artista vinha chegando ao fim do seu monólogo e a pequena multidão que uma vez se ajuntara ia se desfazendo aos poucos e seguindo para os seus afazeres. E cá novamente estamos nós mais do nunca com nossos caminhos entrecruzados. Vais algum lugar? Na verdade, só preciso ir ao... ah, deixe, não quero lhe incomodar... Não há incomodo algum, só preciso ir comprar um álbum de fotografias. Minha câmara está quase com memória cheia, então preciso esvaziá-la e revelar algumas fotos, sabe? Posso comprar rapidinho e aí fico livre? Ah, então, você é um fotógrafo? Não, não, é mais um passatempo, sabe? Gosto de fundir a realidade e a memória e fazê-la ser uma coisa só. Como uma espécie de jogo em que tento lembrar momentos que estão à beira da memória que foram eternizados num passe de um clique. Loucura, né? Sim, mas, não tão descabida de valor. Afinal de contas, o que seríamos de nós sem ela, né? Não é toda destituída de valor, pelo contrário, é algo extraordinário. Sim, extraordinário, venha, suba, aqui, na garupa, vamos lá comprar o álbum... e ver essas memórias daqui a alguns anos... Então, Gregorovius, o que achou? Recordo que noutro dia, discutíamos a respeito do que era feito a vida. Quais insumos a constituiria? Bem, certamente de um tanto e de nada; na cama ao meu lado, apegando o empoleirado o meu velho álbum de fotografias e então o abre.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Contos

Um amor de véspera

Por Rilnete Melo

Era véspera de natal. Ela entrara na igreja com o pé direito e o lado esquerdo do cérebro pedindo que orasse para esquecer aquela paixão fulminante, que quase conseguiu abrir a armadura que ela usava desde o término do seu casamento. Ainda não havia deletado as últimas mensagens do WhatsApp e logo que sentou -se, abriu a pequena bolsa nude e retirou o celular para mais uma vez certificar-se da sua decepção.

Ali estavam as últimas palavras de Raí e o soco no estômago que Nely tomara naquela tarde em que tomava café, na cozinha do hospital, com os amigos de trabalho.

— Sabe Nely, nunca existiu... Você é maravilhosa, mas...

Naquele dia, Nely saiu da mesa, deixando a fatia de bolo de abacaxi no prato (seu bolo preferido) e os sonhos de um novo relacionamento jogados no espaço. Correu para o quarto de repouso do hospital e abraçada ao travesseiro chorou, enxugou as lágrimas e falou baixinho para si mesma que as lágrimas de hoje regariam o futuro de amanhã. Havia lido o livro “O segredo” de Rhonda Byrne e acreditava no poder do universo, costumava usar mantras e apostou no “Tenho tudo ao meu redor “Se não foi com esse será com um melhor”.

Já havia se passado dois meses, acreditava que aquele momento na igreja iria lhe fazer bem, então deletou todas as mensagens e ajoelhou-se em oração. A igreja estava cheia, lá fora o céu estava carregado de nuvens cinzentas, mas fazia calor lá dentro e ela mudou para um banco próximo ao ventilador. Havia um clima de natal por ali, luzes coloridas cintilavam no altar, adolescentes com gorros de papai Noel entoavam “Noite Feliz” regidas por um maestro que acenava a batuta em gestos mágicos, dando o ar da graça aos coristas. Crianças fantasiadas de duendes e outros personagens natalinos se agrupavam esperando a hora da apresentação no palco.

A igreja apresentava na sua arquitetura elementos decorativos de estilo neoclássico, tal como Nely que buscava superar o passado. A sensação era a de que algum espírito natalino, ou mesmo papai Noel, poderia aportar por ali, pois tudo era mágico como nos cenários de filmes infantis.

Talvez tudo aquilo conseguiria apagar o acontecimento dos últimos dias, então resolveu entregar-se aquela magia e deixar a frustração para trás. Acomodou-se no banco e sorriu com entusiasmo para uma garotinha de cabelos cacheados e pele morena, que vestia um vestido vermelho de saia plissada, o que lhe fez lembrar de um episódio triste da infância, onde trajava uma roupa semelhante àquela, logo expulsou aqueles pensamentos, que lhe causara trauma e deu uma olhada no folheto da liturgia.

Nely observava o movimento dos fiéis na igreja e os casais que entravam de mãos dadas e por um instante pensou em Raí. Distraiu -se com um senhor vestido de papai Noel distribuindo presentes para as crianças que faziam a maior festa, logo despertou com a presença de um homem ao lado que lhe observava há bastante tempo. Ele cumprimentou-a, era simpático e educado e aparentava ter alguns tempos de vida a mais que ela, parecia ser solitário, pois durante o sermão do padre comentou que não gostava do Natal, uma vez que sempre comemorava sozinho. Nely ficou comovida, mas manteve-se calada.

Um amor de véspera

Por Rilnete Melo

O padre celebrou a missa, houve uma pequena peça teatral e a bênção final. Nely dirigia-se para a porta de saída quando o homem tocou em seu ombro e pediu o número do seu telefone. Ela hesitou, mas tomada por empatia e comoção, cedeu. Já estava a caminho de casa quando se espantou com a buzina de um carro, e aquele cavalheiro da igreja com toda gentileza lhe oferecendo carona. Estranhamente, mesmo sem conhecê-lo, aceitou. Não se incomodou com os prováveis mexericos ou mesmo o receio do estranho. Abandonou-se ao carisma que emanava daquele sorriso fácil e foi. Ao entrar no carro, ele se apresentou, chamava-se Peter, era divorciado, economista aposentado e, como ela, era devotado de fé. Estava uma noite linda e a lua cheia, enamorando o firmamento, dava o ar da graça. No vidro do carro refletiam os piscas-piscas das lojas e residências, e o azul dos olhos de Peter refletia no retrovisor, roubando por vezes o olhar distante de Nely. Durante o percurso trocaram algumas palavras, e ela gostou do jeito culto, respeitoso e cheio de sabedoria com que ele dirigia o diálogo.

Saíram para um passeio na praia.

Nely era divorciada, casou jovem, criou os filhos sozinha, carregava consigo um certo ar de independência e resistência ao machismo e aos estereótipos impostos pela sociedade, porém percebia que a solidão não era sua boa companheira.

Gostou da companhia de Peter.

A orla marítima era bem distante do mar, mas dava para ouvir o barulho das ondas. A calçada colorida era harmônica com o azul do mar, havia uns quiosques rústicos e convidativos para um drink a dois. Caminharam por muito tempo e optaram por um boteco com cobertura de sapê, acabamentos coloniais e música ao vivo. Era pequeno e aconchegante, escolheram uma mesa de frente para o mar, havia pouca luz, apenas arandelas artesanais nas colunas e samambaias penduradas. A brisa tocava em Nely, como se acariciasse sua alma e sussurrasse em seu ouvido que para sentir é necessário fazer sentido.

A mão masculina tocou a sua e ela sentiu que o calor humano era bem melhor que o frio da solidão, embora gostasse da sua liberdade. Peter entregou o coquetel “Sex. On The beach” em suas mãos e com a outra mão acariciou a nuca de Nely que sentiu um calor percorrer todo o seu corpo, dando -lhe a certeza que já estava enamorada. Ao som de “How deep is your love” de Bee Gees, os dois saíram para a pista de dança e os corpos colados encontraram os lábios, que sem entenderem que o céu é o limite, abandonaram as línguas no céu da boca.

Saíram os dois em direção ao mar. O sol já soltava seus primeiros raios. Vento e areia misturavam-se nos corpos abandonados, liberando endorfina. Ele apertou sua mão implorando que ficasse para sempre, ela respondeu baixinho: nunca mais estarás sozinho, Feliz Natal!

Escritora Rilnete Melo



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM



POST NO SITE



À PO

Poésie



PAÍSES PAR

Poetry



Poesía



Poesia



Poëzie



Poesia



Poesía



Поэзия



Poesia



Şiir



Poesía



Poesia



Poesía



Poesía



Poetry



Poesie



Poesía



POESIA

TICIPANTES

Poesía



Mga tula



Поэзия



Poesía



Poesia



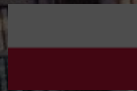
Poesía



Poetry



Poezja



Poesía



Poesía



Poesía



Poesi



Poetry



Poesia



Poesía



رعشلا



Poesía



Ποίηση



Poesía



Poetas & Poetisas

06



Edna Lessa



Natural de Fortaleza-Ceará, Edna Lessa é professora da Rede Estadual de Ensino, escritora e poetisa. Especialista em Gestão da Educação Pública; Graduada em História e Geografia, Vice-Presidente da Academia Tauaense de Letras (ATL). Autora do livro “Para Além de Mim - a Essência do Olhar” e coautora de seis Antologias Poéticas dentre as quais destacam-se Antologia Escritoras Nordestinas (Ed. Casa de Bonecas) e Coletânea Mulherio das Letras Portugal Poesia (Editora In-Finita, 2021). Atualmente é colunista da Revista Internacional The Bard e apresenta sua escrita em seu perfil literário, uma página criada para propagar a poesia, expandir o olhar e ressignificar o sentir.

Estimados leitores, poetas e poetisas da Revista The Bard, tenho o prazer de lhes apresentar a 23ª Edição da Coluna Poetas e Poetisas. Um espaço dedicado à celebração da arte poética em suas diversas nuances e formas. Aqui, mergulhamos nas profundezas da alma humana através das palavras, explorando emoções, reflexões e visões de mundo por meio da magia da poesia. Convido-os a participar dessa experiência sensorial e emocional única, através da leitura de poemas que capturam a essência da humanidade e celebram a beleza da linguagem poética.

Na Coluna Poetas e poetisas, contamos com a participação de poetas e poetisas do mundo todo. E nela, as emoções transbordam em forma de poesia. Espero que se deixem envolver e que encontrem nas entrelinhas, refúgio para a alma e inspiração para o

coração. A poesia nos ensina a acolher sentimentos e a entendê-los melhor, um eco da alma humana que reflete esperanças, sonhos e emoções que transcendem as limitações temporais.

Abraços poéticos!

Edna Lessa

ACESSE A VITRINE THE BARD



[Clique aqui](#)

POST NO SITE (1)



Edna Lessa



A MULHER EM MIM

A mulher em mim
É tão única e especial
Sabe as pedras no caminho?
Ela recolheu todas,
uma por uma
E construiu pontes
para seguir em frente
Com passos firmes
Pois sabe exatamente aonde precisa chegar
A mulher em mim
Conheceu o amor incondicional
Pois viveu a maior experiência
de sua vida: a maternidade
E tudo, absolutamente tudo
Criou um novo significado
A mulher em mim
Sentiu o peso da luta
Que fez e faz parte de sua história
E ela sabe, que se não for forte, perecerá

E não é isso que ela quer
Ela quer vida
Ela quer esperança
Ela quer músicas, poesias
Ela quer flores, risos e abraços
Ela quer o cheiro da terra molhada
E a liberdade tocando em seu rosto
Ela quer acreditar
Que em qualquer lugar
e em qualquer tempo
Ela será respeitada
E poderá ser
Quem ela quiser.

INSTAGRAM

POST NO SITE (2)



Cidade: Tauá,
Estado: Ceara
País: Brasil



COLUNAS E COLUNISTAS





Licéifran Borges



TERAPIA

Minha alma precisa de terapia.
Meu coração clama pela terapia.
Quero um psicólogo para me ouvir.
Preciso de um terapeuta para mim.

A terapia vai me salvar.
Com a terapia posso voar.
A terapeuta vai me ouvir.
E a sessões vai me fazer evoluir.

Terapeuta cura-me.
Ajuda-me curar.
Preciso melhorar.
A terapia vai me salvar.

Terapia quero terapia.
De terapia minha alma precisa.
Terapia quero terapia.
Terapia com diversas rimas.

Terapia preciso de terapia.
Terapia quero terapia.
Terapia quero terapia.
Terapeuta me ajuda com a vida.



Cidade: Cariacica
Estado: Espírito Santo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE





Carlos Emanuel



ESCURIDÃO DA RUA

Escuridão da rua quebrada
Escrotidão da alma aquebrantada
Vazia alma que sofre desilusões
Perpetuando um uivo perdido
Um olhar de sangues impuros
Romances rastejantes sobre o mar
Trevas, tremem os céus azuis
Os galhos pretos se espalham
A sombria tempestade ultrapassa o medo
Fechei os olhos e num apagamento
Acordei dentro de um caixão aos
Gritos pedindo misericórdia
O silêncio de uma noite vazia
Nas calçadas pessoas perdidas
Um sentimento inexistente raiz
Melancolia por um abandono
Antes frio agora transpassado
Um fogo ardente que suga a vida
Delirando no quarto escuro
Meia noite, duas da manhã
Rodízio de terror escuro.



INSTAGRAM

POST NO SITE



Cidade: Fortaleza
Estado: Ceará
País: Brasil





Naira Diniz



LUZ E SOMBRA

Dentre os derradeiros clarões do dia,
Sobressaem-se as arborescências,
O horizonte refulge nas chamas do sol
Convidando os astros para o grande baile

Do espaço ouço ecos que dançam
Batem contra as muralhas de meu passado

Èis que um sino por perto badala
È momento de prece - Ave Maria
Peço para não ouvir o passar das horas
De um relógio que não me pertence mais

Vejo as marcas no espaço
Penso nas lembranças d'outro tempo
Que ainda estou me desapegando

Admiro o brilho das águas,
Lentamente sumindo com a chegada da noite
Como anseio lavar minhas feridas e me purificar!

Quero apagar da alma e do rosto
As marcas deixadas por tantas lágrimas,
Quero ver brilhar um riso de luz

Como as estrelas que tanto amo,
Que meu coração volte a brilhar,
Iluminando meu ser na sua bela dualidade
De ser luz e sombra



Cidade: Salvador
Estado: Bahia
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE





Alex Manso



JUIZES E SEUS VEREDITOS

Pensamentos são adversidades, incluem valores, crenças, preconceito, o inconsciente interpretando, nossas convicções, sem preceitos, incluem o pré-julgamento, conclusões precipitadas, levamos para a vida, afirmações infundadas.

Primeiras impressões que achamos serem verdadeiras, é a natureza do ser humano julgar o outro de forma corriqueira, não sabemos sua trajetória, nem a vida pessoal, temos na ponta da língua, todo o dossiê da pessoa, tão natural!

Não julgar as pessoas, é difícil, já nascemos com essa programação, não calçamos seus sapatos, não sabemos de sua aflição, controlar a língua para não cometer injustiças, mas segundo a bíblia, somos falhos essa é a nossa premissa.

Temos que nos policiar para sermos pessoas melhores, mas fulano está estranho desde a semana passada, será que brigou com a mulher, vai se separar, tenho dito, já sei a resposta, nesta vida de juiz, já tenho meu veredito!



Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Ana Kelly

DE ENCONTRO ÀS ALTURAS

Vai ao Céu.
De encontro às alturas.
Vai e voa.
Flutua.
Perder-te é ter na alma uma ferida incurável.
Perder-te é também perder a mim.
Vai ao Céu,
De encontro às alturas.
Em cada sonho,
Um pedacinho das lembranças que nunca,
Nunca quero esquecer.
Vai ao Céu,
De encontro às alturas.
Leva-te seu riso,
Deixa-me sua ternura.
Lembrança...
Doce lembrança.
Ainda te vejo e sinto,
Tenho-te sempre comigo.
Chama-me para acordar...
Manda-me ir deitar...
Mas nunca,
Nunca meu coração
Ouse deixar.

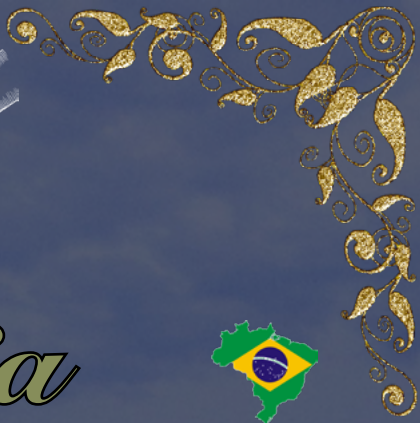


Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE





Rita de Cássia



BRASÍLIA, MINHA CIDADE

Capital da política, do poder,
da arte de Athos Bulcão.
Capital do Eixão, sul e norte,
das tesourinhas e viadutos,
dos Palácios e do Pontão.

Capital das praças,
dos Três Poderes e do Cruzeiro,
dos parques, do cerrado,
dos ipês: rosas, amarelos
e brancos.

Ermida Dom Bosco,
Torre de TV, Memorial JK,
Lago Paranoá, Ponte das Garças.

Gente de todas as raças,
dos sentimentos mais profundos,
que se movem e se confundem
em torno de diversos ideais.

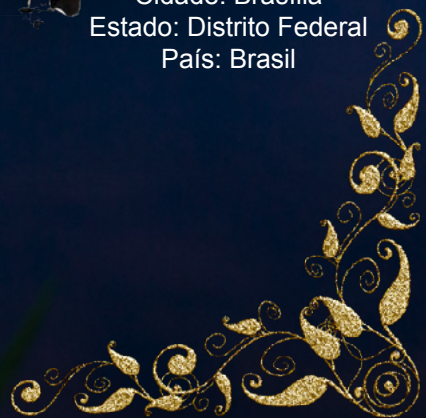
Brasília, minha terra natal,
da Catedral e do Congresso Nacional.
Você é um exemplo de arquitetura.
E, na forma de um avião,
desejo a você
meus mais nobres sentimentos
de justiça e união.



Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE





Gercimar Martins



O TEMPO ME FEZ TE AMAR

Vago-me nas lembranças de um passado recente
Momentos que juntos vivemos
E me fizeram um ápice de felicidade
Cada encanto, sentimento e desejos
Que eternamente serão lembrados.

O tempo insistente, fez uma pausa realizar
Mas os sentimentos nunca vieram a parar
Dias, semanas e meses,
Um amor que ainda insiste em continuar.



Cidade: Goiânia
Estado: Goiás
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Grazielle Mendes

ENTRE GRADES

A solidão prorroga o cigarro interminável,
sandálias arrastam o tédio pela sala,
ímpérios à mesa descontam frustrações como se não fossem escolhas,
a xícara cheia na cozinha desiste do dia,
a boneca surrada no quarto finge não ouvir os gritos da copa,
o lençol disfarça a preguiça de ser cortina,
a planta pede socorro à chuva,
o tecido rasgado no toldo não quer mais resistir.

Para a moça do cigarro,
sou a mulher na janela com grades.



Cidade: Belo Horizonte
Estado: Minas Gerais
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE





Romário Filho



O MAIOR PINTOR DO MUNDO

O maior pintor do mundo...
Pintou os caminhos por onde eu terei que seguir.

O maior pintor do mundo...
Pintou o meu coração.

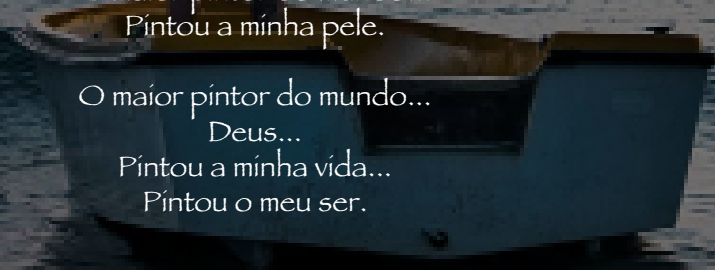
O maior pintor do mundo...
Pintou os meus sentimentos.

O maior pintor do mundo...
Pintou a minh'alma.

O maior pintor do mundo...
Pintou os meus sonhos.

O maior pintor do mundo...
Pintou a minha pele.

O maior pintor do mundo...
Deus...
Pintou a minha vida...
Pintou o meu ser.



Cidade: Salvador
Estado: Bahia
País: Brasil

FACEBOOK

POST NO SITE





Stella Gaspar



SER POETA, UMA PAIXÃO...

Ser poeta é sentir tudo
Um tudo que nem sempre todos sentem
Simplesmente criamos vidas
Preenchemos vazios e interpretamos o amor
Bonito, sofrido ou sonhado.

O poeta é inquieto
Nem pede consentimentos ao mundo para pensar
Deitado, sentado ou de pés descalços
Lá está ele, a imaginar.

Poetas e poemas
Corpos capazes de amar
Em cada letra e nas entrelinhas
Como os mistérios dos castelos.
Somos capazes de nos transformarmos
Em um sol, em um som
Nada mais belo do que o seu canto
Quando aprende a cantar a extraordinária
Canção do poetizar.

O poeta quer ser pleno
E ser chamado de sonhador.
Adorando ser poeta
Como um jardim
Em formas de corpos
Que chamamos de gente
Com verdadeira biologia
Que de repente pode voar.



Cidade: João Pessoa
Estado: Paraíba
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE





Rilnete Melo



ABASTECIDA

Ainda que o mundo me anoiteça
a poesia me amanhece,
arranca-me o tapa olho
e me oferece de bandeja
a vida.

Nela degusto o que há
de verde e colorido
e devoro com as retinas
cada pedacinho da beleza viva.

Eu só quero perder de vista
a carne morta exposta
no cardápio do noticiário
e me desabastecer
da guerra

Posto que,
com a alma
abastecida de amor,
a minha única fome
é de morrer poeta!

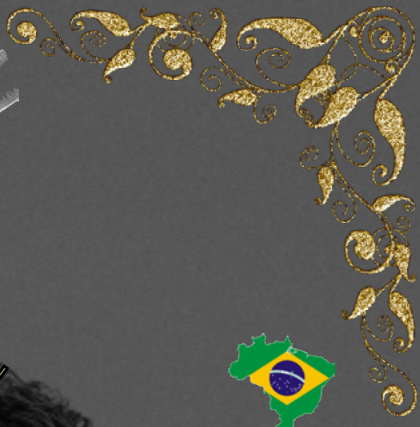


Cidade: Pindaré Mirim
Estado: Maranhão
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE





Ella de Lune



ESCREVEREI UM SHAKESPEARE PARA VOCÊ

Me contaste sobre suas decepções, seus anseios.
Lhe digo para lançá-los ao mar do esquecimento,
pois entre nós não há espaço para aflições,
mas para esperança e nossos suspiros apaixonados.
Então escreverei como Shakespeare para você,
compararei sua beleza a uma noite estrelada,
seu sorriso a lua crescente de Abril,
seus olhos são a cor das folhas no florir da primavera.

Te prometerei tudo,
porque farei de tudo para lhe dar,
mas não pedirei nada além de seu coração para amar.

Escreverei como Shakespeare para você,
Porém, desconfio de minhas habilidades de escrita
Então talvez te decepcione.

Peço, entretanto,
não desista de mim,
é que as palavras me falham quando eu te encontro (amo).

Escreverei como Shakespeare para você,
digo que palavras deste século não fazem ode ao meu puro e solene sentimento.
Então procurarei Lord Byron para definir como esbanjas e erradia beleza por onde andas.

3 Gymnopédies me fará sonhar acordada com teu belo rosto
e sempre acharei nas cores de Monet a lembrança do dia que descobri que havia me apaixonado por você.

Lerás este poema como aprecias a Lua em seu apogeu
e lembrarás, que por você,
eu escrevo como Shakespeare



Cidade: Montalvânia
Estado: Minas Gerais
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE





Bernardo Santos



LABIRINTO

Ladeira da escuridão
lamacenta;
lembrança obscura,
lero-lero
lesivo;
linguajar estranho
lisonjeiro,
lóbrego olhar
luzidío.

Ababelado momento
agonia presentemente
agouro no coração
apelo para a fuga,
argumento
atrocidade
avareza
asnático;
abjeção que não acaba.

Baboseira aos montes
baderna incomparável
banditismo
bêbados
biscates
bombardeiros;
burguesia que rompe.

Ignorância dos homens:
ímorais,
impertinentes;

injúria grave
intoxicação
invalidez permanente
insolência
insegurança
injustiça com o amor.

Realidade falsa,
recordações que não existem;
recoo
repentino,
repressão
repúdio à morte
resignação
rivalidade
rugido de pena.

Ilusão que perturba
ilustrando a mente,
infidelidade
inferno
ingratidão
inveja no olhar;
imbecilidade
inacessível.

Nascimento condenado
naufrago da sociedade
necedade dos guardiões
nervosismo das mulheres
neutralidade

ninguém...
nostalgia
nublada pela escuridão.

Tempestade de guerras
tentativa fracassada
tiranía
tormento
tragédia
trela e receio,
tufão que desabafa
tiritante que chora
tempo que paralisa.

Obsesso
ociosidade
obtusão
ordinarismo
ousadia;
oito ou oitenta?
ofensor do amanhã...
outrora; não era assim
o mundo de hoje.

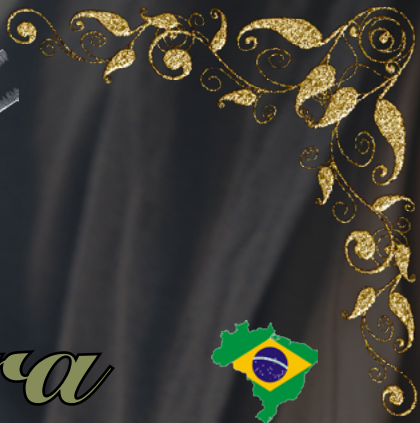


Cidade: São Caetano do Sul
Estado: São Paulo
País: Brasil

SITE

POST NO SITE





André Ferreira



ABSORTO, SIMPLEMENTE ABSORTO...

A poesia pede um olhar mais apurado
Se queres saber,
Se queres entender,
Se queres compreender;
Mergulhe fundo.

Saia do raso!

Depois de transpassar o senso comum
Então verás tudo por detrás do poeta,
Que escondem as metáforas pedantes.

É preciso se atirar profundamente.
Que relutância em ser rebuscado!
Ser rebuscado é não morrer na praia,
Mas viver a nado.

O poeta é o alquimista das letras e pensares
Quão ridículos somos todos nós ao verter
O bom vernáculo e por cima não compreender,
Que na vida todos somos lançados como aprendizes.



Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE





Rute Dominici



LAVANDÁRIO, AMOR EM FLOR

Voo em céu lavanda
voo-me
nas penas do pássaro
lilás-arroxeados que sinto
voando com asas aniladas
teus grãos sensíveis
perfumados de feminino
relicário em lavandário
onde lacrimo

perfumo o incontrolável
no involuntário
querer de me fazer
silêncio para ouvir
os dizeres deste ser afável
canto-te
versejo contos lampejos
na alma do lavandário
solo, quero teus poemas
voar ao céu onde és
lavanda... amor em flor

antes de encontrar-te em sonhos
para assim atingir minha utopia
lavei-me toda todo tudo em lavanda
mãos impregnadas pela essência
teceram um jardim na pele
e em todos os escondidos
cantos floriu e riu

Violácea flor
cor de tanto amor campanil
se espreguiçou com voz
em falsete perfumando
a evolução dos sentidos
tranquila? paixão que aniquila!
todos sentidos coloridos de erva-anil

minha alma será eterna perfumada
será muda fala esperantista
ao despertar de mais utopias
esta ciranda inocente quase infantil
sangra, lava-me e leva-me a amar-te
LAVANDA...
Lavande, merci, je t'aime



Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE





Deivid Lima



CARROSSEL SEM CAVALOS

Olhando pelas vidraças da janela do ônibus urbano.
Viagens abandonadas na reminiscência.
Na minha opinião, parece que as coisas podem piorar.
No entanto, é a minha desconfortável sensação de preocupação.

Minha imagem espelhada eternamente ecoando instâncias comuns.
Sonhar acordado é o que faz sentido, mas havia dito pra mim mesmo algumas vezes.

A roda gigante continua girando e girando.
Dentro de um parque, desprovido de presença humana.
Sobre um carrossel sem cavalos que gira no escuro.
Tenho tendência a me perder em meio ao intangível.

Eu me encontro preso no reino do faz-de-conta.
Frequentemente, me pego vagando distraidamente pelo reino dos devaneios.

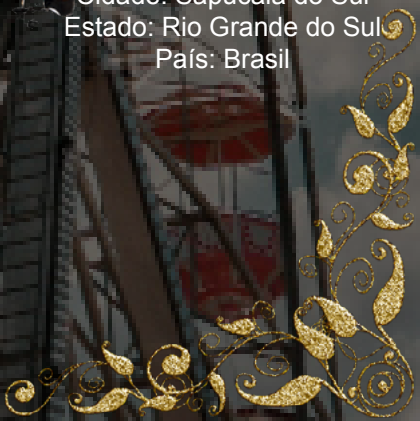
Num amor que vai além da vastidão do mar.
Isso me leva para o horizonte distante, apenas para me trazer de volta à costa.



Cidade: Sapucaia do Sul
Estado: Rio Grande do Sul
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE





Arelly Soares



PRETEXTO

Escrevo porque a alma existe
E a minha dor está dispersa
Não sou feroz e nem mansa
Sou poeta.

Dos dias de escuridão
Não me despedaço em desapegos
-Não sei se sinto, não sei se vou
Só sei que chego.

Sei que choro,
Chorar é desabafo
De lágrimas remadas.
Nada a recomêço, tudo refaço,
E um dia, serei eu libertada
E quem sabe desaguada.



Cidade: Caxias
Estado: Maranhão
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE





Denise Marinho



INSPIRAÇÃO E MÚSICA - ESTAÇÕES DA VIDA

Vida envolta em mudanças a todo o momento
As quatro estações em majestoso movimento
Escritores unidos em prol de ricas poesias
Extasiados pela obra-prima da natureza linda

Amores, desafios e superações nas linhas da vida
Perfazem todas as estações de forma infinita
Cada qual imersa em belos detalhes nítidos
Tocam humor, paixões, olhares e ações no dia a dia

Tudo se refaz no espetáculo de forma equilibrada
Embevecidos corações transbordantes de emoções
Preciosas notas perfeitas a cada novo trimestre
Sol, flores, frutos e neve em todo o globo terrestre

O ensolarado verão aquece, anima e restaura vidas
A florescente primavera colore e traz beleza infinda
O doce e mágico outono internamente nos transforma
O intenso inverno leva a reflexões para melhores dias

Expressão artística de singelezas e nuances da alma
Inspiração musical gerada pela natureza em primazia
Sentimentos expressos em versos, acordes e cifras
Quatro estações na música, dança e plenitude da vida



Cidade: Rio de Janeiro
Estado: Rio de Janeiro
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Nice Veloso



ARCANO

Ouçõ gemidos
Vindos de outros oceanos
Brumas negras...
O Bardo segue em busca
de arcano!
O mundo precisa de luz!
Vinda dos corações humanos
Para destruir as fibras de aço.
Do sacarnos
Dos desalmados, tíranos!
Adornar de pérolas nitentes
da lucidez de ser bom
para se fazer luzente.
Transbordar o mar
Rasgar o horizonte
Explodir de amor
as insanas, mentes!
Oh! Mundo, oh! Mundo!
Vejo as gerações futuras
em meio estes fossos!
Há de fartar de luz
para cegar os vermes miseráveis!
Assim, as vidas poderem escalar
a montanha do impossível
fartar-se das maravilhas
do saber e da luz divina!



Cidade: Salvador
Estado: Bahia
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Maria Lúcia

DISFORME

Não me adequo a um padrão normal.

Sempre quebro regras, nego-me às formalidades, respiro desafios.

Sou alheia aos conformes, adepta às irregularidades da vida...

Sou o disforme de uma sociedade, sou naturalidade (mesmo que invertida).

Sinto-me assim... Desproporcional, abrupta!

Sou aquilo que às vezes é monstruoso, descomunal e irreverente... Solvente!

Sou a figura irregular, desagradável ou quem sabe até grotesca.

Sou a lâmina da espada (encrustrada na pedra)...

Sou feiticeira e sou fada...

Sou o tudo e sou o nada!



Cidade: Ottawa
Estado: Ontario
País: Canadá

INSTAGRAM



POST NO SITE





Jaque Alennocar



A MAGIA DA ESPERA

Há uma certa magia na espera
O palpitar nervoso da esperança
Do verbo esperar
Conjugado no desejo da realização.

Nos ponteiros que dançam
Ao som do passar dos dias,
Do inverno que se faz verão
Pela presença sentida no imediato

Do depois que se fez agora
E do mundo já tão longínquo
Na realidade que virou sonho
Pelo amor amado em versos.



Cidade: Andaraí
Estado: Bahia
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE





J.B Wolf



TEU OLHAR

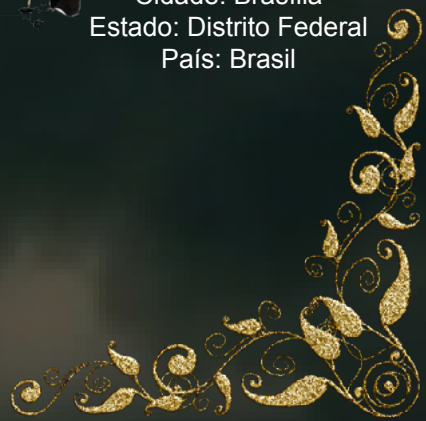
Qual noite,
sem vida,
sem asas,
queres te encontrar?
Como pude eu me apaixonar
em vôo único?
Sem segurança,
saltei sozinho nesse abismo!
Nem as asas dessa
paixão vão me suportar.
Remeto-me a minha culpa injusta,
Vejo o sol
as nuvens
e o mar
só não vejo
o brilho do teu olhar.



Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil

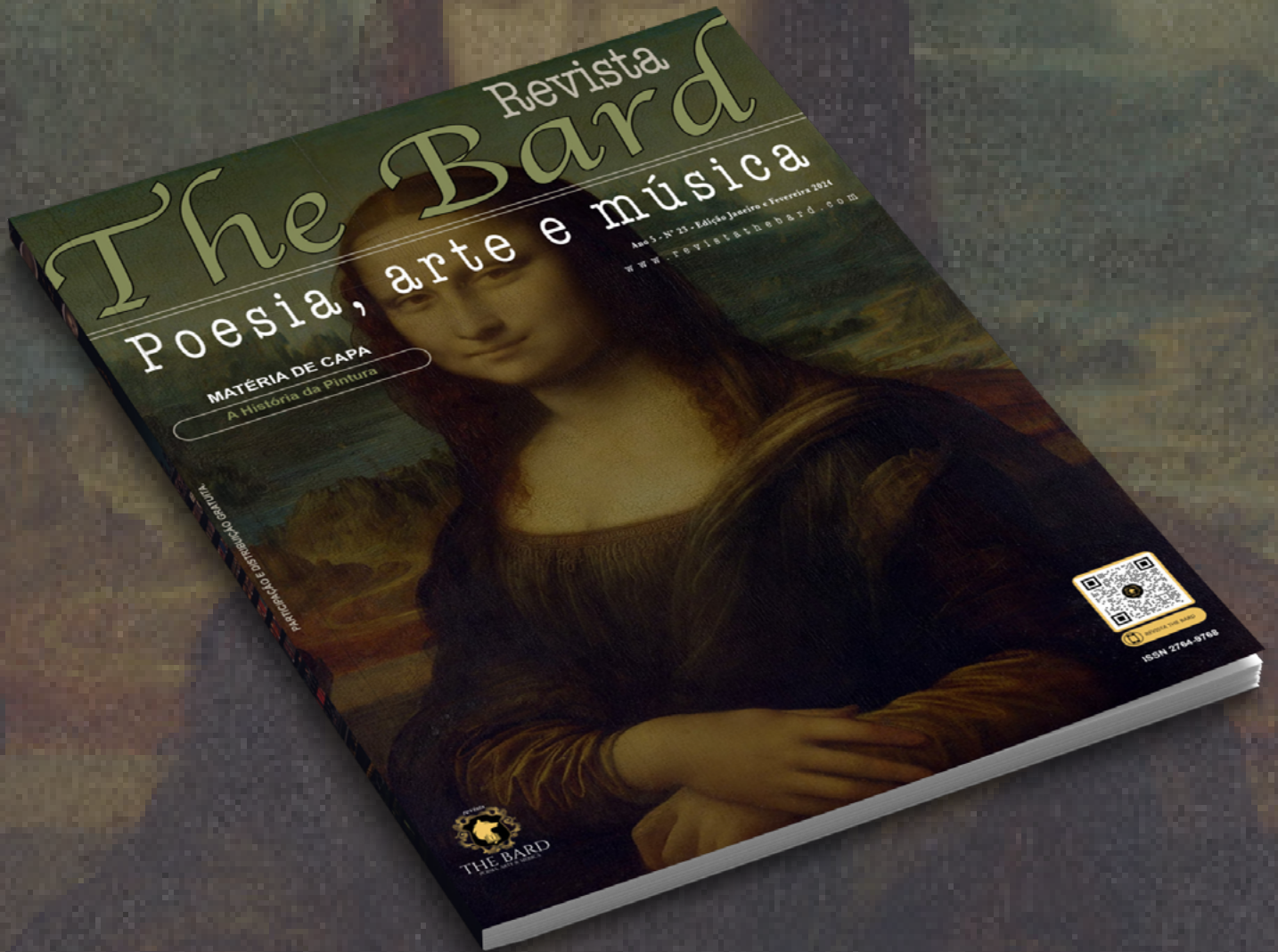
WOLFBIO

POST NO SITE





EDIÇÃO JANEIRO & FEVEREIRO 2024



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MAIO & JUNHO DE 2024



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
MAIO & JUNHO/2024

PERÍODO DE **21** DE JANEIRO À **16** DE MARÇO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.



07



Elvira Drummond



Prof. da Universidade Federal do Ceará e do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno. Sua formação abraça as áreas de Música e de Literatura, sendo licenciada em Artes, bacharel em piano e mestre em Literatura. Autora de vários livros publicados em ambas as áreas, além de premiada em vários concursos de poesia, trova e crônica.

A FRASEOLOGIA NO REPERTÓRIO MUSICAL INFANTIL

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

Estudos recentes apontam uma visão ampla e inovadora no ensino dos idiomas, dando destaque ao componente semântico e retirando os holofotes de aspectos estruturais (antes, supervalorizados).

Para uma leitura eficaz é necessário que cada vocábulo seja observado mediante sua posição dentro do contexto. Não resta dúvida de que as palavras exercem uma atitude camaleônica, mudando de cor conforme a situação em que estão inseridas.

É considerando esse viés que convém salientar a presença peculiar de fraseologias, ou seja, o estudo de expressões idiomáticas, provérbios, locuções e unidades fraseológicas, em geral, que implicam combinações fixas, formando um bloco vocabular significativo memorizado pelos falantes. Ocorre, em tais expressões, a transgressão do sentido literal em benefício de um novo significado, o que resulta em expressões trajadas com as cores do ambiente, revelando indícios de traços culturais.

As fraseologias — expressões cristalizadas pela sociedade — sinalizam a polissemia que caracteriza e particulariza o sistema lexical de cada idioma, exaltando a riqueza verbal que se desdobra e surpreende em derivações inusitadas...

Sobre o leque de significados (polissemia), vale um recorte do que diz Possenti, em “Os limites do Discurso”: “O sentido nunca é o sentido de uma palavra, mas de uma família de palavras que estão em relação metafórica, o sentido de uma palavra é um conjunto de outras palavras que mantêm com ela uma certa relação”. (POSSENTI, 2004).

Como sugere Possenti, o bom leitor não lê palavras, lê sentidos... O todo não resulta da soma das partes, como ocorre na linguagem matemática; o “todo”, na fraseologia, transcende qualquer soma, e essa

grandeza incita o pensamento e nos aponta variadas dimensões na compreensão da linguagem.

A fraseologia rasga a camada superficial do texto e, nesse plano, as palavras dançam... parece que se movimentam dentro da frase conforme a melodia que escutam em cada circunstância...

Esses discursos que se instalam em “vias paralelas”, esgueirando-se das linhas para as entrelinhas, dizem muito das crenças e hábitos de cada comunidade, estão, portanto, impregnados de regionalismos e traços culturais de suas respectivas localidades.

Ao examinar o repertório musical endereçado à infância, é fácil constatar que, desde muito cedo, as crianças convivem com fraseologias e (aqui convém destacar) que a interação com tais expressões idiomáticas aguçam e instigam a sensibilidade e agilidade mental dos pequenos.

2. Isto e aquilo — um mosaico de acepções...

Nossa grande poetisa Cecília Meireles, em poema que dá título à sua obra infantil “Ou isto OU aquilo”, apresenta às crianças a importância do ato de escolher — ação determinante, ao longo de nossa vida... Nesse breve artigo, com clara intenção de propor uma paródia, é possível apontar, oportunamente, o efeito “isto E aquilo”, ao voltar nosso olhar para as fraseologias. Elas significam “isto” mais também “aquilo”, porque partimos do nascedouro para fazer valer o novo, ou seja, o ressignificado, sempre repleto de intenções.

Parece que, desde os tempos mais remotos, os animais servem de exemplo ao ser humano. Ao simular nossa sociedade, os bichos exaltam os vícios e as virtudes humanas, fazendo desfilar sem melindres o comportamento típico de nossa espécie. Temos notícias do fabulário de Esopo (escravo grego que viveu no século IV a.C) servindo de referência ética e moral, ao denunciar desvios de conduta e atitudes nobres que sempre permearam a raça humana.

De maneira recorrente, uma fatia expressiva de fraseologias fazem referência aos animais, apresentando um verdadeiro painel, em que reina soberano o zoomorfismo, tão significativo é o conjunto de fraseologias que apelam para os animais com o intuito de estabelecer suas devidas relações de equivalência.

A canção BICHARIA, de autoria dos italianos Luiz Enriquez Bacalov e Sergio Bardotti, ao ser adaptada por Chico Buarque, recebe, na versão brasileira, uma nova letra que prima por fraseologias com foco nos animais, elencando várias expressões idiomáticas que ilustram o zoomorfismo. Segue a letra (texto verbal) de BICHARIA, destacando, em negrito, tais expressões:



Au, au, au, hi-hó, hi-hó.
Miau, miau, miau, cocorocó.
Au, au, au, hi-hó, hi-hó.
Miau, miau, miau, cocorocó.

Au, au, au, hi-hó, hi-hó.
Miau, miau, miau, cocorocó.
O animal é tão bacana,
Mas também não é nenhum banana.

Au, au, au, hi-hó, hi-hó.
Miau, miau, miau, cocorocó.
Quando a porca torce o rabo,
Pode ser o diabo, e ora vejam só!
Au, au, au, cocorocó...

Era uma vez (e é ainda)
Certo país (e é ainda)
Onde os animais eram tratados como bestas
São ainda, são ainda.

Tinha um barão (tem ainda)
Espertalhão (tem ainda)
Nunca trabalhava, então achava a vida linda
E acha ainda, e acha ainda.

Au, au, au, hi-hó, hi-hó.
Miau, miau, miau, cocorocó.
O animal é paciente,
Mas também não é nenhum demente.

Au, au, au, hi-hó, hi-hó.
Miau, miau, miau, cocorocó.
Quando o homem exagera,
Bicho vira fera, e ora, vejam só!
Au, au, au, cocorocó...

Puxa, jumento (só puxava),
Choca, galinha (só chocava).
Rápido, cachorro, guarda a casa, corre e volta
Só corria, só voltava.

Mas chega um dia (chega um dia)
Que o bicho chia (bicho chia).
Bota pra quebrar, e eu quero ver quem paga o pato
Pois vai ser um saco de gatos.

Au, au, au, hi-hó, hi-hó.
Miau, miau, miau, cocorocó.
O animal é tão bacana
Mas também não é nenhum banana.

Au, au, au, hi-hó, hi-hó.
Miau, miau, miau, cocorocó.
Quando a porca torce o rabo,
Pode ser o diabo, ora, vejam só!
Au, au, au, cocorocó.

Au, au, au, cocorocó
Au, au, au, cocorocó (hi-hó).

Antes de elucidar o uso das expressões que permeiam o texto verbal da melodia em questão, convém situar o panorama geral que inclui a canção Bicharia. Tal cantiga faz parte do musical “Os saltimbancos”, baseado no conto do folclore alemão “Os músicos de Bremen”, coletado pelos irmãos Grimm, no século XIX.

Seguindo o padrão de toda fábula, os animais — jumento, cão, gato e galo — simulam a sociedade humana e, como tal, representam a classe operária. Seus donos, por sua vez, cumprem o papel de patrões impiedosos, visando unicamente os lucros e esquivando-se de qualquer responsabilidade ou zelo, em prol do bem-estar dos funcionários.

Dentro desse contexto, Chico Buarque escolhe, criteriosamente, os ditos populares a serem inseridos na canção Bicharia. O intuito é criar uma dupla alusão, remetendo as expressões à identificação natural com

os personagens (já que são todos animais) e ao sentido que adquiriram tais fraseologias cristalizadas pelo tempo no linguajar do povo. Vejamos a listagem de todas elas com seus respectivos significados:

1. **...não é nenhum banana:** não é tolo ou pessoa intimidada.
2. **Quando a porca torce o rabo:** quando a situação se complica e tudo se torna mais difícil.
3. **Bicho vira fera:** virar fera significa externar a fúria, a ira desmedida.
4. **...bicho chia:** chiar significa reclamar, reivindicar.
5. **Bota pra quebrar:** manifestar desejos sem temor, demonstrar toda insatisfação.
6. **...quem paga o pato:** quem arca com o prejuízo, quem acaba assumindo a responsabilidade.
7. **...saco de gatos:** sinônimo de confusão, discórdia.

A comunhão entre texto verbal e texto melódico cria uma unidade de tal forma harmoniosa, que podemos dizer que resulta em um novo discurso decorrente do sincretismo perfeito, que articula verbo e melodia.

Assim, é fácil constatar que o fraseio melódico segue, com maestria, a alternância estabelecida pelo texto verbal: ora, a manifestação dos quatro personagens através de suas vozes, ou seja, fazendo uso da figura de linguagem onomatopeia; ora, prestando informações sobre o ocorrido — ocasião em que as fraseologias, oportunamente, aparecem como parte significativa do discurso, denunciando o descaso dos patrões e a indignação dos bichos.

A gangorra entre vozes expressas através de onomatopeias, em alternância com o desdobramento das informações explicitadas através de fraseologias, dá a canção um equilíbrio estético singular. Além disso, contamos com o uso oportuno e bastante expressivo da estrutura rítmica, que destaca os motivos das vozes dos animais com uma célula rítmica bem marcada, em alternância com a maneira discursiva dos trechos que abordam as fraseologias — um procedimento perfeito que colabora com o equilíbrio e a simetria da canção:

BICHARIA Versão brasileira Chico Buarque

Trecho Marcado	Trecho Discursivo...
	
	



3. Um jogo semântico como fio condutor

No ano de 1981, o grupo vocal MPB 4 gravou um CD com repertório exclusivo para crianças — trabalho primoroso felizmente salvo, nas redes sociais. Dentre as várias canções que fazem parte desse álbum, recortei para o presente artigo uma das composições de Renato Rocha em parceria com Ronaldo Tapajós, intitulada “Botões” — canção que exhibe especial jogo semântico, partindo da expressão: “falar com seus botões”, que significa: falar consigo mesmo, ou seja, um solilóquio, uma reflexão...

A expressão tem origem numa época em que as vestimentas costumavam usar muitos botões em sua estrutura, levando em conta que não havia o zíper e outras opções para se fechar a peça de roupa. De modo que o processo de vestir-se era vagaroso, sendo o momento propício a reflexões... (falava-se com os “botões” enquanto se colocava a vestimenta).

Há, também, uma leitura mais metafórica e subjetiva, que considera o fato dos botões terem como principal função unir partes da roupa e, com isso, cobrir o corpo, resguardando a intimidade, ou seja, ocultando tudo aquilo que não desejamos expor. De modo que “falar com seus botões” é conversar consigo próprio, preservando nosso discurso e evitando que tais pensamentos sejam propagados. Partindo dessa ideia geral, o texto propõe um brinquedo com diferentes acepções da palavra “botão”. Segue o texto verbal da canção:

BOTÕES

*Eu falo com os meus botões
O cientista fala com seus botões
A costureira fala com seus botões
O jardineiro fala com seus botões.*

*Eu falo com os meus botões
O jardineiro fala com seus botões
O cientista fala com seus botões
A costureira fala com seus botões.*

*Eu falo com os meus botões
A costureira fala com seus botões
O jardineiro fala com seus botões
O cientista fala com seus botões
O cientista fala com seus botões*

Sobre as várias acepções do vocábulo “botão”, temos:

Eu falo com os meus botões: fala consigo mesmo.

O cientista fala com seus botões: fala com os botões de um maquinário.

A costureira fala com seus botões: fala com os botões de roupa.

O jardineiro fala com seus botões: fala com os botões de rosa.

O texto melódico dessa canção, tal como ocorre com o texto verbal, foi composto fazendo uso de apenas um período musical. Esse período único se repete com conotações harmônicas diversas (exatamente como vemos no texto verbal, em que repetimos a mesma palavra com vários significados).

“Botões” é uma composição no gênero “charanga” — peça musical em que há o predomínio de instrumentos de sopro e alguns instrumentos percussivos. A engenhosidade e perspicácia do texto melódico é notável: a cada vez que o texto verbal menciona um botão diferente, a orquestração é modificada, produzindo, também, um resultado harmônico diversificado — efeito que nos lembra um caleidoscópio.

No mesmo Álbum “Adivinha o que é?”, do grupo MPB 4 para crianças, está inclusa a canção “Composição Estranha”, dos autores Renato Rocha e Ronaldo Tapajós. Em “Composição Estranha”, temos um outro jogo inovador, em que a brincadeira com as palavras é visível, sendo claramente reforçada pelo texto melódico que ilustra, de modo soberano, o desfile de locuções focalizando partes do corpo, em sua construção. Esse procedimento é conhecido com “somatismo”.

A fraseologia usada como base para o desdobramento de tantas outras locuções é “boca da noite” — enfatizada no poema através de sua repetição final — uma espécie de “fecho de ouro” do poema. Eis o texto verbal de “Composição Estranha”:

COMPOSIÇÃO ESTRANHA

*Usei a cara da lua
As asas do vento
Os braços do mar
O pé da montanha*

*Criei uma criatura
Um bicho, uma coisa
Um não-sei-que-lá
Composição estranha*

*O coração da floresta
Batia em seu peito
E a sua voz
Boca da noite
Para sua voz
Boca da noite
Para sua voz.*



As expressões em **negrito** formam o jogo lúdico que tem como base a figura de linguagem denominada de “**Catacrese**”. A catacrese é uma espécie de comparação, na qual se atribui características de seres vivos a seres inanimados. Exemplo típico de locuções cristalizadas pelo tempo e, por conseguinte, inseridas no conjunto de fraseologias é: “**boca da noite**”, **“pé da montanha”**, **“pé da cadeira”**... Segue o conjunto de locuções catacréticas exploradas em “**Composição Estranha**”:

Cara da lua, asas do vento, braços do mar, pé da montanha, coração da floresta e boca da noite formam a lista de expressões utilizadas na música em questão. O conjunto de locuções catacréticas formando essa “**criatura estranha**”, conforme menciona o poema, é destacado, com muita sensibilidade, pelo pífano — instrumento de sopro rústico — que simula, com muita propriedade, o som do vento, já que se trata de um instrumento de sopro, cujo som ecoa através do tubo de ar... Essas sutilezas pertencentes ao texto melódico validam e ressaltam as minúcias do texto verbal, resultando numa comunhão surpreendente.

4. De pé no chão e orelha em pé...

“**Pé no chão**” e “**orelha em pé**” são duas expressões cristalizadas pelo povo que sinalizam lucidez e atenção... É exatamente assim que devemos nos portar diante do assunto fraseologias — tema recorrente no cancionista infantil.

Pondo em evidência a palavra “**pé**”, o grupo Palavra Cantada nos presenteia com mais um texto inteligente e bem articulado, no qual agrupa de forma engenhosa várias expressões que destacam a palavra pé — um magistral exemplo de somatismo no campo da fraseologia.

PÉ COM PÉ

*Um pé pra lá; outro pra cá.
Um pé pra lá; outro pra cá.
Um pé pra lá; outro pra cá.
Um pé pra lá; outro pra cá...*

*Acordei com o pé esquerdo
Calcei meu pé de pato
Chutei o pé da cama
Botei o pé na estrada.*

*Dei um pé de vento
Cai num pé-d’água
Enfiei o pé na lama
Perdi o pé de apoio.*

*Agarrei num pé de planta
Despenquei com pé descalço
Tomei pé da situação
Tava tudo em pé de guerra
Tudo em pé de guerra.*

*Pé com pé, pé com pé,
pé com pé, pé contra pé...*

*Não me leve ao pé da letra,
Essa história não tem pé nem cabeça...*

*Vou dar no pé / Pé quente
Pé ante pé / Pé rapado
Samba no pé / Pé na roda
Não dá mais pé / Pé chato
Pegar no pé / Pé de anjo
Beijar o pé / Pé de meia
Meter o pé / Pé-de-moleque
Passar o pé / Pé de pato
Ponta do pé / Pé de chinelo
Bicho de pé / Pé de gente
Fincar o pé / Pé de guerra
De orelha em pé / Pé atrás
Pé contra pé / Pé fora
A pé / Pé frio
Rodapé / Pé.*

Segue o significado das expressões utilizadas, na canção “Pé com pé”:

Acordei com o pé esquerdo: Iniciou o dia com má sorte.

Pé de pato: equipamento usado para facilitar o nado.

Pé da cama: um dos pilares da cama.

Botei o pé na estrada: iniciou o percurso, a caminhada.

Pé de vento: rajada de vento.

Pé-d'água: torrente de água.

Enfiei o pé na lama: sujou-se (no sentido denotativo e conotativo).

Perdi o pé de apoio: perdeu a firmeza, a segurança.

Pé de planta: árvore.

Pé descalço: pé desnudo, sem calçado.

Tomei pé da situação: entendeu o que estava acontecendo.

Pé de guerra: prestes a brigar.

Vou dar no pé / Pé quente: ir embora / pessoa de sorte.

Pé ante pé / Pé rapado: caminhar com cautela / pessoa sem recursos.

Samba no pé / Pé na roda: ginga, jeito para dançar / encontrar facilidade.

Não dá mais pé / Pé chato: sem possibilidades / pé sem curvatura no solado.

Pegar no pé / Pé de anjo: não sair de perto, grudar no... / pessoa suave, leve.

Beijar o pé / Pé de meia: bajular / juntar dinheiro para o futuro.

Meter o pé / Pé-de-moleque: iniciar pra valer / um tipo de bolo típico da região Nordeste.

Passar o pé / Pé de pato: enganar, ludibriar / equipamento para nadar.

Ponta do pé / pé de chinelo: pisar sem o calcanhar / pessoa sem recursos.

Bicho de pé / Pé de gente: processo infeccioso no pé / sinônimo de presença de pessoas.



Fincar o pé / Pé de guerra: ficar irredutível / pronto para brigar.

De orelha em pé / Pé atrás: permanecer atento / desconfiado.

Pé contra pé / Pé fora: combinação a dois / desistir de algo.

A pé / Pé frio: seguir caminhando com os próprios pés / azarado.

A canção “Pé com pé”, de Sandra Peres e Paulo Tatit, é mais um exemplo de casamento perfeito entre texto verbal e texto melódico. A coletânea de fraseologias evidenciando o vocábulo “pé” (ressaltada em **negrito**) é tratada com muita simplicidade, no plano melódico, deixando o brilho para o desempenho narrativo do texto verbal primoroso.

O texto melódico é desenvolvido com base em duas tríades, considerando o acorde perfeito maior de MI (MI, SOL#, SI) e de o de LÁ (LÁ, DÓ #, MI). Logo na introdução (trecho preparatório que diz: “um pé pra lá; outro pra cá”) a tríade é apresentada em sua posição natural. Com base nesses dois pilares (acorde de MI maior e de LÁ maior) a canção segue evidenciando o intervalo de quarta, alternando entre MI / LÁ (acorde de MI) e LÁ / RÉ (acorde de LÁ).

Não obstante à simplicidade do texto melódico, há nuances que denotam especial sensibilidade, a exemplo do trecho: “Agarrei num pé de planta / Despenquei com pé descalço”, em que a ideia de despencar é valorizada pela melodia que prima por desenhar uma linha melódica descendente, reforçando a ideia de despencar.

Também merece destaque o jogo final, em contraponto: “Vou dar no pé / Pé quente...” evidenciando as vozes masculina e feminina... Podemos afirmar que a conduta melódica da canção “Pé com pé” é bastante oportuna e apropriada ao texto verbal em questão, o que nos leva a mais um discurso sincrético, que estabelece um abraço harmonioso entre as duas linguagens: verbal e melódica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

É impossível concluir este breve artigo sem ressaltar a importância da inclusão de textos (em prosa e/ou em versos) que apresentem fraseologias, no repertório dedicado aos pequenos. Sabemos que as unidades fraseológicas espelham crenças e costumes de nossa sociedade, de modo que encerram uma compreensão necessária e oportuna para maior clareza de nosso idioma.

A fraseologia aponta leitura peculiar a ser compreendida “nas entrelinhas”... Nesse aspecto, enquanto leitura que transgredir o caráter denotativo das palavras, trilhando com desenvoltura o viés conotativo, a fraseologia encosta na poesia, visto que vem abraçada em processos metafóricos e metonímicos, transfigurando sentidos e transgredindo a própria gramática. Graças a essa textura simbólica, rica em alusões, podemos constatar a presença de traços poéticos, nas expressões idiomáticas. Assim como a poesia, tais expressões experimentam outras conexões, tecem pontes e fazem migrar os sentidos, brincando com nossos “sentidos”...



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

1. CASCUDO, Luís da Câmara. *Locuções Tradicionais no Brasil*. São Paulo-SP: Global, 2004.
2. COSTA, Nelson Barros da. *Práticas Discursivas: Exercícios Analíticos*. Campinas-SP: Pontes Editores, 2005.
3. ESCUDEIRO, Daniel. *Intertextualidade Idiomática na Música: Apontamentos para um Conceito e Prática no Século XXI*. In: II Simpósio Brasileiro de Pós-graduandos em Música (SIMPOM). Anais, 2012. P. 200-210.
4. MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Dicionário Brasileiro de Provérbios, Locuções e Ditos Curiosos*. Rio de Janeiro-RJ: Editora Documentário, 1974.
5. MARTINS, Vicente de Paula da Silva. *Fraseologia nas Letras de Canções Brasileiras*. São Carlos-SP: Pedro & João, 2022.
6. PESSOA, Roberto; SOUSA, Erivelto de. *Os Ditos Sábios — verdade que o povo consagrou*. Fortaleza-CE: Expressão Gráfica e Editora, 2019.
7. POSSENTI, Sírio. *Os limites do Discurso*. Curitiba-PR: Criar Edições, 2004.
8. RANGEL, Alexandre. *Expressões Populares — origem e significado*. Belo Horizonte-MG: Editora Leitura, 2010.
9. TATTI, Luiz. *Musicando a Semiótica: Ensaio*. São Paulo-SP: Annablume, 1997.

INSTAGRAM



POST NO SITE



aldeirão Cultural

01



Patrícia Nascimento



Eng.agrônoma, Bacharel em história, Escritora, Coautora de inúmeras obras literárias. Participante de eventos internacionais como a book Fair Inglaterra, feria virtual del libro Colômbia e feria virtual del libro Ecuador Membro da academia internacional de literatura brasileira (AILB), Membro da academia interamericana de escritores (AINTE). Autora do livro Narciso, Soron e perto de Deus (em andamento).

O QUE É CULTURA?

O que é cultura? De acordo a antropologia de Eduard Brunett Tylor, cultura é todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis; costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade.

Como aprendemos sobre a cultura? Há várias formas e maneiras de se aprender sobre a cultura, uma delas é a forma assistemática que se aprende com o próprio convívio. Por exemplo: no Brasil temos diversas regiões com sotaques diferentes. Se uma pessoa nasce no nordeste mais cresce no sul. O seu convívio com a cultura gaúcha fará a pessoa se adaptar aos costumes e sotaques dessa região, devido ao contato direto da convivência. Essa é uma forma assistemática cultural, aprendida pelos costumes.

A forma sistemática cultural é mais organizada e é aprendida com nossas instituições sociais, principalmente, aquelas que são mais formais. Ex: O inglês como aprendemos o que pode e o que não pode ser dito. A forma sistemática e assistemática caminham juntas.

Nossos traços culturais é o menor elemento da cultura e não pode ser compreendido separadamente porque é ligado a uma característica específica de cada cultura. Como o cocar indígena tem significados específicos dependendo de qual etnia se fala.

Os traços culturais não podem ser vistos ou entendidos separadamente. Mais quando reunidos se tornam um complexo cultural.

Um padrão cultural são traços característicos que a cultura tem que se transforma em repetições.

Como por exemplo: o uso de vestimentas, uma moda tem padrão compartilhados.

A cultura erudita é capital cultural acumulado. Que é o conhecimento, elementos cotidianos, experiências que são acumuladas a parcelas culturais. São padrões culturais mais elevados a uma cultura nobre.



Cultura e sociedade é um assunto bastante abordado nas provas do Enem.

A cultura popular é uma cultura ligada a folclore e tradição. Uma cultura em massa.

A cultura é arte, é vida. O mundo sem cultura seria um povo sem história, sem memória, sem ali-cerce.

A cultura é a arte de amar, é aprender as diferenças e respeitá-las. Nosso país é recheado de sotaques, tradições e culturas oferecidas por cada região.

No nordeste temos um povo valente, com seus sotaques carregados, suas histórias do cangaço

e de guerras que atravessam gerações. Uma culinária diferenciada a cada região. Uma mistura de cores, danças e sabores. A mistura de portugueses, índios e negros formaram a cultura brasileira, a miscigenação de grupos étnicos deram a cultura brasileira uma diversidade cultural predominante a cada região.



No continente asiático temos uma cultura mais reservada e completamente diferente da nossa. A dança bharathanatyam se tornou a mais popular da Índia, uma dança com poucos movimentos e reservada, mantendo sempre a compostura de quem a dança.



A cultura asiática é marcada por muita riqueza e suas culinárias ardentes recheadas de curry. Um povo conservador em suas crenças e costumes..

Em minha trajetória na The Bard, quero trazer a cada eleitor tradições, idiomas, culturas e religiões de povos de diversas nações.

Em nossas conferências book fair realizadas pela Confereración Internacional Del Libro, pude conhecer pessoas de diversas nacionalidades, cada um apresentando sua cultura em nossos eventos. Somos povos diferentes de características marcantes, porém unidos em um único objetivo. Conhecer e aprender a cultura uns dos outros. Assim unificados povos, raças e nações no aprendizado.

No quadro “Caldeirão Cultural” quero apresentar a vocês cada país, estado e cidades de diversos países e linguagens. Aprender e conhecer junto a cada leitor o que a cultura representa para cada um de nós, o que ela nos trás e os benefícios de nossa aprendizagem.

Educação nunca é demais para quem tem a sede de vivê-la todos os dias. Nosso caldeirão terá um sopão cultural a cada edição. Traremos a você o mundo dentro da The Bard.

Como Embaixadora Cultural terei o compromisso firmado com cada um de vocês, em mostrar que a cultura é a vida em abundância dentro de cada um de nós independente da categoria. É reviver e recriar laços, deixados a nós de gerações em gerações. É manter viva a memória de povos que lutaram para que hoje, nossa geração tivessem acesso ao que eles não tiveram.

Como escritora trago em meus conteúdos, uma linguagem de mulher para mulheres. A importância do amor próprio, do auto conhecimento e a libertação de relacionamentos tóxicos. A importância e a liberdade que a solidão nos trás.



Fazer com que cada mulher entenda que a solidão não é estar só. Que perante a ela conhecemos a paz em estarmos a sós com nós mesmo. A importância de contemplarmos nossa própria companhia e aprendermos a sermos felizes sozinhas. A deixarmos ir quem não quer ficar, a cortar cordões umbilicais que nos predem a relacionamentos tóxicos, a vivermos nosso luto sem entrar em desespero.

Como escritora tenho uma linguagem direta para as mulheres, para que elas, abram os olhos para sinais que às vezes não enxergamos, antes de nos envolver com alguém. Tento deixar um sinal de alerta para que antes de se envolverem, procurem saber a índole e histórico da pessoa.

Como embaixadora cultural, trago a oportunidade para artistas iniciantes e de estradas longas, a chance de se apresentarem nos eventos internacionais organizados pela Confederación Internacional Del Libro. Fundada pelo peruano Alan Morales



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

e o mexicano Celso Salvatierra. Promovendo a cada mês, eventos em países diferentes, durante todo o ano. A cada participante damos um certificado internacional no idioma de acordo com o país, onde está sendo realizado o evento. Nossos eventos acontecem presencialmente e virtualmente, sendo transmitido para todos os países do mundo. Assim, cada artista de diversas nacionalidades se apresentam gratuitamente em nossos eventos book fair, apresentando suas categorias culturais para todo o mundo.

Como colunista espero atender às expectativas dos leitores. Fazendo jus à aquilo que me foi confiado.

Agradeço imensamente à revista The Bard pela total confiança em mim depositada. Darei e farei o meu melhor.

Atenciosamente,
Patrícia Nascimento.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Desnuda em Palavras

Erótico



06



Tônia Lavínia



Escritora, mineira, natural de Sete Lagoas- MG, autora do livro erótico: “Deliciosamente Libertino”. No início de janeiro, lançou o seu primeiro livro da trilogia “Meu nome é Maximus”. Com quatro anos já despertava a paixão pelos livros, sonhava e imaginava as cenas quando a professora do jardim de infância lia livros de historinhas infantis. Com 18 anos, a sua escrita se tornou intensa. Ela diz que não escolheu a literatura erótica, ela a escolheu e desde então, nunca mais a deixou.

Vamos falar de....



Olá, apreciadores de literatura erótica.

Feliz em fazer parte da Revista The Bard Internacional, e nesta nova edição, ainda falando de grandes autores do gênero, e suas singularidades, características e suas transformações ao longo da história, desde os primeiros escritos até os dias atuais, trago nesta coluna um pouco da vida da escritora Bella Andre, autora americana que se destacou no mundo literário com seus romances contemporâneos e sensuais.

Minha convidada desta edição, é uma jovem escritora, que tem textos belíssimos, cheios de romances, escritos em diferentes formas, em vários estilos na literatura, um deles que eu gosto muito e a escrita Clássica, que está em um trabalho em vídeo produzido por mim.

Tenho a hora da presença da linda Jaque Alencar, esperei muito por esse momento. Passamos duas horas juntas conversando por chamada de vídeo, nos divertimos muito, a conversa, claro, girou deliciosamente em torno do erótico, do poder feminino, da libertação da mulher em vários sentidos, principalmente lendo um livro hot, sabendo seduzir e sendo seduzida. A arte de sentir e imaginar, e o quanto mexemos com mentes e corpos. Durante esse gostoso encontro cada uma abriu a sua garrafa de vinho e tomamos uma taça.

Jaque é minha amiga, a qual tenho muito carinho, e tudo também foi muito profissional para trazermos para vocês a riqueza de mais uma escritora mulher na nossa coluna Desnuda em Palavras.

Oi! Eu sou a Tônia. Vem!



GRANDES AUTORES ERÓTICOS

BELLA ANDRE



Bella Andre é conhecida pelas histórias sensuais, já vendeu mais de 4 milhões de livros em todo o mundo. Nasceu em Rochester, nova York Quando tinha quatro anos, a sua família se mudou para o norte da Califórnia. Sua mãe era uma leitora avida e seu pai autor de livros de ficção no campo da economia. Bella estudou na universidade de Stanford. Após se formar leu: *The Artist's Way*, de Julia Cameron.

Enquanto praticava o ritual das páginas matinais descrito no livro, que incentivava os autores a começar o dia escrevendo três páginas, ela começou a “ter dois perso-

nagens conversando em sua cabeça”. O diálogo de acordo com Bella continuou incansavelmente até que ela teve de escrever o resto por escrito. Quando começou a escrever esse primeiro romance com o título de *Authors in Ecstasy*, ela soube que encontrou a sua carreira perfeita.

Bella é conhecida por suas histórias poderosamente sensuais, envolvidas em um romance inebriante, sobre heróis alfa escaldantes, e as mulheres fortes que eles amam para sempre.

No ano seguinte ela publicou vários outros livros. A revista *Publisher Weebly* descreveu as histórias da escritora como “empoderadas, envolvidas em romance inebriante”

Apesar de serem publicados em grandes editoras, ela estava constantemente descontente com assuntos como design da capa e a falta geral de experiência do leitor. Segundo a autora, a insatisfação com as principais prestadoras de trabalhos editoriais levou-a a experimentar produtoras independentes.

Seus livros foram traduzidos para 9 idiomas e quase todos os seus romances aparecem no top 10 da Amazon, Barnes e Noble, Apple e Kobo. Por aqui a autora é conhecida pela série “Os Sullivan”.





Curiosidades sobre a autora Bella Andre

Cantora pop, apaixonada por canto, piano e teclado. A autora já trabalhou como cantora e compositora durante anos. Chegou a gravar quatro álbuns e saiu em turnê, apresentando-se até mesmo por aqui, no Brasil. Ela acredita que a música é capaz de criar uma conexão sentimental com os ouvintes, e por isso faz uso desse elemento em seu trabalho como escritora. Sendo assim, cada um de seus livros da série “Os Sullivans” recebe como título o nome de uma música.

Se não estiver atrás de seu computador, você pode encontrá-la lendo os seus autores preferidos, caminhando, nadando ou rindo. Casada e mãe de dois filhos, Bella di-

vide seu tempo entre uma vinícola no norte da Califórnia e uma cabana de 100 anos no Adirondacks, localizada no nordeste de New York

Por que os títulos da série Sullivan são inspirados em títulos de músicas?

Bella Andre responde:

O sentimento que a música invoca podem criar uma conexão muito rápida. Quero isso para os meus livros, que os leitores, que os leitores criem esse mesmo tipo de ligação instantânea com os meus personagens.

Outro relato de Bella:

Escrevo o dia todo, não importa o que tenha que fazer. Se sobrar dez minutos enquanto espero para pegar meus filhos na escola, eu redijo uma cana. Se estou esperando meu molho ferver, enquanto faço um jantar, abro o meu computador e começo a digitar. Nunca desperdiço um minuto. Quando não estou escrevendo, fico constantemente pensando nos meus personagens e no que eles fazem em seguida, ou em algo que os manteria separados. Mesmo com meu marido tentando dormir, o mantenho acordado falando sobre uma cena. Ainda bem que ele me ama o suficiente para conviver com isso. Serie da família Sullivan: Livros que misturam sexualidade e sedução.

Nota de Tônia Lavínia sobre Bella Andre

Bella é uma das minhas escritoras preferidas e por isso, suas obras tem um es-



paço especial na minha estante de livros. A minha sensibilidade de escrever, sentir tudo que minha alma eterniza nas minhas linhas é a mesma com que leio seus livros, é mágico, intenso, algo bem íntimo. Assim como ela, escrevo o tempo todo, penso nos meus personagens e tenho uma conexão profunda com eles.

Escrever vai além de rabiscos, se você não sente, não consegue voar nas emoções, não vai sentir os personagens e o leitor sentir a sua alma. Bella é uma dessas escritoras que eu, com certeza adoraria conhecer e torna-se sua amiga também, ouvir sobre suas histórias e falar das minhas, acompanhadas de um bom vinho, pode ser (Vineyard Sullivan), e conversarmos por horas, e horas intermináveis.

Fontes:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Bella_Andre



POST NO SITE



IDENTIDADE LIBERTINA

Ela, O Meu Maior Pecado

Ainda me lembro dela, mesmo com o passar de três décadas com a minha juventude dissolvida pelas cinzas do tempo.

O tempo envelheceu a minha pele, mas, não o meu amor por ela.

Meus cabelos grisalhos só me deixaram a moldura da tela de minha existência.

A velhice é somente resquício das minhas vivências.

Ela parecia menina, tão menina...

Ela parecia menina, mas era o pecado em fogo na terra, o meu inferno vermelho sobre o céu cheio de angústias, o retesar da minha parte selvagem, animal, cravada nos meus pensamentos, de estar cometendo a pior das heresias.

Alguns anos atrás se tornou mulher, e ainda casta fez parte dos meus desejos em fogo, o despertar de tudo o que existe em mim, a luz dos meus olhos se tornando escuridão.

Por isso escrevo.

Sou um pecador, escrevo confessando toda a sujeira poética que me desperta, molhando os meus lençóis, encrustado feito louco, as palavras que não falo ao mundo, pelo medo de ser descoberto, pela... A minha alma que banhada de minhas luxúrias caladas, onde o desejo dentro de mim me ronda, e nu me descanso das minhas seivas derramadas lentamente, da loucura descrita nas minhas linhas que queimam em desejos.

Ela e carne da minha carne, o meu tormento desesperado. O cheiro entorpecente que me alucina, provocando os meus temporais, me afogando em sonhos sensuais, a me provocar a paixão dos dias em que não posso tocá-la, e só apreciar de longe seu corpo que ainda não foi desperto, além dos meus pensamentos que te descubrem mulher, te imaginando a nudez que escondes por baixo do vestido florido, escondendo uma inocência que finge existir, pois te sinto o cheiro de cio perfumado que emanas desejando ser descoberta.

Te quero vida minha...

Com a minha boca que escorre o desejo que somente posso libertar através das linhas que escrevo no meu diário secreto, e és proibida pela distância dos anos que grisalham os meus cabelos, e danificam a minha pele deixando cicatrizes do tempo, e desejando a sua juventude, pois me provocas consciente e sabes que me queimas a minha alma impura e pornográfica, sendo luz no meu jardim sombrio, no meu paraíso contemplado por sua nudez imaginária que meus olhos procuram, e o meu olfato sente o cheiro virginal dos teus perfumes castos revelados por me atormentar quando me olhas louca, para ser encontrada.

Tônia Lavínia

POST NO SITE





BIOGRAFIA

Jaqueline Alennicar, natural de Aiuaba-CE, mãe, esposa, é Diretora de operações da Revista Internacional The Bard, onde também é Colunista a frente da coluna Guia Literário. Pedagoga, poetisa e escritora, cursa Letras – Português, pós-graduada em AEE. Atua como professora de Educação infantil da Rede Municipal de Andaraí-BA, cidade onde reside desde 2010.

Acadêmica Internacional da FEBLACA. Coautora em várias Antologias poéticas. Autora do livro *Nosso estranho Amor*. Dedicou-se a arte e a literatura, sendo a última, sua grande paixão.

Tendo Vinicius de Moraes como uma de suas maiores referências. Os versos de amor são presença constante em sua poesia.

ENTREVISTA

1

REVISTA THE BARD Quando você começou a escrever?

JAQUE ALENNICAR Comecei a escrever na adolescência, escrevia cartas de amor, tinha um diário onde anotava os meus desabafos e rabiscava alguns poemas. Algo que poucas pessoas sabem é que a música tem uma grande ligação com o meu processo criativo, com meus textos, sempre tinha uma letra de música, geralmente a que tinha me inspirado.

2

REVISTA THE BARD Quais os seus gêneros literários?

JAQUE ALENNICAR Não tenho um gênero literário específico. Gosto de me arriscar, aprender coisas novas. Vivo cada fase como tem que ser e exploro ao máximo a minha criatividade, mas como diz Vinicius de Moraes: “eu sou antes de tudo, poeta”. É na poesia onde encontro os mais belos sentimentos e me permito florir e desabrochar em poemas, trovas, aldravias, sonetos.



3

REVISTA THE BARD Por ser mulher, você sente o preconceito das pessoas por ser escritora de livros hot? Se sim, de onde vem mais o preconceito?

JAQUE ALENNCAR A gente sempre sente esse preconceito, até pelo meio onde nós mais publicamos nossos escritos, a internet. Ela está cada dia mais difícil, as pessoas estão ficando muito agressivas e se acham no direito de invadir a vida do autor, pelo que ele escreve. Nós somos julgados a todo momento e para mim foi um choque perceber que a falta de apoio, comentários desnecessários, mudanças de comportamento, vieram de mulheres em sua maioria. É claro que quando resolvemos expor nossos escritos estamos sujeitos a esse tipo de situação, cabe a nós filtrarmos apenas o que for bom e se afastar de qualquer que seja a ofensa ou discurso ofensivo.

4

REVISTA THE BARD Fale sobre a sua trajetória na literatura.

JAQUE ALENNCAR Comecei a escrever na adolescência, mas só em 2020 resolvi publicar meus textos. Inicialmente eram crônicas e textos sobre a vida, relacionamentos, ansiedade. Depois a minha escrita foi tomando outro rumo, uma grande amiga, a Andreia Pedroso, foi quem me reaproximou da poesia e a partir daí passei a publicar com mais frequência. Escrevi alguns livros, mas nunca tive coragem de publicar, não achava bom o suficiente. A partir de 2021 passei a publicar em antologias, tenho publicações em cerca de dez ou um pouco mais. Também em 2021 conheci e publiquei pela primeira vez aqui na Revista The Bard, iniciei com envios de poemas, a partir da edição de março de 21 e não parei mais, tive a grande honra de ser convidada pelo editor chefe JB Wolf para integrar a equipe editorial, tenho aprendido muito, é uma experiência enriquecedora e conhecer a fundo esse maravilhoso projeto, só me deixa cada dia mais encantada com o profissionalismo e compromisso com a arte. Continuei a postar meus textos no Instagram, mas apenas em 2023 que finalmente publiquei o meu primeiro livro, Nosso Estranho Amor.

5

REVISTA THE BARD Como foi se descobrir também escritora erótica?

JAQUE ALENNCAR Foi estranho, eu sempre falei muito de amor, mas de uma maneira mais romântica, suave. Nunca com a intensidade que o erótico permite. Confesso que nos meus primeiros escritos fiquei bem tímida com o resultado, depois fui me habituando e gostando de escrever erótico, é algo que só se escreve com qualidade se você estiver realmente inspirado.

6

REVISTA THE BARD Você teve alguma influência de outro escritor (a) para escrever também na literatura erótica?

JAQUE ALENNCAR Eu sempre gostei de ler romances nem adulto ou popularmente conhecido com romance hot, escritoras como Bella André, Juliana Dantas, entre outras, são nomes cativos nas minhas prateleiras. Porém, quando me vi escrevendo, passei a ler mais sobre o assunto e como sou poeta, queria entender como funcionava e passei a ler autores contemporâneos dos mais diversos tipos de erótico. A colunista e escritora Tônia Lavínia foi um achado riquíssimo das redes sociais pela sua escrita rebuscada e com uma característica única de nos remeter a épocas passadas, virei fã.

7

REVISTA THE BARD Porque a literatura erótica ainda é uma barreira?

JAQUE ALENNCAR Porque algumas pessoas ainda confundem o autor com a obra, fazendo assim, o erótico um dos gêneros mais polêmicos, mas também um dos mais lidos. O “proibido” desperta a curiosidade na mesma proporção que o preconceito e grande parte dos que são contra esse tipo de escrita, são também leitores do gênero.

8

REVISTA THE BARD Você acha que erotismo e pornografia é o mesmo?

JAQUE ALENNCAR Não, há uma diferença enorme entre as duas coisas.

O erótico está presente na sutileza de um toque de mãos, na ambiguidade de um sorriso, de um cair de roupa lentamente, de um desejo que se esconde atrás de pensamentos que saltam aos olhos. O erotismo vai muito além de apenas descrever um ato sexual. Está nos detalhes minúsculos da construção de uma das mais belas cenas de amor de um casal apaixonado. A pornografia é o que é. Cru, direto ao ponto sem a beleza da conquista, da paixão. Fazendo uma comparação entre os dois temas com uma relação entre duas pessoas: o erótico é como fazer amor, tem envolvimento, paixão, intensidade, carinho, toque. Já a pornografia é apenas sexo.

9

REVISTA THE BARD Jaque Alencar, nós da The Bard Internacional, agradecemos a sua linda participação, me sinto honrada de ter o seu trabalho maravilhoso nesse nosso espaço tão especial, principalmente por ser uma mulher que também escreve literatura erótica. Sabemos que as mulheres que se aventuram nesse nicho são admiráveis, principalmente por se arrisarem na provocação dos desejos intensos e sexuais, e na maioria das vezes além de encarar uma sociedade cheia de padrões, preconceituosos, e por não separar o escritor (a) do seu pessoal. Por isso esperamos outras escritoras para nos abrilhantarem com a presença delas na nossa coluna erótica Desnuda em Palavras, sendo influenciadas por você, assim como foi com a escritora Viviane Sassi que tem um erótico lindo.

Você tem algo a mais a acrescentar aos leitores da Revista The Bard Internacional sobre os seus escritos e o erotismo?

JAQUE ALENNCAR Gostaria Primeiramente de agradecer o convite e a oportunidade de estar aqui. Gostaria apenas de dar um recado a você que está iniciando nessa

jornada incrível que é escrever, não desista. Se for um sonho, busque com toda a sua vontade realizá-lo, as adversidades nos deixam mais fortes. E, acima de tudo, afaste-se de quem não reconhece o seu valor. Escreva livros, publique e faça sua história, somos instantes e estamos aqui só de passagem.

VÍDEO COM POEMA - JAQUE ALENNCAR



[Clique aqui para assistir](#)



TEXTOS - JAQUE ALENNCAR

DANTE E ÉRICA

Dante sempre foi focado em seus negócios, aos 37 anos nem sequer pensava em casar, somente em crescer profissionalmente, no comando da empresa da família e de mais alguns negócios próprios bem sucedidos, ter um relacionamento sério era a última coisa que passava em sua cabeça. Não que não se divertisse, ele não era nenhum santo. Com seu físico escultural, cabelos loiros, pele levemente bronzeada para combinar com os pelos dourados espalhados em seu peito trilhando um caminho tentador que chega a beleza mais viril da masculinidade, para completar a imagem da perfeição, Dante foi abençoado com um par de olhos azuis que lembram duas turmalinas Paraíba. A perfeita definição do pecado! Não existia uma mulher que não molhasse as calcinhas quando ele se aproximava, porém, um dia ele encontrou Érica numa festa da empresa, ela era a diretora comercial e evitava conversas que não fossem de cunho profissional com Dante.

Érica, apesar de ser 10 anos mais jovem que Dante, transbordava maturidade e confiança, era sempre muito eficiente e realizava seu trabalho perfeitamente. Apesar da sua estatura mediana, era imponente, cabelos escuros que escorrem pelas costas, dois opalas negros enfeitam seu rosto com uma boca deliciosamente marcada pelo batom cor púrpura.

Não por falta de insistência de Dante, Érica recusou-se a conversar sozinha com ele a noite inteira, ainda mais após saber da sua fama de mulherengo, ela não iria ser mais um casinho na vida de ninguém, não tinha dedicado anos da sua vida estudando no exterior para ser taxada de ficante do sócio majoritário da empresa, não mesmo! Érica sabia muito bem se impor, apesar de que era quase impossível recusar as investidas de Dante. Ela resolveu levar na esportiva e desenvolveu apreço por ele.

Passado um mês da festa na empresa, eles estavam saindo para conversar, mas não havia ainda tido nenhum tipo de encontro romântico, Dante resolveu ir devagar dessa vez, ele sabia que valeria muito a espera.

Numa noite de sexta Dante convidou Érica para um jantar em sua casa, eles se provocavam o tempo inteiro, cada toque arrepiava o corpo, tocavam um no outro propositalmente. Estavam no limite do desejo.

O jantar estava marcado para às vinte e uma hora, mas às dezenove horas chegou um pequeno embrulho, uma espécie de caixinha de veludo carmesim e uma pequena chave separada que abriria o cadeado grudada a um bilhete que dizia “Abra-o quando estiver sozinho, antes das 21. Érica”. Dante pagou o entregador e entrou em casa segurando a caixinha como se fosse um tesouro. Foi direto para o escritório, lá teria mais privacidade já que sua governanta estava dando os últimos retoques na mesa de jantar para tudo ficar perfeito.

Dante abriu a caixa com certo receio. Se tratando de Érica, ele sabia que podia esperar de tudo. Ele ficou perplexo quando pôs suas turmalinas paraíbas no interior da caixa, uma lingerie vermelha de seda tão delicada acompanhada de um par de algemas da mesma cor, ele enrijeceu instantaneamente, quando levou a calcinha ao rosto, ela tinha o aroma delicioso do perfume de Érica. Dante a guardou no bolso, as algemas ele levou para o quarto, admirado com a surpresa, estava perplexo com a ousadia daquela mulher.

Se Dante era o demônio da conquista, personificação do pecado, Érica era a dona do inferno inteiro. Ela tinha acabado de provar.

Às vinte e uma horas a campanha toca novamente, Dante que está vestindo uma calça jeans e camisa social com as mangas dobradas, abre a porta para que Érica possa entrar, ele a recebe com um beijo terno no rosto, não quer quebrar o clima inicial do jantar, que ocorre como o planejado, muita conversa, boas risadas e olhares desejosos.

Depois do jantar, Dante coloca uma música para que eles possam dançar, cola seu corpo ao de



Érica que está com um vestido de seda preto de alcinha e costas nuas até a cintura. Dante pousa a mão sobre a pele delicada dela. Ele arfa de desejo ao sentir o bico dos seios dela roçar no seu peito, ela está sem sutiã, uma tentação!

Nessa dança sensual onde se tocam delicadamente e se beijam tão intensamente que fica quase impossível respirar. Dessa vez, Érica foi quem perdeu a respiração quando sentiu o que estava esperando por ela, contra a sua pele, mesmo debaixo das roupas, era espetacular. Mal chegaram ao quarto, a camisa foi abandonada. Dante tece beijos nas costas de Érica e desliza as alças do vestido pelos braços, que cai aos pés dela, então Érica se vira completamente despida, perfeita!

Ele geme com aquela bela visão, acaricia os mamilos dando leves beliscões, enquanto Érica se derrete inteira, Dante desce a mão e toca delicadamente o caminho tentador, ela já está pronta para ele, mas ele ainda tem muito a fazer. Traz os dedos aos lábios de Érica para que ela sinta seu próprio sabor. Dante a deita na cama e pega as algemas e prende os braços de Érica na cabeceira da cama, coloca um travesseiro para que ela apoie a cabeça e caminha vagarosamente até a beirada da cama, deixa a calça cair sob os olhos de Érica. Dante então beija Érica no seu ponto mais sensível, tocando seus lábios mais doces até que ela exploda uma, duas vezes.

Dante adentra vagarosamente no paraíso apertado e doce que Érica tem, uma, duas, três estocadas lentas e leves até que ela se acostume, encontra o encaixe perfeito dos corpos, enquanto ela implora por mais, ele arremete cada vez mais forte e sente o corpo dela vibrar chegando ao ápice mais uma vez e ele se entrega com ela nesse momento mágico, intenso e maravilhoso.

TÁSSIO E CLÉO

Tássio é o diretor de uma empresa alimentícia, bem conceituada e famosa no mercado. Dono de um par de olhos negros como a noite e um corpo escultural, fruto de anos de esforço entre academia e o ringue, nas horas vagas e por diversão, ele é boxeador. Na altura dos seus 35 anos, Tássio nem pensa

em casar, ele gosta muito de se divertir nas noites dos fins de semana. Ele exala luxúria, as mulheres caem aos seus pés, se derretem por ele, exceto Cléo, sua secretária, pelo menos aparentemente, quem ele respeita muito, apesar de já ter tentado uma aproximação, digamos, mais íntima.

Cléo é uma mulher decidida, que gosta do que faz, mas que está sempre buscando ganhar seu espaço, ela é formada em administração e sabe que um dia chegará sua hora e ela poderá ser uma gerente de vendas, ou algo maior. Ela sabe que será temporária sua estadia como secretária de Tássio, a quem ela intitulou de Imperador da Pegação, por seu extenso histórico de relacionamentos, e pelas várias encomendas de flores que ela já fez para as mulheres com quem ele sai. Ela tem 28 anos e é dona de um belíssimo corpo natural, suas curvas são perfeitamente enlouquecedoras, cabelos castanhos e longos caem pelas costas em cascata, ela anda sempre de cabelo solto, pois é uma das partes do seu corpo que mais gosta. Encanta com seu belo par de olhos cor de mel, uma doçura que também alcança a voz e a fala, sempre educada e prestativa, Cléo cativa as pessoas com sua voz aveludada e naturalmente sexy.

Como a maioria das mulheres da empresa, Cléo também sente atração por Tássio, mas isso não quer dizer que ela aceite as investidas dele. Até porque ela sabe que ele não é de compromisso, porém ela não é mulher de uma noite só. Ela é e quer mais que isso. Então reprime seu desejo, uma tarefa quase impossível. Muitas vezes entra no joguinho dele por diversão, só para ver onde ele aguenta. Na arte da conquista, Cléo tem truques que Tássio nem sonha.

É sábado à noite e por muita insistência das amigas, Cléo resolveu sair, foram a festa a fantasia de uma colega da faculdade, era uma espécie de despedida, pois ela estava indo embora para o exterior.

Ela está belíssima num vestido vermelho tomara que caia colado ao corpo, que valoriza sua silhueta e curvas, e uma fenda gloriosa, exibe um pouco mais a sua perna esquerda. Uma sandália dourada completa seu look combinando com a máscara em seu rosto. Perfeita!

Cléo está na pista de dança, se divertindo e dançando como se não existisse amanhã, de repente,



sente alguém te olhando, aquela sensação estranha de estar sendo observada. Ela olha para todos os lados e de repente vê ele se aproximando, Tássio veste um bellissimo terno todo preto, a calça se agarra deliciosamente as suas pernas, detalhe que Cléo só foi capaz de perceber incentivada pelo álcool. Ela sai da pista e vai para fora da festa, a área externa da casa, uma espécie de jardim. Tássio a segue, ele sabe que ela ficou perturbada com alguma coisa e ele como exímio amante e conhecedor de mulheres, imagina que ela não esteja bem. Realmente não estava. Então ele pediu para levá-la para casa e ela apenas pediu que fosse para casa dela. Que ele a deixasse lá e fosse embora.

Chegando em casa, Cléo foi direto para o banheiro, tirou toda a roupa e entrou no chuveiro, passou tanto tempo deixando a água rolar pelas suas costas que pensou que Tássio já tivesse ido embora. Então ela sai totalmente nua do banheiro como tem costume de fazer, para sua surpresa e desespero, Tássio está sentado em sua cama, bem à vontade. Ela tenta se cobrir de alguma forma, mas não consegue, queria um buraco para se enfiar dentro, de tamanha vergonha. Tássio apenas sorri, com um sorriso abobalhado no rosto, encantado com a cena diante dos seus olhos e estende uma toalha para que Cléo se cubra.

Se aproveitando do efeito do álcool, Cléo não cobriu o corpo com a toalha, ela se jogou em cima de Tássio, totalmente nua, foi impossível para ele resistir àquele contato. Ele espalmou as mãos nas costas de Cléo e tomou a boca dela num beijo que escancarada seu desejo. Mas num lapso de consciência, Tássio se lembrou que Cléo ainda estava um pouco bêbada, ele não iria usar disso para tirar vantagem, então ele foi embora deixando Cléo tonta sem entender o motivo dele ter saído.

Ela quer mais, decidida como ela é, sabe que vai ter mais. Então, na segunda-feira, Cléo usa uma camisa branca, aberta propositalmente até a curva do início dos seios e uma saia lápis preta com uma fenda discreta na parte de trás. Como ela sempre chega uns minutos antes de Tássio na empresa, vai direto à sala dele e abre a gaveta de cima da mesa, deixando lá algo íntimo e sai da sala. Tássio chega acompanhado com um grupo de executivos, quando Cléo vê, quer morrer, pois corre o risco dos outros homens verem seu presentinho.

Tássio entra na sala e vai para a sua mesa, estende a mão para que os outros executivos se sentem. Ao abrir a gaveta para guardar um documento que irá avaliar depois, ele se depara com a bela peça rendada, suspira fundo como se precisasse do ar de todo o ambiente para voltar ao normal e conseguir dar continuidade ao assunto com os colegas que estavam a sua frente. O pior é que ele não poderia nem levantar para nada, pois tinha demonstrações claríssimas do efeito da tal peça. O desconforto na sua calça social marca de giz era gritante. Tássio entra em desespero quando lembra que mandou Cléo ir ao café do outro lado da rua para trazer expresso para todos. Quando ela chega com o café meia hora depois, o mais profissional possível, agiu com uma frieza como se nada estivesse acontecendo. Ela é uma ótima atriz! Serve o café aos executivos e por último a Tássio, quem ela roça propositalmente no braço, discretamente, só para deixá-lo mais louco ainda e volta para sua mesa, fechando a porta atrás de si. Ela não pode deixar de gargalhar de tudo isso, é a sua vingança por sábado, mesmo ele tendo mandado flores com um cartão se desculpendo por avançar o sinal, no domingo.

Finalmente a reunião termina, Tássio sente como se tivesse durado uma eternidade, o que, na verdade, durou apenas uma hora. Quando os executivos saem da sala, Cléo está de cabeça baixa digitando alguns e-mails e se sobressalta ao perceber Tássio parado a sua frente olhando-a fixamente, com uma voz grossa e carregada de desejo ele diz, “senhorita Cléo queira vir aqui um instante na minha sala.” Ela estremece inteira, até as suas partes mais escondidas. Tássio abre a porta e fica esperando Cléo entrar, fechando a porta em seguida. Ela se senta na cadeira bem em frente à mesa e Tássio fica de pé observando, ele pega a camisola preta minúscula e olha sugestivamente, como se perguntasse com o olhar “ela é sua?” Cléo afirma com a cabeça, Tássio joga a cabeça para trás e geme, suas partes mais íntimas parecem despertar e querer sair da prisão que a calça é. Provocativa, Cléo cruza as pernas devagar prendendo a atenção de Tássio nas suas coxas a mostra, ela quer levá-lo ao limite do desejo.

Ele então toma a boca dela com um beijo quente, fazendo-a escorrer por entre as pernas sem qualquer toque no seu paraíso interno, Tássio então desce a mão por entre a camisa dela e aperta seus seios já intumescidos pelo calor do desejo que se forma na



sua parte central e espelha pelo seu corpo inteiro. Levantando a saia com um único movimento, ele ajoelha bem ali, diante da magnitude que ela é e bebe até a última gota do seu desejo, enquanto ela se perde naquela visão maravilhosa. Ele a pega e coloca de bruços na mesa e adentra naquele paraíso encharcado de uma vez só, sentido as contrações da das paredes divinas daquela deusa a sua frente. Os dois são transportados para um mundo onde o prazer impera, naquele movimento maravilhoso, perdidos no som único dos corpos se chocando e no perfume intenso que produzem, se entregam ao mais alucinante clímax que já tiveram na vida.

Jaqueline Alencar
Austral



COLUNAS E COLUNISTAS

Vídeo YouTube com texto de Tônia Lavínia:
"Você não Estava Preparado para Eu ser Sua:
Xeque-Mate



Clique aqui para assistir

INSTAGRAM

POST NO SITE



LIVRO DA AUTORA



CLICK AQUI

COLUNISTA TÔNIA LAVÍNIA

YOUTUBE

INSTAGRAM



Prosa



Grazielle Mendes

Poeta, Escritora e Prosadora

CLAIR DE LUNE

Eu não imaginei que minha maternidade sufocada seria transbordada em pelo.

Nem que aprenderia a caminhar com quem anda em quatro patas, ou enfrentar o medo de escada alta e não desistir de alcançar o último degrau, quando é preciso chegar lá.

Não fazia ideia de quanta surpresa o mesmo quarteirão poderia esconder, mesmo quando visto todos os dias. Nem quantas vezes é possível ter medo e interesse pela mesma coisa. Não tinha dimensão do poder de uma presença silenciosa, quando o peito só quer arrebentar sem explicação. Nunca havia calculado quanto tempo dura um minuto de ausência, para quem realmente sente sua falta.

Não sabia quanta lealdade cabe num gesto, nem quanta ternura poderia sentir só de olhar.

Também não estava preparada para perder tudo de uma vez, plantar o que sobrou molhado, num vaso, no quintal, e ficar só com a cicatriz na pele.

Muito menos pensei que, quando todas as minhas folhas já estivessem murchas, apareceria outro focinho gelado a farejar meus confetes e espalhar todos pela casa, de uma só vez.

Sem me dar conta, meti a colher no prato quente de brigadeiro outra vez.

Quando acordei, todas as cortinas da casa já estavam abertas. A manhã esquentou meu rosto, de repente, como se quisesse me lembrar que é impossível conter um raio de sol, mesmo que não alcance o pedaço de mim onde será, para sempre, luar.

INSTAGRAM

POST NO SITE



Prosa



Rute Ella Dominici

Poeta, Escritora e Prosadora

RAÍZES DAS LINHAS SEMENTES DO RISO

Aqui, pegamos raízes que plantamos num alegre dia...

Da sacada o mar que se viu pela primeira vez e tristes areias.

Dentro da casa a velha contava ao acaso e ele a ouvia como por acaso. A avançada insegurança era como lepra, a vida, duas auroras, uma rosa e outra roxa.

No bolso um pente e na boca um dente. No lenço os dois pensamentos de sua mente, amarrados para não se perderem.

Às costas a crista do rochedo, altas escarpas da ilha antes tórrida.

Amigos conspiraram com as pedras, enquanto as portas cheirando a alho e tomilho acenavam pela maçaneta ferrugem do interior da cozinha.

A louça fugira do lugar.

As palavras balbuciavam na aurora dos sentidos enquanto iam as raízes viajando sobre pedras.

Desde então sabemos que as sementes são mais alegres do que as raízes que permanecem nos séculos dos tempos. Podem até subir escadas de mármore mas não avançam às nuvens por furos dos tetos.

As sementes livres voejam sós, nas asas do amor, nos bicos de beijos, copas e ninhos ardentes, até o templo dos sentidos.

Passionais cavalgam em corbelhas de rosas, no dorso desvairadas, na vida são alegres e perdem as sandálias, não param para calçá-las, até mancando correm no movimento que ultrapassou, imutável, a profundidade do tempo das sementes ...na alegria do riso.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Prosa



Stella Gaspar

Poeta, Escritora e Prosadora

IMAGINAÇÕES

Quando você sussurra em meus ouvidos dizendo-me que “é todo meu”, fecho os meus olhos e imagino ser a sua “Dama da noite” com sorrisos espalhados por todo o meu corpo afetuosamente florido. Os amantes como nós dois se imaginam de mãos dadas por campos de Girassóis e Lavandas. Assim, são meus pensamentos com ecos de amor, e prazeres especiais recebendo sementes engravidantes de belos sonhos, dentro de mim, para plantar poesias em ti.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Prosa



J.B Wolf

Poeta, Escritor

RITMO E CORES: A MAGIA DO CARNAVAL

No calor das batidas pulsantes, onde o ritmo se entrelaça com as cores vibrantes, nasce a magia efervescente do Carnaval. É um espetáculo de sentidos aguçados, onde a música encontra sua alma na dança, e as ruas se transformam em palcos para celebrações sem igual.

Neste festival de alegria e folia, os corações se enchem de emoção e os corpos se entregam à dança frenética, num frenesi contagiante que transcende barreiras e diferenças. O Carnaval é o momento em que a diversidade se funde em uma só energia, unindo pessoas de todas as origens sob o mesmo céu de festa.

Nas ruas enfeitadas, onde os sorrisos são o adorno mais precioso, cada passo é uma nota de uma sinfonia de felicidade. Os blocos carnavalescos desfilam com suas cores e temas peculiares, contagiando todos ao seu redor com sua animação contagiante. É uma explosão de criatividade e alegria que transforma cada esquina em um espetáculo de pura magia.

Mas o Carnaval é mais do que apenas uma festa. É uma celebração da cultura e da tradição, onde as raízes do povo brasileiro se manifestam em sua plenitude. Desde os sambas tradicionais até os ritmos mais modernos, cada batida ressoa com a história e a identidade de um povo que sabe como ninguém celebrar a vida.

E assim, entre confetes e serpentinas, entre máscaras e fantasias, o Carnaval nos convida a deixar para trás as preocupações do dia a dia e nos entregar à pura alegria de viver. É um momento de renovação e de encontro, onde as diferenças se dissipam diante da força contagiante da música e da dança.

Que venha o Carnaval, com toda a sua magia e encanto, para nos lembrar que, mesmo nos momentos mais difíceis, sempre haverá motivos para sorrir e celebrar. Porque, no final das contas, é a alegria que verdadeiramente nos une e nos faz sentir vivos.



COLUNAS E COLUNISTAS

WOLFBIO



POST NO SITE





Patrícia Nascimento

Escritora

NARCISO

Ele chegará feito um doce anjo, como se estivesse saído de um conto de fadas. Lhe mostrará o céu, às estrelas e um mundo diferente de tudo que você já viu.

Você acreditará no amor de uma forma avassaladora, e ele se mostrará o homem mais romântico de todos. Diga-lhe belas palavras e será o homem que nem outro foi na sua vida. Mais isso terá um prazo de validade. Logo o conto de fadas cairá do céu ao inferno e você viverá numa tortura psicológica totalmente perturbadora na qual não conseguirá sair tão facilmente. Primeiro ele colocará defeitos no seu jeito de ser, depois dirá coisas nunca ditas por você, mas ele tentará te convencer que você disse ou fez algo mais que não se lembra. Aí, você faz começar a questionar sua sanidade mental se realmente você está enlouquecendo ou não.

Não te levando ao inverno totalmente, você se tornará culpada por todas as atividades erradas que ele tomar, e quando começar a se afastar. Sem dizer o porquê ele simplesmente desaparecerá da sua vida. Você vai ligar e ele não irá atender, você mandará mensagens e ele não será aberta, mesmo ele online. Ele não irá te bloquear porque, ele quer ver você se arrastar o máximo que você pode. Enquanto isso ele estará com outra dando início a um conto de fadas como ele fez com você.

Quando você se recuperar, tocar a vida para frente. Quando tudo começar a dar certo para você. Ele irá voltar como se nada tivesse acontecido. Vai dizer que sumiu por culpa sua mais que nunca terminou com você porque nunca quis terminar mais que agora tudo será diferente. E pela segunda vez você cairá na fase do “Love bombing” que é a dos contos de fadas. A fase da idealização de um relacionamento, onde ele será o homem de contos de fadas mais um ciclo se repetirá como na primeira vez. Logo o personagem romântico dará lugar à fase da desvalorização onde começa os jogos psicológicos, e você será culpada de tudo que ele faz, cairá ao chão e mendigará por afeto quando isso acontecer, você passará pelo ciclo do descarte novamente.

A segunda vez te levará a loucura, você terá uma abstinência do narcisista fora do normal. A sua dependência emocional será como um viciado buscando a droga para satisfazer sua abstinência. Você cairá novamente no mesmo jogo pela segunda vez. Mais como a primeira vez você irá se erguer e quando você estiver estabilizada ele voltará novamente e começará tudo de novo.

Viver um relacionamento com pessoas narcisistas é algo extremamente perigoso, pode levar a pessoa até ao suicídio. Um Narciso são pessoas com zero empatia, zero sentimentos, eles não amam ninguém além deles mesmo. São espíritos devoradores de almas tentando tragar a mais frágil que eles acharem.

Cabe aprendermos que segunda chance só serve para da arma para a pessoa atirar a queima-roupa já que o primeiro tiro pegou de raspão.

Como vítima siga, a sua felicidade será uma afronta para esses seres que acreditam que sua vida nunca será nada sem eles. Tire esses seres malignos do pedestal e se coloquem em primeiro lugar. Faça por você aquilo que você fazia por eles. Se amem tanto a ponto de não aceitarem mais amores vazios.

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





Marketing & Divulgação

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



JULIANA ROSSI
Escritora
Americana – São Paulo
Diretora da Equipe de Marketing



SIDNEI MANOEL FERREIRA
Poeta
Florianópolis – Santa Catarina
Redator de Marketing



RILNETE MELO
Poetisa e Cordelista
São Luiz – Maranhão
Divulgadora



ANDRÉ FERREIRA
Escritor
Teófilo Otoni – Minas Gerais
Divulgador



NICE VELOSO
Escritora
Salvador – Bahia
Divulgadora



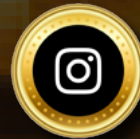
LARISSA RESENDE
Escritora
Juiz de fora - Minas Gerais
Divulgadora



LUCÉLIA SANTOS
Poetisa
Brumado – Bahia
Divulgadora



MARIA HADDAD
Poetisa
Ottawa - Canadá
Divulgadora



REJANE LIMA
Produtora de Eventos
Rio de Janeiro – RJ
Divulgadora



TÔNIA LAVÍNIA
Escritora
Sete Lagoas – Minas Gerais
Divulgadora



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard





Revisão e Avaliação Textual

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



STELLA GASPAR
Escritora e Professora
João Pessoa - Paraíba
Coordenadora



BETÂNIA PEREIRA
Historiadora e Escritora
Buriti Bravo - Maranhão
Revisora



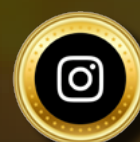
CRISTINA GOMES
Professora e Poetisa
São Paulo - São Paulo
Revisora



MÁRCIA NEVES
Escritora e Educadora
São Paulo - São Paulo
Revisora



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard



Colaboração e Pesquisa

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



ADRIANA MAGALHÃES
Neuropsicopedagoga e Poetisa
Mogi das Cruzes - São Paulo
Pesquisadora



EDNA LESSA
Escritora e Professora
Tauá - Ceará
Pesquisadora



CAROLINE VALENTE
Escritora/Poetisa
Salvador - Bahia
Pesquisadora



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard

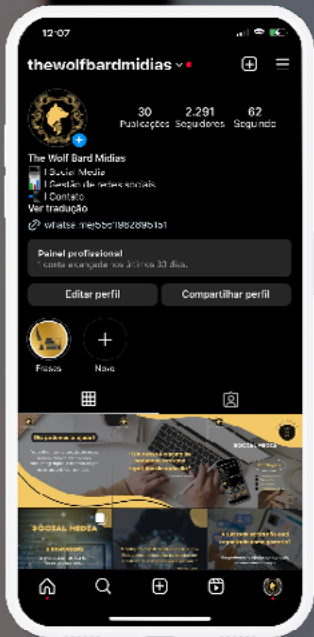


SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard





Está sem tempo para administrar suas redes sociais?



Nós podemos te ajudar com criação de conteúdo e design!



PLANEJAMENTO

Vamos entender o seu negócio, o que você oferece, quais são suas necessidades e onde e quando você quer chegar.



EXECUÇÃO

Utilizamos as melhores ferramentas disponíveis para ir além das expectativas e aumentar suas vendas.



CONVERSÃO

Alguém está procurando pelo seu serviço neste momento. Seja encontrado antes da concorrência.



RELACIONAMENTO

Sua empresa marcará presença na internet, não só para ganhar alguns likes, mas sim aumentar o seu faturamento.

Sobre a Agência The Wolf Bard

A Agência **The Wolf Bard** é um projeto digital qualificado para trabalhar na gestão de redes sociais, design, tecnologia, marketing digital e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

O nosso foco é estreitar a relação empresa/cliente, levando o nosso cliente a um patamar diferenciado dentro do meio digital. Atendemos clientes independentes e empresas de pequeno e médio porte, buscando sempre solucionar as necessidades digitais dos nossos clientes.

Além de acompanharmos todas as fases do seu projeto, desde o planejamento até a implantação, buscamos oferecer um produto final condizente com a qualidade da proposta inicialmente apresentada.

* Promoção do mês de DEZEMBRO 2023

- Planejamento e análise do instagram e facebook
- Gerenciamento de instagram e facebook
- Cartão interativo
- Criação de textos e chamadas persuasivas
- Postagens semanais + stories + reels + videos
- Edição de fotos e vídeos
- Criação de artes gráficas
- Relatório de resultados
- Mini site * (raiz de links)
- Divulgação dos clientes na Revista Internacional The Bard com uma página de publicidade com links.*



Deseja anunciar na Revista?

INSTAGRAM



CONTATO



E-MAIL





ESTÉTICA AVANÇADA

• Harmonização facial

- Preenchimento com ácido hialurônico
- Toxina Botulínica
- Fios de PDO
- Skinbooster
- Bioestimuladores de Colágeno

• Harmonização corporal

- Ganho de massa
- Emagrecimento
- Definição corporal
- Harmonização de Glúteo

• Harmonização Íntima

- Preenchimento
- Bioestimuladores
- Clareamento

AUTOCUIDADO É FAZER O
MELHOR POR VOCÊ HOJE!

CONTATO



CEIDENTES

ODONTOLOGIA



CeiDentes

Dr. Bruno Rodrigues

ESPECIALIDADES QUE A CEIDENTES OFERECE

- 1 Implante dentário
- 2 Prótese dentária
- 3 Cirurgias
- 4 Clínica Geral
- 5 Clareamento
- 6 Ortodontia
- 7 Canal
- 8 Dentística

DR. BRUNO RODRIGUES

AGENDE SUA CONSULTA
ODONTOLÓGICA

Clique nos ícones

AGENDAMENTO

INSTAGRAM

LOCALIZAÇÃO



Estamos no endereço QNP 27 Conjunto B Lote 01 Loja 02.
Ceilândia, Brasília - DF

Entre em contato pelo link da Bio,
ou pelos telefones: (61) 3374-3643 ou (61) 98633-8294



Escritora

Cacá Matos

**Acesse os links
clikando no botão verde**



Esse livro nasceu da vontade de transformar toda minha timidez em versos e rimas, de colocar na folha todo sentimento reprimido e guardado, de passar para os leitores um pouco do meu universo poético.

Com a criatividade e inspiração ao meu lado, 1.001 sentimentos, 100 emoções é o meu nascimento no mundo literário, o começo onde exploro minha imaginação através de estrofes de amor, tristeza, gratidão, frustração entre outros vários sentimentos.

Com Carlos Drummond de Andrade como inspiração, meu desejo de escrever nasceu após ler algumas de suas antologias poéticas e encantada com o estilo de escrita, a beleza das poesias, rimas e estrofes, eu pensei então: Por que não escrever a minha própria poesia?

Clique aqui

amazon.com.br



O segundo livro surgiu da ideia de unir minha essência na escrita principal: A antítese poética, uma contradição sentimental e emocional, os estados extremos de um ser humano.

Essa obra traz sentimentos bem definidos pelo eu lírico: O amor e a dor, o personagem apaixonado, que inspira romance em seus versos e rimas e o outro que derrama no papel as lágrimas poéticas de seu estado sombrio de solidão e desespero.

Clique aqui

amazon.com.br



Diário da poetisa sentimental são mais relatos de uma garota que não se cansa de se expressar. Que busca sempre viver e sentir novas coisas e que não cabe apenas contar, mas principalmente escrever.

Às vezes as palavras são insuficientes, mas passar o que se vive para o papel é e sempre foi uma forma de me enxergar e transbordar em versos tudo aquilo que não me cabe em corpo e mente. Há muito para ser sentido e vivido e sempre tive a poesia como grande amiga. Paro, penso e reflito e posso viajar no que leio e absorvo. Muitas vezes me calo ao invés de falar, às vezes por timidez, outras por preferir desabafar apenas no papel. Mas uma coisa é certa: Sinto muito e transbordo para o caderno. A vida pode ser arte e sentimentos são muito complexos para se perderem no ar ou numa fala exasperada. Guardo, rascunho e escrevo. Vivo e respire poesia. Tudo é poesia e até a dor pode ser bonita. Esse é o diário da poetisa sentimental, romântica incorrigível e sonhadora com os pés no chão e a cabeça nas nuvens. Enquanto o coração não para, as poesias falam. E há muito para ser sentido e escrito...

Clique aqui

amazon.com.br



Espaço
VITRINE
THE BARD



COLUNA

Escritora

Mia Koda

**Acesse o link
clikando no botão verde**



O livro propõe o entendimento das causas do Transtorno de Pânico, sobre uma perspectiva psicanalítica. Um pequeno manual que pode e deve ser lido por aqueles que sofrem com crises de pânico e seus familiares, assim como, estudiosos, psicoterapeutas, profissionais da saúde e todos que desejarem saber mais sobre esse transtorno de ansiedade que acomete grande parte da população.



O livro "Nevoeiro" traz 51 textos e poemas sobre a jornada da vida, numa reflexão poética e autobiográfica sobre fé, traumas, escolhas e consequências.

São histórias que compõe a trajetória de uma vida, onde o viajante deve aprender a superar as dores da caminhada e apreciar as belas paisagens. A autora narra suas próprias experiências, ora dando voz aos silenciados e ora conversando com aqueles que já não podem mais dialogar.



Você já percebeu que não será fácil ficar longe dos filhos, não é mesmo?

Mesmo assim, sabe que não pode impedi-los de partir em busca de seus sonhos e ideais. Portanto, precisa aprender a lidar com a distância, a saudade e as preocupações.

Pensando nessas dores escrevi o livro, nele compartilho o meu método para lidar com o Ninho Vazio, desenvolvido através da minha experiência como psicanalista e mãe.

A obra aborda 8 Princípios fundamentais na relação entre mães e filhos, sendo eles: Compreensão, Preparação, Aceitação, Adaptação, Confiança, Afirmação, Conexão, Ação e Perseverança.

Clique aqui

amazon.com.br

Clique aqui

amazon.com.br

Clique aqui

amazon.com.br



Escritora

Edna Lessa

**Acesse o link
clicando no botão verde**

No livro Para Além de mim - a essência do Olhar, a autora compartilha as suas impressões para a vida. Sua escrita é suave e seus poemas nos fazem refletir sobre valores essenciais da vida como a família, a amizade e o amor em suas diversas manifestações.

É um livro escrito de dentro para fora, mas com um olhar sensível a toda beleza que a autora consegue perceber ao longo de sua caminhada. É uma reverência a tudo que é invisível aos olhos, mas essencial ao coração. O livro proporciona ao leitor uma viagem ao incrível mundo da Poesia. É uma experiência singular onde o mesmo poderá descobrir que a Poesia é entrega, música, vida, amor... Que Poesia é voz que ecoa e transforma tudo que está à sua volta.



Versão Impressa

[Clique aqui](#)



Espaço
VITRINE
THE BARD

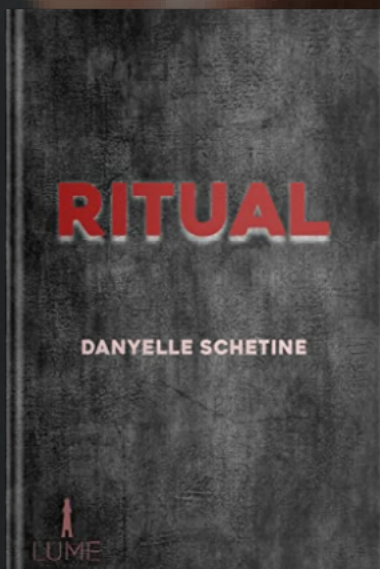


COLUNA

Escritora

Danyelle Schetine

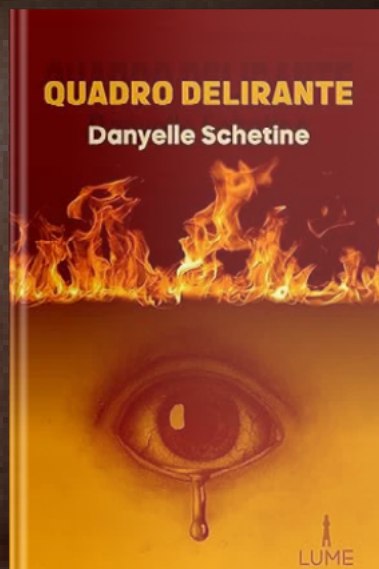
**Acesse o link
clicando no botão verde**



Uma adolescente em busca da sua identidade e autoafirmação. Um ritual macabro, uma traição. Até que ponto existe uma amizade? Laços fraternos podem ser reais? Esta é a dura lição a ser descoberta.

Clique aqui

amazon.com.br



Este conto se passa numa atmosfera nublada. Uma paciente que não sabe quem é e nem porque foi parar nesta clínica. Através da arte, visões são despertadas e o questionamento sobre a loucura começa a surgir. Faz parte do arcabouço do insólito como investigação do projeto das autoras assombradas.

Clique aqui

amazon.com.br





COLUNA



Espaço
VITRINE
THE BARD

Escritora

Lilian Stocco

**Acesse o link
clikando no botão verde**



No coração de São Paulo a jovem Laís e sua amiga Vânia têm o emprego dos sonhos. Irmã mais velha de três filhas, ela divide seu tempo entre o trabalho, amores impossíveis, baladas às sextas e as peripécias de suas irmãs. Estas insistem em tentar enlouquecê-la ou talvez matá-la de fome. Quando parecia que tudo estava se encaixando em sua vida, o destino - com a ajuda da cegueira do amor - acaba por arrasar seu coração.

Versão Física

Clique aqui



Agora casados, Laís e Mauro estão em uma jornada para descobrir como é a rotina de viver juntos, mas rotina não é bem o modo como esses dois gostam de passar os dias e, principalmente, as noites. Se a vida entre quatro paredes é de tirar o fôlego, fora dela pode ser de arrancar os cabelos, ainda mais se o passado amoroso teima em retornar para assombrá-los. Em meio a tudo isso, Vânia descobre um pouco sobre o mundo secreto de Laís e Mauro, o que promete situações, no mínimo, interessantes para todos.

Versão Física

Clique aqui

amazon.com.br



Escritora

Lilian Stocco

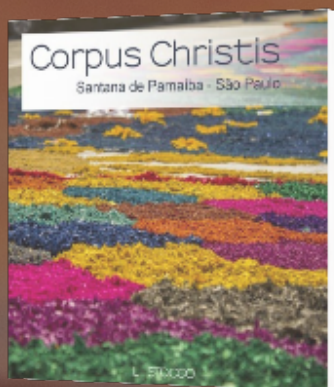
**Acesse o link
clikando na capa do FOTO LIVRO**



Arquitetura - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Na beira do rio Tiete, próximo a Garganta do Diabo, primeiro com uma capela dedicada a Santo Antônio, depois mais a cima da margem esquerda do rio com uma capela dedicada a Santa Ana, surge o início da "Villa Pharnaíba". E com a vila, a história de mais de 400 anos se apresenta com uma arquitetura rica trazendo traços do barroco brasileiro e do rococó apresentadas pelas fotografias deste livro.



Corpus Christis - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Registrados nesse foto livro, podemos conferir os diversos grupos de dentro e fora da comunidade Católica auxiliando na construção do tapete de serragem da comemoração de Corpus Christis. Tornando a festa uma das maiores do Brasil, com a extensão de 1 quilometro, com desenhos e esculturas em argila dos próprios munícipes. A festa atrai mais de 13 mil visitantes e cresce a cada ano, possibilitando a inserção das novas gerações e o interesse artístico da comunidade e dos arredores.



Festa do Surú - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Com a chegada do inverno a cidade de Santana de Parnaíba, se agita com a chegada do dia 26 de julho e a festa de sua padroeira santa Ana. A comunidade católica realiza todos os preparativos dessa festa, organizando quermesses, procissões e missas em louvor a padroeira do município. A alegria, fervor e a culinária da comunidade seguem registradas nesse foto livro, mantendo a tradição centenária da cidade, sendo passada para as novas gerações.





Espaço
VITRINE
THE BARD

Escritor

Jorge Alexandre

Acesse o link
clicando no **botão verde**

NUMEZU



É a última chance para Laura e Raoul.

Mentiras, drogas e traição levaram seu casamento à beira do fim e eles apostam suas últimas fichas em uma viagem. Os dois num veleiro, em um lugar de sonho, com boa comida e boa bebida. Se não funcionar o que funcionaria?

Mas Raoul volta de um mergulho trazendo uma estranha e antiga estatueta - a imagem de um ser esquecido, aprisionado por uma terrível maldição.

E agora, enquanto Raoul pouco a pouco enlouquece sob sua influência, Laura terá que lutar pela própria vida.

Impresso

Clique aqui

amazon.com.br



Escritora

Vanina Sigrist

Acesse o link
clicando no **botão verde**



Martelo é um gato que se diz "o dono da rua", até que se sente ameaçado com a chegada de uma nova moradora, Didi. Ele e os outros gatos do bairro, para se divertirem e resolverem o impasse, propõem uma competição. Essa aventura permite conversar com as crianças sobre o valor das brincadeiras saudáveis, do saber ganhar e perder, das parcerias verdadeiras e da confraternização entre amigos.

Impresso

[Clique aqui](#)





Espaço
VITRINE
THE BARD



COLUNA

Escritora

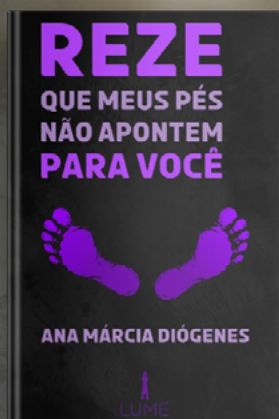
Ana Márcia

**Acesse o link
clikando no botão verde**



Nesta ficção, ao ser desafiada por uma tarefa escolar, Patrícia descobre que é possível mudar a si e aos que estão ao seu redor pela força da sua vontade. Em meio às interações e descobertas ela inventa uma matemática de palavras para dar forma aos seus sentimentos. As mudanças que promove geram energia para mudar o preconceito contra a "esuflepante" segunda-feira. Isso lhe deixa tão "felicitantes", que fazer gentilezas passa a ser o seu projeto de vida.

Clique aqui



Martina herdou uma sina. Ela nasceu com o andar dez para duas. Tem os pés muito virados para fora. Mas o que torna esta história insólita é que os pés são entes independentes da vontade da personagem. Quando eles se viram para alguém - e isso acontece sem qualquer controle de Martina -, algo muito estranho acontece. A avó contou para ela o segredo dos ancestrais, que ela vai carregar, antes de morrer. Ao longo da vida, sempre que os pés de Martina apontam para alguém, a personagem vai percebendo que ela e os pés não comungam das mesmas vontades. Pior, os pés mudam toda a sua vida e de muitos ao seu redor. Por isso, o título é um desabafo e um pedido de desculpas: Reze para que meus pés não apontem para você.

Clique aqui

amazon.com.br



Pérfuro-Matante é um conto longo do gênero domestic noir, que tem a narrativa em torno de uma menina que, ao longo da vida, convive com o pai, bêbado, maltratando a mãe e oprimindo as irmãs. A bebida em excesso, o poder masculino sufocando o feminino e intromissões culinárias estão entre os pontos de tensão em ebulição. Até onde é possível ir quando se quer colocar um fim em situações de constante estresse familiar? Para além de um conto, uma história em que o como fazer supera o que se decide fazer.

Clique aqui

amazon.com.br



Um poema é um movimento de descobertas, de reflexões sobre si e o outro. Esta é a principal motivação do jogo Tabuleiro de Poemas, criado pela escritora Ana Márcia Diógenes. O material é composto por 30 micro poemas, 4 pinos e 1 dado. O tabuleiro pode ser jogado tanto por uma como por várias pessoas. Diferente dos jogos tradicionais, ganha quem chega por último, porque passou mais tempo lendo os poemas e refletindo. O jogo também pode se transformar em oráculo. Basta acordar, escolher um micro poema e fazer dele a reflexão do dia. Para facilitar o manuseio, é dobrado em quatro partes e fica do tamanho de um livro.

Clique aqui

Bom dia com poesia

Com Marcelo Papareli





Espaço
VITRINE
THE BARD

Escritora

Juliana Rossi

Acesse o link
clicando no **botão verde**

Livro “Meu baú de poesias”
de Juliana Rossi



Meu baú de poesias, também poderia ser comparado a um baú de sentimentos, ou ao um diário com aqueles sentimentos que muitas vezes por medo de ser incompreendido, e rejeitado passamos a guarda-los num lugar fechado, bem guardado em segredo, porem este Meu baú eu resolvi abri-lo, e deixar voar tudo que foi guardado, por que perdi o medo, e sei que encontrarei muitas pessoas que se identificam com esses sentimentos e pensamentos.

“O Baú se abriu, e a magia da poesia saiu!”

Clique aqui

Escritora

Jaque Alenncar

**Acesse o link
clcando no botão verde**

**Livro “Nosso estranho amor”
de Jaque Alenncar**



“Nosso estranho amor” é uma coletânea de poemas que, como chamuscas que ardem e dançam em nossos corações, retratam o amor em suas diversas formas: paixão, saudade, espera e mistério. Cada poema é uma porta que se abre para um universo particular de emoções e sensações, envolvendo o leitor em um mundo de sonhos e desejos.

Clique aqui



Espaço
VITRINE
THE BARD



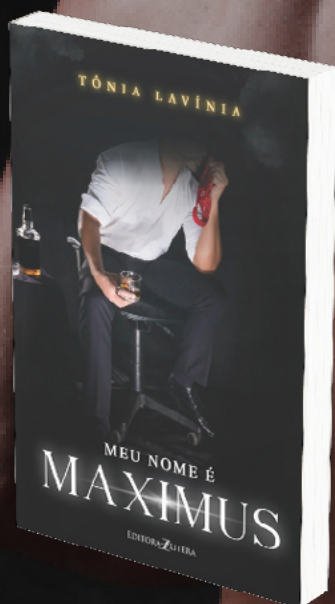
COLUNA

Escritora

Tônia Lavínia

**Acesse o link
clicando no botão verde**

**Livro “Meu nome é Maximus”,
de Tônia Lavínia**



Um homem italiano apaixonante...

Silencioso, observador, sedutor, sensual, e as vezes intimidador.

Seus lindos olhos verdes, e o toque dos seus dedos foram treinados por uma linda mulher para conhecer a veracidade das obras de artes, entre quadros e esculturas.

Mas ela também o ensinou a conhecer o corpo de uma mulher, entre a respiração do desejo ao arrepiar da pele, o cheiro. Para ele, uma mulher é uma bela obra de arte.

Ele é o descaminho e a perdição de qualquer mulher, e como ele mesmo diz:

Mulher alguma passa por ele sem molhar a sua cama. Uma mulher não pode passar vontade.

Acredite, se você não quer, ele faz querer.

Sexo, luxúria, voyeurismo, mistérios e segredos fazem parte desta linda história.

Quer conhece-lo? Abra o livro, e deixe ele te levar por cada página da sua linda história e seu universo de perdição...

O universo de Maximus.

Clique aqui

amazon.com.br



Espaço

VITRINE

THE BARD



COLUNAS E COLUNISTAS

Revista

Revista Literária World Book Review

Acesse o link
clikando no **botão verde**



48ª Edição

[Clique aqui](#)



49ª Edição

[Clique aqui](#)



50ª Edição

[Clique aqui](#)





EDIÇÃO JANEIRO & FEVEREIRO 2024



SIGA-NOS

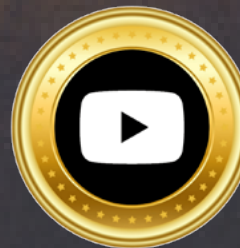
SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

MAIO & JUNHO DE 2024



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
MAIO & JUNHO/2024

PERÍODO DE **21** DE JANEIRO À **16** DE MARÇO.



Leia o **EDITAL** e preencha o **FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO***

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.



A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.